

PROVENCE

O lugar onde se curam corações partidos

BRIDGET ASHER





Sumário

[Capa](#)

[Sumário](#)

[Folha de Rosto](#)

[Folha de Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Introdução](#)

[Parte Um](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Parte Dois](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Agradecimentos](#)

[O jantar de família de Provence, o lugar onde se curam corações partidos](#)

[Receitas](#)

[POR ERIC GASTON FAVIER, PROPRIETÁRIO DO CHEZ PIERRE UMA](#)

[RECEITA PROVENÇAL REPASSADA HÁ QUATRO GERAÇÕES](#)

[Receitas de sobremesas](#)

[POR LINDA RICHARDS, PROPRIETÁRIA DA LOJA DE BOLOS](#)

[WEBSITES](#)

[Conheça outras histórias que vão tocar seu coração](#)

[A Última Camélia](#)

[Sociedade J. M. Barrie](#)

PROVENCE

O lugar onde se curam corações partidos

BRIDGET ASHER

Tradução
Amanda Orlando



© 2011 Bridget Asher

Tradução publicada sob acordo com Bantam Books, um selo de Random House Publishing Group, uma divisão de Random House, Inc.

© 2017 Editora Novo Conceito

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer meio, seja este eletrônico, mecânico de fotocópia, sem permissão por escrito da Editora.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produto da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Versão digital – 2017

Produção editorial: Equipe Novo Conceito

Preparação de texto: Camila Fernandes

Asher, Bridget

Provençe: O lugar onde se curam corações partidos / Bridget Asher ; tradução Amanda Orlando. – Ribeirão Preto, SP : Novo Conceito Editora, 2017.

Título original: The Provence Cure for the Brokenhearted
ISBN 978-85-8163-855-3

1. Ficção norte-americana I.

Título. CDD-1512

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813



Rua Dr. Hugo Fortes, 1885

Parque Industrial Lagoinha

14095-260 – Ribeirão Preto – SP

www.grupoeditorialnovoconceito.com.br

*Este romance é dedicado ao leitor.
Por este momento singular, em que estamos apenas nós dois.*

*E*is uma forma de colocar a questão: a perda é uma história de amor contada de trás para frente.

Ou talvez não seja nada disso. Talvez eu devesse ser mais científica. O amor e a perda do amor existem em medidas iguais. Não há uma equação relacionada a isso inventada por algum físico romântico em algum lugar?

Ou talvez eu devesse colocar a questão da seguinte forma: imagine um desses globos com neve falsa. Imagine a casinha minúscula coberta de neve dentro dele. Imagine que há uma mulher dentro da casinha minúscula sentada na beirada da cama, balançando um globo de neve falsa, e dentro *desse* globo há uma casinha minúscula coberta de neve com uma mulher dentro dela, e essa mulher está de pé na cozinha, balançando outro globo de neve falsa, e dentro *desse* globo...

Toda boa história de amor guarda outra história de amor escondida dentro dela.



Desde a morte de Henry, eu tenho perdido as coisas.

Perdi minhas chaves, óculos de sol, cadernos de anotações. Perdi uma espátula e a encontrei dentro do freezer, junto com um saco de queijo ralado.

Perdi um bilhete para a professora de Abbot, que está no terceiro ano, que explicava como perdi seu dever de casa.

Perdi tampas de pastas de dente e de potes de geleia. Deixei essas coisas por aí, escancaradas, sem tampa, estragando. Perdi escovas de dente e sapatos — não apenas um pé, mas ambos.

Esqueci jaquetas em restaurantes, deixei um livro debaixo do assento no cinema, minhas chaves no balcão do caixa de uma farmácia — e depois, ao sentar dentro do carro por um momento, desorientada, tentando entender o que exatamente havia de errado, me arrastei de volta à drogaria, onde a atendente sacudiu o chaveiro sobre a própria cabeça para eu ver.

Recebi ligações de pessoas que me fizeram a gentileza de devolver minhas coisas. E quando de fato perdi as coisas — quando elas *sumiram* — refiz meus passos e eu mesma me perdi. *Por que estou aqui neste mercadinho? Por que voltei para o balcão da delicatessen?*

Perdi o rumo de meus amigos. Eles tiveram filhos, defenderam dissertações, organizaram exposições de arte, jantares e churrascos em seus quintais...

Mais do que tudo, perdi o rumo dos grandes intervalos do tempo. As crianças no ônibus escolar de Abbot, da vizinhança, de sua classe e de seu time da liga infantil de beisebol não pararam de crescer ao meu redor. Abbot também continuou a crescer. Essa foi a parte mais difícil.

Também perdi a noção dos intervalos mais curtos de tempo — o fim da manhã, o começo da noite. Às vezes, erguia o olhar e percebia que de repente já estava escuro lá fora, como se alguém tivesse desligado a luz. O fato é que a vida continuou sem mim. Perceber isso ainda me pegava desprevenida até dois anos atrás, embora, a essa altura, já tivesse virado um hábito, um fato simples e inevitável: o mundo seguia em frente e eu, não.

Então não deveria ser nenhuma surpresa que eu e Abbot estivéssemos atrasados para o encontro das madrinhas na manhã do casamento da minha irmã. Passamos a manhã inteira jogando Apples to Apples e fomos interrompidos por telefonemas da Loja de Bolos.

— Jude... Jude, calma. *Quinhentas* tortas de limão? — Eu me levantei do sofá onde Abbot tomava seu terceiro sacolé da manhã, do tipo que é vendido em uma embalagem de plástico de cores vivas que temos que cortar com uma tesoura e às vezes faz a gente tossir. Até mesmo este detalhe é doloroso: Abbot e eu nos reduzimos a comer suco congelado dentro de sacos plásticos.

— Não, não, tenho certeza — continuei. — Eu teria anotado o pedido. Pelo menos... Merda. Isso é provavelmente culpa minha. Você quer que eu vá para aí?

Henry não havia sido apenas meu marido. Ele também era meu sócio. Cresci preparando tortas requintadas, achando que a comida era uma espécie de arte, mas Henry me convenceu de que comida é amor. Nós nos conhecemos na escola de culinária e, logo depois do nascimento de Abbot, embarcamos em outra obra de amor: a Loja de Bolos.

Jude estava conosco desde o início. Ela era mãe solteira — gentil, sem travas na língua, com

cabelo curto colorido e rosto em formato de coração, uma estranha combinação de beleza e tenacidade. Ela foi nossa primeira funcionária e tinha um talento natural, um grande senso de design e um faro para o marketing. Após a morte de Henry, ela entrou na sociedade. Henry cuidava da parte burocrática das coisas e eu teria perdido a loja, tenho certeza, se não fosse por Jude. Ela se tornou minha guia, meu leme. Ela manteve as coisas nos eixos.

Eu estava prestes a dizer a Jude que eu estaria na loja em meia hora quando Abbot se esticou para puxar uma das mangas da minha blusa. Ele apontou para o relógio de pulso, com o mostrador em forma de bola de beisebol. Talvez como resultado de minha desorientação, Abbot insistia em regular seu próprio tempo.

Quando me dei conta de que já passara do meio-dia, berrei:

— O casamento! Sinto muito! Preciso ir! — E desliguei o telefone. Abbot, de boca aberta, disse:

— A tia Elysius vai ficar louca da vida! — Ele se abaixou para coçar uma picada de mosquito no tornozelo. Abbot usava meias esportivas curtas e seu tornozelo parecia até estar bronzeado, mas na verdade era sujeira.

— Não se a gente correr! — retruquei. — E leve a loção de calamina para não ficar se coçando durante a cerimônia.

Disparamos como loucos pelo nosso pequeno bangalô de três quartos. Encontrei um dos meus sapatos de salto alto no armário e outro no quarto de Abbot, dentro de um grande balde de Legos. Abbot brigava com o smoking alugado. Ele lutava com os minúsculos botões das abotoaduras, procurando pela gravata-borboleta e a faixa — Abbot escolheu uma faixa vermelha porque essa foi a cor que Henry usou em nosso casamento. Não tinha certeza se aquela era uma escolha saudável, mas não queria atrair muita atenção para esse fato.

Joguei um pouco de maquiagem na cara e enfiei o vestido de madrinha pela cabeça, grata por aquele não ser o figurino digno de filme de terror que geralmente é esse tipo de roupa. Minha irmã tinha um gosto refinado e aquele era o vestido mais caro que eu já usara, incluindo meu próprio vestido de casamento.

Quando recusei o convite para ser a chefe das madrinhas, minha irmã ficou visivelmente aliviada. Ela sabia que eu acabaria estragando tudo. Em uma fração de segundo, ela chamou uma velha amiga da época da faculdade formada em marketing e fui, para meu alívio, rebaixada para o cargo de reles madrinha como todas as outras. Abbot foi convocado para levar as alianças e, para ser honesta, eu não me sentia apta nem mesmo para exercer o papel da mãe do menino que carrega as alianças. Invenientei uma desculpa de última hora para me safar do jantar de ensaio na noite anterior, o tratamento que todas as madrinhas receberiam em um spa naquele dia e a ida em grupo ao cabelereiro. Depois que seu marido morre, você tem permissão para simplesmente dizer: “Não consigo fazer isso, desculpe”. Se o seu marido morreu em um acidente de carro, como o meu, você tem permissão para dizer: “Não vou conseguir dirigir hoje”. Você pode apenas balançar a cabeça e sussurrar: “Desculpe”. E as pessoas a perdoam sem pensar duas vezes, como se isso fosse o mínimo que elas pudessem fazer por você. E talvez seja mesmo.

De qualquer forma, essas desculpas funcionavam com a minha irmã. Ela fez com que eu

promettesse que estaria na casa dela duas horas antes do casamento. Havia uma agenda estrita que teríamos de seguir, o que incluía beber mimosas com todas as madrinhas enquanto cada uma delas fazia um pequeno brinde íntimo. Elysius adorava quando o mundo girava ao redor dela. Não podia julgá-la por isso. Eu tinha uma consciência dolorosa de quão egoísta era a dor da minha perda. Meu filho de oito anos perdera o pai. Os pais de Henry perderam o filho. E Henry perdera a própria vida. Que direito eu tinha de usar a morte de Henry como uma desculpa — várias e várias vezes — para me livrar das coisas?

— Posso levar o meu snorkel? — Abbot gritou do corredor.

— Faça uma mala com roupas suficientes para passar a noite e pode levar também as coisas de mergulho — respondi enquanto eu mesma jogava algumas tralhas dentro da minha mala. Minha irmã morava há apenas vinte minutos da nossa casa, uma viagem rápida de carro de Tallahassee até o campo em Capps — mas ela queria que toda a família passasse a noite junta. Era uma oportunidade de captar a atenção da nossa mãe e a minha pelo máximo de tempo possível — ou para reviver o forte laço que um dia nós três tivemos. — Você pode mergulhar de manhã com o Pop-pop.

Abbot saiu correndo de seu quarto, escorregando pelo corredor até a minha porta, ainda usando as meias esportivas. Ele segurava a gravata-borboleta em uma das mãos e a faixa na outra.

— Não consigo colocar esses troços! — O colarinho de sua camisa estava erguido até as bochechas, como se usasse uma fantasia de Halloween do Conde Drácula.

— Não se preocupe. É só você levar tudo isso para o casamento. — Eu brigava com o fecho de um colar de pérolas que minha mãe havia me emprestado para a ocasião. — Lá haverá um monte de senhoras cheias de energia e nada para fazer. Elas vão ajeitar você.

— Onde você vai estar? — ele quis saber com uma pontada de ansiedade na voz. Desde a morte de Henry, Abbot se tornara uma criança preocupada. Tinha adquirido um novo tique: esfregar as mãos em uma espécie de frenesi, uma mímica que simulava uma vigorosa lavagem de mãos. Ele se tornara germofóbico. Chegamos a consultar um terapeuta, mas não ajudou. Abbot fazia isso quando se sentia ansioso e também quando percebia que eu estava deprimida. Tentava não parecer triste perto dele, mas logo me dei conta de que eu não era boa nessa coisa de fingir estar alegre e minha animação falsa fazia com que ele ficasse ainda mais nervoso que minha depressão — um círculo vicioso. E depois da morte do pai, será que Abbot se sentia mais vulnerável no mundo? Eu me sentia.

— Estarei com as outras madrinhas cumprindo obrigações de madrinha — garanti a meu filho. Foi nesse momento que me lembrei que deveria ter escrito o discurso que faria durante o meu brinde. Tinha escrito o que diria em um guardanapo na cozinha que, obviamente, acabara perdendo e não conseguia mais me lembrar de nem mesmo uma única palavra. — Que coisas boas eu deveria falar sobre a tia Elysius? Preciso inventar algo para o brinde.

— Ela tem dentes muito brancos e compra presentes muito bons — respondeu Abbot.

— Beleza e generosidade. Consigo trabalhar essas ideias. Vai dar tudo certo. Vamos nos divertir!

Ele olhou para mim, conferindo se eu estava mesmo sendo sincera, do jeito que um advogado olharia para seu cliente para saber quais eram suas intenções. Eu estava acostumada com esse tipo de escrutínio. Minha mãe, minha irmã, meus amigos e vizinhos, até mesmo os clientes da Loja de Bolos me perguntavam como eu estava enquanto tentavam decifrar o quanto de verdade havia por trás da minha resposta. Eu sabia que precisava seguir em frente. Deveria estar trabalhando mais, comendo melhor, fazendo exercícios, namorando. Sempre que saía, tinha de estar preparada para as emboscadas de algum conhecido bem-intencionado pronto para oferecer pena, sentimentos animadores, perguntas e conselhos. Eu já havia treinado uma resposta: “Não, sério, estou bem. Eu e Abbot estamos ótimos!”.

Também odiava ter de me defender de toda essa pena na frente de Abbot. Ao mesmo tempo, queria ser honesta com meu filho e protegê-lo. E, é claro, eu não estava sendo nada honesta. Aquele era o primeiro casamento a que comparecia desde a morte de Henry. Sempre chorei em casamentos, até mesmo no de pessoas que não conhecia bem ou nos casamentos que passavam na TV. Entretanto, eu passara a ter medo de mim mesma. Eu podia cair em prantos em um comercial em que houvesse um casamento, então, como eu reagiria a um ao vivo e em cores?

Não consegui olhar para Abbot, caso contrário ele saberia que eu estava fingindo. *Vamos nos divertir?* Tudo que eu esperava era meramente sobreviver.

Fui até o espelho de corpo inteiro que Henry havia pregado dentro da porta do armário. Henry estava em toda parte, mas quando uma lembrança surgia — o espelho havia caído quando ele tentara instalá-lo e quase se quebrara em dois — eu tentava não me ater a ela. Ficar presa a essas memórias era uma fraqueza. Aprendi como fixar minha atenção em coisas pequenas e com as quais conseguia lidar. Agora eu estava fazendo um último esforço desesperado para fechar o colar de pérolas com a ajuda do meu reflexo.

— Gosto mais quando você não usa maquiagem — disse Abbot.

Senti o colar escorregar e se enrolar em minha mão fechada em concha. Será que ele era capaz de lembrar que o pai fazia exatamente esse mesmo comentário? Henry dizia que amava meu rosto *nu*. Às vezes, ele completava em um sussurro: *do mesmo jeito que eu gosto do resto de você*. Eu parecia muito mais velha do que dois anos antes. A expressão *marcada pela dor* veio à minha mente, como se a dor da perda pudesse literalmente deixar marcas indeléveis. Eu me virei para Abbot:

— Vem cá. Me deixa dar uma olhada em você.

Deixei o colar de pérolas na mesinha de cabeceira, dobrei o colarinho de Abbot, ajeitei seu cabelo e apoiei as mãos em seus ombros ossudos. Olhei para o meu filho: os olhos azuis, como os do pai, com cílios escuros. Ele tinha a pele bronzeada e as bochechas coradas de Henry, apesar de ser apenas um garotinho. Eu amava seu queixo saliente e os dois dentes de adulto, grandes demais para sua boca ainda pequena.

— Você está tão lindo — comentei. — Parece um tesouro, um milhão de dólares.

— Pareço um carregador de alianças de um milhão de dólares?

— Exatamente.

Abbot e eu paramos no final da entrada de carros serpenteante e coberta de cascalho, manobrando entre inúmeras vans — do bufê, da florista, do engenheiro de som. O caminho para carros passava pela piscina e pela quadra de tênis de saibro, acabando no gramado entre o estúdio recém-construído e o velho celeiro. Elysius se casaria com Daniel Welding, um artista doce e tímido que era famoso em todo o país, e, apesar de eles já viverem juntos há oito anos, eu ainda me impressionava com a grandeza do lugar que ela chamava de lar — que naquele dia estava ainda mais incrível. O casamento propriamente dito seria realizado no gramado em declive, para onde Abbot e eu logo marchamos. O lugar estava tomado por filas de cadeiras unidas por vastas fitas de tule e os votos seriam realizados próximos à fonte de inspiração japonesa onde fora montado um toldo de treliça entremeado de flores. Eles instalaram uma pista de dança temporária feita de parquê debaixo de uma grande tenda branca com três pontas.

Abbot tinha colocado suas coisas em uma sacola de lona que ganhara de brinde na biblioteca local. Eu podia ver a faixa e a gravata-borboleta socadas lá dentro, entre o material de mergulho — o respirador, a máscara e os pés de pato, que foram presentes do pai dele. Eu tentava puxar minha pequena mala com rodinhas. Ela me seguia aos trancos como um velho cachorro obstinado.

Corremos até o estúdio para deixar nossas malas, mas a porta estava trancada. Abbot espalmou as mãos no vidro e olhou para dentro. Daniel trabalhava com telas imensas e seu estúdio tinha um teto alto, assim como vários cavaletes retráteis, de forma que ele não dependia de escadas para alcançar as partes mais altas. Também havia um mezanino com um sofá que se transformava em uma cama de casal, onde Daniel às vezes tirava um cochilo no meio do dia e onde Abbot e eu dormiríamos naquela noite. As obras de Daniel vendiam incrivelmente bem, de forma que ele podia pagar por aquela casa, as duas entradas de carros, o gramado em declive e os cavaletes retráteis.

— Ele está lá dentro! — atestou Abbot.

— Não é possível. Ele vai se casar hoje.

Abbot bateu na porta e Daniel apareceu atrás do vidro, escancarando-o. Ele tinha ombros largos, estava sempre bronzeado e o cabelo tinha mechas de um grisalho cor de prata. Daniel tinha um nariz régio que se tornava um pouco arqueado na ponta e fazia volume no rosto — um rosto elegante. Ele tirou os óculos, enterrou o queixo no peito de uma forma que fazia com que o pescoço se dobrasse como um pequeno acordeão e olhou para mim, desarrumada, mas com um vestido adorável, e para Abbot, em seu smoking ainda desconjuntado. Daniel abriu um imenso sorriso.

— Estou tão feliz porque vocês estão aqui! Como vão as coisas, Abbot? — Ele puxou Abbot para mais perto e lhe deu um abraço de urso. Era disso que Abbot precisava, abraços de urso e afeição de tipos paternais. Eu era boa em beijar testas, mas dava para ver o quanto ele estava feliz por ser erguido do chão por Daniel. Um sorriso bobo surgiu no rosto de Abbot. Daniel também me abraçou. Ele cheirava a produtos de higiene caros, como gel de cabelo e sabonete importado.

— Você tem permissão para estar aqui? — perguntei. — Você está vestido como um fugitivo de uma festa de casamento.

Abbot contornou Daniel e entrou no estúdio com uma expressão de assombro como sempre costumava fazer. Ele amava as escadas estreitas que levavam ao mezanino, a máquina de *espresso*, os grãos de café expostos e, é claro, ele amava os imensos cavaletes com pinturas em vários níveis de desenvolvimento apoiados nas paredes.

— Tive uma ideia, por isso vim até aqui — explicou Daniel. — Me acalma dar uma olhada no que ando trabalhando.

— Você não deveria estar calçando sapatos? — Abbot perguntou.

— Ah, sim. — Daniel apontou para um par de sapatos a alguns metros de distância. — Veja, se eu derramar um pouco de tinta no terno, é uma coisa, mas esses sapatos foram feitos à mão. Um sapateiro que vive no meio do deserto me fez ficar de pé em cima de um monte de talco, descalço, e da marca que eu deixei ele fez esse par de sapatos exatamente no formato dos meus pés.

Esse é o tipo de história que fazia parte da vida de Daniel e Elysius — um sapateiro no meio do deserto que mede pés descalços em montes de talco.

Abbot correu até onde estavam os sapatos, mas não os tocou. Sei que queria fazer isso, mas sapatos pisoteiam o chão e o chão está repleto de germes. Ele teria que ir imediatamente até o banheiro lavar as mãos. Apenas o gesto de simular a lavagem das mãos não bastaria.

— Onde está Charlotte? — Abbot perguntou, retornando para as pinturas. Charlotte era a filha de Daniel, fruto de seu primeiro casamento. Daniel enfrentara um terrível divórcio e uma verdadeira batalha pela custódia de Charlotte. Ele havia jurado que jamais se casaria novamente. Não porque estivesse cansado, mas, para ser mais exata, Daniel sentia que haviam se aproveitado dele. Alguns meses após a morte de Henry, entretanto, ele mudou de ideia. É claro que houve uma correlação natural. O que mais poderia fazer alguém desejar oficializar seu amor do que uma lembrança de como a vida pode ser frágil?

— Ela está na casa principal. — Ele então se virou para mim. — Tentando passar despercebida.

— Como ela está? — eu quis saber. Charlotte tinha dezesseis anos e estava passando por uma fase punk que alarmava Elysius, apesar do termo *punk* ser totalmente antiquado. Eles agora tinham novos nomes para tudo.

— Charlotte está estudando para o vestibular, mas, sei lá, ela parece um pouco... sombria. Bem, eu me preocupo com ela. Sou pai. Eu me preocupo. Você sabe o que quero dizer. — Ele olhou para mim como um conspirador. Daniel queria dizer que eu entendia o que significava ser responsável por um filho por experiência própria, diferente de Elysius. Isso era algo que ele jamais poderia admitir a não ser por meio dessa estratégia dissimulada.

— O que tem nesta aqui? — Abbot perguntou. Todas as pinturas eram abstratas, caóticas, porém Abbot parara diante de uma especialmente turbulenta, com grandes linhas pesadas, desesperada e densa. Era como se houvesse um pássaro preso em algum lugar da pintura. Um pássaro que queria sair.

Daniel olhou para a obra.

— Um barco em alto mar com todas as velas abertas. E a perda.

— Você precisa se animar! — sussurrei para Daniel.

Ele colocou uma das mãos no meu ombro.

— Olha só quem fala — ele disse em voz baixa. — E então, como vão suas obras? — Sempre me senti honrada por Daniel encarar meu trabalho de chef confeitadeira como uma forma de arte. Ele não era restritivo em relação à arte. Daniel acreditava que a arte pertencia a todos nós e sempre se animava com o meu trabalho. E, naquele momento, ele falava comigo como se eu fosse uma artista. — Você tem que voltar a criar. Não há maneira melhor de expressar a dor.

Fiquei surpresa com sua franqueza, mas também aliviada. Eu estava cansada da simpatia das pessoas.

— Ainda não recomecei. Ainda não — eu disse. Ele assentiu, solene.

— Abbot — chamei. — Temos que ir.

Desapontado, Abbot caminhou de volta até onde eu estava.

— Suas pinturas deixam as pessoas tristes — ele disse para Daniel —, mas eu não sei por quê.

— Essa é uma bela definição da arte abstrata — comentou Daniel.

Abbot sorriu e esfregou as mãos. Em seguida, como se houvesse se dado conta do ato, enfiou-as nos bolsos. Daniel não percebeu nada, mas eu, sim. Abbot estava aprendendo a mascarar seu problema. Será que isso era um passo adiante ou um retrocesso?

— Estou atrasada para as mimosas — declarei.

Daniel olhava para uma tela inacabada. Ele se virou para mim.

— Heidi. — Ele hesitou. — Tive de adiar a lua de mel por alguns dias para terminar as obras para uma exposição. Elysius está surtando. Quando você a vir, lembre-a de que sou uma boa pessoa.

— Farei isso — eu disse. — Podemos deixar essas coisas aqui? — Olhei para a minha mala e a bolsa de Abbot.

— É claro — ele respondeu.

— Vamos, Abbot — chamei enquanto desenrolava a gravata e a faixa dos equipamentos de mergulho. Abbot correu porta afora.

— É mesmo muito bom ver vocês dois — declarou Daniel.

— Também é bom ver você — eu disse. — Feliz quase casamento!

*P*ensando bem, devido ao fato de Elysius e Daniel já morarem juntos por oito anos, aquele casamento parecia estranho. Eu achava que eles não apenas já eram casados como tinham um relacionamento duradouro. Para minha irmã, entretanto, o casamento era algo monumental, e, ao passar pelo gramado verdejante, aparado em listras por uma série de cortadores de grama, me

senti culpada por me manter tão distante de tudo aquilo.

Pelo menos deveria ter concordado em fazer o bolo. Há muito tempo, eu tinha fama como uma das principais confeitadeiras da região. Pessoas de toda a Flórida ainda ligavam para a loja com um ano ou mais de antecedência para reservar um bolo. Casamentos eram a minha especialidade. Porém, logo após a morte de Henry, passei a me recusar a fazer cupcakes e tortas de limão de madrugada e atender clientes ao balcão. Desisti das noivas. Eram dominadoras demais, queriam controlar todos os detalhes do evento. Elas me pareciam umas ingratas que pensavam no amor como um fato consumado. Agora eu me envergonhava por não ter me oferecido para fazer o bolo de Elysius e Daniel. Aquele seria o meu presente, algo pequeno que eu deveria dar a eles.

Olhei para a fileira de janelas, a cozinha e a sala de jantar iluminadas por uma luz dourada e intensa, e parei.

— O que foi? — Abbot quis saber.

Eu queria me virar e voltar para casa. Será que eu estava pronta para aquilo? Estava impressionada com o que sentia em relação à vida naquele momento, como alguém poderia montar uma tenda em um gramado diante de uma casa gigantesca de onde, através de belas janelas, era possível ver as pessoas vivendo suas vidas, colocando flores em vasos, penteando o cabelo enquanto se admiravam no espelho, gargalhando em rápidas palpitações que se erguiam para logo em seguida desaparecer. E aquela era a vida transbordante de minha própria irmã.

— Nada — respondi para Abbot. Peguei uma de suas mãos e a apertei. Ele apertou a minha e, sem dizer nada, deu um passo à frente e me puxou em direção à casa, um lugar repleto de vida.

Naquele momento, a porta dos fundos se escancarou e minha mãe surgiu. Seu cabelo cor de mel estava preso no coque solto que era sua marca registrada e seu rosto brilhava de uma maneira que fazia com que ela parecesse fresca e jovem, fato que ela atribuía a uma linha de cremes caros. Minha mãe envelhecia de forma bela. Ela tinha um pescoço longo e elegante, lábios cheios e sobrancelhas arqueadas. É estranho ser criada por alguém muito mais bonita do que você jamais será. Ela possuía uma beleza régia, porém, diante de sua postura de realeza, sua vulnerabilidade parecia ainda mais pronunciada — uma certa suavidade cansada em suas expressões.

Os olhos dela caíram em mim e Abbot parados no gramado.

— Acabaram de me mandar procurar vocês!

Minha irmã tinha mandado minha mãe me procurar? Aquilo era ruim. Muito ruim.

— Estamos muito atrasados? — perguntei.

— Você quer dizer: sua irmã está muito irritada?

— Perdi os minibrindes? — Torcia para ter perdido.

Minha mãe não respondeu. Ela atravessou o deque e desceu a escadaria curta. O vestido cor de caramelo sibilava ao seu redor. Ele tinha um corte insinuante que mostrava a clavícula. Minha mãe é meio francesa e acredita em elegância.

— Eu precisava sair daquela casa! — ela explicou. — E você foi a minha desculpa. Recebi ordens diretas para achá-la e fazer com que você se mexesse. — Ela parecia agitada, talvez até

um pouco lacrimosa. Estivera chorando? Minha mãe é uma mulher de emoções profundas, mas não do tipo que chora com facilidade. Ela é a personificação do termo *senhora ativa* — está sempre ocupada com alguma coisa com o intuito de demonstrar satisfação, mas sempre me deu a impressão de estar prestes a entrar em colapso. Muito tempo atrás, ela teve uma crise e desapareceu durante todo o verão, mas logo voltou para nós. Ainda assim, sempre que uma mãe desaparece sem avisar — mesmo que ela tenha todo o direito de fazer isso —, você passa o resto da vida pensando se ela seria capaz de fazer aquilo de novo. Ela voltou sua atenção para Abbot.

— Mas você não é um menino lindo?

Ele ficou vermelho. Minha mãe tinha esse efeito em todo mundo — o carteiro que vivia irritado na época das festas, o piloto que saía da cabine para se despedir dos passageiros no fim de um voo, até mesmo os *maîtres* metidos a besta.

— E você? — Ela alisou meu cabelo. — Onde estão as pérolas?

— Ainda preciso dar os toques finais — expliquei. — Como está a Elysium?

— Ela vai perdoá-la — disse minha mãe com suavidade. Ela sabia que aquilo poderia ser difícil para mim. Uma filha ganhava um marido, enquanto outra perdera um. Por isso, ela tentava pisar em ovos comigo.

— Sinto muito por ter chegado tão tarde — declarei, culpada. — Perdi a noção do tempo. Abbot e eu estávamos...

— Ocupados escrevendo o discurso da tia Elysium — Abbot completou. — Eu estava ajudando! — Ele também parecia culpado, meu cúmplice.

Minha mãe balançou a cabeça. Os olhos estavam repletos de lágrimas.

— Estou um caco! — Ela tentou alisar as pregas no vestido e em seguida soltou uma risada estranha. — Não sei por que estou reagindo assim! — Ela apertou a ponta do nariz como se isso fosse fazê-la parar de chorar.

— Reagindo ao quê? — perguntei, surpresa com essa repentina confissão de emoção. — Ao casamento? Os casamentos são loucos. Eles trazem muita...

— Não é o casamento — interrompeu minha mãe. — É a casa. *Nossa* casa... na Provence. Houve um incêndio.

Minha irmã e eu íamos para a casa na Provence com nossa mãe quando éramos crianças.

Temporadas curtas durante o verão todos os anos em que meu pai, um *workaholic*, estava ocupado demais para se juntar a nós. Então, em um certo verão minha mãe foi sozinha e nunca mais voltamos. Quando ela começou a chorar, ali no gramado da minha irmã, ela me envolveu nos braços, deixando que eu a abraçasse por um momento, me lembrei da casa da maneira como uma criança se recorda das coisas, a partir de ângulos estranhos, uma coleção de detalhes pouco usuais: que não havia telas nas janelas, que as pequenas portas internas tinham maçanetas requintadas que pareciam fechar e abrir de acordo com sua própria vontade, que eu acreditava que os caminhos dos jardins em torno da casa eram pontuados por arbustos altos, incrustados de florezinhas brancas, mas, quando examinei de perto, pude ver que eram caracóis minúsculos, as conchas marcadas por redemoinhos delicados.

A casa e tudo que havia dentro dela pareciam praticamente atemporais, ou talvez fosse mais exato dizer que aquelas lembranças cobriam um tempo completo — camadas que se sobrepunham ao longo do tempo. Lembro-me da cozinha, que abrigava uma mesa de jantar, longa e fina, cercada por cadeiras que não combinavam entre si — cada uma delas sobrevivera de uma era diferente. A pia pequena e rasa da cozinha era feita de uma sólida prancha de mármore, marrom e salpicada como um ovo. Ela era original da casa, que havia sido construída no século XVIII, à beira de um pequeno vinhedo. No jardim, havia uma fonte erguida durante os anos 1920, a água resplandecia em um tom de laranja, repleta de carpas, e cercada por espreguiçadeiras de aço gasto e uma mesinha coberta por uma toalha sempre levantada pelo vento. A casa — que ficava a vinte minutos de Aix-en-Provence, aninhada à sombra do declive longo e serrilhado do Monte Sainte-Victoire — pertencia à minha mãe desde que seus pais morreram, quando ela tinha vinte e poucos anos.

Lá, minha mãe nos alimentava com histórias sobre a própria casa — histórias de amor em sua maioria, contos improváveis nos quais sempre quis acreditar, mas que sempre me causaram suspeitas mesmo quando eu era criança. Porém, ainda assim, eu me sentia conectada a eles. Depois que ela contava suas histórias à noite, eu as contava novamente para mim mesma. Eu as sussurrava com as mãos fechadas em forma de concha, sentindo o calor de meu próprio hálito, como se pudesse conter as histórias dentro de mim enquanto as contava.

Ainda podia ver nós três em um dos quartos no segundo andar, minha mãe sentada na beirada de uma de nossas camas ou indo até a janela, onde se apoiava nas noites frescas. Elysius e eu deixávamos que nossos cabelos, úmidos do banho recém-tomado, imprimissem halos molhados em nossos travesseiros brancos.

As cigarras estavam sempre cantando. Seu canto parecia desaparecer para logo em seguida surgir novamente.

“No início...”, minha mãe costumava contar, pois a primeira história marcava o nascimento da própria casa, como se a família não existisse antes que suas primeiras pedras fossem erguidas. E em seguida ela contava a história de um de nossos ancestrais, um jovem que pediu uma mulher em casamento. Ele estava apaixonado e o amor que sentia por ela era imenso. Entretanto, a mulher rejeitou seu pedido. A família dela não permitiria, eles não achavam que ele era digno.

Assim, o jovem construiu a casa, pedra por pedra, sem nenhuma ajuda, noite e dia, sem dormir, por um ano. Ele estava em um frenesi de amor. Não conseguia parar. Ele deu a casa de presente à mulher e ela ficou tão apaixonada pela casa e pelo homem que desobedeceu à família e se casou com ele. O jovem estava fraco e doente por ter construído a casa em um alvoroço de amor, de forma que ela cuidou dele durante o primeiro ano de casamento, trazendo-o de volta à vida com tigelas de sopa de *pistou*, pão e vinho. Eles viveram até os cem anos. O marido morreu e a esposa, com o coração partido, o acompanhou uma semana depois.

A casa foi construída em um ato de amor. Era isso que eu supunha e compreendia a partir daquela história tão portentosa. Um pouco pesada para duas menininhas, mas ainda havia mais histórias como aquela.

Meus bisavós eram donos de uma pequena sapataria em Paris e eram inférteis. Minha bisavó foi chamada de volta à casa em um certo inverno para cuidar de uma velha tia. Só que ela e meu bisavô estavam tão apaixonados que ele não suportava ficar longe dela. Uma noite, ele apareceu na porta e ficou durante uma semana. Todas as noites eles ouviam o canto fantasmagórico das cigarras, que não deveriam estar fazendo som algum, afinal, era inverno. Eles conceberam uma criança ali. E tiveram mais seis.

E então minha mãe nos disse que a casa era capaz de fazer com que o amor se manifestasse. Ela era capaz de realizar milagres.

A filha mais velha, minha avó, era uma jovem em Paris durante as celebrações do fim da Segunda Guerra. Ela era teimosa, intrépida. Conheceu um jovem soldado norte-americano nas multidões na Place de l'Opéra. Ele a beijou apaixonadamente. A multidão se movia como ondas e os separou. Eles procuraram um pelo outro, mas se perderam naquele redemoinho louco. Após a guerra, ele voltou para a França e, por meio de uma série de pequenos milagres, encontrou-a naquela casa, tão longe de onde eles haviam se conhecido. E ambos fizeram a promessa de nunca mais se separarem.

A casa tinha o poder de unir almas apaixonadas para sempre. Nós amávamos essas histórias, mesmo quando já eramos mais crescidas. Trocávamos essas histórias entre nós como duas meninas brincando de cama de gato, compondo padrões intrincados para passar das mãos de uma para a outra e depois recebê-los de volta. Quando o interesse de Elysus começava a se dissipar, eu a forçava a repensar os motivos de todas aquelas pessoas, como cada uma delas deveria ser. Inventávamos detalhes, elaborávamos os fatos, criávamos histórias mais longas e complexas.

Entretanto, em nossa última viagem de verão, quando eu tinha treze anos, Elysus e eu começamos a encontrar buracos nas histórias. “Qual foi a série de pequenos milagres?” Minha mãe não sabia. “Existe alguma teoria médica que explique por que uma pessoa não consegue ter um filho durante algum tempo e depois engravida?” A resposta era positiva, mas mesmo assim... É claro que não é fisicamente possível que um homem construa uma casa de pedra com as próprias mãos sozinho, sem dormir e sem se alimentar de forma apropriada.

— Sim — concordou minha mãe. — Mas é isso que transforma esse em um ato de puro amor.

Anos depois, minha irmã seria convertida. Foi naquele lugar que Daniel, depois de oito anos ao lado dela com seu voto solene de nunca mais se casar, a pediu em casamento enquanto ela estava na banheira.

E eu quase me inclinei a acreditar mais uma vez. Um dia, durante nossa última viagem juntas, nós três estávamos em um dos quartos do segundo andar, separando e dobrando roupas que haviam secado no varal de madeira. Estávamos no quarto da minha irmã e as janelas davam para a montanha. Não sei quem viu primeiro, mas logo nós três nos reunimos na janela, observando um casamento ao ar livre realizado no monte. A noiva vestia um longo vestido branco e o véu esvoaçava ao sabor do vento. Tínhamos um par de binóculos para observar pássaros. Minha irmã o pegou na prateleira e nos revezamos para assistir à cena.

Por fim, minha mãe declarou:

— Vamos olhar de perto.

E assim nós três descemos a escadaria íngreme de pedra, atravessamos a cozinha e saímos da casa. A festa de casamento estava acontecendo no alto da montanha, de forma que cruzamos os vinhedos, passando os binóculos de mão em mão. Lembro-me de ajustar o aparelho para que se adaptasse a meu rosto pequeno e a imagem que surgia através das lentes manchadas era borrada, surreal e bela. A noiva começou a chorar. Ela cobriu o rosto com as mãos em concha e, quando as afastou, estava às gargalhadas.

E de repente minha mãe, minha irmã e eu nos encontramos em meio a uma revoada de borboletas — brancas com pontos pretos salpicados nas asas. Elysius conferiu sua espécie alguns dias depois em um livro da pequena livraria de Aix-en-Provence durante nossa estadia. Elas fluíam ao nosso redor como loucas, uma nuvem branca e estonteante.

Eu podia ver apenas fragmentos da saia cor-de-rosa da minha mãe e seu cabelo escuro. Sua blusa branca se perdera em meio às borboletas da mesma cor. E sua voz parecia quase não pertencer ao corpo.

— As borboletas costumam a enxamear desse jeito? — perguntei.

— Não — disse minha mãe e nos contou que aquilo também era outro encantamento.

Discutimos com ela porque sentíamos que aquele era nosso papel, mas eu acreditava na magia daquelas borboletas e, secretamente, sabia que Elysius sentia o mesmo.

Esse é o verão do qual eu me lembro com mais vivacidade. Foi um período repleto de anseios da forma como só os anseios das meninas de treze anos podem parecer infinitos, pois seus anseios não têm direção. Eu queria encantamento. Queria os irmãos que viviam na grande casa ao lado da nossa. O mais velho sabia equilibrar coisas na testa — objetos de um tamanho considerável, como cadeiras de madeira e ancinhos — e o mais novo ficava amuado quando o irmão atraía a atenção alheia e certa vez me jogou, sem nenhuma misericórdia, na piscina, cuja água estava mais verde do que azul. Eles tinham cabelos e olhos escuros. E sorriam de forma inocente. Eles eram exóticos, o tipo de garoto com quem eu namoraria se minha avó houvesse convencido meu avô a ficar na França, recusando-se a abrir mão de sua casa, de sua língua. Eu imaginava que eles eram capazes de me entender de uma forma que os meninos americanos jamais entenderiam.

Roubei uma foto dos dois. O mais velho, Pascal, equilibrava um pula-pula na testa, alto e bonito, já mostrava alguns músculos, enquanto o mais novo, Julien, o observava com desdém, deitado em uma espreguiçadeira. Eu meio que me apaixonei pelo mais velho, que na verdade

tentava chamar a atenção de Elysium. E eu meio que odiava o que estava na espreguiçadeira — o amuado que jogava os outros na piscina. Dobrei a foto e a guardei dentro de um estojo de lápis na gaveta da minha escrivaninha.

Nos anos que se seguiram, entretanto, eu praticamente me lembrava apenas da minha mãe. Ela estava estranhamente distante durante aquela viagem — pensativa, quieta —, como se soubesse, de alguma forma, o que estava por vir. Talvez seu relacionamento com meu pai já estivesse deteriorado — eu já tinha essa impressão naquela época e não sabia nada sobre casamento.

No verão seguinte, quando eu tinha catorze anos e Elysium dezessete, minha mãe foi para a casa na França sem a gente. Ela desapareceu não por um curto período, mas por todo o verão — após descobrir que meu pai estava tendo um caso, algo sobre o qual minha mãe foi bastante franca, de um jeito tipicamente francês. Ela mandou cartas para mim e para a minha irmã no papel de carta fino que era padrão do correio aéreo, tão frágil quanto o papel-manteiga utilizado nos moldes de roupas. Eu lhe escrevi de volta todas as vezes, no papel de carta cor-de-rosa monogramado que ela me dera no Natal, porém jamais coloquei os envelopes no correio. Eu as guardei na minha escrivaninha. Estávamos no verão de 1989. No último dia de agosto, ela ligou para avisar que estava voltando para casa.

Assim que chegou, começou a preparar sobremesas pelas quais havia se apaixonado quando estava na França — *tarte au citron*, flan, tiramisu, *crème brûlée*, rocambole de pera. Ela jamais abria um livro de receitas. Em vez disso, parecia preparar tudo de cabeça. Nunca havia sido muito de cozinhar, mas, depois daquela viagem, começou a se dedicar à feitura de sobremesas delicadas. Eu queria ficar ao lado dela, então passei a vagar pela cozinha. Talvez tenha sido nessa época que aprendi a equacionar a arte efêmera da confeitaria com coisas abstratas como o desejo por algo inalcançável. Entretanto, por muitos anos, eu preferia chamar o que eu fazia de arte e só depois de conhecer Henry comecei a pensar naquilo como um ato de amor. Minha mãe e eu sentávamos à mesa durante o café da manhã e provávamos bolos — avaliando-os em voz baixa em um tom reverente. Após algum tempo, ela declarava que jamais conseguiria fazer aquilo direito. Dizia que havia desistido dessa história de confeitaria por um dia ou dois, mas então voltava para a cozinha e seguíamos para a próxima sobremesa.

Minha mãe estava calada e pensativa, e, cerca de uma semana após seu retorno, recebi a última de suas cartas. Ela contava a história sobre como toda a montanha pegara fogo. As chamas chegavam de todos os lados até a escadaria de pedra da casa, mas, então, o incêndio cessou. *Um milagre*, como ela chamou. Apesar da tendência de minha mãe ver milagres em tudo, aquele parecia ser verdadeiro. Porém, quando lhe pedimos que descrevesse o incêndio, ela não quis falar sobre o assunto.

— Eu já escrevi a história. Vocês podem guardá-la para sempre — ela nos disse. Era estranho que ela não quisesse falar a respeito do incêndio, mas não insisti. Tínhamos sorte de tê-la em casa. Ela estava fragilizada e, mais do que isso, provou que era capaz de fugir. Resolvi esquecer o assunto.

Um dia, ela parou de cozinhar. Disse que já tínhamos experimentado todas as tortas e não acertamos nenhuma delas. Não havia sentido em prosseguir. Após essa declaração, minha mãe pareceu menos inquieta, mais tranquila, de forma que considerei aquilo uma coisa boa.

Mas continuei a cozinhar sozinha, no início em uma tentativa atrapalhada de atraí-la de volta

para a cozinha e passar algum tempo comigo. Porém, logo me perdi no mundo que encontrei ali.

Depois de tantos anos, eu ainda me flagrava amassando a massa de uma determinada maneira ou sentindo um aroma que me remetia à jovem sozinha em nossa cozinha e me perguntava aonde havia ido parar a fotografia dos dois irmãos. Onde estariam as cartas da minha mãe? E as respostas que escrevi no papel de carta cor-de-rosa e jamais enviei? Foram jogadas no lixo. Enterradas. Perdidas como todo o resto.

Minha mãe nos levou para dentro da casa e logo estávamos de pé na cozinha. A cozinha de Elysium mais parecia a de um restaurante, cheia de aço inoxidável e mármore, com uma luz elegante e sempre impecável, já que era raramente usada. Sua geladeira certamente estava abastecida com coisas como minicenouras, iogurte, uma salada de brotos orgânicos e saudáveis em embalagem para viagem, peixes exóticos pescados em ilhas distantes, flores comestíveis e raízes bulbosas que eu podia jurar que foram adquiridas no mercado negro e eram vagamente ilegais. Entretanto, em geral, o interior da geladeira de minha irmã era desprovido de cor e densidade. Era um lugar arejado, quase irreal, que chegava a fazer um pequeno eco e, quando você olhava lá para dentro, uma vastidão branca a encarava de volta..

Naquele dia, a cozinha estava agitada com o pessoal do bufê. Uma mulher com um vestido formal azul dava ordens. Ela olhou para o celular e saiu às pressas para o deque para atender uma ligação. Havia terrinas com conchas, travessas longas com pilhas de tira-gostos refinados, torres de camarões, mexilhões e mariscos, caixas de vinho, taças enfileiradas.

Minha mãe tentava explicar a Abbot, mais uma vez, que ninguém havia se queimado no incêndio, que aquilo havia acontecido na França, muito longe de onde estávamos.

— Foi só um incêndio na cozinha. Não sabemos o tamanho do estrago, mas está tudo bem! Abbot esfregava as mãos, preocupadíssimo.

— A que distância daqui aconteceu esse incêndio? Onde fica a França? — ele perguntou e minha mãe começou a explicar tudo de novo.

Porém, eu não estava escutando. Sentia-me perdida. As notícias sobre a casa pareciam ter despertado algo dentro de mim. De repente, me deparei com lembranças da casa da minha infância e, no momento em que elas começaram a fluir, não havia como detê-las. Ensinei a mim mesma a não me ater às memórias de Henry, mas Henry estava ali e eu não tinha como resistir. Sentime incapaz de deter a imagem dele — vívida e real na minha mente. Era como ser levada por uma grande onda. Afinal, Henry e eu havíamos nos conhecido em uma cozinha cheia de funcionários de bufê.

Henry Bartolozzi tinha 24 anos e estava parado bem na minha frente em uma cozinha. Ele vestia calças muito bem vincadas, um casaco esportivo e tênis. Tinha cabelo preto, bem penteado, mas ainda assim cacheado, e olhos azul-claros. Ambos estávamos na escola de culinária e fomos convidados por amigos de amigos para visitar a casa de um dos mais importantes chefes da cidade. Minha mãe havia me alertado para que não me apaixonasse por tipos criativos. Naquela época, Elysium já estava morando em Nova York há alguns anos, tentando fazer sucesso como pintora, e saía com um monte de artistas mortos de fome. Minha mãe estava saturada deles. “O que havia de errado com aquele estudante de medicina?”, ela costumava dizer nos jantares de família. “E se alguém se engasgar? Gostaria que houvesse pelo menos alguém aqui que pudesse fazer uma manobra de Heimlich decente, alguém que soubesse transformar um tubo de caneta Bic em um respirador em caso de emergência. Ou você prefere que algum de nós caia em cima de uma faca e sangue até morrer?”

Achei que aquele conselho era mesmo muito bom. Eu também estava cansada dos namorados da minha irmã. Além disso, eu não estava indo à escola de culinária para conhecer uns caras.

Estava farta dos homens. Eu tinha certeza de que já tivera minha cota e estragara tudo. Na verdade, naquela época, eu havia arruinado a carreira de um cara na NASA por incentivá-lo a fumar maconha, acabado com o noivado de uma pessoa e sido culpada por um considerável acidente de jet ski — sem nenhuma vítima fatal. Tinha medo dos homens pelo mesmo motivo que tinha medo de sapos, pois não era capaz de prever o que eu faria se eles resolvessem pular.

Em geral, eu via o amor como um acordo que dependia do desejo de ambas as partes de assumir um compromisso. Essa noção era, é claro, baseada no relacionamento complicado dos meus pais. A questão é que meu pai, advogado do Instituto Norte-Americano de Patentes, salvou minha mãe de uma vida entediante dentro de um escritório.

A situação, que já era complicada do ponto de vista feminista, por muitas razões, se tornou pior graças a um de nossos segredos de família: minha mãe era brilhante. O pai dela voltou da guerra e abriu uma loja de armarinhos que sustentou a família por anos, mas que andava mal das pernas na época em que ela deveria entrar na universidade, e, para piorar as coisas, a saúde dele começou a vacilar, de forma que cursar a faculdade era algo fora de questão. Como dona de casa, minha mãe assistia a todos os filmes mais recentes, até mesmo os estrangeiros, que ela via sozinha, pois meu pai se recusava a ler legendas. Ela se referia aos filmes pelo nome dos diretores, um hábito distintamente francês. Cuidava do jardim com base em dados científicos e lia livros de física, história, filosofia e religião, mas raramente mencionava essas coisas. Ela levava uma vida intelectual sem alarde, secreta. Certo Natal, alguém nos deu um jogo de perguntas. Minha mãe sabia todas as respostas. Ficamos impressionados. “Como você sabe todas essas coisas?”, perguntávamos sem parar. Quando o jogo terminou com minha mãe vitoriosa, ela fechou a caixa e nunca mais jogamos. Será que ela precisara mesmo ser salva por meu pai? Ela aceitava a história na qual precisara, sim. Quando conheci Henry na cozinha daquela festa tantos anos atrás, não era de se impressionar que eu visse o amor como compromisso, até mesmo como uma fraqueza.

Henry foi a primeira pessoa que conheci na festa. Ele estava conversando com a filha do chef — uma loira platinada do terceiro ano. Ele tinha um sorriso desigual, que se erguia mais de um lado do que do outro, um sorriso pelo qual imediatamente me apaixonei.

Ele se apresentou. Henry Bartolozzi. Os dois nomes não pareciam combinar e comentei algo a respeito. Ele explicou que Henry havia sido uma escolha de sua mãe, uma homenagem ao avô, originário do sul, e o sobrenome vinha do lado do pai, que era italiano.

Eu lhe disse meu sobrenome. “Buckley. Um nome difícil de se ter no ensino fundamental depois que a professora de inglês nos ensinou que significava ‘dentuça’. Eu me tornei uma piada ambulante.”

Ele coçou o queixo e confessou que seu segundo nome, Fartolozzi, também não o ajudou no ensino fundamental quando um menino descobriu que “fart” era pum em inglês. Criado em um bairro italiano de Boston — North End —, ele tinha um sotaque da Nova Inglaterra e ao mesmo tempo falava cantando, como se houvesse aprendido a falar nos jogos de beisebol do estádio Fenway e em espetáculos de ópera.

Lembrei que naquela noite, depois que os convidados já haviam se espalhado pelo gramado, a loira platinada e seu irmão soltaram fogos de artifício que reverberaram pelo pátio. Estava escuro. Era difícil dizer se Henry olhava ou não para mim.

Mais tarde, um monte de gente se amontoou no Honda velho e enferrujado de Henry. Quando o rádio foi sintonizado em uma estação de música pop antiga, comecei a cantarolar “Brandy”. Confessei que era esse tipo desastroso de bêbada que canta, uma diva da música pop velha. Apesar disso, ou talvez por causa disso, Henry pediu meu número de telefone.

Logo na noite seguinte, Quinn, uma nova amiga da escola, me convidou para jantar. Respondi que tinha vários trabalhos para terminar e Quinn disse: “Tudo bem. Seremos então só eu e Henry”. “Henry Bartolozzi?”, eu quis saber. E falei que podia mudar meus planos.

Henry levou garrafas de um maravilhoso vinho italiano — uma ostentação. Nenhum de nós tinha dinheiro. Como eu não estava acostumada ao futon baixo que fazia papel de sofá, me servia de mais uma taça de vinho toda vez que me sentava. No final da noite, eu cheirava como uma vinícola.

Meu principal meio de transporte era uma enorme bicicleta da década de 1950 comprada em um bazar de caridade. Henry me ofereceu uma carona de volta para casa — a noite estava gelada. Recusei, mas ele insistiu. Henry enfiou aquela minha monstruosidade no porta-malas de seu Honda ancestral que não tinha seguro, mas o carro não pegou. De forma alguma. Aquilo foi um alívio. Se ele estava tentando me salvar, o fato de estar falhando podia ser considerado uma ajuda.

— Sei o que tem de errado no seu carro — eu

disse. Seus olhos azuis se acenderam.

— Você entende de motores?

Assenti.

— O problema é simples. Quando você gira a chave, o motor não faz nenhum barulho.

Henry achou minha resposta charmosa. Eu achei charmoso ele ter achado isso charmoso.

— Você está certa — disse ele. — É provavelmente o alternador de efeitos sonoros.

Henry me acompanhou até minha casa. Caminhamos por cerca de seis quarteirões. Quando chegamos, percebi que havia deixado as chaves na casa de Quinn. Caminhamos de volta ao apartamento dela e em seguida voltamos mais uma vez para a minha casa. Já passava das três da manhã. Andamos e conversamos um bocado noite afora. Então, quando finalmente alcançamos os degraus da entrada do meu prédio, hesitamos.

— E então, você gosta de mim? — Ele inclinou a cabeça, os cílios escuros emoldurando os olhos azuis. Tinha lábios grossos e um sorriso surgiu novamente. Na verdade, foi apenas um meio sorriso, daqueles de lado.

— Como assim? — perguntei. — É claro que eu gosto de você. Você é muito legal.

— Sim, mas essa é uma definição típica da sexta série. Você *gosta mesmo* de mim ou você só gosta de mim?

— Pode ser que eu *goste mesmo* de você. — Olhei para os meus sapatos e depois voltei a observá-lo. — *Pode ser*. Não tenho sorte com os homens. Na verdade, desisti deles.

— Sério? — Essa é a parte de que me lembro com clareza. Quão perto ele estava, tão perto

que eu podia sentir seu hálito quente. — Posso perguntar por quê?

— Homem dá trabalho. Eles acham que vão chegar e salvá-la, mas exigem esforço. Eles precisam ser bajulados. A maioria ululante deles é tipo um bando de sofás falantes.

— Para um sofá falante, acho que eu tenho um vocabulário bem consistente — ele sussurrou como se fosse uma confissão. — Eu me dou bem em testes padronizados. Pelo menos quando comparado a outros sofás falantes. — E então ele me encarou de verdade. Eu estava me apaixonando por seus ombros. Podia ver suas clavículas, o declive entre elas, o queixo belo e forte. — Acho que desistir dos homens é uma coisa muito antiquada.

— É meio que uma noção antiquada. É possível que eu estivesse bêbada quando falei isso.

— Talvez você estivesse em alguma farra. — Ele abriu seu meio sorriso. — Cantarolando “Brandy”.

— Provavelmente. E agora que eu estou sóbria, posso ver que isso foi uma má ideia. Tipo tentar produzir uma versão completa de *West Side Story* na loja de conveniência aqui perto de casa.

Ele estava impossivelmente perto.

— Você já tentou montar uma versão completa de *West Side Story* em uma loja de conveniência?

— Duas vezes. Não deu certo. Já superei essa coisa. De desistir dos homens, quero dizer.

— Você está oficialmente *desdesistindo* dos homens.

— Estou — concordei.

— Tem certeza?

Assenti, mas não tinha.

E ele me beijou. Com suavidade no início, praticamente só um afago nos meus lábios, mas então me entreguei. Ele segurou meu rosto com as mãos e apertou o corpo contra o meu, contra a porta. Larguei minhas chaves. Nós nos beijamos e depois nos beijamos mais, um momento que na minha memória parece ter durado uma eternidade.

O beijo foi o início. Henry e eu funcionamos como um casal porque ele me convenceu de que estava errada a respeito do amor. O amor não tem a ver com compromisso. A *vida* é difícil. A *vida* requer compromisso. Mas quando duas pessoas se apaixonam, elas criam um santuário. Minha família era frágil. O amor era algo feito de vidro fino. Henry, porém, havia sido criado de um jeito diferente. Sua família era ruidosa, bagunceira, desbocada, gente que odiava rápido, perdoava rápido e sempre tinha comida por todos os lados — comida sulista com um toque italiano ao som do mantra *Mangia! Mangia!* —, sempre fritando, fervendo, borrifando, a cozinha pulsando como um coração caloroso.

Em certo nível, eu não esperava me apaixonar. Eu via essa outra versão futura de mim mesma, uma mulher durona e independente, abrindo meu caminho na vida à força. Porém, para ser honesta, também sentia que Henry era exatamente a pessoa pela qual eu esperava. A *alma* pela qual eu esperava. E ele parecia ser um presente que nunca parava de me surpreender. *E é assim*

que você é. E é assim que sua voz soa. E o conjunto de suas memórias de infância. Achei que estivesse procurando por alguém, mas na verdade eu esperava por *ele* sem saber disso, sem saber que já sentia falta de Henry antes mesmo de ele chegar. Achei que ele era a resposta para os anseios que eu tinha aos treze anos. Pensei que a dor fosse causada por uma solidão inquieta, mas era mais como sentir saudade de um lugar que não conhecia ainda.

Na cozinha da minha irmã, lembrei-me de nosso primeiro beijo, da sensação de ser pressionada contra a porta, do som estridente das chaves quando elas caíram da minha mão e atingiram a escadaria de cimento. Havia muitas horas, dias, semanas que se confundiam com as seguintes e então se dissipavam. Eu não era boa no dia a dia. Era péssima em acalantar o momento. No fim, esse anseio era parte de quem eu era. Ele havia diminuído muito, mas então

— em especial um ano antes da morte de Henry — voltou. Ele me impedia de apreciar os detalhes da minha vida diária. Era isso que Henry fazia tão bem enquanto eu me perdia em anseios. Como pude ter sido tão descuidada?

Por que não prestei mais atenção?

Ali, na cozinha da minha irmã, no dia de seu casamento, senti saudade da minha vida. Queria voltar para casa, mas a casa que eu desejava, com Henry, não existia mais.

— Vamos deixar Abbot com o seu pai. Eles podem se distrair um com o outro até que o casamento comece — minha mãe disse quase aos berros por cima do barulho da cozinha. Ela conseguira não borrar a maquiagem ao chorar. Essa era uma de suas habilidades.

Ela apontou para o meu pai, que vestia um terno azul-marinho e estava sentado na ponta da mesa de café da manhã escrevendo números com um lápis em um livro de Sudoku. Era assim que o ex-workaholic passara a lidar com a passagem do tempo. O Sudoku era um ponto de discussão entre meus pais, de forma que ele fazia o passatempo na surdina. Sudoku era uma atividade inútil e a minha mãe odiava coisas inúteis. Mas meu pai se sentia atraído por trabalhos detalhados, as minúcias intrincadas que ele resolvia como um advogado de patentes. Ele gostava de categorias e subcategorias. Amava falar sobre sua adoração por invenções, mas, verdade seja dita, gostava de negar requerimentos com a alegação de que a “linguagem era indefinida”. Bem lá no fundo, acho que meu pai queria ser inventor, mas acabou como um gramático legal, um guardião da língua.

Abbot olhou para mim, triste. Ele amava o avô, mas não queria ser abandonado em meio ao tráfego barulhento da cozinha. Além disso, havia algo intrinsecamente aviltante em ser deixado de lado, e ele sabia que estava sendo jogado para escanteio.

— Vocês dois são amigos — eu o lembrei. — Vocês se divertem

juntos. Fomos até meu pai, que ergueu os olhos de seu Sudoku.

— Bem, o que vocês dois estão tramando? — ele disse. — *Tudi bem?* — *Tudi bem* era uma das coisas que Abbot dizia quando era bebê. Ele era um bebê muito social, que perguntava para todo mundo, o tempo todo, como estavam: pedintes, caixas de banco, bibliotecários. *Tudi bem? Tudi bem?*

— Estou bem! — Abbot abriu um sorriso.

— Talvez vocês possam assistir a algum programa na sala de TV — minha mãe sugeriu.

Meu pai olhou para ela, avaliando suas emoções. Achei que ele deveria ter percebido que minha mãe andara chorando.

— Boa ideia! Vamos sair do caminho de toda essa pompa e circunstância.

— Está passando um jogo do Red Sox — informei. Henry era tão fanático pelo Red Sox que havia passado esse legado quase genético para Abbot e agora era responsabilidade unicamente minha manter a chama acesa. Comprei para ele todo o tipo de parafernália: bonés, camisetas, uma flâmula que ficava pregada na porta de seu quarto e vivia retorcida, como se até mesmo as flâmulas do Red Sox precisassem do frio da Nova Inglaterra e murchassem na humidade de Tallahassee.

— Também tem um programa sobre baleias hoje — retrucou Abbot. — As baleias têm mamilos retráteis. Elas são mamíferos como nós.

— Os jogadores de beisebol também são mamíferos! — disse meu pai.

— Mas eles não têm mamilos retráteis — insistiu Abbot, decidido.

— Não têm — admiti. Abbot é uma criança muito esperta e, segundo a lógica das crianças, ele ganhara aquela discussão. — Baleias então. As gordinhas venceram!

— As gordinhas venceram! — repetiu meu pai.

Minha mãe se afastou de nós.

— Ouvi sua irmã me chamar — ela explicou. Eu também ouvira, uma voz estridente que vinha do andar de cima. Minha mãe começou a marchar em direção às escadas, mas então me disse por cima de um dos ombros: — Não enrole!

Meu pai tocou meu braço. Ele baixou a voz.

— É claro que ela lhe contou a respeito do incêndio. Ela está muito triste. Você sabe como sua mãe é louca por aquele lugar. — Ele nunca havia ido à *aquele lugar*, nem mesmo uma única vez. A casa se tornara um ponto de discussão entre meus pais. No início porque meu pai estava sempre ocupado demais para viajar conosco e mais tarde porque a casa representava o abandono de minha mãe depois de descobrir que ele estava tendo um caso. — Parece que a mulher que cuidava da propriedade caiu e quebrou algo.

— Ela me contou, mas não comentou nada sobre Véronique — eu disse. A casa de Véronique ficava a cerca de sessenta metros da nossa e também pertencia à família dela há gerações. Durante os verões longínquos da infância da minha mãe, ela e Véronique cresceram juntas. Minha mãe era filha única, Véronique só tinha irmãos homens, de forma que elas costumavam dizer que eram como irmãs. Alguns anos depois do divórcio de Véronique e após termos parado de viajar para a França, ela reformou a casa maior e a transformou em uma pousada. Em troca de cuidar da propriedade, ela usava nossa casa para acomodar os hóspedes extras durante os meses de verão. Esse havia sido o acordo que elas haviam feito e ainda estava em vigor. — O que ela quebrou? Teve alguma coisa a ver com o incêndio?

— Não sei dos detalhes — meu pai respondeu. — Sua mãe está muito sensibilizada. Preciso lhe avisar. Ela está mais exagerada que o normal. — *Exagerada* era a expressão que meu pai usava para descrever o que eu via como a ânsia de minha mãe por algo além. Embora eu não

soubesse o que ela tanto desejava. Eu conhecia apenas meus próprios anseios, o tipo de coisa que provavelmente herdei dela. Por fim, eu sabia como ela se sentia. Eu ansiava desesperadamente por Henry, que ele voltasse à vida.

O caso de meu pai não me parecia gerado por esse tipo de anseio. Sempre presumi que ele houvesse tropeçado em sua amante, da mesma forma que os pilotos aprendem que acidentes acontecem. Essas coisas não são causadas por um único fator, mas por uma série de elementos que acontecem ao mesmo tempo: gelo nas asas combinado com algum problema elétrico e algumas nuvens... Ou talvez fosse apenas a crise da meia-idade. Ele salvara minha mãe do trabalho burocrático e por fim tivera uma chance de se aliviar de todo aquele drama. Sua amante era uma mulher do trabalho, embora eu não saiba exatamente qual era seu cargo. Ela era mais jovem, como sempre, recém-divorciada. Meu pai tinha uma queda por mulheres em apuros. Será que essa mulher precisava dele de um modo que minha mãe já não precisava?

Minha mãe descobriu logo de cara. Ele era um péssimo mentiroso — o que só confirma a teoria do acidente de avião. Sua inabilidade de mentir é provavelmente um bom traço de personalidade. Ao menos isso indicava que ele não tinha experiência com esse tipo de coisa. Quando eu tinha seis anos, eu o tirei dos eixos ao fazer um interrogatório sobre a existência do Papai Noel. Eu o culpei por ter uma amante, mas também o perdoei. O caso o destruiu profundamente e o desaparecimento de minha mãe quase o matou.

Após o caso de meu pai ser revelado, minha mãe foi para a Provence e não tínhamos certeza se ela voltaria. Elysius e eu insistimos para que nosso pai nos explicasse o que estava acontecendo e, por fim, ele disse: “Acho que vocês precisam estar preparadas para escolher um de nós. Quem sabe o que poderá acontecer?”. Naquele momento, ele brincava com um abridor de latas e uma lata de sopa, parecendo perplexo com aquele instrumento. Decidi ficar com meu pai, mas só porque ele estava lá e eu via algum valor nisso. É fácil para as filhas culparem as mães e as mães culparem as filhas, embora eu não saiba ao certo o porquê.

Quando minha mãe voltou para casa, ela perdoou meu pai e ele a perdoou por ter ido embora — apesar de todos nós estarmos aliviados por ela estar em casa, na verdade não havia necessidade de perdão. E nossa abalada vida familiar entrou nos eixos novamente de forma abrupta e sem nenhuma cerimônia. O casamento dos meus pais provou-se tão forte quanto triste, como uma árvore centenária que precisa ser escorada para permanecer de pé.

— A mamãe vai ficar bem — eu disse para o meu pai. — Ela sempre fica bem.

Ele assentiu.

— Verdade. É a mais pura verdade.

Abbot arrancou a gravata-borboleta e a faixa acetinada das minhas mãos.

— O Vovô pode me ajudar com essas coisas.

— Claro que posso — meu pai concordou.

Olhei para a cozinha uma última vez e só quando meu pai e Abbot estavam prestes a ir para a sala de TV, parei.

— Você se lembra do meu casamento?

Os dois pararam para olhar para mim, surpresos. Eu raramente mencionava assuntos relacionados a Henry dessa forma.

— Lembro. — A voz do meu pai estava carregada pela tristeza. — Você estava linda.

— Você se referia ao meu véu como o chapéu de casamento e ao ensaio como o aquecimento.

— Nunca fui bom com as palavras — ele confessou.

— Eles se viram na manhã do casamento — comentou Abbot. — O que as pessoas não devem fazer porque dá azar. — Abbot sabia de todos os detalhes do nosso casamento porque, em vez de histórias para fazê-lo dormir, eu lhe contava histórias sobre Henry. As histórias sobre Henry eram os únicos momentos em que me permitia visitar aquelas lembranças, por Abbot. Queria que ele se lembrasse do pai.

— Mas eles tiveram sorte — discordou meu pai. — Porque, em primeiro lugar, eles encontraram um ao outro. O mundo é muito grande e cheio de gente. — Meu pai podia não ser um artesão da palavra, mas conseguia falar a coisa certa.

Senti que estava prestes a cair em prantos, por isso mudei de assunto.

— Estou muito encrencada com a minha irmã? — perguntei.

— O nível da encrenca é de moderado a pesado. — Meu pai colocou a faixa sobre a mesa e tentou alisá-la. — É melhor se preparar.

A casa de Elysium tinha um pé-direito alto combinado com luzes embutidas para realçar as obras de arte que cobriam as paredes. Janelas enfileiradas com vista para as montanhas, carvalhos imensos, um jardim bem cuidado. Os móveis eram esparsos e modernos. A sala de estar de Elysium dava quatro da minha. Aquele lugar era tão sofisticado que jamais conseguiria chamá-lo de casa, talvez porque Henry e eu tivéssemos uma definição de casa que não incluía a palavra *sofisticado*. Sempre me sentia um pouco desorientada e não conseguia ficar à vontade na casa de minha irmã. Minha mãe, por outro lado, se sentia como se estivesse em seu próprio lar. Ela me disse certa vez, quando estava um pouco bêbada de uísque: “Eu seria uma rica maravilhosa”. Retruquei falando que todo mundo poderia ser isso. Minha declaração tinha, é claro, um cunho político. Ela balançou a cabeça e ergueu um dos dedos no ar. Minha mãe estava certa. Alguns são mais aptos para a riqueza que outros.

Bati na porta da suíte master e a abri.

— Desculpe por ter me atrasado.

Minha irmã estava sentada na beirada da cama, com ar melancólico, aninhando uma taça de mimosa pela metade com uma fatia de laranja flutuando dentro dela. Elysium tinha uma pele macia e o cabelo cor de mel da minha mãe, que estava preso em um coque solto, mas rígido, atrás da cabeça. Seu vestido cor de marfim era longo e justo, com um decote profundo.

Ela sorriu para mim.

— Você está linda — elogiou, e foi então que descobri que ela estava bêbada. Eu não estava linda. Meu cabelo ainda estava arrepiado e eu não havia terminado de me maquiar. Em situações

normais, Elysus teria pulado da cama e corrido para me ajeitar. Ela naturalmente vivia correndo — não tinha pernas longas à toa. Corria para todos os lados. Correu até mesmo no funeral de Henry, o que fez com que eu a odiasse naquele momento, porém, naquele dia, senti raiva de um monte de gente por causa das menores coisas: a maneira como todos balançavam a cabeça quando falavam comigo, aquele excesso de simpatia. Tive raiva de meu pai por cobrir a boca com o punho quando tossiu, mas então me dei conta de que estava só zangada por Henry ter ido embora.

— Quantas mimosas ela tomou? — sussurrei para a minha mãe, que olhava ao redor contando taças vazias pelo quarto. — E onde estão as outras madrinhas? — Eu me dei conta de que queria que elas estivessem ali, pois serviriam para nos distrair em um momento tenso.

— Ela mandou a chefe das madrinhas e as outras duas para o gramado para coordenar as coisas com a mulher do celular — minha mãe explicou. — Ela é tão eficiente com aquela maquininha.

— Você contou a ela sobre Nix? — Elysus perguntou.

— Essa ideia foi sua — minha mãe rebateu. — Pensei que poderia deixar você responsável por isso.

— Nix? — eu quis saber.

— Jack Nixon — Elysus explicou. — Ele virá ao casamento e não deixei que ele trouxesse a namorada. Nada de acompanhante.

— Jack Nixon? E o apelido dele agora é Nix? — eu disse.

— Bem, na universidade a gente o chamava de Malandrão. — Elysus passou uma das mãos no cabelo. — Eu meio que contei a ele que você estaria aqui e que talvez vocês se dessem bem e, bom, é um encontro às cegas sem a pressão de um encontro às cegas.

— Você me arranjou um encontro sem a minha permissão com um cara chamado Malandrão Nixon?

— Nix é um fofo e é liberal. Ele faz trabalho voluntário. Não fique ofendida — insistiu minha irmã.

— De qualquer forma, não vou discutir política com ele. Não gosto de gente tentando me arrumar um namorado sem o meu consentimento. Isso vai contra os meus princípios. — Meu tom de voz subiu algumas oitavas. Será que demonstrava o quanto eu estava irritada? Como seria possível que minha própria irmã fosse capaz de me deixar tão louca da vida?

— Se eu não lhe arrumar um encontro, você nunca mais vai namorar. Você precisa sair com alguém. Com toda sinceridade, devo lhe dizer que suas habilidades naturais de flerte, que para começar sempre foram suspeitas, estão começando a atrofiar.

— Como você sabe como estão as minhas habilidades de flerte? Eu não flerto com você.

— Fiz uma pausa. — Minhas habilidades de flerte sempre foram suspeitas? Como assim?

Elysus revirou os olhos.

— Nix é muito bonito — minha mãe incentivou. — Vi uma foto. E não é culpa dele que seu

sobrenome seja Nixon. Você deveria pelo menos conversar com ele. Que mal isso faria?

— Não quero ser alvo da caridade alheia — retruquei. — Não é pedir muito.

Minha irmã cambaleou ainda que levemente, sacudiu a cabeça, ergueu os dedos formando um V da vitória e disse:

— Eu não sou malandrona.

— Sério. Quantas mimosas? — exigi saber.

— Ela está bem! — garantiu minha mãe.

— Estou bem!

Perturbada, resolvi mudar de assunto.

— Papai me contou sobre Véronique. Ela está bem? O acidente teve alguma relação com o incêndio?

Elysius olhou para nossa mãe como se ambas compartilhassem um segredo.

— Ela quebrou um tornozelo. Não acho que tenha tido ligação com o fogo, mas não sei. Consegui entrar em contato com um de seus filhos, porém ele não quis dar muitos detalhes. Ele ainda não a viu, mas está a caminho da Provence.

Durante nossa última visita, o filho caçula de Véronique me desafiou a escalar a montanha até a pequena capela assombrada por um eremita cujas orelhas foram cortadas e que mais tarde foi decapitado. Lembrei-me da capela como se ainda sentisse a força das memórias liberadas pela menção ao incêndio na casa. A capela era escura como uma caverna e nossas vozes faziam um eco turvo. O menino pegou minha mão e me conduziu até o altar, onde prendemos a respiração e esperamos pelo fantasma do eremita. Nesse momento, ele confessou que na verdade o eremita era um fantasma bonzinho. “Écoute”, ele repetia. “Você o escutou sussurrando seu nome?” Eu escutava tudo com tanta atenção que pensei ter mesmo ouvido.

— Podemos conversar sobre isso depois. — Minha mãe sorriu para Elysius. — Hoje é o seu dia.

— Está quase na hora, não é? — Elysius perguntou. Ela se levantou quase perdendo levemente o equilíbrio e se olhou no espelho de corpo inteiro com moldura de mogno. Ela não era muito de beber, devo acrescentar, ao contrário da nossa mãe, que entornava todas. — Queria que Daniel não fosse tão workaholic. Ele é como o papai, você sabe. Por acaso estou me casando com uma versão do meu pai?

— Daniel é um cara muito legal — cumpri minha promessa.

— E você poderia arrumar coisa pior que uma versão do seu pai — disse minha mãe, levemente na defensiva.

— Vocês viram a Charlotte? — Elysius perguntou. — *Onde* ela está? Simplesmente não estou com a menor paciência para essa garota hoje. Será que ela vai me deixar ter pelo menos um único dia sem aturar alguma das suas besteiras?

— O que aconteceu? — perguntei.

— Ela e eu tivemos uma briga sobre o comunismo. É, com tanta coisa para discutir, o assunto foi esse. O cabelo de Charlotte se tornou um indicador de seu humor. Ela agora o tingiu de azul com as pontas pretas. Ela é como um anel do humor ambulante.

— E o que azul com as pontas pretas significa? — indaguei.

— Significa *encher o saco*. A mãe dela não aguentava mais a filha enchendo seu saco e a mandou para passar o verão com a gente. Como se a gente amasse gente que enche o saco. E bem na época do nosso casamento. — A mãe de Charlotte não era exatamente uma pessoa equilibrada. Ela tentou voltar à universidade para fazer os mais diferentes cursos. E costumava ir para vários retiros que Daniel acreditava ser na verdade temporadas em clínicas de reabilitação, embora ele não soubesse bem qual era o tipo de dependência que a ex-esposa estava tratando. De qualquer forma, Elysius e Daniel sempre acabavam assumindo as responsabilidades relacionadas a Charlotte. Elysius se ressentia, mas sabia que a filha valia mais que tudo no mundo para Daniel, de forma que tentava ficar de boca fechada. Ela não queria ter filhos, porém havia uma vantagem em ter algum tipo de relação com a maternidade e Elysius ficava feliz em ter assuntos em comum para compartilhar com outras mulheres quando o papo era filhos — tecla na qual minha irmã reclamava que suas amigas não paravam de bater.

— Por que ela está enchendo o saco? — perguntei.

— Número um: ela é Charlotte. Ela enche o saco.

— Ela é uma boa menina. — Esse era sempre o meu mote para evitar me meter naquele assunto. *Charlotte é uma boa menina. Ela vai ficar bem. Ela vai agradecer a todos nós quando colocar a cabeça no lugar.* Eu não a conhecia bem, um luxo que me era dado por sempre manter uma certa distância.

— E número dois: Adam Briskowitz. Ela está obcecada por ele.

— Ela está namorando? — eu quis saber.

Minha mãe sentou e esfregou seu joanete através do couro dos sapatos de salto alto. Ela se recusava a usar calçados confortáveis, afirmando que eles faziam com que parecesse uma velha que só conseguia usar sapatos ortopédicos.

— Ela não tem um namorado. Ela tem um *desastre*. Ele vai para a faculdade ano que vem.

— Heidi, encontre a Charlotte e confira se ela já se aprontou. Sei que você vai conseguir convencê-la a não comparecer à cerimônia com calças de exército. Às vezes, juro que vão incluir no histórico escolar dessa garota que ela tem uma forte tendência a chegar um dia no colégio atirando em todo mundo.

— Tudo bem. — Peguei uma escova e comecei a passá-la no meu cabelo. — Preciso de outra camada de maquiagem, eu acho.

Minha mãe olhou para o relógio sobre a mesa de cabeceira.

— Já devíamos estar formando uma fila no deque para garantir que todos estejam na ordem certa para a entrada.

Olhei para a porta.

— Espere — disse minha mãe. — O seu brinde particular para Elysium. Aquele que você e Abbot escreveram juntos.

— Meu brinde. — Minha irmã ergueu sua taça.

— Sim. — Comecei a apalpar meu vestido como se ele tivesse bolsos. — Acho que perdi.

Minha mãe olhou para mim cheia de suspeitas. Seria esse um sinal de que eu estava fugindo da responsabilidade? Era Henry quem cuidava de tudo. Se ele estivesse vivo, teria encontrado o texto do brinde e o manteria dobrado em seu bolso até que eu precisasse dele. Ele usava relógio, de forma que eu não precisava de um. Ele tinha de fato uma lista de afazeres — para cada um de nós —, enquanto eu começava minha lista de afazeres com coisas que eu já havia feito só para ter o prazer de eliminá-las. Eu era dependente de Henry, embora isso fizesse com que eu me sentisse uma criança. “Não preciso que você fique me seguindo por aí como se eu fosse uma ovelha perdida”, eu costumava dizer. Às vezes, isso dava início a uma pequena discussão que ele sempre vencida, porque, na verdade, eu precisava mesmo ser guiada. E, em outras ocasiões, isso era parte de brigas de proporções maiores. Talvez nós dois temêssemos que eu flutuasse para longe demais, como acontecera certa vez com minha mãe.

Talvez houvesse sido melhor se eu perdesse a Loja de Bolos — se eu tivesse alcançado o fundo do poço e precisasse me reerguer para que Abbot e eu mesma sobrevivêssemos. Bem lá no fundo, eu sabia que Daniel estava certo: eu devia estar me atirando no trabalho. No passado, eu fazia exatamente isso quando tentava me recuperar de uma perda. Henry amava isso em mim, a forma como eu conseguia transformar minha tristeza em algo belo. Às vezes, ele confessava no final do dia que havia me observado pela janelinha da porta da cozinha enquanto eu estava mergulhada no trabalho, sem perceber nada. Naquela época, eu às vezes também perdia a noção do tempo, mas Henry dizia que eu fazia isso de uma forma muito graciosa, “uma forma bela”. Porém, depois de tudo, eu tinha medo de voltar a trabalhar daquele jeito, medo de olhar para a janela vazia.

Era difícil dizer com exatidão o que aquele brinde perdido significava. De qualquer modo, minha mãe sabia que na verdade eu nem mesmo havia começado a me recuperar da morte de Henry. Com toda a sinceridade, eu não tinha certeza se ela também já havia se recobrado. Minha mãe amava profundamente Henry. Ela o chamava de “meu menino”. Daniel, por sua vez, estava mais próximo da sua idade e já era um homem quando ela o conheceu. Mas Henry era seu menino. Certa vez, ela sussurrou para mim: “Não consegui salvá-lo”. “É claro que não”, retruquei. Todos nós compartilhávamos a linguagem não declarada da culpa. Tanto a minha família quanto a dele adotava essa forma de comunicação com uma indulgência silenciosa. *Não havia nada que pudéssemos fazer. Foi um acidente, uma fatalidade. Não tínhamos como evitar o que aconteceu.*

E então, sem nenhuma menção a Henry, exceto essa associação óbvia — meu brinde perdido que não se perderia se meu marido estivesse ali —, minha mãe estendeu um dos braços, pegou minha mão e disse:

— Também sinto falta dele, mas ele está aqui. Ele realmente está aqui conosco.

Minha irmã olhou para mim e depois desviou o olhar, como se quisesse me dar privacidade. Imaginei que tipo de expressão dolorida pairava pelo meu rosto.

Um brinde, pensei. Eu devia um brinde à minha irmã, um brinde de verdade. O único pensamento que passou pela minha cabeça foi: *Não morram, não deixem o outro sozinho*. Será que foi isso o que anotei no guardanapo que perdi? Dei um passo à frente e disse:

— Você tem dentes bonitos e dá bons presentes. E Abbot e eu a amamos.

Elysius inclinou a cabeça com os olhos brilhantes. Ela foi até mim e envolveu meu rosto com as mãos.

— Minha doce irmã. Minha Heidi. Esse foi um brinde horrível, mas quase me fez chorar.

Caminhei pelo longo corredor passando por um quarto mais bonito que o outro, porém, quando parei diante da porta de Charlotte e me apoiei na parede por um momento, senti algo que me deteve. *Nix?*, pensei. Balancei a cabeça de um lado para o outro, afastando o pensamento.

Bati na porta de Charlotte. Não houve resposta.

Bati de novo, abrindo a porta devagar.

Lá dentro, sentada no chão, cercada por livros e cadernos, estava Charlotte, olhando pela janela do outro lado do quarto, balançando a cabeça ao som da música que saía dos imensos fones de ouvido conectados ao seu iPod. Percebi que Charlotte costumava ter aquele olhar distante desde que era pequena, como alguém enfeitiçada por algo que nenhuma outra pessoa conseguia ver. Ela usava um vestido drapeado que fazia um grande volume ao seu redor, como um cupcake exagerado na ornamentação de glacê.

Aquele quarto não era exatamente dela. Na verdade, era mais uma das criações de Elysius. Não havia pôsteres, nem cadeiras descoladas ou roupas de cama loucas. As paredes eram cor de malva. Nelas, estavam penduradas apenas pinturas a óleo — arte autêntica, que devia ter preço de arte autêntica — e uma estante embutida na qual uma prateleira inteira era dedicada a romances clássicos de Nancy Drew, provavelmente primeiras edições. Elysius amava esses livros quando era criança. Charlotte, entretanto, parecia não ver nenhuma utilidade neles. Todas aquelas meninas destemidas usando cardigãs? Não, aquilo não tinha absolutamente nada a ver com Charlotte.

— Charlotte! — berrei.

Ela ergueu a cabeça e deu um peteleco no fio dos fones. Eles caíram no seu colo e a música começou a tocar baixinho. Seu cabelo realmente estava azul com as pontas pretas, cortado curto e um pouco arrepiado, com uma franja desfiada. Charlotte tinha uma beleza impressionante. Debaixo do cabelo azul com pontas pretas, a argola no nariz e todo aquele delineador, ela era uma garota de parar o trânsito. Sua postura era terrível, mas toda vez que ela balançava a cabeça ou estendia o braço para pegar algo, demonstrava uma graça secreta, porém inegável. Seus olhos eram azul-acinzentados como os do pai, embora ela não houvesse herdado sua estrutura esguia. Charlotte era um pouco mais encorpada. Na verdade, as roupas largas que ela geralmente usava — as camisetas pretas de bandas de rock e calças cargo com centenas de bolsos — me faziam pensar que ela devia ter um pouco de vergonha do próprio corpo — e quem poderia culpá-la? Elysius era uma viciada em exercícios que podia viver à base do iogurte e das minicenouras que estocava em sua geladeira. E, se me lembro bem, a mãe de Charlotte era alta e magra. Eu a vira

apenas uma vez, em uma das primeiras festas de aniversário de Charlotte. Sua mãe não estava feliz. Era disso que eu lembrava. Ela não queria que a filha abrisse os presentes na frente das outras crianças. “Isso só serve para se mostrar”, ela dissera. “Ninguém quer ficar sentado vendo a felicidade alheia.”

— Você está estudando para o vestibular? — perguntei. — Você sabe, dentro de alguns minutos a gente vai ter que ir para a fila.

— Estou tentando fingir que estou estudando — ela explicou. — Essa é a única coisa com a qual eles não podem me encher o saco.

— Você parece *estar* estudando. A não ser pelo fato de estar olhando pela janela.

— Tenho ficado boa nesse negócio de fingir que estou estudando. É só abrir um livro bem pesado e tirar a tampa de um marcador de texto. Você tem que passar a impressão de que está sendo responsável.

— E eu estou responsável por garantir que você esteja pronta.

— Estou pronta?

— Acho que sim.

Ela começou a empilhar os livros.

— Todos esses livros são só para o vestibular? Ou você está montando minicenários de estudos falsos?

— Arrã. — Ela se levantou. — Parece muito crível, não é? É muito... ávido.

— Ávido?

— É, você sabe... — Ela olhou para a palma da mão onde havia escrito algumas palavras com caneta vermelha. Pintara as unhas com esmalte preto.

— É... isso é muito redolente e recalcitrante.

— Você sabe o que essas palavras significam?

— Eu devo usá-las nas minhas frases até entendê-las. Meu pai me disse para fazer isso.

— Acho que ele quis dizer que você deveria usá-las em frases, mas da maneira correta e não de forma aleatória.

— Certo. Isso faz sentido. Só que é mais difícil. — E tive certeza de que ela sabia que estava sendo engraçada, apesar de não deixar escapar nem um único sorriso.

— Você está bonita — elogiei.

— Estou parecendo um peido de banha — ela disse. Peido de banha? Parecia o tipo de expressão que eu, como chef confeiteira, deveria conhecer, mas nunca tinha ouvido antes. — Odeio esse vestido. Estou no terceiro círculo do inferno. Casamentos não passam de lembretes sobre como o amor é tão patético que precisa de toda uma instituição para garanti-lo. — Ela então olhou para mim com os olhos arregalados, como se houvesse dito algo errado. Será que ao falar mal do casamento ela achava que dissera algo insensível sobre o meu marido morto? — Desculpe. Tinha esquecido. Ou melhor, não esqueci, só não pensei antes de falar.

— Seu pai está se casando de novo. Minha irmã vai se casar. Este não deve ser o dia mais fácil do mundo para nenhuma de nós duas.

— Meu pai já está mergulhado em sua própria vida. Ele se casaria com o trabalho se pudesse, você sabe disso. Essa é a parte mais triste. Ele não pode se casar com a arte.

Eu já tinha ouvido Charlotte fazer esse tipo de comentário. Ela queria mais do pai e aquilo era tudo que ele era capaz de dar. Ela parecia aceitar, mas essa aceitação não a fazia sofrer menos.

— Acho que é uma coisa boa Elysius e seu pai terem decidido tornar a relação deles oficial.

— É meio que uma coisa burocrática, mas por mim tudo bem. — Ela deu de ombros. — Estou bem. Pelo menos no geral, você sabe. Estou bem! — Ela parecia querer fugir do assunto.

— Estou bem também, apesar do fato de Elysius estar tentando me empurrar para cima de um cara durante o casamento.

— Sério? Quem?

— Jack Nixon.

— Hum. Ele veio jantar com a gente uma vez. Ele é legal.

— Bem, eu não estou preparada para esse tipo de coisa. E esses encontros às cegas sempre são traiçoeiros.

— Verdade — ela concordou. — Veracidade.

— A gente já deveria ter descido para encontrar as pessoas no deque para formar uma fila como patos — comentei e então tive a sensação de que estava debaixo d'água, me afogando. Formaríamos uma fila. Iríamos a um casamento. Todos nós falaríamos de amor. Eu me lembraria de Henry de forma vívida, recordaria sua primeira confissão. Quando ele tinha onze anos, testemunhou o irmão menor quase se afogar em uma piscina durante um churrasco. Henry congelou. Ele estava tendo aulas de natação com treinamento em primeiros socorros na Associação Cristã de Moços, mas mesmo assim entrou em pânico. "Aquilo pareceu durar horas, como em um sonho ruim, observando meu irmão se afogar, mas por fim gritei pelo meu pai, que correu pelo quintal e mergulhou na piscina de roupa e tudo." O pai salvou o menino, mas aquele incidente fez com que Henry se tornasse superprotetor. Ele era aquele que se lembrava de levar o protetor solar, o kit de primeiros socorros, os capacetes. Era ele quem, na praia, acenava para nós, gritando: "Você está nadando para longe demais!". Sentia que precisava ouvir a voz dele naquele momento, me chamando. Você está indo longe demais.

Ainda assim, continuei a andar. Charlotte me seguiu.

No pé da escada, ela disse:

— Espere, deixe comigo. — Senti um puxão na parte de trás do meu vestido e, com dois movimentos rápidos, Charlotte fechou o que faltava do zíper. Aquele foi um pequeno ato de gentileza, mas, naquele momento, senti que ela seria capaz de me trazer de volta à Terra caso eu precisasse.

— Obrigada — agradei.

Ela deu de ombros.

— *No es nada.*

Na cozinha, Abbot estava de pé no fim da fila com as madrinhas e padrinhos jogando o peso de uma perna para a outra no batente das portas francesas que levavam até o deque. Ele estava todo elegante com a gravata-borboleta e a faixa combinando, uma miniatura de Henry. Perdi o ar por um momento. Felizmente, ele me viu, correu na minha direção e disse mais que depressa:

— Quero café.

E consegui desempenhar o papel de mãe, impondo limites.

— Não — sussurrei quase incapaz de falar.

— E aí, Abbotado? — Charlotte estendeu uma das mãos para apertar a dele. — Você está muito bem vestido.

— Obrigado — ele agradeceu, tímido, colocando as mãos nos bolsos. Ele não queria apertar a mão dela. Germes. Mas, ainda assim, ele era muito fã da Charlotte, de forma que fez um esforço para tirar uma das mãos do bolso e apertar a dela. Durante feriados esparsos ao longo dos anos, eles conversavam, jogavam jogos de tabuleiros e cartas e comiam pipoca. Eles eram as únicas crianças em nossa família e, como acontece com muitos filhos únicos, tornaram-se primos muito próximos. Entretanto, a cada vez que se encontravam, Charlotte estava mais adulta. A impressão que eu tinha era que eles sempre tinham de começar tudo de novo e, à medida que Charlotte crescia, isso se tornava cada vez mais difícil.

Meus pais já estavam no deque, de pé, rígidos, lado a lado. Eu podia vê-los através das portas francesas.

— Seu falso ambiente de estudos parece muito autêntico, genuíno — eu disse para Charlotte.

— Dava até para dizer que tudo foi... qual é mesmo a palavra? Verossimilhante.

— Acho que essa palavra não está na minha lista. Verossimilhante? — Ela olhou para o teto, revirando a memória. — Não. Não conheço essa palavra.

— Mas essa é uma das boas.

— ssimilhante — Abbot repetiu. — Parece nome de cor.

— Como vermelho? — perguntei.

Ele deu de ombros.

— Pode ser uma ótima palavra — comentou Charlotte. — Pessoalmente, não tenho nada contra ela. Só não preciso conhecê-la.

— Mas pode conhecer. — Tentei encorajá-la.

— Não está na minha lista.

— Entendi.

— Seu casamento com o papai não foi assim — disse Abbot.

Charlotte olhou de relance para mim, tentando decifrar minha reação. Não me importei. Ela

era uma garota curiosa. Queria saber como o mundo funcionava, não apenas a parte boa. Ela já havia sofrido um bocado e parecia procurar por opções para lidar com esse tipo de sentimento.

— Você está certo — concordei. — Meu casamento não foi nada parecido com este.

Verdade seja dita, Henry e eu não tínhamos planos de um casamento propriamente dito e isso era uma coisa boa, já que não tínhamos muito dinheiro, mesmo. Eu não estava obcecada com uma ideia de que o dia do meu casamento seria meu “grande dia”. Queria esperar que houvesse dias mais importantes ao lado de Henry — talvez mais tranquilos, mais dias que pertenceriam apenas a nós dois e a mais ninguém.

Durante o casamento propriamente dito, tive a impressão de que Henry e eu mal existíamos. Já estávamos casados à nossa própria maneira. A cerimônia parecia uma adaptação, um evento apenas vagamente baseado em quem de fato éramos. Tivemos todos os problemas de sempre: brigas entre madrinhas, alguns padrinhos que beberam além da conta, o cantor principal da banda que contratamos teve faringite e o cabelereiro fez na minha irmã um penteado que mais parecia uma antena parabólica. Porém, o que mais me recordo é que Henry e eu fomos mantidos em duas salas diferentes, como currais. Havia uma porta entre nós. Eu a abri e vi Henry do outro lado do cômodo. Ele vestia um smoking alugado com a gravata-borboleta e a faixa vermelhas, exatamente como Abbot naquele momento. Henry andava de um lado para o outro, com as mãos no bolso. Sussurrei seu nome e ele olhou para cima.

— Oi — eu disse.

— Oi.

— Vou me casar — informei.

— Eu também — ele falou como se isso fosse a coisa mais estranha do mundo. Dois estranhos, um noivo e uma noiva, se encontrando desse jeito. E tudo isso parecia ser uma coincidência gigante. Ao longo do nosso casamento, quando um de nós dizia “eu te amo”, o outro respondia que também amava, às vezes acrescentando: “Quem diria?”. Ele não atravessou a porta. Já parecia que estávamos quebrando as regras só por estarmos conversando. — Vou me casar hoje... mas acho que estou me apaixonando por você.

— Será que deveríamos fugir juntos? — sugeri. Ele meneou a cabeça, concordando.

Foi nesse momento que o pai de Henry entrou na sala em que ele estava. Acenei rapidamente e fechei a porta sem fazer barulho.

A mulher responsável pelo casamento de Elysus segurava o celular com firmeza e gritava:

— Onde está o menino das alianças? Precisamos colocar as pessoas na ordem para a procissão do casamento.

— É você, Abbot — eu disse. — Boa sorte.

Abbot abriu espaço entre a confusão de madrinhas e padrinhos, evitando cotoveladas, e foi para o deque com meus pais, deixando Charlotte e eu para trás na cozinha. Estávamos paradas ao lado de um painel de cortiça coberto de tecido e pendurado na porta da despensa. Estava coberta de fotos dos amigos de Daniel e Elysus e seus filhos. As crianças estavam nas mais variadas poses, com penteados estilosos em frente à vegetação alta de uma praia, com fantasias de sereia e

de abelhinha que pareciam ter sido feitas à mão por algum figurinista da Broadway, e mais alguns segurando violinos. Jamais soube que Elysius tinha amigos tão intensos com filhos igualmente impressionantes.

Havia também uma foto de Charlotte, uma fotografia antiga, tirada antes que ela começasse a tingir o cabelo de tons exóticos e furasse o nariz. Ela segurava um peixe em um píer, provavelmente na propriedade da família de Daniel em frente ao lago em Berkshires. A foto foi tirada quando ela ainda se empolgava loucamente com coisas como peixes. Eu entendia a melancolia de Charlotte. Ela fazia com que eu me lembrasse de minha própria intensidade na idade dela — repleta de anseios e sem nenhum lugar para onde correr. E, é claro, nós duas sabíamos o que era viver sob a sombra elegante de Elysius.

— Olhe esse bebê. — Apontei para uma recém-nascida de aparência particularmente irritada.
— A sobrancelha dela é peluda como a de um estudante de direito de Yale, não é? É como se ela houvesse nascido completa, com uma cabeça cheia de cabelo, uma chupeta cor-de-rosa e angústia profissional.

Charlotte se inclinou e disse:

— Suspeito que a chupeta tenha sido acrescentada depois.

Quando Henry morreu, recebi uma avalanche de cartões que demonstravam sentimentos turvos e inconsistentes. Charlotte foi provavelmente obrigada a escrever um, porém, em vez de comprar um cartão em uma papelaria, ela decidiu confeccioná-lo com as próprias mãos. Ela escreveu no alto do papel: *Ele era tão anticorporativo. Era isso que o tornava tão adorável para mim.* Esse foi um dos melhores elogios que Charlotte fez em toda a sua vida. *E ele me ensinou a tocar "air guitar". Na verdade, ele me deu uma "air guitar" de Natal quando eu tinha dez anos. Eu ainda a tenho. Ela é azul-brilhante.* Henry e eu também lhe demos um presente de verdade — eu insisti para que fizéssemos isso. Foi algo que ela desembrulhou e esqueceu. Entretanto, a *air guitar* ficou, assim como a imagem que eu tinha dos dois tocando uma guitarra imaginária ao som de Lenny Kravitz. Aquele foi o meu cartão preferido. Joguei todos os outros fora em uma noite em que senti uma fúria inexplicável. O de Charlotte foi o único que ficou. Henry o teria adorado.

— Você brigou com a Elysius por causa do comunismo? — perguntei.

A mulher de vestido azul então apontou para nós, ordenando que entrássemos na fila.

— Ela acha que foi esse o motivo da nossa briga? — Charlotte balançou a cabeça.

— E qual você acha que foi a causa da briga? — eu quis saber.

— Ganância, consumismo e, como sempre, brigamos por causa do meu pai. Ela não gosta de mim.

— Ela a ama — garanti.

— Mas isso não quer dizer que ela *goste* de mim.

Havia alguma coisa em Charlotte naquele momento. Ela estava tão vulnerável, tão ferida. Queria lhe dizer que o mundo se abriria para ela. Sim, esse período de sua vida seria difícil, mas algum dia ela encontraria alguém, ela se apaixonaria. Seria amada e adorada por alguém que

realmente a entendesse, alguém em quem pudesse confiar.

Mas será que eu podia garantir essas coisas?

Não.

E, se eu falasse para Charlotte que um dia ela teria todas essas coisas, o que ficaria nas entrelinhas é que isso também poderia ser tirado dela. Não importa quanto amor a gente receba na vida, sempre haverá a morte. Entende? Foi assim para mim. A morte está em todos os lugares. Ela aparece nas horas mais inesperadas — mesmo que apenas para lhe dar um conselho. Não consegui pensar em nada para dizer a Charlotte sobre ser amada e querida. Afinal, eu era apenas um lembrete triste de que a perda é real.

Posso dizer que a cerimônia de Daniel e Elysius foi bonita. Na verdade, posso ser bem objetiva, pois era assim que eu me sentia: objetiva, distante. Não tenho certeza do que me deu, mas não senti nem mesmo vontade de chorar. Sabia que, se fizesse isso, o choro se tornaria uma dor palpável. Chorar de tristeza no casamento de sua própria irmã é algo imperdoável, mas a questão não era que eu me controlei. O problema é que eu me sentia vazia. Sim, a cerimônia foi bonita, mas parecia não ter nada a ver com amor como eu o conhecia. Será que eu me convenci de que assistia a uma peça de teatro e fui arrancada da plateia para interpretar um determinado papel? Porque era essa a sensação.

Mantive os olhos em Abbot, que fazia um grande esforço para não esfregar as mãos. Após entregar as alianças, suas mãos foram direto para os bolsos, onde ficaram inquietas, às vezes pulando como sapos. Olhei para um homem cujo pedido de um convite extra para sua namorada fora negado e que era chamado de Malandrão na faculdade. Em determinado ponto, me concentrei nas palavras do dicionário — chulo, melindroso, adúltero.

Sorri para fotografias prestando atenção na luz dourada do final da tarde e na elegância dos convidados. Durante a recepção, captei trechos de conversas brilhantes, cenas da pista de dança, onde as pessoas bailavam com gosto, e do bar, onde consumiam drinques sem moderação. Desde a morte de Henry, eu sentia um ronco no estômago, mas não era fome. Eu comia pouco. Na verdade, só beliscava. Deixava um rastro de migalhas. Tornei-me uma roedora, alguém que bebia apenas pequenos goles. Então, durante a recepção, mordisquei canapés — aerados e de sabor encorpado — e tomei alguns golinhos de vinhos caros, secos e sutis.

É claro que fui atraída pelo bolo de casamento. Desejei ter me contido e simplesmente o ignorado, mas não consegui. Flagrei-me dando voltas ao redor dele. Era um bolo moderno, de cinco andares, circular, mais parecido com uma caixa de chapéu, branco com confeitos pretos, o modelo que eu sempre tentava fazer com que as noivas evitassem. Na minha opinião, o confeito preto lembrava um smoking, algo que dataria o bolo depressa demais, uma moda que passaria rápido. Concluí que os confeitores houvessem conversado com Elysius, que talvez até mesmo tivessem ido até sua casa. Parecia que o bolo soltava um eco, como se pudesse de fato ser oco. Era o tipo de design que Henry e eu adoraríamos criticar, animados.

Sei que algumas pessoas deveriam dizer que nossa proximidade estava no limite do doentio. Vivíamos, trabalhávamos e cuidávamos de nosso filho juntos. Mas, com toda a sinceridade, quando eu estava com Henry, me sentia mais como eu mesma. Quem eu era antes de Henry Bartolozzi? Eu me lembrava de quem era quando criança — desconfortável, sempre à sombra de minha bela irmã mais velha e do casamento instável de meus pais, quase como se eles sugassem todo o ar da sala e eu ficasse sem ar. Mas com Henry eu podia respirar novamente. Meus pulmões funcionavam a pleno vapor. Ele achava que eu era engraçada, então me tornei mais engraçada. Ele achava que eu era bonita, então me sentia mais bonita. Ele achava que eu era brilhantemente experimental na cozinha, então fiz experiências mais brilhantes. Tínhamos nossos problemas, é claro, mas até mesmo as pedras em nosso caminho nos uniam ainda mais. E naquele momento soube que eu estava fadada a ser apenas a metade de um par e menos eu mesma.

Certa noite, quando estávamos deitados juntos na cama, cerca de um mês antes da morte de

Henry, senti um formigamento na batata da perna. Dei um pulo na cama e gritei:

— Câimbra na perna!

Henry já estava quase dormindo. A única luz no quarto vinha do corredor.

— Na sua ou na minha? — ele perguntou.

Flexionei o pé, esfregando a perna com furor.

— Como assim na sua ou na minha? Como *eu* saberia que *você* está com câimbra na perna? Henry ficou em silêncio por um momento e depois disse:

— Você está certa. Minhas pernas estão bem.

A verdade era que Henry e eu nos tornamos tão próximos que às vezes era difícil saber onde um começava e o outro terminava. Estávamos juntos há tanto tempo que a maioria das nossas memórias eram o mesmo filme, só que com câmeras em ângulos diferentes, e após anos de memórias gravadas até mesmo os ângulos das câmeras se tornaram o mesmo.

— Ele não é lindo? — Uma mulher ao meu lado acenou com a cabeça na direção do bolo. Ela era mais velha e cheirava a perfume de gardênia.

Assenti e, antes que eu pudesse tecer uma única crítica, consegui escapular dali. Perdi a chance de preparar um bolo que de fato refletisse Elysium e Daniel. Eu teria me concentrado na arte que eles tinham em casa. Os móveis esparsos tinham a intenção de atrair a atenção dos visitantes para a arte. Eu teria passado algum tempo no estúdio de Daniel, entendendo seu trabalho — os pássaros inquietos que pareciam se debater logo abaixo da superfície — e eu conversaria com eles sobre os motivos pelos quais se amavam. Era isso que eu deveria ter feito. Eu era esse tipo de chef confeiteira. Meus pensamentos estavam sempre voltados para as mais ambiciosas interpretações. Um bolo para refletir a arte abstrata? Um bolo com asas agitadas? Um bolo sobre dizer sim para o casamento depois de todos aqueles anos? Como isso poderia ser feito? Senti a pequena insinuação do desejo — um passo antes da vontade de criar, a vontade de sentir vontade de criar.

Enquanto caminhava pela recepção pensando nisso, flagrei-me procurando por Henry. Eu fazia isso com alguma frequência. Essa era uma das minhas teorias sobre o motivo de viver perdendo as coisas. Eu estava procurando por Henry. Eu o havia perdido e minha mente esperava que ele voltasse; meus olhos queriam encontrá-lo. Eu ainda o via em todos os lugares — as costas largas em filas de cinema; as mãos estendidas para pagar o lanche na minha frente do drive-through. Via Henry caminhando com alguma outra família — de mãos dadas com uma criança ou de braços dados com a esposa. Mas ele sempre se transformava em algum outro homem — o cabelo era escuro ou claro demais, o nariz era muito fino ou muito adunco — um estranho completo, ninguém que eu conhecesse. Durante um tempo, sempre que isso acontecia, eu me sentia traída, enganada. E assim aprendi a não remoer as memórias, aprendi quando desviar o olhar — logo antes de o homem olhar na minha direção, logo antes de seu rosto aparecer na janela — e aprendi a ter um marido periférico — um marido que ainda estava vivo quando eu conseguia cronometrar sua presença.

Em eventos como aquele casamento, meu subconsciente se tornava ainda mais determinado a encontrá-lo. Em algum nível, eu tinha certeza de que ele não perderia um evento daquela

magnitude, tão importante para Elysium e Daniel. Por fim, eu o vi de costas, conversando com o barman, dando um tapinha nas costas de alguém... e olhei para o outro lado.

Quando fiz isso, me virei de forma abrupta e quase trombei em Jack Nixon — Nix e/ou Malandrão. Ele tinha ido me cumprimentar, mas derrubei sua garrafa de cerveja em seu peito. Estava cheia e um pouco do líquido espirrou em seus sapatos — sapatos bons, de couro preto com uma modelagem estilosa, de bico quadrado, como era a moda naqueles tempos.

— Sou Jack — ele informou. Eu já sabia disso. Sua idade batia com a descrição de Elysium. Estava sozinho, um pouco nervoso e era bonito, de acordo com a definição da minha mãe, o que significava uma beleza tradicional. Ele tinha todos os traços certos: um bom nariz, olhos gentis, um queixo robusto, cabelo cortado bem curto. Não era gordo nem magro, nem alto nem baixo.

— Oi. Sou Heidi. — Estendi uma das mãos, o que pareceu tornar as coisas ainda piores. Ele sorriu e apertou minha mão. Por um momento, pensei que minha irmã estava certa: minhas habilidades de flerte haviam atrofiado. E, para ser honesta, elas nunca foram muito desenvolvidas. Essa foi uma das razões pelas quais me apaixonei por Henry logo de cara: nunca precisei flertar com ele.

— Sei que sua irmã está tentando transformar isso em um encontro às cegas. Odeio esse tipo de coisa e só queria que você soubesse que não há a menor pressão da minha parte.

— Oh. — Eu me senti um pouco desapontada. Será que ele estava tentando se safar da situação? — Também não há a menor pressão da minha parte — acrescentei, talvez rápido demais. — De qualquer forma, estou só sendo eu mesma.

— Hum, tudo bem então. — Ele abriu um sorriso gracioso. — Podemos então seguir pela festa, agindo normalmente, dizendo que fizemos o nosso melhor. Somos bons perdedores.

— Sou muito boa perdedora. Nunca ganhei nenhuma competição. Não tenho coordenação básica. — Olhei para os sapatos dele. — Por exemplo, desculpe pelos seus sapatos.

— Não, está tudo bem. Não me importo de receber um encontrão de uma mulher bonita. Não tinha certeza do que dizer diante daquela afirmação.

— Uma mulher bonita hipotética — corriji.

— Uma mulher bonita hipotética ou de verdade.

— Bem, então — respirei fundo — já determinamos que somos bons perdedores. Vamos simplesmente seguir pela festa.

— Certo — ele concordou.

E eu me afastei. Uma mulher bonita? Eu não tinha certeza do que fazer com essa informação. Já fazia muito tempo que não me sentia bonita. Na verdade, eu mal me sentia como uma mulher. Eu era viúva, mãe solteira. Decidi não me preocupar com esse tipo de coisa e, em vez disso, concentrar minha atenção em Abbot. Quanto tempo fazia desde que eu o vira pela última vez? Fiquei nas pontas dos pés e o procurei na multidão.

Finalmente eu o vi com um bando de crianças da idade dele. Estavam correndo ao redor de uma mesa no fundo da tenda. A banda havia começado a tocar uma música mais animada e isso

pareceu deixá-los em um frenesi. Pensei que algo no som da bateria fazia com que eles se tornassem tribais. Algumas outras crianças começaram a engatinhar por debaixo das mesas das pessoas. E então Abbot ficou ali parado, com as mãos nos bolsos, balançando-se. Ele não seria capaz de interagir com tanta intimidade com o chão quanto as outras crianças. Apesar de as crianças no chão parecerem feras indomáveis, eu queria que Abbot se juntasse a elas, ou pelo menos sentisse vontade de fazer isso.

Fui até ele.

— Você está se divertindo? — perguntei. — Você sabe que pode pirar. Hoje não tem problema.

— *Você* pode pirar.

— Vou tentar se você tentar.

Ele me pediu para tirar sua gravata. Fazia tempo que todos os outros meninos haviam abandonado as deles. Ergui seu colarinho e abri o fecho de metal. Ele tirou o casaco e me deu.

— Tudo bem. Vou tentar. — E debandou para o chão.

Charlotte e eu nos cruzamos, como se seguíssemos a mesma rota migratória.

— Continue a andar — ela aconselhou. — Assim vai conseguir evitar um ataque de conversas constrangedoras.

— Não sei por quanto mais vou aguentar esses sapatos.

— Se um tubarão para de nadar, ele morre. Você viu o cara do clarinete? Ele deve ter tipo uns 128 anos. Acho que, se ele consegue aguentar esse casamento, eu também consigo.

Olhei para o velho encurvado, que mais parecia um maracujá de gaveta tocando clarinete. Suas bochechas estavam retesadas com o ar preso.

— Impressionante — comentei e seguimos nossos caminhos.

Olhei ao redor e vi Jack Nixon dançando com uma das madrinhas. Ele se virou, olhou para mim e acenou rapidamente. Fingi que não o vi, sem saber exatamente por quê.

Era em eventos como esse que as mulheres casadas finalmente se reuniam. Eu podia ver um desses grupos se congregando ao redor de uma das mesas em um dos cantos no fundo do salão, perto de um dos aparelhos de ar-condicionado. E por mais que Elysium reclamasse que o assunto entre elas sempre acabasse se voltando para os filhos, eu havia me dado conta desde a época em que estava casada que as conversas entre as mulheres invariavelmente sempre se voltam, como se por vontade própria, para os maridos.

Maridos decepcionantes. Maridos emocionalmente inarticulados. Maridos cansados. Maridos infiéis. Maridos bagunceiros. Maridos preguiçosos. Maridos workaholics. Maridos vagabundos. Maridos que são péssimos pais.

Sem contar aqueles homens que nunca crescem o suficiente para se tornarem maridos, e suas contrapartes: os ex-maridos.

A verdade era que eu sempre tentava evitar esses grupos, mesmo quando Henry estava vivo.

Nem mesmo minhas brigas com Henry valia a pena mencionar. A gente machucava um ao outro de vez em quando, porém a parte mais difícil era confessar ao outro que ele nos ferira — tínhamos certeza de que aquilo não fora intencional, e mesmo assim nunca deixávamos de falar da mágoa.

Logo no início do nosso casamento, eu tentava contar histórias sobre nossas brigas. Minhas amigas reviravam os olhos.

— Você está falando sério? — uma delas me disse certa vez. — Não quero diminuir seus problemas com seu marido, mas acho que vocês nunca tiveram uma briga de verdade. Quero dizer, vocês só discutem sobre onde está o abridor de latas. Um abridor de latas é apenas um abridor de latas. Não é nada sério.

— Sinto muito — eu me desculpei.

— Está tubo bem — minha amiga insistiu. — É só que, você sabe, isso pode ser um pouco irritante para os outros.

Henry e eu concordávamos que essas brigas aconteciam, na maioria das vezes, por culpa dos homens. Eles eram desajeitados ao demonstrar afeição, não sabiam como agir em situações de conflito, ficavam irritados quando deveriam pedir desculpas, mentiam quando deveriam optar pela total sinceridade, davam opiniões quando deveriam guardá-las para si mesmos... etc, etc, etc.

— Sofás falantes — comentou Henry.

— E olhe para o *meu* sofá — eu disse. — Ele aprendeu a andar e a não bifurcar suas emoções.

— Eu sou um sofá ambulante não bifurcado. O que mais posso dizer?

Mais do que tudo, sabíamos que éramos sortudos pra caramba, pois, em outros ambientes, com outros parceiros, teríamos dito todas as coisas erradas, feito todas as coisas erradas, cometido todos os mesmos erros.

Uma vez, Elysium me entreteveu dizer ao final de uma conversa telefônica com Henry:

— Também gosto de você.

E depois que desliguei, ela falou:

— Não faça isso na frente dos outros.

— Fazer o quê?

— Uma coisa é vocês dizerem que se amam. Outra coisa é a forma como vocês dizem que *gostam* um do outro. É ofensivo, insuportável.

Era insuportável? Eu tinha consciência de que criara uma vida junto com Henry. E, às vezes, se ele se atrasava um pouco ou quando nos beijávamos antes que um de nós fizesse uma viagem, uma pequena onda de medo atravessava o meu corpo — algo quase elétrico. *E se essa for a última vez que eu o vir? E se eu morrer?* Já havíamos confessado que ambos imaginávamos acidentes dos mais diferentes tipos, mas nossa imaginação não ia além disso.

— Como a sua vida seria sem mim? — eu perguntava a Henry.

E meu marido, que sempre tinha resposta para tudo, não sabia. Ele apenas dava de ombros.

— E o que você faria sem mim?

— Não sei se eu sobreviveria — eu dizia. Mas então Henry morreu. E lá estava eu, inexplicavelmente, sobrevivendo.

O que era insuportável agora? Todas as coisas às quais eu não dera valor e o fato de que, por mais que o tempo passasse, eu continuava querendo mais.

Sentei longe do grupo de mulheres, tirei os saltos altos e esfreguei meus pés cansados debaixo da mesa. Como se sentisse que minha guarda estava baixa, uma das minhas tias veio cambaleando até onde eu estava. Tia Giselle era a irmã mais nova da minha avó, que agora na verdade não tinha mais nada de nova. Meus próprios avós tinham morrido quando minha mãe era jovem — minha avó de câncer e meu avô de problemas no coração. Tia Giselle arrumara os cabelos grisalhos em um corte channel e usava um batom vermelho-escuro. Ela costumava ir para os Estados Unidos visitar a irmã quando era jovem e em uma dessas viagens conhecera um botânico americano com quem se casara. Seu marido, entretanto, morrera cedo.

— Como estão as coisas? — ela perguntou. Minha tia jamais perdera o sotaque, que ainda era pesado, e seus lábios vermelhos formavam um biquinho quando ela falava.

— Ah, estou bem. Foi uma cerimônia bonita.

— Sim — ela concordou daquele jeito entediado que os franceses às vezes assumem. — É claro.

— Ouvi que houve um incêndio — comentei.

— Também ouvi a respeito. Essa notícia tirou sua mãe dos eixos.

— Acho que foi a ausência de informações que a deixou preocupada. Não nos deram nenhum detalhe.

— Sim, talvez isso seja verdade. Mas essa casa nunca queimou completamente. O incêndio na montanha em 1989 chegou até os degraus da entrada, mas não avançou nem mais um centímetro.

— Conheço essa história. — Lembrei como Henry sempre amara as lendas em relação à casa. Eu lhe contei várias histórias. Ele amava especialmente aquela em que minha mãe, minha irmã e eu nos perdíamos em meio a uma revoada de borboletas brancas. Ele amava o fato de que minha mãe nos houvesse criado para ter orgulho de nossas raízes francesas. O pai dele era o tipo que usava camisetas com os dizeres *BEIJE-ME, SOU ITALIANO* na praia, de forma que tínhamos isso em comum. Minha mãe ouvia discos do Jacques Brel, lia livros do Babar em francês para nós e fazia com que colocássemos nossos sapatos do lado de fora para o Papai Noel na noite de Natal. Ela nos fez ter aulas de francês com uma mulher estranha que morava no final da nossa rua e tinha papagaios em gaiolas. Os pássaros também falavam francês — palavras que a velha mulher dizia que nós jamais deveríamos repetir. Henry sempre quis visitar a cidade natal de sua família na Itália e a casa na Provence, mas nunca tínhamos tempo ou dinheiro. Se Henry estivesse aqui, será que teria insistido para irmos para a França prestar nossos respeitos?

— Aquela casa é incapaz de queimar — Tia Giselle me disse. — Ela apenas deseja as coisas. Como se fosse uma criança. Ela quer atenção. — Eu já tinha ouvido outros parentes da minha

mãe repetirem esse tipo de coisa, que a casa tinha vontade própria. A mitologia da casa não era compartilhada só por minha mãe. Ela havia sido passada de geração em geração. De que outro modo aquelas histórias poderiam ter sobrevivido e se desenvolvido? Eram principalmente compartilhadas entre as mulheres. Giselle frequentara a casa quando jovem, como minha mãe havia me contado. Após a morte do marido, ela vivera ali por alguns anos para “se reinventar”, como minha mãe costumava dizer.

— Acho que todos nós queremos um pouco de atenção uma vez ou outra — comentei à toa.

— Eu sei. Sinto muito pelo seu marido. — Ela colocou uma das mãos sobre a minha, uma mão ossuda, com nós grossos, porém macia. Ela cuidava bem da pele. — Sofri com uma perda quando ainda era jovem. Meu primeiro amor foi levado pela guerra, mas segui em frente. Naquela época, era tudo que nos restava a fazer. Não tínhamos escolha.

— Não sabia que você era casada antes de vir para os Estados Unidos.

Ela fez que não com a cabeça e sorriu para mim.

— Não era um casamento. Era amor. Algumas pessoas conseguem um ou outro. Já outras conseguem os dois ao mesmo tempo. Você entende o que quero dizer.

— Entendo, sim. — Senti um nó na garganta e um calor nas bochechas. Comecei a tossir. Voltei a calçar os sapatos, levantei e afastei-me sem pedir licença. *Segui em frente... Era tudo que nos restava a fazer. Não tínhamos escolha.* Andei depressa até a casa de Elysus. Meus saltos arrancavam torrões de terra. Atravessei a cozinha ainda tomada pelo pessoal do bufê e entrei no banheiro.

Tranquei a porta e me olhei no espelho. Pensei na minha tia. Tinha inveja dela. Ela estivera do outro lado. Pensei que naquele momento eu deveria ter lido o que jamais havia contado para ninguém. Ouvi sobre o acidente no rádio do carro depois de ter deixado Abbot na escola. Ouvi sobre o acidente, que havia muitas mortes, um caminhão de combustível explodiu e engarrafou toda a interestadual e meu único pensamento foi que eu teria de pegar uma rota alternativa.

E assim peguei outro caminho. Pior ainda, senti que tinha sorte, mas não porque eu estava viva e os outros mortos, mas porque recebi a notícia a tempo de evitar a saída que me colocaria bem no meio do engarrafamento.

Mais tarde, quando soube que o carro de Henry havia batido, depois de ter gritado e chorado como uma louca e terem me dado tranquilizantes, acordei sozinha em meu quarto escuro e me lembrei da notícia no rádio, dada pelo repórter aéreo, e pensei na mulher que costumava ser, que ouviu o rádio e passou direto pela saída que normalmente pegava, e a odiei mais do que já odiara qualquer outra pessoa em minha vida. Havia sido um acidente, uma fatalidade, mas ele poderia ter sido salvo por outro acidente, menor; outra fatalidade. Eu poderia tê-lo salvo. Eu sabia que poderia. E se eu o tivesse deixado dormindo? E se eu tivesse entrado no chuveiro com ele naquela manhã e feito com que se atrasasse? E se eu simplesmente tivesse telefonado para dizer que o amava e ele tivesse parado no acostamento para conversar um pouco?

E, naquele momento, tentando me conter apoiada na pia do banheiro, senti aquele ódio novamente. Quem eu era naqueles tempos? Por que eu não o salvei? Por que o deixei ir?

Pensar no quanto eu o amava fez com que sentisse um aperto no peito. Tia Giselle havia dito:

Algumas pessoas conseguem um ou outro. Já algumas pessoas conseguem os dois ao mesmo tempo. Henry e eu tínhamos os dois ao mesmo tempo, o amor e o casamento. Sentia sua falta com uma dor profunda, com desespero. Eu amava a alma dele, que o iluminava de dentro para fora. E amava seu corpo, aquela forma física que carregava sua alma, aquele corpo em que nunca consegui dar um beijo de despedida, que eu nunca mais veria novamente. Nem mesmo quando sonhava com Henry, sonhos estes que eram estranhamente burocráticos. Ele saía de um carro da defesa civil e era devolvido para mim enquanto um narrador me explicava que na verdade ele não estava morto. Que tudo havia sido apenas um erro de registro. O sonho terminava antes que Henry chegasse até mim. Ele havia partido. *Partido.* Eu costumava implorar para que voltasse, pedia a Deus com todas as forças, mas, naquele momento, queria simplesmente poder tocar sua pele com as pontas dos meus dedos. Se eu pedisse apenas por isso, será que eu teria mais chances de ter meu desejo atendido? Será que eu poderia fazer só mais isso?

Comecei a chorar até ficar sem ar, com soluços rápidos e agudos.

Ouvi uma batida na porta, bem alta, e em seguida mais três dadas com os nós dos dedos.

— É a sua mãe. — Ela tentou virar a maçaneta. — Destranque a porta. Respirei fundo e abri a torneira.

— Espere — pedi, mas não tinha certeza se havia sussurrado ou berrado.

— Deixe-me entrar.

Olhei para o meu rosto no espelho: a maquiagem escura formara poças debaixo dos meus olhos, meus lábios pareciam ter sido mordidos e estavam rachados. Minhas bochechas pareciam febris.

Minha mãe sussurrou:

— Heidi, ouça. Deixe-me entrar.

Toquei a maçaneta e em seguida a virei. A fechadura emitiu um estalo.

Minha mãe abriu a porta, entrou no banheiro e a fechou atrás de si. Olhou para mim e abriu os braços. Eu me joguei em seu abraço e ela me apertou.

— Está tudo bem — minha mãe sussurrou. — Eu sei. Eu sei. Está tudo bem. — Ela segurou meu cabelo entre os dedos.

— Abbot — murmurei. — Preciso ver como ele está.

— Ele está cercado pela família. Dê um tempo a si mesma.

Deixei uma mancha de rímel no ombro de seu vestido. Apontei para ela.

— Desculpe.

— Quem se importa? É só um vestido.

— Por que você veio aqui? — Tirei um lenço da caixa sobre a pia e tentei limpar a mancha. Será que tia Giselle havia lhe dito que eu estava chateada?

— Tive uma ideia. Sua irmã está irada porque Daniel tem uma *conference call* importante amanhã cedo. Pensei que talvez pudéssemos distraí-la. Só nós três, só as meninas, poderíamos

tomar um brunch leve aqui na casa deles. Você, Elysium e eu. Ela vai adorar.

— Essa é a ideia? — Eu mal estava escutando. — Brunch? — Eu tentava tirar a maquiagem do rosto, mas tudo que conseguia era borrá-la ainda mais. Era assim que o mundo persistia. O peso do desespero. Como ele poderia coexistir em meio a rímeis, zíperes e brunches? O mundo marchava para a frente mesmo que eu mal tivesse forças para ficar de pé.

— Tenho observado você. — Minha mãe se apoiou na porta e pareceu cansada, muito mais velha do que já havia aparentado em muito tempo. Estava sendo difícil para todos nós; não apenas perder Henry, mas encarar o fato de que todo o mundo pode mudar de repente, de forma irreversível. Somos lembrados de como tudo é insignificante, tão frágil como os envelopes do correio aéreo que minha mãe me enviou no verão em que desapareceu. Você tem uma vida e num piscar de olhos não há mais nada. Senti muito pela minha mãe. Sabia como era não ser capaz de ajudar o próprio filho, de mudar a incompreensível aleatoriedade da vida, de reverter uma perda. Mas ela tinha um plano. Ela estava sendo valente.

— Venha ao brunch — ela insistiu. — Vamos só conversar.

Crianças. Para todas as ocasiões em que você perde algo que gostaria de ter feito por causa delas, há um número equivalente de desculpas que elas oferecem para que você possa se livrar daquilo que não quer fazer.

— Abbot está exausto — eu disse para Elysium e Daniel. — Preciso levá-lo para a cama antes que desmaie.

Abbot estava ligado depois de tanto bolo, coquetéis de fruta e bombons. Ele poderia ficar naquela festa até o fim dos tempos. Era eu quem estava morta de cansaço. E tinha quase certeza de que minha irmã percebera que eu andara chorando. Consegui tirar toda a maquiagem, mas meus olhos provavelmente estavam vermelhos. Mesmo assim, ela não comentou nada, talvez para o seu próprio bem, mas também para o meu.

Já estava escuro. Havia pequenas luzes brancas penduradas ao redor da tenda que brilhavam como contas e refletores maiores nos cantos. Os convidados ainda estavam por lá, conversando e rindo, sinal de que a festa estava boa. Elysium parecia cansada, mas ao mesmo tempo tão feliz, tão linda, e Daniel havia se retirado a uma mesa repleta de bolsas e flores que começavam a murchar.

— Obrigada por ficar até tão tarde — agradeceu minha irmã sem absolutamente nenhum toque de sarcasmo. Ela estava amolecida por todas as demonstrações de afeição que recebera e realmente me perdoava.

Aceitei imediatamente o agradecimento.

— Queria poder ficar mais. Foi uma linda cerimônia e uma ótima festa. O vento começou a aumentar, transformando-se em uma brisa intensa.

— Acho que vai chover. — Daniel olhou para o céu distante.

— Permito que chova agora — declarou minha irmã como se fosse uma pequena deusa. —

Meu trabalho já está feito.

E então Abbot e eu descemos o gramado em declive que levava até o estúdio. Se o pai do meu filho estivesse ali, pensei, ele o carregaria até o estúdio, subiria as escadas com Abbot no colo e o colocaria na cama. Será que Abbot se lembrava de quando Henry o erguia do banco de trás do carro após uma longa noite? O tecido de seu casaco, que fazia cócegas, o cheiro de sua loção pós-barba? Toda criança merece esse tipo de memória. Eu também tinha as minhas: meu pai andando pelo caminho estreito até a porta da frente, rodeado pela cerca viva que tocava nos meus sapatos enquanto passávamos, e ele murmurava uma melodia que eu não conhecia, seu registro baixo de barítono vibrando do seu peito até a minha bochecha.

Abbot era muito pesado para que eu o carregasse, de forma que caminhamos lado a lado, de mãos dadas, e me dei conta, dolorosamente, como sempre acontecia, de que eu tinha sorte em tê-lo ao meu lado. Eu podia estar descendo aquele gramado sozinha. Sem a responsabilidade representada por Abbot, como eu conseguiria seguir em frente? Aquilo era algo no qual Henry e eu pensávamos quando ainda estávamos juntos. Como conseguíamos encontrar algum sentido na vida antes de Abbot?

Abbot tinha sido uma surpresa, ou, bem, uma semissurpresa... Havíamos terminado a escola de culinária e trabalhávamos como loucos, ele em um restaurante conceituado, onde a pressão era muito intensa, e eu em uma confeitaria. Ambos queríamos ter filhos, mas sabíamos que não era a hora certa. Tínhamos de pagar nossos empréstimos estudantis. Queríamos economizar para comprar uma casa. Vivíamos dizendo um para o outro que pessoas racionais não teriam um filho naquele momento. Aquilo não fazia o menor sentido. Seria uma imprudência, mas, sempre que pensava no assunto, o que passava pela minha cabeça era que aquela seria a mais doce das imprudências.

Henry foi quem finalmente verbalizou nosso desejo.

- E se a gente criar um acidente?
- Você quer dizer que está a fim de me engravidar?
- Por acidente — ele completou.
- Mas, se eu souber, então não será de propósito?
- Essa não é uma questão de lógica. Vamos ser imprudentes do jeito mais doce.

Em vez de praticar sexo seguro, praticamos acidentes. Ficamos bons nisso. Certa semana, eu estava esperando a minha menstruação e ela não veio. Mandeí Henry comprar um teste de gravidez na farmácia. Fiz tudo como mandava a bula e tudo que apareceu foi uma listra manchada.

- Vá comprar outro — eu disse. — Vou tomar um monte de líquido desta vez.

Ele voltou à farmácia e chegou em casa com mais três testes, mas depois teve que correr para o trabalho. Ele não tinha celular e então, depois que três linhas cor-de-rosa apareceram claramente em três exames diferentes, fui de carro até o restaurante por volta da hora em que terminava o turno de Henry. Quando o vi atravessando a rua para chegar até o estacionamento, toquei a buzina, parei o carro quando o semáforo ficou vermelho e saí.

Ele se virou.

— Eu estou! — gritei.

Ele correu pelo cruzamento e me envolveu em seus braços e me ergueu do chão. O cara no carro atrás de nós colocou a cabeça para fora da janela.

— E aí? — ele berrou. — O que é isso?

— Ela está grávida! — Henry gritou em resposta, louco de alegria. — Foi meio que um acidente!

— Nesse caso, meias congratulações! — disse o cara. — Agora, será que dá para vocês entrarem no carro e dirigirem?

Estávamos eufóricos. Ligamos para a família e os amigos. Henry se gabava de seu esperma. Logo estávamos debruçados em livros sobre os significados dos nomes.

— O que você acha de Bantu? — sugeriu Henry. — Significa “o povo”. Já eu só conseguia pensar em nomes de queijos. Gorgonzola, Gruyère...

Mas por fim toda aquela obsessão por queijos me deixou enjoada. A náusea e a exaustão fizeram com que eu me sentisse drogada ou como se houvesse levado uma surra. Eu me arrastava pela casa tagarelando sobre todas as mulheres que vieram antes de mim, todas que enfrentaram aquele sofrimento caladas.

— Sinto como se eu tivesse sobrevivido a um ataque nuclear. — Eu me olhei no espelho e esperei me ver coberta de fuligem.

Henry massageava meus pés, minha lombar. Ele fazia sanduíches com croissants recheados de salada de frango com molho de cranberry que comi no café da manhã, no almoço e no jantar durante três semanas seguidas. Era a única coisa que eu conseguia comer.

No fim das contas, a náusea e a exaustão tinham um propósito: elas bloqueavam o medo. E, assim que elas davam uma trégua, a ansiedade entrava em campo. Agora, olhando para trás, não é de se admirar que Abbot seja quase obsessivo-compulsivo. A gravidez me apavorava. Minha ansiedade era tão alta que deve ter sido transmitida pela placenta.

Henry estava calmo com tudo aquilo, pois os italianos tradicionalmente têm famílias grandes. Os bebês nascem de uma forma ou de outra. Certa vez, acordei no meio da noite lembrando que o parto era a causa número um de morte de mulheres ao longo da história.

— Vá até qualquer cemitério antigo, leia as sepulturas e conte quantas mulheres foram enterradas junto com seus bebês.

Ele esfregou o rosto.

— Do que você está falando?

— Posso levá-lo a um cemitério agora mesmo e podemos contar em quantas sepulturas as mulheres foram enterradas junto com seus bebês.

— Você está me convidando para um encontro? — Ele sorriu, tão sonolento quanto sedutor. Eu lhe dei um tapinha em um dos braços e em seguida deitei a cabeça em seu peito.

Li todos os livros sobre gravidez que caíram nas minhas mãos até que Henry me disse que eu deveria parar com aquilo.

— Olha, não precisa parar de ler totalmente. Não quero que você tenha nenhuma crise de abstinência, mas acho que seria bom dar uma diminuída nessas suas leituras.

De qualquer forma, eu já havia lido todos os livros disponíveis.

— O mal já está feito — respondi.

Fiz todos os exames, todos os ultrassons, fui a todas as consultas, apesar de considerar tudo aquilo uma verdadeira tortura. Todos os exames mostravam que eu e o bebê estávamos bem, porém, para mim, aquilo era apenas uma prova de que o pior ainda estava por vir. Entretanto, chegou um momento em que a única provação que ainda teríamos pela frente seria o parto propriamente dito.

O procedimento começou exatamente como estava nos livros: com pequenas cólicas e pontadas que se tornaram cada vez mais desconfortáveis.

— Vamos logo para o hospital ou você vai acabar tendo o bebê no banco de trás de um táxi — sugeriu Henry.

— Isso só acontece nos filmes. Nós não vamos pegar um táxi.

— Eu sei, mas ainda assim... — Henry se pôs diante de mim, abaixado, com os braços abertos diante do peito como se esperasse que o bebê fosse escapular de dentro de mim e ele quisesse estar pronto para pegá-lo.

— Não devo ir para o hospital até que não consiga mais falar entre as contrações — eu disse exatamente entre uma contração e outra.

E assim resolvemos dar uma caminhada pela vizinhança. Calçada, pássaros, sol, cercas, cães... tudo estava normal por ali, totalmente alheio ao que estava acontecendo dentro de mim. E o que estava acontecendo? Abbot só pareceria um bebê para mim no momento em que surgisse a mudança de toda a paisagem que o cercava, a hora em que tudo mudasse, virasse de cabeça para baixo, as paredes pressionando-o até que, por fim, fosse libertado.

As contrações se tornaram mais intensas e tudo que eu queria era sair do meu próprio corpo, fugir. Por fim tive a aterrorizante noção de que havia alguém alojado dentro de mim. *Alojado*.

Informei a Henry que a hora havia chegado. Lembro do céu pela janela do carro, os fios de telefonia, as árvores. Eu disse:

— Se eu não sair viva desta, conte ao bebê tudo sobre nós, o quanto nos amávamos. Você deve dizer ao bebê que o amor é possível, que o amor é maior que todos nós.

— Você vai sobreviver — garantiu Henry. — O bebê também vai. Tudo dará certo. Olhei para ele com pena, como se fosse muito ingênuo.

— Pense em todas as pessoas que estão vivas — ele disse. — Todas elas tiveram mães. Mães que passaram pelo mesmo que você. E o mundo está com gente saindo pelo ladrão.

Aquilo não me confortou. Tantas mulheres, tanta dor. Como era possível que todos nascessem

daquela forma? Como o mundo conseguia suportar todo aquele sofrimento?

— Houve uma mulher que teve um bebê em cima de uma árvore durante as monções — Henry lembrou. — Ela e o bebê ficaram bem! Nem mesmo a árvore sofreu nenhum dano! As pessoas são duras na queda. E as árvores também.

Não ligava a mínima para a mulher na árvore. Fechei os olhos durante uma contração e o mundo desapareceu. Quando chegamos ao hospital, eu só ficava consciente durante pequenos intervalos, quando não sentia dor, e tudo que via nesses momentos eram enfermeiras, soros, macas e uma salinha com uma cadeira de balanço e Henry. Henry que conversava com o médico, Henry que segurava a minha mão, Henry que passava gelo nos meus lábios.

O médico informou que já conseguia ver a cabeça.

— Estou vendo — Henry confirmou.

Vendo o quê?, pensei. Tudo que havia era aquela força de vontade. Havia apenas um desejo, uma querência. O medo desaparecera. Havia só respiração. Só pernas. Só o dilatamento do meu estômago e o desejo de ser maior que tudo aquilo para poder sair ilesa.

Uma enfermeira arranjou um espelho para que eu pudesse ver a cabeça do bebê, entretanto, os espelhos estavam além de mim. As cabeças dos bebês estavam além de mim. Eles nada significavam.

Havia uma fenda profunda dentro do meu corpo, o movimento dos ossos, a forma como eu suportava tudo aquilo. E então alguém declarou que a cabeça havia saído, senti um puxão e houve outra libertação, algo caindo. E eu jamais poderia imaginar o que veio em seguida. Uma coisa ruidosa, corada, coberta de sangue. Uma coisa que foi erguida e entregue a mim, apoiada no meu peito.

— Você conseguiu. — O rosto de Henry estava vermelho. Ele chorava.

Levou um momento para que eu me desse conta do que estivera dentro de mim, aquele corpo com calcanhares e cotovelos. Todos aqueles meses de chutes fizeram sentido de uma nova maneira. Toquei os dedos do bebê. Acompanhei a centelha das batidas de seu coração dentro do peito. Corri os dedos pelo cabelo fino e escorregadio em sua cabeça.

— É um *bebê* — eu disse para Henry.

— Eu sei. É o *nosso* bebê.

— E nós dois estamos vivos.

— Sim — ele concordou. — E nós dois estamos vivos.

Tenho uma versão resumida dessa história que contava para Abbot, uma das muitas histórias sobre Henry. Abbot gostava dessa em particular porque era sobre ele quando bebê, uma história sobre Abbot, na verdade, sobre seu concebimento. Ele amava as histórias sobre quando era bebê. Porém, a verdade é que elas sempre me deixavam inquieta. O trato não declarado que eu fizera com Henry. No fim dessa história sobre vida, Abbot estava vivo, eu também. Ao contrário de Henry. Esse fato — irreversível avultava-se no fim dessa história como um alívio cruel mais do que em qualquer outra história. Na última vez que a contei, quase arranquei as bochechas de Abbot de tanto que as apertei e beijei sua testa.

— Boa noite — sussurrei e então senti um nó na garganta. *Não chore*, eu dizia para mim mesma. *Não chore*. Eu me virei para o abajur do Red Sox de Abbot e as lágrimas já haviam começado a correr pelo meu rosto. Fui para a cama e chorei até não aguentar mais.

Eu não contava para ninguém que esse tipo de crise ainda acontecia quase dois anos depois, nem mesmo para a minha mãe, que provavelmente encontraria algo reconfortante para dizer. Eu não queria conforto. Tinha medo de contar a alguém porque não queria parar — a dor era minha conexão com Henry. Não conseguia suportar a ideia de perdê-la.

Na noite do casamento da minha irmã, aninhei Abbot nos lençóis sedosos sobre o sofá-cama no loft de Daniel e fiquei impressionada ao me dar conta de que eu contava para Abbot histórias sobre Henry da mesma maneira que minha mãe um dia nos contou histórias sobre a casa na Provence. Será que aquele também era um sinal de fraqueza da parte dela? Talvez essa fosse uma tradição de família. Abbot conhecia todas as histórias de cor. Se eu esquecesse de algum detalhe, por menor que fosse — como a mancha de molho branco na lapela do smoking de Henry no nosso casamento —, ele me fazia parar. “Conte direito”, ele dizia. “Não pule os detalhes.” Sempre achei que Abbot era meu maior aliado, o guardião dos detalhes. Ele se lembraria de tudo caso minha memória falhasse. Juntos, eu pensava, Abbot e eu podíamos manter Henry vivo.

Eu me perguntei se ele me pediria uma história sobre Henry naquela noite. Entretanto, eu estava exausta por todas as memórias despertadas naquele dia — a notícia sobre o incêndio, o casamento tão bonito de minha irmã. Talvez Abbot houvesse percebido isso. *Esta noite não*, eu clamava para Abbot em minha cabeça. *Esta noite não*.

Fiquei surpresa quando ele pegou sua sacola de lona e tirou lá de dentro um dicionário. Abbot então subiu na cama e o colocou ao seu lado, semicoberto pelo lençol, como se fosse um ursinho de pelúcia. Havia sido um presente de Henry em seu quinto aniversário. Originalmente, Henry o recebera de presente de seu próprio pai quando fora para a universidade, de forma que na primeira página ainda havia uma mensagem escrita em letra firme, uma citação de Galileu. Primeiro havia a versão original em italiano e depois a tradução: *Todas as verdades são fáceis de entender quando descobertas. A questão é descobri-las*. E, em seguida, ele acrescentou: *Use bem suas palavras*.

Henry escreveu um bilhete para Abbot na página seguinte: *Repito o que meu Papa disse. Seja curioso. Feliz aniversário de cinco anos! Com amor, Papai*.

O dicionário em geral ficava na mesa de cabeceira de Abbot. Seria esse um sinal de que meu filho estava preso demais ao passado?

Era uma segunda edição do dicionário *American Heritage*. O que o tornava tão especial para Abbot era que Henry havia xerocado fotografias minúsculas do filho e as colado sobre as fotos que ilustravam algumas colunas. Ele colara uma foto de Abbot na cabeça de um bisão; sobre a cabeça de um astronauta junto à definição de *traje espacial*; sobre jogadores de polo no verbete *polo*; sobre o rosto de um imigrante; sobre o rosto de um capitão de navio, sobre a estátua de Eros. E, é claro, ele também colocou o rosto de Abbot na página onde o verbe *abbot* — abade, em inglês — era definido, porém, Henry escreveu à mão sua própria definição: *Abbot (ab’at) s. O garoto mais maravilhoso do mundo. [ME < OE < Llat. Abbas...]*

Vi Abbot folheando o dicionário na noite anterior, mas não sabia que ele estava tão apegado

ao livro.

— Você trouxe o dicionário — comentei.

— Me ajuda a dormir. — Ele sorriu, deu rapidamente de ombros e em seguida deu soquinhos com os nós dos dedos no livro, um gesto que não consegui decifrar, e em seguida olhou para o céu noturno.

Abri uma das janelas, deixando entrar uma brisa fresca, e pendurei seu smoking em um cabide dentro do velho armário cujo espelho já estava até mesmo turvo.

— Lembra de quando você, o papai e eu fomos àquele aquário? O que tinha um tanque imenso de baleias beluga?

— Sim — respondi. — A gente andou por aquele túnel de vidro debaixo d'água. Amei as águas-vivas. — Suas toucas cor-de-rosa, fluorescentes e pavoneadas, pareciam turbantes extravagantes e os corpos se moviam como vestidos de baile, inflando e deslizando, inflando e deslizando. Henry me flagrou olhando para elas com lágrimas nos olhos. Eu lhe disse que elas me faziam pensar na infância de Abbot, como essa fase parecia estar escapando cada vez mais para longe de nós.

— Lembrei disso hoje quando o Vovô e eu estávamos assistindo ao programa no Animal Planet. Lembra de como o papai adorava as belugas?

— Sim — eu disse.

— Ele falava que os ossos das pernas da beluga parecem muito reais quando ela abre as nadadeiras. O papai dizia que parecia até que um homem estava preso dentro do corpo da baleia. E que elas tinham umbigo. As baleias são iguaizinhas à gente.

Como Abbot poderia saber que essa lembrança me tocara tão fundo? Acredito que as crianças registram as coisas, mesmo que não sejam capazes de compreender um momento conflituoso com racionalidade, ou talvez porque esse ato não seja racional elas não o registrem em sua mente consciente, mas em algum lugar mais profundo, onde essas memórias ficam armazenadas.

Naquela noite depois do aquário, em um hotel no centro de Atlanta, perguntei a Henry se ele se sentia preso como o homem que via dentro do corpo da beluga. Fiquei preocupada com o fato de aquilo ter sido uma afirmação simbólica, uma metáfora, mesmo que subconsciente. Ele olhou para mim, surpreso, e em seguida declarou:

— Não estou preso nem numa baleia nem na minha vida. Você se sente assim?

Então me dei conta de que talvez eu estivesse projetando meus próprios medos nele. Será que eu me sentia presa? Seria essa a razão do anseio desarticulado que eu às vezes sentia?

— Não — respondi, sem querer admitir nada assim tão terrível. Eu tinha sorte. Nós tínhamos sorte. Mas, então, sussurrei: — Só fico imaginando se a vida é mesmo assim, nada além de um momento após o outro até que tudo para. E só isso.

Percebi que eu o magoara.

— Construímos juntos tudo isso que nos cerca, mas não estamos presos. Há uma diferença.

E agora eu via belugas gigantes na minha mente. Henry estava certo. Podíamos ver suas

pernas poderosas por baixo da pele e elas pareciam muito humanas. Será que eu me sentia como uma mulher presa dentro de mim mesma? Não conseguia pensar em nenhuma outra forma de viver. Henry e eu havíamos construído uma vida, não uma prisão, não era isso que nós construíamos. E apesar de eu me sentir solitária sem ele, não sentia vontade de sair e conhecer gente nova. Tudo que eu queria era nossa velha vida doméstica de volta.

Falei para Abbot que também me lembrava do que o papai havia dito, que as belugas tinham ossos nas pernas e umbigos.

— Você gostou do casamento? — perguntei.

— Sim. Mas não foi tão bom quanto o seu e o do papai.

— Por que você diz isso?

— O deles foi muito chique. O de vocês estava na medida certa.

Concordei com Abbot, mas resolvi não insistir no assunto. Nosso casamento teve a medida certa para quem éramos, só isso.

— Está com sono agora? — eu quis saber.

— Hum-hum.

— Vá dormir.

Ele abriu os olhos e me encarou.

— Tem detector de fumaça aqui mesmo sendo um estúdio e não uma casa de verdade, não é?

— Tem detector de fumaça aqui, sim. Estamos seguros.

— Tudo bem — ele concordou e então fechou os olhos. Fiquei ali sentada ouvindo sua respiração, que rapidamente se tornou mais leve e ritmada. Afinal, ele estava exausto. Assim que tive certeza de que Abbot havia caído no sono, tirei o dicionário da cama e o segurei em meu colo por um momento. O livro tinha pontas afiadas. Não queria que Abbot corresse o risco de bater em uma delas enquanto dormia. Pensei em abri-lo e me perder no que Henry deixara para trás, mas não fiz isso. Deixei-o na beirada da mesa, olhei para cima e flagrei meu reflexo no espelho do armário — turva, fantasmagórica, alguém que costumava existir, mas que agora já havia quase ido embora.

*D*o meu assento na sala de jantar, onde Elysius, minha mãe e eu estávamos tomando o brunch, podia ver Abbot e meu pai na piscina aquecida da minha irmã. Abbot já estava boiando na superfície. Meu pai vestia uma sunga que considereei levemente pequena para seu tamanho. Era bem possível que ele a tivesse comprado nos anos 1970. Meu pai tinha pernas cor-de-rosa quase sem pelos e uma pança. Ele e Abbot estavam um pouco sérios naquela manhã. Fingiam que estavam no Caribe, o que deveria exigir algum esforço criativo, em especial devido ao fato de que nenhum dos dois jamais estivera lá.

Minha mãe, Elysius e eu comíamos tortas que minha mãe trouxera da padaria mais próxima, como se não houvesse sobrado um imenso tijolo de bolo de casamento. Eu comia as tortas enquanto tentava não as julgar, porém, vez ou outra, minha mente crítica dava as caras e eu pensava: *Até que são bonitas, mas, se estão secas, de que adianta?*

Elysius fez um bule de café com alguns grãos exóticos que ela afirmava causar um efeito poderoso no trabalho de Daniel.

— Grau máximo, alta octanagem.

Havia um cronograma. Eu tinha certeza de que haveria um. Elysius e minha mãe tinham conversado e Elysius anotara tudo, de forma que havia uma lista de itens que deveríamos abordar, quiséssemos ou não. Eu não havia recebido nenhuma cópia desse cronograma, mas sabia que ele existia, então acompanhei a conversa com cautela.

Falamos sobre o casamento. Trocamos anedotas, detalhes e comentários sobre os vestidos das outras mulheres. Minha mãe e eu deixamos que Elysius reclamasse pelo fato de Daniel adiar a lua de mel por causa do trabalho até que ela tivesse completado toda a sua ladainha e começasse a defender a arte do marido.

— Quando você se casa com um artista, também se casa com seu trabalho. Agora sei muito bem disso. E amo o trabalho de Daniel. Não tanto quanto o amo, mas mesmo assim amo suas obras. — E, como se essa conversa sobre amor fosse uma deixa apropriada, minha irmã completou: — Jack Nixon comentou que achou você encantadora.

— Encantadora? — Podia sentir que estava ficando vermelha. — Eu mal consegui olhar para ele.

— Eu te disse — declarou Elysius. — Ou você usa a arte do flerte ou ela se perde para sempre.

— Bem, a minha já se perdeu. — Jack Nixon era bonito, legal e disse que eu era bonita, mesmo depois de eu o ter dispensado. E ainda havia dito que eu era encantadora. De qualquer forma, eu estava com medo não apenas de Jack, mas também de tudo que ele representava.

— Então você gostou dele? — Elysius quis saber. — Ele deu a entender que quer convidá-la para sair. Alguma coisa casual. Jack nunca se casou. Não tem filhos nem nenhuma bagagem. Ele é *descomplicado*! Jack é perfeito!

Minha irmã por acaso estava me oferecendo como se eu fosse algum tipo de mercadoria em uma feira? Eu já havia sido casada. Tinha um filho. Eu não tinha apenas bagagem, eu arrastava baús por aí! Não que houvesse algo de errado com Jack Nixon, pois não havia. Ele parecia

ótimo, mas será que queria mesmo sair comigo? Em um encontro? Como eu poderia esperar que alguém quisesse sair comigo? Devo ter parecido levemente abalada, pois minha mãe resolveu entrar na conversa.

— Já chega. Sua irmã encontrará o amor novamente no tempo dela.

— Espera aí — retrucou minha irmã. — Você também estava nessa junto comigo. Você achou o Jack um bom partido.

— Não estou pronta — declarei mais que depressa e perguntei por Charlotte.

— Ela ainda está dormindo — disse Elysius. — Pelo visto ela precisa dormir o dia inteiro para funcionar.

— É uma fase — falou minha mãe.

— Eu nunca passei por essa fase — retrucou Elysius. — Sempre acordei cedo.

— Para compensar, você passou por muitas outras fases. Sua fase de insolência. A fase em que seguia a dieta do *cream cheese* com chocolate. Sua fase do cigarro — minha mãe lembrou com suavidade.

Fiquei calada por um instante.

— Bem... — minha mãe começou para romper o silêncio.

— Bem...? — Eu estava impaciente para que ela seguisse em frente. O que será que passava pela cabeça dela e como aquilo poderia fazer com que eu deixasse de ser o foco da conversa?

— Bem... — Elysius repetiu.

— A casa — minha mãe finalmente disse. — É preciso que alguém tome conta dela.

— Da casa? — Minha casa estava bem bagunçada, é verdade. A varanda dos fundos precisava de uma mão de tinta e a lavadora de louça estava nas últimas, mas parecia um pouco extremo dizer que eu não estava dando conta do recado.

Minha mãe pegou seu caderno de anotações e colocou uma pilha de fotos diante de mim.

— A casa na Provence. Quantas vezes será que terei de dizer que ela pegou fogo?

— Talvez tenha sido apenas um incêndio na cozinha. — Pensei na casa como minha Tia Giselle a descrevera: uma criança fazendo um pouco de birra.

— Não sabemos qual foi a extensão do dano — minha irmã explicou. — Mas a casa foi praticamente ignorada por décadas. Eu queria ir, mas Daniel já reservou um iate com toda a tripulação.

— E eu não posso ir. Seu pai se recusaria a me acompanhar e não posso ir sem ele. Tudo isso é tão... pesado — minha mãe desabafou.

Elysius e minha mãe ficaram em silêncio enquanto comecei a olhar as fotos, imagens em cores borrada do final dos anos 1980, a última vez em que nós três estivemos lá. Minha mãe vestia uma saia-lápis, Elysius estava com o cabelo comprido e a franja grossa, enquanto eu usava um boné de beisebol. Atrás de nós, o Monte Sainte-Victoire estava luminoso. Havia fotos da casa de pedra, nós três jantando no jardim perto da fonte, a grande casa ao lado da fonte, Véronique —

com ombreiras e um leve sorriso nos lábios — e seus filhos, que pareciam tímidos como sempre. Uma foto do pai deles usando meias pretas e sandálias, com a boca aberta como se estivesse cantando. Também havia catedrais, a arquitetura de uma se confundia com a da outra, fileiras de vinhedos, um campo de girassóis, nós três de pé diante deles na beira da estrada.

A fotografia seguinte baixou minha guarda. Minha mãe vestia um maiô amarelo, sentada na beirada da nossa piscina, cercada por um portão de aço forjado e um jardim permeado de passagens. Ela parecia elegante e jovem, tão insuportavelmente jovem, embora devesse ter ao menos a idade que eu tinha agora.

— Não me lembro desse maiô — comentei.

— Essa foto é do verão seguinte — ela declarou sem emoção, como se aquele não fosse o verão em que havia desaparecido. No retrato, ela protegia os olhos do sol em uma saudação. Eu me perguntei quem tirara aquela foto. Para quem ela sorria?

Minha mãe deve ter se sentido um pouco desconfortável pela maneira como eu examinava a fotografia, pois mudou de assunto de forma um tanto repentina.

— Ninguém realizou nenhuma reforma na casa por... bem, quase uma década. Mesmo que as pedras da casa tenham sido apenas chamuscadas, há muito trabalho a ser feito.

— Ela está certa — Elysus entrou na conversa. — O lugar está prestes a vir abaixo. A cozinha, os banheiros... Na verdade, era uma linda casa quando eu e Daniel estivemos lá, mas de um jeito decadente.

Ajeitei as fotos alinhando-as e batendo-as na mesa como se fossem cartas de um baralho.

— Roubei uma destas fotos muito tempo atrás.

— Sério? — disse minha mãe.

Assenti.

— Aquela em que o filho mais velho de Véronique estava se exibindo para a câmera, equilibrando um pula-pula na testa.

— Lembro dele fazendo isso! — declarou Elysus.

— Pascal é o irmão mais velho — informou minha mãe. — Mas foi com o filho mais novo de Véronique, Julien, que falei sobre o incêndio.

— Aquele que sempre ficava me jogando na piscina ou esguichando água em mim.

— Eu me lembro vagamente disso — disse Elysus.

— Onde estas fotos estiveram durante todo esse tempo? — Devolvi as fotos para minha mãe empurrando-as para o outro lado da mesa.

— Escondidas. Não há nenhuma necessidade de exibi-las. Tudo fica bem quando termina bem. — Minha mãe se referia ao seu casamento, à nossa família. Por que colocar essas fotografias em álbuns onde meu pai pudesse vê-las? Aquele foi o lugar para onde ela foi e do qual quase não voltou.

— Vocês duas sabem que eu não posso ir — eu disse. — Tenho o trabalho. E o Abbot vai para

um acampamento onde eles ensinam malabarismo...

— Henry já se foi há quase dois anos — minha mãe me interrompeu. — Você tem que viver no mundo.

Meu garfo caiu sobre o prato fazendo barulho. Toda vez que alguém me dizia que não havia problema em seguir em frente, que eu *deveria* seguir em frente, menos capaz de fazer isso eu me sentia. Era como se me dissessem para esquecer Henry e eu sentia que isso seria uma espécie de traição. Em defesa de minha mãe, aquela era a primeira vez que ela fazia esse tipo de pedido.

Porém, foi então que minha mãe fez discurso que ela obviamente já tinha ensaiado muitas vezes. Ela se inclinou para a frente e disse:

— Toda mulher precisa de pelo menos um verão na vida em que possa se perder. Este é o seu.

— Isso é obrigatório? — perguntei enquanto um velho ressentimento ressurgia.

— É, sim.

— Você *tinha* que desaparecer naquele verão quando éramos crianças?

— Eu voltei — respondeu na defensiva. — Aquele verão permitiu que eu voltasse.

— Estamos falando sobre o que *você* precisa agora, Heidi — completou Elysius.

— Vocês querem que eu abandone o Abbot neste verão? Perderam o juízo?

— Leve-o com você — sugeriu Elysius.

— Talvez vocês dois estejam precisando de um verão perdido — minha mãe concordou.

— Isso é um pouco elitista — eu me queixei.

— Não estou dizendo que toda mulher *consiga* ter um verão perdido — minha mãe explicou.

— Só estou dizendo que toda mulher *precisa* de um. Toda mulher *merece* um verão perdido, já que temos que aturar todas essas merdas dos homens! — Ela ficou vermelha por um segundo. Não consegui me lembrar da última vez que a ouvi soltar um palavrão. — Além disso, não estamos falando de uma casa qualquer. É como um cego que faz uma peregrinação até a igreja de Nossa Senhora de Lourdes e voltar a enxergar, com a diferença que só funciona para nós, as mulheres da nossa família, e a cura é apenas para problemas do coração.

— Como Nossa Senhora de Lourdes? Sério? — eu disse. Minha mãe nunca havia sido devota, mas ainda assim de vez em quando sua criação católica dava sinais de vida, como se para compensar algumas de suas outras características: a franqueza a respeito da sexualidade, o desejo de ser rica e o comportamento indulgente em relação a chocolates e bons vinhos.

— Sim. Lourdes.

Minha irmã colocou os cotovelos sobre a mesa e declarou sem rodeios:

— Oito anos, Heidi. Eu e Daniel já estávamos juntos há *oito anos*. Ele dizia que jamais se casaria de novo. Nunca. Eu o levei para a casa na Provence e ele se abriu. Não posso explicar o que houve, só sei que aconteceu! Ele me pediu em casamento. Simples assim.

— Isso sem mencionar a sua avó — minha mãe acrescentou. — Aquela é a casa onde meus próprios pais se apaixonaram. — Ela então estava invocando velhas histórias de amor.

Considerarei isso como um sinal de desespero.

Balancei a cabeça negativamente.

— Quem pode arcar com as despesas de um verão perdido? Eu não posso. Não é tão simples assim.

— Você pode, sim — minha mãe discordou. — Você sabe muito bem que a Judy pode tomar conta da loja. Ela já está mesmo cuidando de quase tudo. E eu tenho uma conta no banco só para a casa. Nunca mexi nela. Seria como um investimento na propriedade. Alguém precisa estar lá para assegurar que tudo seja restaurado da forma correta.

— E... — Elysius baixou a voz. — Essa viagem pode realmente me ajudar... — Ela olhou para a minha mãe em busca de aprovação.

— Siga em frente — minha mãe concordou. — Conte a ela.

— É sobre Charlotte. Quando a mamãe surgiu com essa ideia, eu sabia que você nunca iria para a França sem o Abbot, e pensei em como seria difícil viajar sozinha com um menino de oito anos. E então pensei em Charlotte e em como vocês talvez pudessem... tirar um benefício mútuo dessa situação.

Minha mãe resumiu a questão:

— Já que você vai levar Abbot, talvez você pudesse levar também Charlotte.

— Eu não decidi levar Abbot. Na verdade, não decidi ir a lugar nenhum.

— Charlotte está naquela idade em que precisa expandir os horizontes. Precisa aprender que há mais na vida que... — Minha mãe não terminou a frase, mas logo entendi que aquilo era uma referência à necessidade de ensinar para Charlotte que havia mais coisas na vida do que seu namorado, Adam Briskowitz. — E isso também fará com que ela pare de pegar no pé de Elysius. Dará um tempo para ambas respirarem.

— Charlotte pode ajudar você com Abbot — Elysius completou. — Sabe como é. Para que você possa sair e viver um pouco. — Aquela era outra maneira de dizer que eu precisava seguir em frente. — Além disso, ela vai melhorar o francês, talvez até pular para o terceiro nível, e lá ela também terá tempo de estudar para o vestibular sem nenhuma distração. — Mais uma vez, aquela distração sem nome era Adam Briskowitz.

— Você precisa da casa — minha mãe insistiu. — Você não acredita nisso, mas logo vai mudar de ideia.

Lembrei-me de quando nós três nos perdemos em meio à revoada de borboletas brancas. Eu não queria sofrer nenhum tipo de feitiço. Balancei a cabeça.

— Aquela é uma casa bacana, mas só isso. Vamos nos ater aos fatos. Fui para lá quando era criança e não sofri nenhum tipo de transformação mágica.

— Você ainda não estava com o coração partido — lembrou Elysius. — Essa é a diferença.

Olhei para a piscina pela janela. *E agora o meu coração está mesmo partido*, pensei. Meu pai procurava alguma coisa dentro de um imenso balde repleto de brinquedos de piscina. O equipamento de mergulho de Abbot estava largado no deque. Sem ele, Abbot era uma sombra

colorida na outra extremidade da piscina. Eu o observei tentar voltar à superfície, o corpo subindo debaixo d'água e ele balançando o cabelo. Porém, vários minutos se passaram. Ele estava se afogando? Fiquei de pé em um pulo, deixando o guardanapo cair no chão, e corri pela sala de jantar, atravessando a cozinha e já gritando o nome do meu filho.

— Abbot! Abbot! — eu berrava enquanto corria pelo deque, derrubando no caminho um vaso de planta que se espatifou na grama com estrondo.

Quando comecei a descer o gramado, Abbot surgiu na escada da piscina, balançando a cabeça para secar o cabelo.

— O que foi isso? — perguntou meu pai. — Está tudo bem?

Eu estava sem ar. Meu coração disparara dentro do peito. Parei de correr e me dobrei, com as mãos nos joelhos. Em seguida, me ergui e acenei.

— Está tudo bem — gritei. — Tudo ótimo. — Eu me virei e vi minha mãe e Elysius de pé no deque, com a porta escancarada atrás delas e o vaso quebrado que havia espalhado um monte de terra sobre a grama. Eu sabia o que diziam os olhos delas: tão tomada pelo medo, desequilibrada pela dor, amedrontada pela vida, uma viúva que gritava pelo único filho que, em uma bela manhã, não havia se afogado. Na verdade, ele não chegara nem perto disso.

Balancei a cabeça.

— Sinto muito. Nós não vamos. Simplesmente não podemos. — Voltei a seguir em direção a Abbot. — Hora de ir embora — gritei. — Pegue suas coisas.

*H*avia uma história que eu contava para Abbot apenas em parte. Ele sabia que eu havia sofrido um aborto, que tivera um bebê que não conseguira nascer, mas aquela não era uma história de Henry. Como poderia ser? Aquela era uma história sobre mim, que eu sempre contava para mim mesma porque a morte de Henry ecoava essa primeira perda.

Abbot sempre fora tão perfeito — gordinho, com sorrisos desdentados e roncos que mais pareciam ronrons — que Henry e eu nos sentíamos quase culpados por querer outro filho, mas, logo depois do nascimento de Abbot, foi exatamente o que sentimos. Entretanto, não colocamos o plano em prática logo de cara, em especial porque Abbot nos deixava tontos pelas noites sem dormir e pela abnegação — ou talvez a própria existência de Abbot como uma manifestação de nós dois significasse que nós já deveríamos nos sentir tontos e abnegados. De todo modo, estávamos tontos de amor.

Porém, quando Abbot fez quatro anos — o tempo passou como se corresse na velocidade da luz —, nos sentimos prontos. Mais que prontos, estávamos atrasados.

Henry e eu sabíamos que o mundo exigiria que libertássemos Abbot para andar com as próprias pernas em algum momento. Não poderíamos mantê-lo para sempre conosco.

— Quanto mais filhos tivermos, maior será o medo. Não é assim que as coisas funcionam? — perguntei a Henry.

— Acho que sim. Mas tudo aumenta, as coisas boas também.

Dessa vez lidei melhor com os enjoos matinais. Eu não tinha escolha. Tinha de cuidar de Abbot, assim como Henry. Ele não podia simplesmente ficar me mimando. Depois que a náusea melhorou, exatamente na décima segunda semana, percebi que os meus seios não tinham crescido tanto. Em um check-up de rotina, o Doppler não conseguiu captar nenhum batimento cardíaco.

— Não se preocupe — a obstetra me disse, limpando o gel no meu estômago. — Vamos marcar um ultrassom para amanhã só para garantir que está tudo certo.

Não se preocupe, eu disse para Henry no celular enquanto me vestia. Porém, mais tarde, enquanto eu aguardava para fazer o ultrassom e a técnica chamou meu nome, algo surgiu dentro de mim. A possibilidade de que de fato houvesse algum motivo para me preocupar.

Minha mãe ficou cuidando de Abbot e Henry me acompanhou no ultrassom. Nós nos mantivemos estoicos. Ele não parava de repetir para mim que a médica dissera que não havia motivos para nos preocuparmos.

Fiquei calada.

Por fim, a técnica nos levou até uma salinha e começou o ultrassom. Ela não nos disse nada. Quando estava grávida de Abbot, as técnicas conversavam durante todos os ultrassons. Elas apontavam as partes do bebê como se fossem guias turísticas. “Aqui está a vértebra. Aqui temos um pé... Se você prestar atenção nessa parte, verá o Big Ben...” Era assim que as coisas costumavam acontecer.

— Esse é o bebê? — Henry perguntou.

- Sim — confirmou a técnica.
- E então, como parecem estar as coisas? — Henry insistiu.
- Sua médica vai querer conversar com vocês — ela respondeu em um sussurro.
- Oh — Henry suspirou. — Tudo bem.

Entretanto, eu já sabia, de uma forma que Henry não conseguia prever. Eu sabia da forma como o pânico precede o recebimento de más notícias, da forma como um telefone que toca tarde da noite nunca pode ser para dar boas notícias. Virei o rosto para a parede e chorei de um jeito que jamais havia chorado antes. Aquele pranto veio das profundezas do meu ser, algo gutural e bárbaro.

- Heidi — Henry me chamou. — Heidi, estou aqui. Olhe para mim.

Mas eu não estava mais ali. Estava perdida em algum lugar dentro de mim.

Depois de me vestir, recebi uma mensagem do consultório da minha médica pedindo que eu fosse imediatamente para lá. Foi lá que ouvi as más notícias. O coração do bebê não estava mais batendo. Ele havia morrido dentro de mim.

Henry teve de ligar para a minha mãe. Ele disse:

- O bebê não sobreviveu.

Henry me contou mais tarde, quando já estávamos na cama, que sentia como se houvesse falhado, como se houvesse feito algo errado, que a família dele deveria ter alguma deficiência genética.

Eu não estava pronta para compartilhar a culpa. Aquilo havia sido um aborto e eu era a responsável pela segurança do bebê. Eu me imaginei dentro de uma espécie de veículo tosco, com rodas de madeira que me faziam sacudir sobre uma estrada de paralelepípedos.

- Não foi sua culpa — eu disse, cansada. — E você sabe muito bem disso. Por fim, consegui sussurrar que eu sentia muito por ele.

— Senti nosso filho dentro de mim e você jamais teve essa oportunidade. — Eu tinha a impressão de que era uma dádiva carregar o bebê dentro de mim, mesmo que por pouco tempo.

— Meu Deus. — Henry se levantou da cama e começou a andar de um lado para o outro. — Você não precisa “sentir muito” de forma alguma. Não passo de um pedinte nessa situação.

Eu entendia o que ele queria dizer. Ele era um pedinte. Ele recebera mais do que merecia. Na verdade, todos nós éramos pedintes. Ele subiu novamente na cama e colocou o rosto junto ao meu no travesseiro. Ele era tão bonito, os olhos azuis tão suaves e os dentes belos, ainda que levemente tortos.

Houve então uma hora estéril que Henry passou sozinho enquanto eu sofria a pequena cirurgia que em geral se sucede a um aborto. Como se a perda emocional não fosse suficiente, no fim das contas também havia a dor física. Ele ficou lendo a seção de esportes do jornal. Mais tarde, contou que jamais se sentira tão distante de mim. Ele olhou ao redor na sala de espera: os velhos perdidos nos próprios pensamentos, as mulheres da idade de sua mãe que tricotavam alguma

coisa enquanto fofocavam, despreocupadas, trocando novidades na maior animação. Ele não sabia que o que viria em seguida seria uma torrente de histórias sobre abortos. Parecia que todo mundo que ele conhecia tinha pelo menos duas histórias de aborto: mães, filhas, noras, esposas, amigas.

— O aborto é outra sociedade secreta — Henry comentou. — Como as sociedades secretas das pessoas casadas, porém os membros desta aqui são unidos por acidente, simplesmente pelas circunstâncias da vida.

— Quantas outras sociedades existem? — eu lhe perguntei.

— Não quero saber.

Eu descobriria mais tarde a sociedade secreta das viúvas jovens, a forma como as pessoas apresentavam uma jovem viúva para a outra, como achavam que elas gostariam de conversar sobre suas perdas. Quantas vezes minha mãe não havia me dito que eu deveria passar um tempo com minha tia Giselle?

— Talvez ela tenha alguma coisa importante para dizer.

Eu já sabia a verdade, que quando estão só você e outra viúva a sós, não há nada a ser dito. Absolutamente nada.

Após a operação, descobrimos um vazamento em nossa casa. Henry arrancou os ladrilhos do banheiro, investigando toda a tubulação em busca da fonte do vazamento. Ele queria desesperadamente consertar alguma coisa.

E eu me afundei na confeitaria. Minha mente estava repleta de designs elaborados. Criei bolos de casamento incríveis. Nessa época, já tínhamos a Loja de Bolos, porém nossa clientela ainda era local e bem pequena. Henry contratou fotógrafos profissionais para fotografar nossos produtos. O negócio começou a crescer.

Alguns meses antes da morte de Henry, ele me confessou que ainda queria ter outro filho.

— Não ligo para dinheiro ou bens materiais. E, é claro, não me importo com fraldas nem com as noites em claro. E não é por orgulho que desejo isso. A verdade é que quero mais de você. Um pouco mais dos seus pontos de vista, mais assuntos para conversarmos, mais olhares de reconhecimento que damos um para o outro todos os dias antes de dormir. É isso que um filho oferece, não é? Não foi isso que Abbot nos deu? Uma vida de mais conversas e nosso próprio território comum? Será que isso é errado? É ganancioso demais? — A expressão do rosto dele era muito aberta e seus olhos estavam extremamente límpidos.

— Não ligo se é errado — eu disse. — Você se importa?

— A gente podia aprimorar nossa ambição, sair de vez do status de amadores e nos inscrever finalmente no ranking profissional da ganância.

E então começamos a tentar de novo.

Até o dia em que ele morreu, parecíamos novos um para o outro; devido ao fato de ninguém saber que estávamos tentando engravidar, nossa vida sexual assumiu o tipo de caráter secreto que lhe deu um tom de mistério, de urgência.

— Você não sente como se a gente estivesse na farra? — eu disse. — Só consigo pensar na palavra *farra*.

Quando Henry morreu, eu esperava descobrir que estava grávida.

Não estava.

Fiz outro exame de sangue. Outra perda. Nunca mais.

E o que eu faria com um novo bebê para criar sem Henry? Eu não ligava para os detalhes. Não ligava para como seria difícil não só para mim, mas também para Abbot. Eu só sabia que teria uma chance de ter um pouco mais dele — de ter uma vida diante da morte —, mas houve apenas a morte. Aquela outra parte em potencial de Henry estava perdida para sempre.

Alguns dias depois, eu me vi caminhando por uma boutique com minha mãe, Elysius e Charlotte, um evento orquestrado pela culpa. Em circunstâncias normais, aquele seria o tipo de situação para o qual eu teria criado uma desculpa para me safar, ainda mais após tão pouco tempo daquele brunch e da insistência das duas — “Você tem que voltar para o mundo”, “Toda mulher precisa ter um verão perdido” e “Você *ainda* não estava com o coração partido”. Eu me sentia encurralada, mas a culpa me assombrava e minha mãe sabia como trabalhar com essa culpa. Ela ficava andando em círculos até conseguir o que queria. Naquele momento, eu não ia levar Charlotte para a casa na Provence. Eu não sabia se ela ia querer ir se tivesse a chance e, além disso, ela não fazia a menor ideia de que havia uma possibilidade de receber esse convite, mas ainda assim eu sentia como se eu estivesse negando algo a ela. E também senti muito pela minha irmã, que tivera sua lua de mel adiada, de forma que eu estava fazendo uma boa ação ao ajudá-la a se distrair.

Elysius e minha mãe nos levaram para uma loja grande, arejada e caríssima chamada Bitsy Bette’s Boutique, dando uma passada por um breve momento, como borboletas que davam voos rasantes para beliscar algum tecido e decidir se aquele era “delicado”, “gostoso” ou “um sonho”. Charlotte e eu as seguíamos com suspiros, revirando os olhos. Ela desprezava aquele lugar ainda mais do que eu. Toda vez que Elysius ou minha mãe paravam para olhar uma peça de roupa, Charlotte e eu sussurrávamos o slogan da loja: “Sempre elegante”.

Elysius se virou para Charlotte.

— Vou comprar o que você quiser. Alguns vestidos de verão. Você escolhe! Qualquer coisa de toda a loja.

Os olhos de Charlotte se arregalaram, aterrorizados.

— Estou falando sério. — Elysius confundiu o pânico da enteada com empolgação. — Qualquer coisa!

Charlotte ficou pálida. Mais pálida até que o normal. Um tom mais branco de palidez, por assim dizer. Eu nunca havia entendido a letra dessa música até aquele momento.

A garota puxou uma das mangas da minha blusa.

— Faça isso parar.

— Simplesmente escolha alguma coisa e deixe que ela compre — sussurrei. — Não deve levar muito tempo.

— Você não sabe de nada — retrucou Charlotte. — O tempo não segue regras neste lugar. Podem se passar anos sem que ela nem se dê conta disso.

Não demorou muito para que todas as vendedoras comessem a enxamear ao redor de Elysius e minha mãe. O enxame era tão grande que tive certeza de que elas ganhavam por comissão e que no passado já haviam lucrado um bom dinheiro às custas daquelas duas. Muito dinheiro mesmo. Havia uma mulher majestosa, uns bons quinze centímetros mais alta que eu e magra como um caniço chamada Rosellen, uma loira de aparência grosseira chamada Pru e um homem, Phillip, que estava abaixado calçando um sapato no pé de uma mulher idosa, tentando se meter de longe na conversa de Elysius. Eles nem mesmo olharam para Charlotte ou para mim.

— Você deveria ver o bolero de seda! — disse Rosellen. — Vou pegar um do seu número. — O tamanho de Elysium era obviamente de conhecimento comum por ali.

— Ah, mas você sabe — Pru começou a sabotar Rosellen, que havia saído para pegar o bolero. — Você ficará muito melhor naquele vestido de festa plissado de georgette.

— Não se esqueça daquele de tule com aplicações de gardênia — Phillip gritou. — Vou pegá-lo quando terminar aqui. — Essa era uma maneira educada de dizer: *Anda logo, velhinha. Tenho clientes que realmente gastam por aqui bem nas minhas mãos.*

— Eu adoraria encontrar alguma coisa para Charlotte — informou Elysium.

— Algo um pouco mais jovial — minha mãe acrescentou. — E alguma coisa para você também, Heidi. Algo leve e fresco.

Os três vendedores congelaram, como se só então estivessem vendo Charlotte e eu. Ela vestia seus bermudões largos com uma camiseta que mostrava um Smiley suicida e antes de sair de casa calçara autênticas galochas de pescaria que iam até os joelhos. Eu vestia jeans e uma camiseta de alças coberta por um velho e esfarrapado suéter de caxemira. Eu usava muito esse suéter naquele tempo. Ele era macio e familiar.

Se Elysium conhecesse Charlotte melhor, saberia que ela não queria mais parecer jovial. E também não queria vestir as roupas de velha da Bitsy Bette's Boutique e parecer "sempre elegante". Ela queria ser adulta, profunda, apreciada. Ela já tinha total consciência de que o mundo real é doloroso, violento e às vezes horrível, e precisava que o fato de saber muito bem disso fosse evidente. Ela não conseguiria sair saltitando por aí com as roupas joviais da Bitsy Bette's Boutique. Elysium, porém, insistia naquelas tentativas de ajudar os outros. Ela via aquilo como um ato de generosidade. Eu já havia sido o alvo de muitas dessas tentativas ao longo da minha vida. Quando eu era pequena, foi ela quem cortou minha primeira franja. No primário, ela me deu meu primeiro estojo de maquiagem. Ela me fez usar maquiagem no rinque de patinação, onde outra garota me chamou de "vagabunda do circo". Ela me levou a uma loja e praticamente escolheu o vestido da minha formatura. Por sorte, desdenhava de cerimônias de casamento quando me casei. Por ainda ser solteira, ela boicotou todo o cerimonial para meu alívio. Seu desejo de me arrumar um encontro com Jack Nixon provinha desse mesmo instinto. Apesar de parecer que ela só estava tentando ajudar — e eu tinha certeza absoluta de que era isso mesmo o que ela pensava —, esses atos sempre deixavam transparecer uma certa crítica, como se ela estivesse dizendo: "Você está um caco. Deixe-me dedicar alguns minutos para tornar sua vida melhor... mais parecida com a minha". Charlotte e eu tínhamos o bullying disfarçado de boas intenções de Elysium em comum. Nosso sofrimento era uma compreensão não declarada entre nós.

— Você gostaria de dar uma olhada nas calças compridas de sarja mais coladinhas ou nos shorts? — Rosellen perguntou a Charlotte. Havia tanta coisa errada com aquelas calças de sarja metidas a besta que eu nem sabia por onde começar. Sarja coladinha? Eu já imaginava aquele tecido ficando preso nas coxas rechonchudas das mulheres. E quem foi o sádico que pensou em fazer calças colantes de sarja? Pobre Charlotte.

E então Phillip acrescentou:

— Ah, já sei. Os autênticos coletes de crochê. Não tem erro.

Um *autêntico* colete de crochê? Como se fosse o oposto de um... colete de crochê *não autêntico*?

— Não tem erro quando você tem oitenta anos — Charlotte murmurou e em seguida se virou para mim: — Isso significa que a Bitsy Bette's Boutique tem coletes autenticamente crochê por autênticas velhinhas que são escravizadas em casas de repouso?

— Charlotte, o que você acha? Quer provar? — Elysius perguntou.

— Sempre elegante! — declarou Charlotte.

— Temos também um vestido acinturado — disse Pru, notando o sarcasmo. — É jovial, mas elegante.

Então não consegui mais me segurar e falei sem pensar:

— Parece um vestido com uma coleira.

Os vendedores se empertigaram.

Charlotte soltou uma risada. Desde que a conheci, era a primeira vez que me lembrava de ouvi-la sorrir.

Eu me imaginei contando aquela história para Henry: “E então eu disse que parecia um vestido com uma coleira!”. Eu tinha um arquivo daquelas histórias que não tinham mais nenhum destino.

— Acho que esse vestido é muito bem cortado e elegante — comentou Elysius. — Um dia, em breve, você vai ter que começar a pensar em como vai se vestir nas entrevistas para a universidade. Esse pode ser um bom começo!

— E qual é o seu tamanho? — Pru perguntou a Charlotte. Aquele foi um momento doloroso e imaginei por um breve segundo se aquilo havia sido uma vingança pela gargalhada que Charlotte soltou com o meu comentário sobre o vestido encoleirado. Pelo tom que ela usou, eu acreditava que era mesmo. Charlotte era maior que Elysius. Ninguém era capaz de seguir os hábitos de exercícios obsessivo-compulsivos de minha irmã. Entretanto, Charlotte estava usando uma bermuda cargo bem larga e uma camiseta igualmente folgada com o Smiley suicida, de forma que era impossível dizer quão maior que a madrastra ela era.

Charlotte deu de ombros.

Os três vendedores a encararam. (A velha foi esquecida e teve que lidar com os próprios sapatos.)

— Por onde devemos começar? — quis saber Rosellen.

— Não faço a *menor* ideia — respondeu Phillip.

— Um 38, 40? — sugeriu Pru.

— Sério? — perguntou Elysius.

— Vamos tentar alguns tamanhos — minha mãe tentou intervir de forma gentil. — Os tamanhos das lojas variam muito hoje em dia. Ninguém mais sabe qual tamanho veste!

Pru pegou alguns tamanhos diferentes do vestido com cinto e conduziu Charlotte para os

provaadores.

Assim que elas sumiram das nossas vistas, eu disse:

— Não vamos insistir nesse vestido acinturado nem na calça de sarja. Não tem nada a ver com o estilo dela.

— Mas pode vir a ser se ela provar — insistiu Elysius. — Ela precisa parecer profissional uma vez ou outra. Refinada. A filha de Daniel precisa começar a agir como tal.

— O que você quer dizer com isso? — indaguei.

— Não somos uma família de classe média que se diverte jogando GameCube em um porão reformado — ela respondeu. — Meu Deus, você já olhou para ela? Essa menina mal consegue fazer contato visual. Ela vive em seu próprio mundo e vai saber o que tem por lá.

— Ela está apenas passando por uma fase, querida. Você não se lembra das suas fases de artista? — Era a segunda vez que minha mãe mencionava as fases de Elysius em um intervalo de poucos dias. Eu acreditava que isso era algum tipo de vingança da parte da minha mãe, que havia sofrido com as fases de Elysius. A mudança de minha irmã para Nova York com a ideia de se tornar artista com certeza lhe rendeu algumas noites de insônia.

Elysius a encarou. Ela não queria que seus dias de aspirante a artista fossem descritos como uma fase. Aquele era um território perigoso. Mudei de assunto:

— Ela só está tentando ser levada a sério.

— E eu estou tentando levá-la a sério. Um dia, alguém vai levá-la para a França e o que os franceses vão pensar dela?

— Eu realmente não me importo com o que os franceses vão pensar de Charlotte. E ninguém na França também se importa com isso! — retruquei.

— Ela precisa de alguns toques adultos, algum refinamento! — Elysius me olhou de cima a baixo. — Você também poderia adquirir um pouco de refinamento.

— O seu modo de vida não é o único que existe. A decoração da sua casa é tão aconchegante quanto um necrotério. Você sabe disso, não é? — Eu me arrependi no momento em que aquelas palavras saíram dos meus lábios. Mesmo assim, não pedi desculpas. Simplesmente me afastei delas.

— Meninas! — objetou minha mãe.

— Tudo bem — disse Elysius. — Mas eu estou tentando. Eu estou tentando.

Ela *estava* tentando. Isso eu podia comprovar. Eu não podia me meter. A maternidade é difícil. Ser madrastra é um território completamente diferente. Elysius continuou a falar, mas parei de ouvi-la. Eu não queria insistir naquele assunto. Em momentos como aquele, um chiado surgia em meus ouvidos, o mundo se tornava apenas um borrão e eu sentia como se estivesse dizendo: “Henry está morto, por isso você vai ter que falar mais alto”.

Charlotte apareceu com o vestido acinturado e as botas de pescaria. O cinto estava muito apertado. Ela parecia ter sido empurrada para dentro de um cano. Suas bochechas assumiram um tom de rosa vivo.

— Você está linda — elogiou Elysius com um desespero excessivo na voz.
— Podemos tentar um tamanho maior — sugeriu Phillip.
— Odiei — disse Charlotte. — É horrível e *corporativo*.
— Olha — começou Elysius. — Tive que ralar para chegar aonde estou hoje. Você sempre teve *tudo*. E dilapida isso.

Aquele comentário foi totalmente irracional e todos sabiam disso. Os vendedores se dispersaram de repente. Eles já tinham visto aquela discussão antes.

— Dilapidar — falei para Charlotte, tentando levar um pouco de leveza para a conversa.
— Essa é uma boa para a sua lista do vestibular. — Eu não havia me dado conta de como as coisas estavam ruins entre Elysius e Charlotte. Aquilo era um desastre.

— Não estou *dilapidando* nada — ela disse para Elysius. — Você dilapida todo o seu dinheiro em coisas que não importam. Coisas, coisas e mais coisas. Este vestido custa 168 dólares e é só uma roupa idiota com uma coleira! Mas se você quer que eu use, eu vou usar. Vamos comprar esse troço. Vá em frente. Vamos *dilapidar*.

Eu nunca havia visto aquele lado de Charlotte, tão assertivo. Ela ficou ali parada com o vestido, os braços cruzados sobre o peito. Estava à beira das lágrimas, mas se recusava a chorar. Seu rosto tinha uma expressão estoica, exceto por um tremor ocasional no queixo.

Elysius a encarou, em seguida olhou para mim e voltou novamente os olhos para Charlotte. Alguns clientes recém-chegados cochichavam na porta da loja.

— Hum... Tudo bem — disse Pru. — Por que você não volta para o provador e eu levo o vestido até o caixa?

— Vou usá-lo agora. Obrigada — retrucou a menina.

— Charlotte! — irritou-se Elysius. — Simplesmente tire esse vestido. Não vou pagar por ele.

— Vou usá-lo agora, obrigada — ela repetiu.

— Deixa que eu vou com Charlotte até o provador — minha mãe ofereceu.

— Não, obrigada — insistiu Charlotte.

Nesse momento senti o fardo da minha perda tornar-se um pouco mais leve. Lá estava Charlotte, arrasada, demonstrando sua tristeza em vez de escondê-la. Apesar de sua dor não ser a mesma que a minha, no fundo era tudo a mesma coisa. Sua dor era sombria e profunda. Era bonita. E se o mundo tivesse apenas mais sofrimento a oferecer? Se fosse assim, Charlotte estava carregando mais do que podia suportar e isso permitiu que eu parasse para respirar.

As pessoas na frente da loja começaram a caminhar até onde nós estávamos. Elysius olhou por trás do próprio ombro.

— Droga, Charlotte — ela sussurrou.

Era óbvio que Elysius conhecia aquelas pessoas — uma mulher jovem de cabelo espetado que empurrava alegremente um carrinho de bebê enquanto conversava com o marido. Eu podia ver as costas rechonchudas do homem cobertas por uma camisa polo cor-de-rosa.

— Tudo bem. — Elysius pescou a carteira dentro da bolsa. — Vamos usar essa roupa só em casa, então. — Ela colocou seu cartão de crédito em cima do balcão.

Pru olhou para ela e começou a processar a venda do vestido. Rosellen havia desaparecido, mas logo em seguida surgiu com uma sacola com as roupas de Charlotte, resgatadas do provador. Ela as entregou para Charlotte com um carinho tão genuíno que cheguei a me arrepender da imagem que fiz dela. Charlotte ainda não estava chorando, um incrível ato de autocontrole. Ela manteve a cabeça erguida.

Minha mãe tirou a sacola das mãos de Charlotte.

— Eu levo isso para você — ela ofereceu, tentando ser útil. Elysius dobrou a nota fiscal e declarou:

— Vamos sair pelo outro lado. — Ela apontou para a direção oposta à da mulher com o carrinho de bebê.

O caminho de volta foi feito em silêncio. Sentei ao lado de Charlotte no banco de trás. Em um determinado momento, estiquei a mão e dei um beliscão de leve no ombro dela.

— Foi um bom jeito de acelerar nosso passeio.

Ela me lançou um meio sorriso e me beliscou de volta.

— Sempre elegante — disse Charlotte.

— Sempre — repeti.

Naquela noite, quando coloquei Abbot para dormir, com o dicionário novamente na mesa de cabeceira, ele me pediu para contar uma história de Henry. Aquele havia sido um longo dia e eu não estava no clima para uma história comprida.

— Bem... — comecei. — Quando o seu pai era criança, os pais dele às vezes o levavam no verão para a casa de uns amigos perto de um lago em New Hampshire. Havia uma fazenda perto da casa onde tinha uns seis cães de montanha dos Pirineus, cachorros brancos, imensos, que trabalhavam na fazenda. Eles cavavam pequenos buracos no jardim. E quando o seu pai e Jim, o irmão dele, passavam de bicicleta, os cães os seguiam latindo, todo alegrinhos. Eles ficavam tão felizes ao ver os meninos e eram tão grandes que derrapavam na calçada. Os cachorros acabavam parecendo assustadores com toda aquela alegria e o seu pai dizia que a impressão era que eles tentavam andar de bicicleta em meio a uma imensa avalanche de cachorros. Dá para imaginar todos aqueles cachorros gigantes vindo de uma vez só na sua direção?

— Já conheço essa história — declarou Abbot, solene.

— Eu já lhe contei?

— Já. E o papai também.

— Oh.

Ele esfregou as mãos e disse:

— Amanhã à noite, me conte uma história que eu ainda não conheça.

Aquilo me surpreendeu, mas permaneci calada apenas por um momento.

— Tudo bem. — Afastei a franja de Abbot e beijei sua testa.

— Posso pegar uma fronha nova? — ele perguntou.

— Por quê?

— Esta aqui está cheia de germes da noite passada e da noite antes da noite passada e da noite antes dessa.

— Ainda está boa — respondi.

— Tem certeza?

— Eu tenho certeza.

Ele tirou o travesseiro de debaixo da cabeça.

— Não preciso de travesseiro.

Eu me levantei, acendi o abajur do Red Sox e caminhei até o corredor, um pé na frente do outro. Abbot queria uma nova história? Alguma que não tivesse ouvido antes? Eu não estava inventando Henry Bartolozzi. Eu o estava mantendo *ali*, vivo junto conosco. Senti um chiado no peito, frenético, acelerado.

Abri a porta da frente. Precisava de um pouco de ar noturno. Era uma daquelas noites de final de primavera quando a casa ficava abafada, mas do lado de fora o ar estava fresco. Eu tentava conter uma onda crescente de pânico.

Olhei para o jardim, iluminado pela luz da rua. Pensei na minha mãe me pressionando para mudar de vida. *Toda mulher merece um verão perdido*. Lembrei de Elysium dizendo: *Eu estou tentando. Eu estou tentando*. E Charlotte, tão corajosa, de pé diante de todos na Bitsy Bette's Boutique com suas botas de pescaria. E então pensei nas baleias beluga no aquário e Abbot falando sobre seus umbigos. *Elas são exatamente como nós*. Olhei para trás, para a casa iluminada. Fiquei impressionada ao me dar conta do quanto a minha vida se parecia com um museu, um museu de perdas que eu mesma havia criado. Não importava se eu não queria estacionar minha vida ou se estava tomada pelas lembranças, tudo fazia com que eu me recordasse de uma história de Henry. Tudo merecia uma placa comemorativa: uma foto emoldurada de Henry e eu em uma churrascaria japonesa com um Abbot de cinco anos enfiado entre nós; o velho boné dos Red Sox de Henry; suas chuteiras da liga de softball para jogadores que já haviam passado dos trinta anos atiradas debaixo de um banco. Havia uma foto de Henry e Abbot de pé ao lado do bolo semidevorado de sua festa de quatro anos. Aquele foi o aniversário em que Abbot desejou ganhar uma vela e em seguida apagou a própria.

Eu não havia encaixotado nem um único pertence de Henry. Essa tarefa me parecia impossível.

Olhei para os degraus da entrada da nossa casa com os olhos de um estranho. *Porque eu sou uma estranha aqui*, pensei. Havia vasos que eu tinha negligenciado por mais de um ano. Peguei um deles e despejei a terra nos arbustos que cercavam a casa e então esvaziei outro. Àquela altura, eu já estava chorando, com a respiração agitada.

Quando peguei o terceiro pote de cerâmica, encontrei um ovo de páscoa roxo de plástico. Eu o segurei nas mãos por um momento como se fosse um ovo de verdade, como se um filhote de passarinho estivesse prestes a furar a casca.

Na última primavera, Abbot havia ido caçar com alguns amigos no parque local, o que significava que aquele ovo fora escondido por Henry há dois anos.

Abri o ovo, liberando uma pequena porção de ar confinado. Lá dentro, havia duas balas de goma borrachudas em formato de urso e um chiclete endurecido.

Aquela coisa tão simples rompeu algo dentro de mim. Eu mal estava ali. Eu era uma pequena lufada de ar e em seguida não era mais nada.

Naquela primavera, Abbot estava obcecado com o motivo pelo qual o Coelho da Páscoa deixava ovos e por que usávamos grama falsa e cestos. O que tudo aquilo significava? Henry escreveu uma carta para Abbot assinada pelo Coelho da Páscoa que seria entregue junto com seu coelhinho de chocolate. Nela, o Coelho da Páscoa confessava que não fazia a menor ideia de como tudo aquilo tinha começado. Henry leu a mensagem em voz alta para mim. *Sou só um coelhinho, você sabe. Tem um monte de coisas que não consigo entender*.

— Acho que devemos ser sinceros quando o mundo não faz sentido — concordei.
— Somos só coelhinhos.

Henry colocou o bilhete dentro do cesto junto com a grama falsa.

Cambaleando, andei de volta para casa. Coloquei o ovo em cima da mesa de jantar: as metades, os ursinhos de goma e o chiclete endurecido ainda na embalagem.

Eu sentia uma saudade tão profunda de Henry. O desejo por ele surgia dentro de mim com uma onda inesperada. Eu o sentia por inteiro — como se ele estivesse ali de verdade e não apenas por meio de histórias. Sentia falta de seu pescoço, do cheiro de sua loção pós-barba que ficava impregnado nessa região. Eu às vezes vestia suas camisetas depois que ele as tirava, ainda quentes do corpo, e dormia com elas. Sentia falta de deitar a cabeça em seu peito e ouvir as batidas do seu coração. E sentia saudade dos seus ombros, de sua clavícula, de suas belas mãos, dos espaços entre as costelas. Seu corpo flutuando no oceano, vermelho por causa do sol. Seu corpo envolto pelo casulo formado pelos lençóis. Seu corpo abaixado para amarrar os sapatos de Abbot. Eu queria *adorá-lo*. Sentia falta de como, quando ele dormia, parecia tão jovem quanto no dia em que eu o conhecera. Sentia falta de sua barriguinha. Ele tinha o que eu chamava de abdômen de rapper. E, é claro, eu sentia falta de fazer sexo com ele. Daria qualquer coisa para fazer sexo com ele de novo — sexo de verão, se pudesse escolher — na cama, arrancando a colcha e o lençol, com os dois desabando no final, as carícias enlevadas e atordoadas que vinham em seguida, como dois sobreviventes de um naufrágio que haviam acabado de rastejar até a praia.

Eu não precisava ir à Provence para agradar minha mãe e minha irmã, para sofrer algum tipo de encantamento. Poderia aprender as lições de que necessitava bem ali onde estava. *Daqui em diante tentarei não mais perder a vida nem me perder. Não fixarei mais meus olhos apenas em Abbot. Vou reaprender a viver no mundo real. Abbot e eu não precisamos de um verão perdido para aprender a viver. Já perdemos o bastante. Já estamos perdidos o suficiente.* Entretanto, apesar de eu dizer isso para mim mesma, sabia que era provavelmente uma desculpa.

Agora que eu tinha aquele ovinho de plástico roxo, precisava de algo mais — uma mensagem de Henry. Ele me diria para não ir. Ele me diria para falar com ele, para me prender à nossa casa, para deixar que a figueira que crescia ao redor da nossa porta de fato nos prendesse lá dentro. Ou será que ele preferiria que eu salvasse Charlotte? Eu queria salvá-la. Talvez eu quisesse salvá-la porque sentia uma vontade esmagadora de salvar *alguém* e ao mesmo tempo não conseguia salvar nem mesmo a Abbot e a mim.

Foi aí que entrou o dicionário de Abbot. Caminhei de volta ao quarto dele. Lá estava o dicionário, iluminado pela luz fraca do abajur do Red Sox. Olhei para Abbot. Seu rosto estava mais suave devido ao sono. Peguei o dicionário, senti seu peso em minhas mãos e tive a sensação de que era uma espécie de ladra. Mas, mesmo assim, eu o peguei.

Fui até a sala de jantar, coloquei o dicionário sobre a mesa e sentei diante dele. Abri na página das dedicatórias. A dedicatória do pai de Henry para ele e a dedicatória de Henry para Abbot. Pensei no pai de Henry, um cara durão, um homem que jogou futebol americano na universidade na posição de tight end e tinha orgulho de como os capacetes eram frágeis naquela época; porém, ao mesmo tempo, era um romântico de coração mole. No funeral de Henry, ele desabou, aos prantos. Ele segurou minha mão enquanto eu me dirigia ao banco de trás de algum carro preto e grande e disse simplesmente:

— Não consigo aceitar. Ele é o meu *menino*. Ele é o meu *filho*. Isso não está certo. Não sou capaz de superar uma coisa dessas. Não consigo.

Parecia que ele estava fazendo algum tipo de promessa. Nesse momento, a mãe de Henry surgiu atrás dele.

— Deixe-a ir, querido — pediu ela com sua voz arrastada típica do sul. — Os carros precisam seguir.

Não suportei olhar para ele. Assenti e escorreguei para dentro do carro, sentando ao lado de Abbot. O pai de Henry fechou a porta para mim e apertou uma das mãos contra o vidro — e aquele gesto eu entendi. *Aguente firme*, ele me dizia. *Simplesmente aguente firme*.

Henry, falei para mim mesma. Queria procurar a palavra *Henry*. Será que essa palavra existia? Será que Henry havia colocado uma foto de si mesmo ao lado do verbete?

Folheei o dicionário, achei a página certa e desci meu dedo por ela. E o que encontrei foi o seguinte:

Hennerly: granja; pardieiro.

Henotheism: henoteísmo; a crença em um deus sem negar a existência de outros.

Henpeck: dominar ou atormentar (o próprio marido) com reclamações insistentes.

E, então, *Henry*: Unidade de indutância na qual uma força eletromotriz induzida de um volt é produzida quando a corrente é variada no nível de um ampere por segundo.

E depois?

Hent: pegar; agarrar. Obs: Obsoleto. Sou só um coelho, você sabe. Tem um monte de coisas que não consigo entender.

Mas eu entendia — aquele pardieiro, aquele tormento, o fato de eu acreditar em um único deus não querer dizer que precise negar a existência de outros. Eu compreendia a força eletromagnética de Henry e o que ela me dizia: *Agarre essa oportunidade*.

Vá.



E assim eu agarrei a ideia do verão perdido.

Ou será que eu deveria dizer que foi a ideia do verão perdido que nos agarrou? Aparentemente, é assim que se é agarrada — sem preparação, sem tempo para pensar a respeito.

Nós três tínhamos passaportes — Abbot e eu tínhamos os nossos por causa das boas intenções de Henry de nos levar para a Europa um dia, e Charlotte por causa de uma viagem de vinte dias para o Canadá com o clube de francês de sua escola particular quando ela estava no oitavo ano. Pedi a Jude que assumisse todos os assuntos relacionados à confeitaria, o que não foi um passo dos mais drásticos. Ela já estava mais do que mergulhada na rotina da empresa. Ainda assim, no início, eu achava que tiraria apenas duas semanas, mas minha mãe insistiu que duas semanas não seriam suficientes para concluir a reforma. Seis semanas inteiras seriam o tempo mínimo para concluir o serviço. Comprei as passagens mais que depressa, sabendo que voltaria atrás se esperasse muito. Decidimos partir em uma semana.

Minha mãe e eu fizemos uma reunião na minha mesa de jantar para combinar a reforma alguns dias antes da minha partida. Ela havia falado com Véronique e tinha uma noção maior dos danos, que pareciam estar restritos apenas à cozinha. Eu deveria reformar a cozinha, modernizar o banheiro, dar uma mão de tinta nos quatro quartos, instalar aparelhos modernos, trocar a fiação e as tomadas e providenciar internet sem fio para todos os cômodos. Ela também esperava que o jardim recuperasse um pouco de sua glória original — incluindo a piscina e a fonte de pedra.

Ela saiu por um momento e em seguida me trouxe uma pilha de revistas, dizendo:

— Sinta-se à vontade para modernizar o interior da casa. A justaposição do antigo com o novo dará vida à casa. Talvez devamos manter a cor branca predominante nos quartos. — Ela pegou algumas amostras de cores que pegara em uma loja de material de construção. Tons de creme e marfim e outros mais puxados para o manteiga. Quando ela me mostrou uma revista inteiramente dedicada a azulejos, comecei a ter uma ideia de onde havia me metido. Minha mãe tinha até mesmo ouvido falar de alguns banheiros reluzentes e ecológicos.

— Qual desses você gostou mais? — ela me perguntou.

Pensei por um momento e por fim aponte para a opção errada. Eu soube que era a errada pela maneira como minha mãe inclinou a cabeça.

— Sério? — disse ela.

— Acho que sim. — Aponte para o outro. — Ou seria este?

— É, eu também gosto mais desse. — De repente ela fechou todas as revistas e as empilhou organizadamente sobre a mesa. — Escute. Quero um monte de coisas para a casa, mas não quero fazer o papel de ditadora. No fim, faça o que você achar melhor.

— Sério? — Eu não tinha certeza se deveria acreditar nela.

— Sério. Tenho confiança total em você.

Tanto minha mãe quanto meu pai se esforçaram para chegar a um orçamento bastante generoso e ela me deu instruções sobre como sacar dinheiro de sua conta para pagar a reforma.

— Você terá de ser paciente. Esse tipo de coisa envolve um monte de burocracias na França.

— Que tipo de burocracia?

— Véronique lhe explicará. Apenas vá para a França e comece a sentir a casa. Conecte-se com o lugar e então as decisões corretas surgirão diante dos seus olhos.

— Então quer dizer que o meu trabalho é sentir, me conectar e depois tomar decisões?

— *As decisões corretas surgirão diante dos seus olhos* — repetiu ela. — Tudo se mostra diferente quando vemos de perto. A casa lhe dirá o que deve fazer.

Nosso voo aterrissaria em Paris, então minha mãe reservou um hotel para nós, insistindo que nos divertíssemos por alguns dias na cidade antes de irmos para o campo. Além de me poupar de algumas preocupações logísticas — ela também comprou as passagens de trem e tomou todas as providências em relação ao aluguel do carro —, minha mãe me deu uma lista digitada com todo o capricho de restaurantes, casas de chá, butiques, parques, museus e teatros. Obediente, eu a coloquei dentro da minha bolsa. Precisaria de meses para visitar todos aqueles lugares. Aquela era a viagem dos sonhos dela, não dos meus. Não havia muitas coisas que eu pudesse de fato fazer.

E então chegou a hora do voo. Filmes em telas minúsculas, frango Alfredo servido em pequenas bandejas compartimentadas envoltas em plástico e cobertores azul-marinho e finos, fabricados de acordo com a regulamentação aérea.

Charlotte dormiu com os fones nos ouvidos. Elysius e Daniel conversaram com ela sobre nossos planos. Eles estavam preparados para altas doses de resistência, certos de que a menina se negaria a viajar, porém Charlotte apenas piscou e disse:

— Esperem. Vocês estão me dizendo que eu vou para a França com a Heidi e o Abbot? É por isso que vocês estão com essas caras sérias de quem vai dar a pior das notícias?

Eles assentiram.

— Bem, estou dentro.

— Dentro de quê? — o pai perguntou.

— Onde eu assino? — disse Charlotte.

Elysius e Daniel ainda não estavam entendendo.

— Sim! — Charlotte explicou. — Agora ficou claro para vocês? Sim! Eu quero ir!

Abbot, por outro lado, teve de ser convencido. Ele quis examinar as fotos. Pegou livros na biblioteca e descobriu que havia escorpiões no sul da França.

— As pessoas têm que sacudir os sapatos antes de calçá-los porque os escorpiões gostam de morar dentro dos sapatos — explicou ele. — Você quer morar em um lugar onde tem escorpiões dentro do seu sapato? Você vai colocar nossas vidas em risco!

Ele tinha medo dos germes.

— Eles têm germes completamente diferentes lá. Germes franceses. Não temos imunidade adquirida contra eles!

Já tínhamos conversado longamente sobre o lado bom dos germes e ele com toda a certeza

estava mais do que familiarizado com a palavra *imunidade*. Na verdade, ele adorava repeti-la a torto e a direito. Por fim, cedi e concordei em comprar um frasco de álcool em gel para viagem.

— A gente não vai poder beber água. Os Powells foram para o exterior e não puderam beber água.

— Eles foram para Cancun — esclareci. — Fica no México. É diferente.

— O México é um país estrangeiro. A França é um país estrangeiro. Não vou beber nada.

Ele ainda se lembrou do incêndio, uma prova irrefutável de que a França era um lugar perigoso.

Encontrei o dicionário dentro da mala de Abbot debaixo de uma pilha de cuecas. Peguei o livro e olhei para ele.

— Posso colocar o dicionário na mesinha do lado da minha cama na França — disse Abbot. Balancei a cabeça.

— É melhor ele ficar aqui. Vamos poder vê-lo de novo quando voltarmos para casa.

Abbot veio com mais medos e pretextos e mais uma vez tive que repetir para ele:

— Você não pode deixar que os seus medos o impeçam de viver sua vida. — Eu falava principalmente para mim mesma, sabia muito bem disso.

Ainda assim, nós fomos. Não havia como voltar atrás. A barreira de medos erguida por Abbot só mostrava mais claramente que precisávamos ir.

No aeroporto, ele ficou com medo de ataques terroristas e não parava de apontar para pessoas suspeitas. Ele me implorou para denunciar para a polícia um garoto que carregava o que parecia ser um estojo de clarineta.

Quando o avião aterrissou no Charles de Gaulle, me virei para Charlotte. Ela parecia estar desligada do mundo, ainda usando os fones de ouvido e olhando pela janelinha da aeronave com uma expressão vazia. Pensei no que Elysium dissera a respeito da menina, que ela vivia em seu próprio mundo. E como era aquele mundo? Imaginei se algum dia eu teria alguma noção e pela primeira vez me dei conta de que aquela viagem poderia ser um desastre. E se Charlotte odiasse a França? E se ela passasse o tempo todo calada? Eu não sabia nada sobre adolescentes. Elysium e Daniel eram pessoas racionais e perderam a mão ao lidar com Charlotte. Eu realmente não havia imaginado que tudo poderia dar errado, mas a verdade era que o caldo poderia derramar com a maior facilidade. Eu poderia ficar presa na França com uma adolescente desequilibrada. E aí?

Enquanto isso, Abbot apertava o meu braço com a mão cheia de álcool em gel. E se os germes franceses, a água contaminada, os possíveis incêndios na casa e a ameaça dos escorpiões se provassem demais para ele? Ele também poderia ficar desequilibrado.

E será que eu era mesmo tão forte assim?

Por que estávamos ali? De repente, nós três parecíamos um trio improvável. Estávamos ali porque era hora de Charlotte expandir seus horizontes, Abbot precisava de uma chance para vencer seus medos, e eu? Eu estava em uma peregrinação para curar um coração partido e deveria aprender a viver mais uma vez, aprender a estar viva. E como eu faria isso exatamente?

Será que deveria esperar por algum tipo de encantamento? Sentir, me conectar e ver as decisões surgirem diante dos meus olhos? Pensei em Henry. Fechei os olhos no avião e sussurrei para ele: “Estamos indo depois de todos esses anos. Estamos indo de verdade”. E, com “nós”, eu não me referia apenas a Charlotte, Abbot e eu. Eu me referia também a Henry. Como eu poderia ver Paris e a velha casa na Provence sem Henry ao meu lado? Como poderia fazer isso sem compartilhar aquelas experiências com ele, sem ver o mundo através de seus olhos?

E, acima de tudo, havia a casa — uma casa queimada, repleta de várias histórias de amor — que eu deveria reformar?

Porém, àquela altura, tudo aquilo eram abstrações, e os freios barulhentos do avião, os pneus que ao mesmo tempo escorregavam e quicavam pela pista, a comissária francesa que nos dava as boas-vindas a Paris, essas coisas eram reais, muito reais.

*D*e acordo com o nosso relógio interno, aterrissamos em Paris no meio da noite. Estávamos exaustos e sonolentos, mas ainda conservávamos uma fagulha de energia. Tínhamos que passar pela imigração e sua fila arrastada e confusa e pela letargia causada pela língua estrangeira. Ouvi as coisas com clareza pela primeira vez em um longo tempo porque era necessário. Lembrei-me dos livros do Babar da minha infância, dos discos de Jacques Brel e da mulher francesa que morava no nosso bairro com seus papagaios que berravam vulgaridades em francês.

Fiquei surpresa com como me lembrava de várias palavras em francês graças à minha mãe, que nos fazia conversar com ela em francês de tempos em tempos entre nossas viagens de verão, aparentemente por capricho. Ela criara uma regra: “Se você quer alguma coisa, melhor perguntar em francês. Não aceito mais pedidos em inglês”. Ela também nos ensinou francês a partir de nossa língua mãe: “*Maigre* significa *magro*. Percebe que é parecido?”. Ela nos fazia ouvir as palavras que já conhecíamos: *fête* é *festa*, *obligatoire* é *obrigatório*, *rose* é a cor *rosa*, *rouge*, como a maquiagem, é a cor *vermelha*... Porém, mais do que tudo, eu me lembrava das broncas. Em público, ela ralhava conosco em francês porque pensava que assim a coisa soaria elegante diante de estranhos. Mas, para nós, soava simplesmente como uma bronca. “*Ne touchez pas!*” “*Écoutez!*” *Faites attention!*”

Enquanto caminhávamos em direção ao sol brilhante, aquelas frases voltaram à minha mente. Eu não toquei em nada! Eu estava ouvindo! Eu estava prestando atenção!

Do lado de fora do aeroporto pegamos um táxi e dei o endereço do hotel para o motorista, que por sua vez entendeu tudo. Fiquei impressionada comigo mesma.

— Olha só para o seu francês. Até que é bom — comentou Charlotte.

— Estou tentando — eu disse.

Charlotte colocou novamente um dos fones no ouvido.

— Tudo que eu sei é como me sentar na aula de línguas e ficar ouvindo música com os fones nas orelhas — Charlotte confessou um pouco alto demais. Ela colocou o outro fone no ouvido, dando um ponto final à conversa, e se virou para olhar pela janela enquanto o táxi saía da vaga.

— Tem detector de fumaça no hotel, não é? — Abbot quis saber.

— É claro — garanti.

No início havia apenas uma autoestrada, um estádio e trânsito. Abbot apontou para os carros minúsculos. Charlotte, sobre a música que ouvia, atentou para o grande número de vespas e motocicletas. Nada, entretanto, era notavelmente diferente até que entramos na cidade de fato.

Em Paris, tudo parecia estrangeiro, ainda que apenas levemente, porém o efeito era acumulativo: as cabines de telefone, as varandas gradeadas, os bequinhos, os jardins verdes e luxuriantes. E, então, ao virar uma esquina, tivemos uma visão ocasional do que mais parecia um cenário: pontes sobre o Sena, a Notre-Dame que se erguia como vinda do nada, a Torre Eiffel que cortava misteriosamente o céu. Eu me lembrei de quando visitei a cidade ainda criança e da última vez, aos treze anos. Minha mãe sempre nos levava a Paris, nunca a Marselha, para fazer compras e cortar o cabelo. Uma imagem de uma daquelas visitas queimava em minha mente: o gosto do ar, a energia, o vigor dos edifícios imensos e estoicos mesclado com a ornamentação subitamente delicada de um portão que guardava uma propriedade particular. A língua em todos os lugares, como ela rola em nossa garganta e preenche nossos lábios. *La France*.

Eu era a filha bastarda e deselegante que vivia na América selvagem — e ali eu me sentia em casa novamente de uma forma profundamente genética. Eu me sentia orgulhosa. Inexplicavelmente orgulhosa. Não apenas por descender daquelas pessoas tão bonitas — com seu mau-humor refinado e seu relaxamento elegante —, mas também por ter ido embora, por ser uma americana. Rude, barulhenta, de olhos arregalados. Eu era o produto de dois países unidos por uma guerra. Imaginei meus avós arrastados pela turba, celebrando o fim da ocupação, aquele beijo. Eu sentia aquele laço dentro de mim.

Era manhã em Paris e havíamos sobrevivido até chegarmos ao quarto que minha mãe alugara para nós. Assim, colocamos nossa bagagem em um canto no pequeno lobby do hotel, o Pavillon Monceau Palais de Congrès. Abbot puxou meu braço.

— Pergunta sobre os detectores de fumaça! Pergunta!

Respondi que mais tarde lhe mostraria os detectores de fumaça em nosso quarto.

O hotel ficava no sétimo *arrondissement*, uma vizinhança com muitas famílias, carrinhos de bebê e jovens em vespas. Exaustos, matamos o tempo entrando e saindo de lojas; havia uma rua reservada quase que exclusivamente para crianças — lojas de brinquedos, uma livraria onde compramos quadrinhos do Asterix, butiques de roupas infantis. Vagamos por um mercado a céu aberto onde compramos pêssegos frescos, iogurte, comida chinesa em embalagens enceradas para viagem, requentada em um micro-ondas, uma garrafa de suco de laranja Sunny D e bombons. Durante todo o tempo Abbot permaneceu grudado em mim. Ele queria ficar sempre de braços dados para não correr o risco de segurar mãos repletas de germes. Ele desviava das pessoas que passavam pelas calçadas estreitas nas ruas secundárias. Eu sabia que ele estava pensando nos franceses e seu conjunto completamente estrangeiro de germes.

Lembrei-me de quando eu batia perna por Paris com minha mãe e Elysium. A gente ia cortar o cabelo em um salão de beleza e depois fazia compras como loucas. Minha mãe carregava tantas sacolas alinhadas nos braços que elas pareciam estar presas por ganchos. Fazíamos compras para o Natal e para nossos aniversários. Comíamos em cafés. Só de vez em quando minha mãe pedia que tirássemos fotos com nossas velhas máquinas Instamatics. Ainda não conheço Paris por seus

maiores monumentos e marcos históricos. Sempre que tirávamos as câmeras da bolsa, ela suspirava, como se estivéssemos quebrando algum tipo de promessa velada — nós *não* éramos turistas. Durante o passeio com Abbot e Charlotte, senti falta de minha mãe e Elysius. Não que eu as quisesse comigo naquele momento. Eu as queria no passado. Queria ter de volta pelo menos uma daquelas tardes de sol que passamos juntas — antes do caso, antes de minha mãe desaparecer, apenas aquele último verão quando eu tinha treze anos. Eu queria de volta o trio que costumávamos formar.

No pequeno mercado a céu aberto com barracas alinhadas de ambos os lados na rue de Levis, havia um quiosque de chapéus.

Abbot se soltou de mim e apontou, aos berros:

— Boinas! Boinas!

— Abbobado, olhe ao redor — retrucou Charlotte. — Francês de verdade não usa boinas. É mais fácil eles usarem um sombreiro ou um chapéu de feltro com uma peninha.

— Mas a gente precisa! — Abbot insistiu. — Estamos na França! Precisamos de boinas!

Minha mãe jamais permitiria que comprássemos algo tão turístico quanto boinas. Ainda assim, precisávamos de alguma coisa que nos unisse, algo frívolo e espontâneo.

— É claro, por que não? — eu disse. — Boinas!

— Quero a preta, como a dos artistas — escolheu

Abbot. Charlotte soltou um suspiro.

— Vou ficar com a vermelha. Uma boina vai me ajudar com o meu sotaque. Eu acho. — Ela pegou uma boina do cesto, colocou-a na cabeça e sorriu. — Sempre elegante!

Escolhi a azul.

— Não sei se devo usar a minha boina ou jogá-la para o alto como Mary Tyler Moore — pensei alto. Nenhum dos dois entendeu a referência. Henry teria entendido. Eu sentia como se houvesse tanta coisa para lhe contar. Em todos os momentos eu queria atualizá-lo sobre o que acontecia ao nosso redor. “Ali fica o nosso hotelzinho”, “Aqui é o mercado”, “E estes somos nós com nossas boinas.”

Comemos no Parc Monceau, que estava repleto de crianças em uniformes escolares, funcionários pálidos dos escritórios ali por perto e gente que fazia cooper pelas calçadas. Não tivemos como lavar os pêssegos — se havia alguma fonte por ali, nós não vimos. De qualquer forma, Abbot não ia querer entrar em contato com os germes da fonte. Lavamos então as frutas com o suco de laranja. Abbot não parava de aplicar seu álcool em gel e se recusou a sentar na grama para o nosso piquenique. Em vez disso, caminhou ali por perto e observou as crianças de uniforme. Tínhamos colheres para o iogurte, que no fim das contas descobrimos ser sem açúcar. Meu francês não era à prova de enganos.

Charlotte chamava a atenção das pessoas. Eu lhe disse que em Londres ela passaria despercebida. Os punks já faziam parte da cultura da cidade, de forma que ninguém nem notaria seu cabelo azul com as pontas pretas. Porém, em Paris, o estilo sempre esteve ligado à beleza e nada mais. Ali, o estilo não tinha nada a ver com política, revolução ou raiva juvenil. Não.

Apenas beleza. E talvez isso, também, fosse o que confundisse os franceses quando olhavam para Charlotte. Debaixo do cabelo azul com pontas pretas, do brinco no nariz e das roupas largas, havia uma beleza estonteante. Aquilo era inegável.

Durante aquela manhã, ela me seguiu o tempo todo, como se tentasse existir sob a minha sombra. Porém, ao meio-dia, ela começou a se dar conta — e talvez seu estado de exaustão tenha ajudado — de que não veria ninguém que conhecia. Ninguém a controlaria ali. Se passasse vergonha, não haveria o menor problema. Essa era a maravilha de um país estrangeiro.

Abbot também deve ter sentido essa mesma liberdade. Mesmo que mantivesse as mãos junto ao corpo, recusando-se a encostar na catraca no metrô e esperando que alguém abrisse as portas das lojas para ele, começou a dar *bonjour* para as vendedoras e dizer *excusez-moi* quando esbarrava nas pessoas na rua, como um francesinho.

Sentamos em um café para tomar uma Coca-Cola e eu comentei:

— Não é bom ser anônimo? — Lá, eu não fazia mais parte da sociedade secreta das viúvas. Abbot me lançou um olhar estranho.

— Isso significa que você não precisa assinar seu nome embaixo de uma coisa que você escreveu?

— Não é esse o caso, Abbotado — explicou Charlotte. — A questão é que ninguém conhece a gente. Estamos voando fora do radar. Podemos ser qualquer pessoa.

Abbot me lançou um olhar intenso. Talvez ele soubesse, bem lá no fundo, que eu estava passando por uma crise de identidade desde a morte de Henry e que a possibilidade de ser qualquer pessoa me aterrorizava. Porém, a verdade era exatamente o oposto. Aquilo era um conforto.

— Ninguém aqui sabe nada a nosso respeito — falei. E isso queria dizer que ninguém sabia que eu e Abbot éramos sobreviventes de um coração partido. Ali, ninguém nos afogaria com uma simpatia pela qual não pedimos e frases inspiradoras para levantar o ânimo.

Ali, estávamos livres de tudo aquilo.

Naquela noite, no hotel, senti cheiro de fumaça.

É claro que eu sabia que tínhamos um detector preso no teto do quarto, pois mostrei a luzinha piscante para Abbot. O troço estava em silêncio, ainda piscando.

Mantivemos a janela do quarto aberta para criar uma corrente de ar. Não havia telas, como eu me lembrava da minha infância. Não tinha mosquitos voando por ali, apenas o ar, uma brisa morna. Lembrei-me das noites de verão em Tallahassee, como Henry e Abbot observavam os lagartinhos que vasculhavam as telas de nossas janelas em busca de mariposas atraídas pelas luzes da casa. Às vezes eles torciam para os lagartos, outras vezes para as mariposas. Charlotte, Abbot e eu dormimos cedo, ao som de gente que ria e berrava, buzinas distantes e sirenes estranhas, sentindo o aroma do jantar preparado por outras pessoas em uma ou outra janela.

Porém, quando acordei no meio da noite com o cheiro de fumaça, percebi que aquilo era

fumaça de verdade e não provinda de cigarros ou de uma fritura para o jantar. Abbot estava na cama comigo e tive que passar pela cama de Charlotte perto da porta. Peguei a chave e caminhei até o patamar da escada.

A escadaria tinha a graciosidade do velho mundo: larga, com um tapete vermelho desbotado, e em cada um dos patamares havia janelas altas, pesadas e antigas que eram mantidas sempre escancaradas.

Será que o cheiro de fumaça era mais forte ali? Era. Apenas levemente mais intenso.

Corri escada abaixo, atravessando patamar após patamar.

Será que estava mais forte ali? Dava para ver a fumaça no ar? Não, no ar não. Porém, a fumaça havia passado por ali em algum momento, sem dúvida. Uma hora estava ali e em seguida desaparecia.

Quando cheguei ao lobby, me dei conta de que estava sem sutiã. Eu estava nua debaixo da minha camiseta branca e dos shorts de pijama. Descalça. Apertei a pequena campainha, sabendo que era muito provável que eu acordasse o recepcionista da noite. E o que eu diria exatamente? E como?

O recepcionista surgiu de uma sala nos fundos com uma expressão cansada. Provavelmente estava tirando um cochilo. Ele era jovem, alto e magricela, e se esforçava para não demonstrar o quanto estava sonolento. O rapaz ajeitou o cabelo e endireitou os óculos.

— *Fumer* — eu disse. *Fumer*, o verbo para *fumar*. Eu sabia que o verbo *cheirar* e o reflexivo *sentir* no sentido de expressar um sentimento estavam conectados de alguma forma. Tentei lhe dizer que senti *cheiro* de fumaça, mas eu sabia que deveria ter lhe dito que *senti* a fumaça.

Mesmo assim, o recepcionista entendeu. Ele saiu de trás do balcão e me perguntou onde senti o cheiro. O fato de ele ter me levado tão a sério me deixou ainda mais nervosa. Por que eu estava ali embaixo? Eu devia ter acordado Charlotte e a tirado da cama. Eu devia ter pego Abbot no colo na mesma hora. Por que nenhum alarme havia tocado?

Apontei para as escadas e comecei a andar. Ele me seguiu. Paramos no primeiro patamar. Farejei o ar e ergui um dos dedos. Repeti:

— *Fumer?*

Ele balançou a cabeça em negativa, mesmo assim foi comigo até o patamar seguinte. Olhamos pela janela juntos. Ouvimos o som da cidade e farejamos o ar. Lembrei-me da noite do meu casamento. Henry e eu escapulimos cedo da recepção. Fomos de carro até um velho hotel em Cape Cod onde havíamos reservado um quarto. Uma celebração do Dia da Casa Antiga estava sendo realizada no hotel. Esse tipo de celebração do patrimônio histórico era muito comum nas cidadezinhas da Nova Inglaterra. E aquela incluiu fogos de artifício. Havia uma janela em um corredor que levava ao telhado. Escalamos a janela e ficamos ali sentados — eu em meu vestido de casamento e Henry em seu smoking. Ao som do ronco do ar-condicionado, assistimos aos fogos de artifício enquanto nuvens de fumaça se formavam no ar. Éramos jovens e nossas vidas se estendiam diante de nós. Nossas famílias nos liberaram para seguir nosso próprio caminho. Abbot ainda não estava conosco. Durante aquele curto espaço de tempo, seríamos só nós dois. Apenas duas crianças.

Será que não havia fumaça alguma? Seria apenas o cheiro de uma lembrança de Henry? Seria aquilo algum tipo de alucinação?

— *Non?* — sussurrei. — *Non fumer?*

— *Non* — respondeu o recepcionista do turno da noite. Ele colocou uma das mãos sobre a minha e disse em inglês: — Não há nenhuma fumaça na noite. O ar está limpo.

— Ele não estava flertando. Aquele foi um gesto doce. Ele parecia saber que eu precisava de alguém para dizer que estava tudo bem.

— Certo. Obrigada. *Merci*.

Um dia minha mãe explicou para Elysium e eu que a palavra *merci* vinha de *misericórdia*. Eu podia ouvi-la dizer: “*Merci*, misericórdia. Vocês conseguem perceber a semelhança? Uma língua escondida dentro da outra?”.

Após aquela noite vagando pelo hotel em busca de fumaça, decidi que assumir o papel de turista seria a melhor opção — eliminar alguns dos itens da lista da minha mãe e não pensar muito. Reconheci que o verdadeiro desafio aconteceria assim que eu chegasse à casa, onde teria várias horas para matar. Por enquanto, pensei, eu arrastaria Charlotte e Abbot por Paris.

Primeira parada: Torre Eiffel. Pegamos o elevador, embora eu tivesse a impressão de que aquilo era uma espécie de trapaça.

Lá no topo, Abbot se manteve longe da beirada, mas Charlotte se inclinou na mureta para ver a cidade. O vento chicoteava seu cabelo como se ela estivesse em um barco. A cidade banhada pelo sol se estendia diante de nós. Eu me aproximei.

— É lindo aqui em cima.

Ela suspirou, inquieta, e então olhou para os outros turistas.

— Paris está repleta de gente apaixonada — ela atestou. — Dá até para pensar que eles são pagos pela secretaria de turismo ou alguma coisa do tipo.

Concordei. Ver isso também não me agradava, mas eu não sabia o que dizer. Será que devia ter levado Adam Briskowitz junto com a gente? Será que eu deveria mostrar que sabia da existência dele?

— Eles são um bando de fingidores. — Tentei soar leve.

Vimos as pirâmides do lado de fora do Louvre, mas não entramos porque as filas estavam imensas. Não havíamos comprado os ingressos com antecedência. Era verão, de forma que os turistas estavam tomando conta da cidade. Eu começava a sentir que era uma espécie de traição ir a Paris sem Henry. *Como pude fazer isso sem ele?* E ainda assim eu via o rosto dele em meio à multidão — um relance de um par de tênis; seu rosto momentaneamente oculto atrás de uma câmera; um boné do Red Sox desbotado e puído, igualzinho ao dele. Eu olhava para o outro lado. Não permitia que meus olhos se demorassem. Sempre desviava depressa o rosto e continuava a vagar pela multidão com Abbot gorjeando:

— *Excusez-moi!*

Insisti para irmos à Place de l'Opéra, onde meus avós um dia se beijaram. contei para Charlotte sobre a história de amor dos meus avós enquanto íamos até lá de metrô. Falei sobre o final da Segunda Guerra Mundial, as turbas nas ruas, como eles se beijaram e se separaram logo em seguida e como, mais tarde, ele voltou para a França e, através de uma série de milagres que ainda eram um mistério, encontrou minha avó na casa dela na Provence. Terminei a história com o final de sempre: "Eles prometeram que jamais se separariam novamente". Ao dizer isso, senti um arrepio percorrer minha pele, igual a quando eu era jovem.

— Isso é muito romântico — comentou Charlotte e, pela primeira vez, não pareceu impassível.

— A casa na Provence tem uma longa história de amor — expliquei. — Eu já contei essas histórias para você, não é mesmo, Abbot?

— Não — ele retrucou. — Sei todas as histórias do Henry, mas nenhuma história da casa.

— Oh! — Cheguei à conclusão de que talvez, no fim das contas, eu ainda acreditasse nas histórias mesmo depois de todo aquele tempo porque não queria que ninguém apontasse os furos que havia nelas, como fiz quando era jovem. Mas Charlotte e Abbot precisavam saber sobre o lugar para onde estavam sendo levados. — Bem, posso dar um jeito nisso. — E foi nesse momento que as aulas de história daqueles dois tiveram início, a história da casa na Provence, sua longa história de amor como eu a ouvira, repleta de milagres.

E a Place de l'Opéra? Era de tirar o fôlego. Paramos diante daquele prédio imenso, tão ampla e imponente quanto era quando meus avós se viram pela primeira vez em meio à multidão. Achei que a construção parecia um bolo — com camadas de arcos, pilares, sancas ornadas, rococós, um belo domo esverdeado no topo e anjos dourados que brilhavam de forma impressionante.

Reviramos a cidade de história em história, de monumento em monumento. Na Notre-Dame, Abbot ficou impressionado com um vitral que retratava um homem condenado a carregar sua cabeça decapitada pela eternidade e, é claro, pelos gárgulas. Charlotte acendeu uma vela e encheu o cofre de esmolas. Aquilo me surpreendeu. Ela não era impassível demais para aquele tipo de coisa? Nós três nos sentamos no fundo da catedral na escuridão fresca.

Os turistas passavam ao nosso lado, criando um burburinho apressado.

— Eu poderia ter um desses pilares para me escorar. Sabe como é, ter um pouco de apoio. Talvez eu tenha um pouco de inveja das igrejas por causa disso — comentei.

— Você pode se apoiar no chão — sugeriu Abbot. — O problema é que o chão está sujo.

— Ouvi dizer que levaram um tempão para construir essas pilastras. — Charlotte me passou uma brochura e em seguida desapareceu dentro de si mesma. Ela era capaz de fazer aquilo com uma facilidade que eu jamais vira antes. Era como se desse um sinal de vida e em seguida desligasse.

Entretanto, ela parecia estar absorvendo tudo aquilo, mesmo estando quieta e fazendo apenas comentários mínimos. Ficou impressionada com os vendedores de crepe nas ruas, com os movimentos rápidos de seus instrumentos.

— Adoro a maneira como os franceses colocam chocolate em tudo — ela disse. — É tipo o melhor tique nervoso do mundo.

Charlotte adorava o café da manhã e os cubos de açúcar. Ela queria caminhar pelo mercado e ver os peixes e os porcos assados. Parava para ler os menus do lado de fora dos bons restaurantes — os que eram traduzidos para o inglês.

— Dá para conhecer esta cidade tão bem comendo quanto andando por aí.

Ela fazia com que eu me recordasse de mim mesma na idade em que comecei a entender que a comida era mais do que só um alimento. Henry amava comida por todos os motivos certos: às vezes pelo conforto que ela trazia, mas também como uma forma de arte. Para ele, a comida era identidade, cultura, família, a forma como definimos nosso conceito de casa, de amor e de quem nós somos — tudo isso ao mesmo tempo. Quando passávamos uns dias em algum lugar, Henry sempre tentava visitar o mercado local no intuito de descobrir a quintessência da cozinha da região. “A culinária sempre conta uma história”, ele dizia.

Charlotte falava sobre comida da mesma forma que Henry.

— O molho alcança o céu da boca, quase amargo demais ou algo do tipo, mas o sabor que fica é doce. Como será que eles fazem isso? Experimente.

Dei uma mordida. Nesse momento, o burburinho dos turistas desapareceu. O tempo começou a passar mais devagar. Entretanto, eu me flagrei lutando contra meu próprio desejo de me concentrar no sabor. Eu estava disposta a registrar a textura, mas resistia ao resto. Se Henry estivesse ali, nós teríamos experimentado aquela sensação.

— Você sentiu? — Charlotte quis saber. — Entendeu o que eu quero dizer?

— Sei o que eu deveria estar sentindo. Você descreveu perfeitamente. Só que eu não... não cheguei lá... — Balancei a cabeça.

Lembrei-me de Henry caindo no choro após uma refeição em Nova Orleans. “Você está chorando por causa de uma torta de noz-pecã?”, perguntei. “Não”. Ele enxugou as lágrimas. “Não é só a torta. São a química e a física. São o lugar, a época, a história, a religião e a música...” Ele estava arrebatado.

Apesar de toda a distração criada pelo turismo em Paris, eu me sentia confusa pela presença dele, esmagada por uma visão dupla — o mundo como eu o via e o mundo como Henry o teria visto.

Charlotte pareceu ter entendido que havia alguma coisa por trás do meu comportamento e não insistiu.

Saímos do café e ficamos em silêncio até que Abbot viu a Place de la Concorde.

— Olha! Eles têm um lápis gigante igual àquele lá de Washington.

— É só você olhar ao redor que vai ver os homens erigindo ereções o tempo todo. Isso, Abbotado, é um sinal da opressão patriarcal.

— O que você tem lido ultimamente? — perguntei a Charlotte.

— Não preciso ler mais nada para falar essas coisas. É só uma piada.

— Eu não fazia piada sobre a opressão patriarcal até entrar na universidade.

— A piada evoluiu — ela retrucou. — Além disso, meu namorado, quer dizer, meu ex, era bom de piada e totalmente contra a opressão patriarcal.

E lá estava Adam Briskowitz: o garoto que não era um namorado, mas um desastre. E agora ele era o ex de Charlotte. Quão terrível Adam Briskowitz poderia ser no final das contas se uma das características que o definiam era ser contra a opressão patriarcal e bom de piada? Eu sabia que havia mais coisas por trás de tudo aquilo, mas agora era a minha vez de não insistir. Eu voltaria àquele assunto depois.

Próximo a Les Halles, demos de cara com uma estátua gigante que representava uma cabeça inclinada sobre a palma de uma mão. Nós nos alternamos para posar para fotos em que enfiávamos o dedo no nariz da estátua.

Afinal, éramos americanos.

Quatro dias depois de chegarmos a Paris, pegamos o TGV — um trem inacreditavelmente rápido — para Aix-en-Provence e fiquei aliviada por não termos mais que seguir o ritmo frenético de quem viaja para fazer turismo. Como eu esperava, aquilo não seria uma espécie de distração infalível. Íamos reformar a casa, criar rotinas diárias. Não teríamos que comentar sobre o que havíamos visto, fotografar coisas, tratar aqueles momentos como memórias importantes que estavam sendo criadas. Íamos simplesmente viver, deixar as coisas fluírem. Eu havia me tornado muito boa em fingir lidar bem com esse tipo de comportamento quando estava em casa. Não poderia ser difícil fazer o mesmo na Provence.

Com muita confusão e ansiedade, peguei nosso carro alugado perto da estação de trem de Aix-en-Provence — que eu não deveria ter confundido com a outra estação de trem de Aix-en-Provence, como minha mãe havia feito. Aquela era uma triste lembrança de que fazia décadas que ela não pisava na Provence. Jamais conversamos sobre os detalhes de seu retorno para casa depois do verão perdido, mas eu sabia que ela e meu pai haviam chegado a algum tipo de entendimento. Será que ela havia prometido jamais voltar para a casa na Provence e meu pai prometera nunca mais traí-la? Ou será que aquele havia sido um acordo tácito? Será que minha mãe simplesmente sentira que teria que desistir de alguma parte da pessoa que ela era para manter seu casamento intacto?

Enquanto colocávamos a bagagem em nosso Renault alugado, me dei conta de que algo estava errado. Não era apenas o fato de eu estar exausta depois de pedir pela minha reserva de carro no lugar errado e ter que pegar um carro até a estação certa. Eu teria que dirigir — na França. Lembro-me de minha mãe tentando achar o caminho por aquelas estradas, cantando pneus, nervosa, nas rotatórias, tendo que desviar para o acostamento e dando de cara com o mato alto para evitar bater de frente nos carros que vinham no sentido contrário. Os motoristas franceses a apavoravam. E apesar de um dia eu ter me orgulhado por dirigir bem, o acidente de Henry mexera comigo. Eu às vezes pegava no volante e imaginava o impacto em suas costelas, em seu peito. Quando pedi para que Charlotte pegasse o mapa e as instruções de como chegar em um dos bolsos da minha mala, devo ter soado nervosa.

— Quer que eu dirija? — ela perguntou. — Você sabe que sei dirigir, mesmo que isso seja ilegal ou algo do tipo por aqui.

— Está tudo bem — garanti.

— Mas você sabe o caminho — Abbot disse do banco de trás, onde já havia se acomodado. — Você já foi lá um monte de vezes quando era pequena.

— As coisas mudaram — declarei —, mas vamos ficar bem e no fim das contas sei que vou acabar reconhecendo as coisas. As montanhas não mudam.

Liguei o carro e acelerei pela rua estreita. Aix-en-Provence era uma cidade movimentada, com tráfego por todos os lados. Pegamos a autoestrada até estradas secundárias passando por uma rotatória atrás da outra. Por que os franceses amavam tanto rotatórias? As placas, os pedágios, as indicações de acostamentos eram todos estranhos para mim, um cenário diferente que tentava distrair meus olhos da estrada. Talvez isso fosse bom. Não conseguia pensar muito em Henry. Precisava manter o foco.

Charlotte cantava o número das rotas e as combinava com as placas na estrada. Ela me manteve no caminho certo. Por fim chegamos ao campo, que era um pouco mais tranquilo. O velho Mont Sainte-Victoire parecia que havia acabado de brotar do chão — encostas serrilhadas, bolsões de luz e sombra que vinham das nuvens irregulares em contraste com o céu tão claro que chegava a ofuscar os olhos.

Pensei nas histórias da minha infância — a paisagem, a promessa que aquele cenário trazia para mim na época.

— No início — eu me ouvi dizer igualzinho à minha mãe sempre que começava uma de suas histórias sobre a casa: o início de tudo, quando um dos meus ancestrais construiu a casa pedra por pedra, sozinho, sem parar, durante um ano inteiro só para conquistar o coração de uma mulher. — E ela se apaixonou pela casa e pelo homem que a construiu.

O carro ficou então em silêncio. O vento soprava sobre nós pelas janelas abertas enquanto passávamos por fazendas, uma barraquinha que vendia frutas e legumes e casas típicas da Provence, belas e antigas.

— O céu parece uma das pinturas do tio Daniel — Abbot comentou, pensativo. — Se você virar a cabeça e apertar os olhos.

— Tudo parece com as pinturas do meu pai se você apertar bem os olhos — acrescentou Charlotte. — Na verdade, também é melhor que você aperte os olhos se quiser sentir o efeito completo das obras do meu pai. — Charlotte se ressentia da carreira do pai. Ou talvez, para ser mais exata, não fosse da carreira dele exatamente, mas do foco apaixonado que Daniel lhe dedicava. E esse sentimento fazia com que uma raiva cortante surgisse em sua voz.

— Mas Abbot está certo — eu disse. — Os trabalhos novos do seu pai, com aquelas linhas grossas, me lembram as montanhas.

Charlotte não respondeu. Em vez disso se inclinou para a frente para ligar o rádio. Pelos minutos seguintes, ela vasculhou o dial encontrando apenas techno-pop e baladas francesas. Por fim, ela parou em uma canção de Pat Benatar: “Hit Me with Your Best Shot”. Comecei a cantarolar e ela e Abbot se juntaram a mim. As cigarras faziam tanto barulho no mato alto que eu podia ouvi-las até mesmo por cima do rugido do motor e de nossa cantoria escandalosa.

Benatar foi substituída por Jacques Brel. Pedi para Charlotte deixar a música. Fazia com que eu me lembrasse dos discos da minha mãe. Continuei a cantarolar, seguindo as placas para Puylobier, a pequena vila que ficava a uma caminhada de nossa casa.

As crianças já tinham visto fotos da casa — as tiradas pela minha mãe e também o álbum mais recente de Elysium, de sua viagem com Daniel no verão anterior, quando ele a pediu em casamento. As fotos da minha irmã mostravam uma versão mais antiga e deteriorada que as da minha mãe.

— Vai ter uma placa e uma longa entrada de carros compartilhada com outras casas — eu me recordei. — E duas casas na beira da estrada, além de árvores altas. No nosso terreno tinha uma fonte com peixes. Carpas rechonchudas cor de laranja. E uma piscina.

Eles sabiam de tudo aquilo, mas mesmo assim ouviram em silêncio. Talvez quisessem ouvir de novo. Estávamos cercados por vinhedos — longas fileiras de galhos grossos, folhas verdes,

pedaços de pau fincados na terra e cordas finas que separavam as parreiras. Por todo o vale as cigarras estrilavam. Lembro-me de descrever o som delas para Henry e de como, no início da primavera, ele sempre levava Abbot e a mim para ouvir as pererecas nosântanos, o coaxar dos sapos para atrair parceiras, um coral de canções de amor.

Quando viramos na estrada que levava diretamente a Puyloubier, a passagem se tornou mais estreita, o mato alto e as cercas pontuadas pelas pequenas conchas brancas de caracóis das quais eu me lembrava de minha infância. Tinha certeza de que só um carro por vez era capaz de passar por ali, mas logo me dei conta de que os carros que vinham na direção oposta não tinham medo de tirar um fino. Eles vinham em alta velocidade, com os motores rugindo enquanto eu jogava o carro para os cantos da estrada. Eu prendia a respiração quando eles passavam e, por instinto, apertava o estômago, como se isso fosse ajudar. Meu coração batia descontrolado no peito. Pensei em Henry e mais uma vez imaginei o volante nas minhas costelas, um fogaréu que tomava conta de tudo...

Não vimos nenhuma placa nem a entrada de carros compartilhada que levava até a casa e, antes que nos déssemos conta, fomos parar na cidade.

— Como eu perdi a entrada? — perguntei para mim mesma em voz alta.

— Ela ainda deve estar lá em algum lugar — declarou Charlotte. — Quero dizer, a entrada não pode ter desaparecido! A gente devia sair do carro e dar uma caminhada.

— Quero ver a cidade! — berrou Abbot.

— Tubo bem. Podemos fazer um tour a pé e passar no mercado para fazer compras — concordei, tentando me acalmar.

Estacionei próximo a um pequeno ponto de ônibus em frente a uma loja de vinhos. Outro Renault estacionou ao nosso lado. Enquanto tentávamos nos orientar, os dois passageiros começaram a alongar as pernas. Provavelmente estavam se preparando para fazer alguma das trilhas ali por perto. Os dois homens usavam calças capri e desconfiei de que fossem turistas alemães. Pela maneira quase furtiva como olhavam um para o outro, achei que fossem amantes.

Passamos por um grupo de garotos sem camisa que vestiam shorts floridos e jogavam futebol em uma praça, e idosos que jogavam bocha debaixo de árvores baixas em um campo de terra diante de um grande prédio público, pintado de um laranja vivo com imensas janelas e um telhado em estilo espanhol. Uma mulher bonita com cabelo preto e liso parou um carrinho que levava um bebê adormecido e se sentou em um banco próximo a uma fonte circular cercada por uma praça pavimentada com pedras brancas. Ela observava outra criança que andava de bicicleta por ali.

— *Doucement*, Thomas! — ela berrou para ele, pedindo para que fosse mais cuidadoso. — *Doucement!*

A não ser por essas pessoas, a cidade parecia estar silenciosa, quase vazia.

O vilarejo era pequeno, o tipo de lugar que possui apenas um único estabelecimento de cada categoria — uma loja, um café, uma igreja, uma escola — tudo isso aninhado no espaço de apenas seis ruas principais, aproximadamente. As ruas, íngremes e tortuosas, tinham de ambos os lados casas estreitas e alinhadas, interrompidas ocasionalmente por becos com escadas de pedra.

Construída na base da montanha, aquela era uma vila com fundações robustas, que parecia se acocorar contra a pedra. Tivemos uma boa noção da vista ao subirmos uma encosta coberta por lilases. Abaixo de onde estávamos, estendiam-se as terras das fazendas, férteis e muito bem cuidadas.

— Você está sentindo esse cheiro? — Charlotte perguntou. — É como se eu finalmente entendesse como todas aquelas velas perfumadas deveriam ser.

Abbot queria fazer xixi, encontramos um canto escondido entre as lilases. Ele descobriu os caracóis.

— Eles estão em todos os lugares! Olha só.

Nós os examinamos de perto: os olhos no topo das antenas, os leves redemoinhos das conchas.

— *Escargot* — disse Charlotte. — Essa eu sei falar em francês.

Seguimos por uma rua secundária, passando por uma escola, pela igreja com sua torre do sino e por fileiras de casas com escadarias íngremes que levavam à porta da frente e venezianas coloridas em tons de azul-claro e verde. Passamos por um pequeno chafariz com uma estátua de um querubim segurando um jarro de onde saía água. Uma velha senhora esfregava um banco de mármore.

E então começamos a descer. Passamos por uma placa que dizia *LES SARMENTS*. Subimos as escadas de pedra de um beco onde havia a promessa do restaurante em algum lugar por ali. *Sarments*. Eu não sabia o que aquela palavra significava. Teria que procurar a tradução mais tarde.

Viramos para a direita, passando pelo Café Sainte-Victoire. Havia alguns moradores de pé no bar. Uma televisão instalada em um dos cantos exibia o clipe de uma música francesa produzido nos anos 1980. Charlotte e Abbot mergulharam no freezer de sorvete e saíram com dois cones embrulhados em papel grosso. Pedi um café. Caminhamos pelas mesas diante do bar enquanto a garçonete ia de um lado para o outro atendendo os clientes sentados no deque suspenso para degustar um almoço tardio. Lembrei-me do burburinho daquela partezinha um pouco mais agitada da cidade, não muito longe da praça. O ar me parecia muito familiar, frio e limpo. Sentia como se meus pulmões estivessem aprendendo a respirar de uma nova maneira.

Logo ao lado do café ficava o mercado Cocci, uma pequena mercearia com as paredes cobertas por produtos de fabricação própria e meia dúzia de corredores com itens de primeira necessidade. Abbot ficou obcecado pelo quiosque das balas Haribo, com figurinhas afixadas nas janelas pivotantes. Ele queria puxar todas as maçanetas e olhar o que havia dentro de cada janelinha. Mas logo maçanetas? Que já haviam sido tocadas por centenas, senão milhares, de mãos encardidas de crianças antes das dele?

Ele ficou ali parado com as mãos nos bolsos do short. Ele parara de usar os shorts de ginástica algumas semanas antes, optando por usar então apenas shorts com bolsos. Olhou para mim de relance, mas fingi não perceber seu dilema e disse que eu lhe compraria um pacote de balas.

— Mas vou levar só um, por isso escolha com

sabedoria. Charlotte se meteu na conversa:

— Leve os de Coca-Cola.

Ele olhou para Charlotte e depois se virou novamente para mim.

— Acabei de tomar sorvete. Não estou com fome.

— Você não come bala porque está com fome — retrucou Charlotte. — Essa é uma regra básica da infância. De que planeta você veio?

Ela não falou com malícia, mas mesmo assim Abbot abaixou os olhos para os próprios sapatos e balançou a cabeça. Eu sabia que ele se sentia como um extraterrestre de vez em quando.

— A gente ainda vai voltar aqui — eu disse.

Compramos itens simples de primeira necessidade: água mineral, queijo Brie, biscoitos, morangos, xampu.

E foi isso. Aquela era a cidade. Simples assim. Iluminada pelo sol da tarde. Enquanto caminhávamos de volta para o carro, percebi algumas nuvens cinzentas se aglomerando sobre nós e um vento leve, mas já nos chicoteava. Ainda assim, o ar estava tão limpo e suave que dava a sensação de que estávamos em outro mundo onde a gravidade não tinha efeito algum.

Enquanto nos acomodávamos no carro, Charlotte comentou:

— Bem, vamos tentar de novo então.

— Vou ligar para a Véronique — eu disse — para avisar a ela que estamos a caminho e pedir um ou dois pontos de referência.

— Ou seis — completou Abbot.

Liguei o carro e procurei pelo meu telefone dentro do bolso lateral da porta. Ele havia desaparecido. — Onde está meu celular? — Eu me virei para Charlotte. — Bem, pode ser que esteja dentro do estojo da câmera ou junto com o laptop.

Charlotte procurou no chão perto do banco de passageiros e se virou para olhar no banco de trás.

— Onde está a minha câmera?

— Abbot, você viu meu laptop? — perguntei.

— Não! — A ansiedade transbordava da voz dele.

Havíamos sido roubados. Aquela revelação foi tomando lentamente conta de mim. Abri a porta e pulei para fora do carro, xingando a plenos pulmões. A mala de Abbot e a minha haviam desaparecido. Charlotte havia levado uma bolsa de lona estilo militar que deixara no banco de trás. E, claro, havia desaparecido, junto com todos os nossos eletrônicos — a câmera, o laptop, o iPod de Charlotte.

— Espera aí — sussurrou ela. — A minha música!

Lembrei-me dos dois caras no outro Renault, os homens de calças capri que estavam se alongando, os dois turistas gays alemães que provavelmente não eram gays nem alemães, muito menos turistas, mas apenas ladrões ordinários que seguiram nosso carro alugado pela rodovia. O carro deles havia desaparecido.

— São só coisas. — Eu tentava ficar calma. — Eles roubaram só coisas. Está tudo bem. Abbot, entretanto, parecia arrasado, pálido e abalado.

— O dicionário — ele disse. — O dicionário!

— Não. A gente não o colocou na mala, lembra? Ele está na sua mesinha de cabeceira. Abbot começou a chorar de forma descontrolada.

— Odeio ladrão. Odeio! Odeio!

— E mesmo horrível. — Tentei acalmá-lo. — Mas não tem problema. Nós todos estamos bem.

Charlotte estava furiosa.

— Não consigo acreditar nisso!

— Como eles conseguiram entrar no carro? Será que eu esqueci de trancá-lo? Como isso é possível? — Bem, na verdade aquilo era bem possível, eu me lembrei em um relance que começou a revirar meu estômago. Fiquei tão alerta em Paris e no trem que ali, naquele pequeno vilarejo idílico, baixei a guarda.

Olhei ao redor em busca de testemunhas. Os velhinhos que jogavam bocha estavam muito longe dali. A mãe com o carrinho e o menino na bicicleta já haviam ido embora. Porém, em um ponto de ônibus próximo havia um grupo de garotos sem camisa, aqueles que estavam jogando futebol um pouco antes. Eles olhavam para nós, ainda discutindo.

Decidi começar por eles. Talvez tivessem visto alguma coisa.

Abbot também havia saído do carro e começou a se agarrar em mim com os braços ao redor da minha cintura. Ele chorava.

— Tinha coisas importantes naquela mala. Importantes de verdade. Charlotte também estava do lado de fora.

— Está tudo bem, Abbotado — ela declarou, apesar de também estar trêmula.

Começou a chover, ainda que não passasse de uma garoa, porém, aquele era o tipo de chuva que rapidamente podia se transformar em uma tempestade passageira de verão.

Olhei novamente para o grupo de garotos. Nenhum deles tinha mais de treze anos.

— Vou perguntar se eles viram alguma coisa.

Só então um menino mais alto que os outros, que usava um tênis imundo e shorts floridos, ergueu uma arma acima da cabeça e de forma muito lenta e metódica a abaixou até que estivesse apontada para a gente.

— Entrem no carro — ordenei em um sussurro urgente. — Agora.

— O que foi? É só uma chuva. — Mesmo assim Charlotte se sentou no banco do passageiro e começou a olhar ao redor.

Carreguei Abbot pelas axilas e o joguei no banco de trás, batendo a porta.

— Abaixem a cabeça — berrei enquanto pulava para o assento do motorista. Meu coração batia disparado dentro do peito.

Charlotte e Abbot se encolheram em seus lugares.

— O que está acontecendo? — Abbot gritou.

— Nada. Só mantenha a cabeça baixa. — Dei ré no carro, cantei pneu, embiquei para a estrada estreita e pisei no acelerador.

Charlotte e Abbot se encolheram ainda mais no chão do carro.

— Eu vi — informou Charlotte. — Eu também vi.

— Viu o quê? — Abbot berrou.

— Não posso morrer — Charlotte sussurrou. — Não posso. Ainda não.

Eu estava pensando não apenas em como fugir, mas também como acelerar o carro o máximo possível, como colocar o máximo de distância entre a arma e a gente. Naquele momento, o roubo não significava mais nada. Minhas mãos agarravam com força o volante. Eu me inclinei na direção do para-brisa e meti o pé no acelerador. A chuva havia engrossado e sapateava sobre o capô. Minha cabeça estava repleta de barulhos. Dirigi pelas estradas estreitas com os limpadores de para-brisa indo de um lado para o outro. Mal conseguia enxergar através do vidro. Havia chovido na manhã em que Henry morrera. A estrada ficara coberta pela névoa. Acendi os faróis. A estrada era um borrão.

— Estou com o meu telefone! — disse Charlotte, triunfante, tirando o aparelho de um de seus muitos bolsos e passando-o para mim.

Olhei para o celular. Havia 41 chamadas não atendidas. Quarenta e uma? Abri o aparelho e liguei para o 911. Foi a única coisa em que consegui pensar. Começou a chamar. Eu me senti aliviada.

— É o 911. Funciona! — Diminuí um pouco a velocidade.

E então um policial atendeu em francês. Bem, é claro que ele atendeu em francês. Será que eu esperava que ele falasse inglês? Creio que sim.

— *Bonjour!* — eu disse mudando minha chave mental para o meu francês primário. Contei ao policial de forma breve num francês declaratório que eu estava em Puylobier e que nós havíamos sido... *violados*, mas logo em seguida me corrigi. Não, violados não. Tínhamos sido *roubados*. As duas palavras eram parecidas em francês. E completei: — *Je suis Américaine*. — Eu não sabia o motivo, mas essa informação me pareceu crucial. Será que eu esperava que alguém ligasse para a embaixada dos Estados Unidos? Contei que havia um garoto com uma arma.

— *Non, non*. — Ele soltou uma gargalhada e me corrigiu. As palavras para *arma* e *foguete* também eram similares.

— *Oui!* Correto. — Completei explicando que era um garoto com uma arma, não com um foguete.

Um carro vinha na direção oposta pela estrada estreita e eu desviei. Embiquei o Renault no

acostamento repleto de mato.

O policial me informou que me colocaria em contato com alguém da delegacia de Trets, alguém que falasse em inglês.

A chuva havia aumentado ainda mais, de forma que eu mal conseguia ouvir a voz do policial. Eu estava perdendo o sinal. Saí do carro e comecei a andar de um lado para o outro. Eu me abaixei, tentando manter o aparelho seco.

E por fim ouvi uma voz que falava em inglês.

— Alô. Como posso ajudá-la?

Ouvi um bipe do telefone que indicava que a bateria estava no fim. O aparelho estava prestes a morrer. O carregador de Charlotte estava na bolsa do computador que havia sido roubada.

Expliquei o que aconteceu da forma mais resumida possível.

O policial estava muito calmo. *Tranquil*, como os franceses diriam.

— A arma provavelmente não era de verdade. As armas são ilegais aqui. As crianças têm armas de brinquedo. É bem provável que tenha sido, como vocês dizem? Um trote.

— Da onde eu venho, não tem nada de engraçado em armas — eu disse, à beira da histeria.

— Bem, elas não são nada engraçadas mesmo — concordou o policial. — De onde você vem, as pessoas atiram umas nas outras.

Eu não tinha certeza de como encarar aquelas palavras, mesmo assim, eu me sentia insultada, apesar daquilo ser a mais pura verdade.

— Vamos ficar na casa ao lado da pousada da Véronique Dumonteil. A casa pertence à minha família.

— Sim, conheço essa casa. Escute, os ladrões geralmente deixam os bens sem valor na estrada. Vou enviar alguém para dar uma olhada. Você precisa fazer um boletim de ocorrência na delegacia de Trets.

Trets era a única cidade próxima com um tamanho razoável. Já tínhamos ido lá algumas vezes quando éramos crianças, atraídas pelo supermercado. O vilarejo de Puylobier era pequeno demais para ter sua própria delegacia.

— Ainda hoje? — eu quis saber.

— Não, não. Pode ser amanhã. Descanse. Acalme-se.

Voltei para o carro, ensopada, sentindo-me humilhada.

— A arma não era de verdade — eu disse. — Foi o que o policial falou. — Aquilo não era nenhum conforto. Eu tinha a impressão de que minha cabeça estava repleta de ar. Sentia um aperto no peito e minha respiração acelerou.

— Que arma? — Abbot quis saber.

— A falsa — disse Charlotte. — Eram só uns garotos com shorts floridos e uma arma de mentira.

— Eles podiam fazer parte de uma gangue — sugeri.

— É mesmo totalmente possível existir uma gangue no sul da França com membros que usam shorts floridos — Charlotte comentou.

Virei a chave na ignição. O motor engasgou e em seguida morreu. Dei um soco no volante e tentei de novo. O motor engasgou mais uma vez e nada. Lembrei-me de Henry parado na praia enquanto chamava eu e Abbot, que estávamos no mar. *Vocês estão longe demais. Longe demais!* Foi então que comecei a chorar.

— E se a gente ficar preso aqui, os assaltantes nos acharem e resolverem atirar na gente? — Abbot, que tremia e fungava, perguntou ainda abaixado no chão do carro.

— Não estou conseguindo respirar — eu disse. — Abra as janelas.

— Ainda está chovendo — informou Charlotte.

— Este carro é alugado! — berrei. — Levanta do chão, Abbot! A arma era de mentira!

— Não precisamos entrar em pânico — declarou Charlotte, dessa vez mais calma.

Abbot se ajoelhou no banco de trás com a testa apoiada no vidro, tentando ver o que havia lá fora.

— Estamos em um carro no sul da França. Os ladrões foram embora. Ninguém está atrás da gente. Era uma arma de mentira! Está tudo bem!

Fechei os olhos bem apertados. Henry saberia o que fazer. Henry teria nos salvado. Entretanto, Henry havia ido embora.

— O que eu estou fazendo aqui? — perguntei. — Que diabos eu estou fazendo aqui?

— Ligue para a Véronique — sugeriu Charlotte. — Era o que você ia fazer antes.

Olhei para Charlotte. Seus olhos estavam claros e brilhantes. Ela estava concentrada. Era boa em emergências.

— Certo — concordei.

Peguei no meu bolso o papel onde o número de telefone estava anotado. Disquei. O telefone chamou. Eu esperava por Véronique, mas não foi a voz dela que ouvi. Será que era o número errado?

— *Allô?* — murmurei.

Charlotte pegou o telefone.

— Queremos falar com Véronique Dumonteil — ela disse e eu fiquei escutando. Colocou uma das mãos em concha ao redor do aparelho. — Sim, sim. Obrigada. — Charlotte explicou que o carro havia pifado e informou onde nós estávamos. — Hã-hã. Certo. Azul. Obrigada. — Ela desligou. — Alguém está vindo. — Ela fechou a janela.

— Por que azul? — eu quis saber.

— O quê?

— Você disse “azul”. Por quê?

— A cor do carro. Parecia que estava acontecendo uma festa por lá.

— Uma festa? — repeti. — Mas nós acabamos de ser assaltados.

— Não acho que a festa seja para a gente. Não há a menor relação entre as duas coisas. Você vai ficar bem, certo?

— Não — discordei. — Provavelmente não vou ficar bem.

A chuva continuou a martelar o carro. Ficamos sentados em silêncio, a não ser por Abbot, que ainda chorava um pouco. O carro foi tomado pelo vapor que anuviava as janelas.

Finalmente um conversível esportivo veio às pressas pela estrada, cortando a chuva. A capota estava abaixada. Um homem estava ao volante. Ele seguiu pela estrada na nossa direção. Parou a apenas alguns centímetros do nosso carro, de frente para ele.

— Jesus — eu disse.

Como a capota do conversível estava abaixada, ele colocou uma das mãos em cima do para-brisa, os limpadores ainda passando de um lado para o outro, e se levantou no banco. Em seguida, tentou tirar um pouco da água dos cabelos com a outra mão. Acenou para nós.

Charlotte acenou de volta.

— Deve ser a pessoa que veio nos buscar.

Eu o reconheci de imediato. O rosto de menino era o mesmo, apesar de ele agora ser um adulto.

— É o outro irmão — murmurei.

— O outro irmão de quem? — quis saber Charlotte.

— Ele é o garoto mal-humorado na espreguiçadeira — expliquei. — Irmão do que estava com o pula-pula.

— *F*iquem aqui — ordenei para Charlotte e Abbot. — Vou checar a situação.

— Tem certeza? — Charlotte perguntou.

Assenti, mas a verdade era que eu não tinha mais certeza de nada. Senti uma onda de pânico começar a tomar conta de mim, uma suspeita irracional e hostil. Saí do carro em meio ao temporal e caminhei até o conversível sem fazer a menor ideia de como começar.

— A capota está quebrada — Julian informou com um sotaque francês, fazendo biquinho e com os erres chiando na garganta. Ele vestia um terno caro, feito sob medida, com uma gravata dourada e fina. E completamente ensopado. Se ele não estivesse em um conversível, dirigindo na chuva, até poderia parecer o tipo de homem que a gente vê em anúncios de sapatos. Ou em anúncios de lanchas. — Em geral, eu só dirijo quando está sol.

— E quando chove de repente? — eu quis saber. Aquilo não tinha a menor importância, é claro, mas foi tudo que consegui pensar para dizer.

Ele abriu os braços.

— Eu fico molhado.

Ele sorriu com os lábios brilhando por causa da chuva. Em seguida se inclinou contra o painel e secou os cílios molhados. Ele era bonito. Tinha um peito largo e eu podia ver os músculos através da camisa branca de tecido fino e ensopada. A pele estava bronzeada, como se passasse um bom tempo nas praias do Mediterrâneo. Quando éramos crianças, nossas famílias haviam feito algumas viagens à praia juntas. Compráramos baldes para encher com pequenos caranguejos. Ele e o irmão, Pascal, usavam sungas francesas minúsculas, das quais eu e minha irmã zombávamos pelas costas dos dois. Eu tinha a impressão de que ele também se lembrava da nossa infância.

— Você vinha para cá com a sua mãe e a sua irmã quando era criança. Vocês chegavam, ficavam aqui por um tempo e depois iam embora. Não me esqueci de você — ele disse. — Você ainda tem o mesmo rosto.

— Você costumava me jogar na piscina.

— Eu? — Ele pareceu considerar aquela possibilidade por um momento. Será que ele era o tipo que jogava garotas americanas na piscina? — Não. Não eu.

— Fomos roubados. Todas as nossas coisas foram levadas do carro enquanto estávamos dando uma volta pela cidade — eu disse sem pensar. Eu me esforçava muito para respirar normalmente.

— Estou tendo um ataque de pânico.

— Sério? — ele perguntou. — Pela sua aparência eu não diria isso.

— Não parece que eu fui assaltada ou que estou tendo um ataque de pânico?

Ele inclinou a cabeça e me observou.

— Você era uma menina estranha. Sempre foi muito corajosa. Você usava um prendedor de cabelo bem aqui. — Ele apontou para um dos lados da cabeça. — Seu prendedor tinha uma flor. Você ainda é assim?

Eu estava tendo um ataque de pânico. Era assim que eu era naquele momento.

— Depois que fomos roubados, uns garotos apontaram uma arma para a gente no estacionamento. — Apontei para a estrada. — Foi agora há pouco.

— Ah! — Ele cruzou os braços molhados contra o peito igualmente encharcado. — Provavelmente era uma arma de brinquedo.

Eu já estava cansada das pessoas jogarem essa informação na minha cara.

— Acho que é mais seguro partir do princípio de que as armas são verdadeiras.

Ele olhou para mim como se estivesse prestes a me dar uma resposta espertinha, mas logo em seguida mudou de ideia. Lembro-me de seu irmão ser o cara que todos adoravam. E Julian era o irmão que vivia dando de ombros, guardava suas opiniões para si mesmo, murmurava coisas engraçadas entredentes e às vezes roubava quando jogávamos cartas.

— Você está bêbado? — Surgiu-me a ideia de que ele poderia estar: um homem com um terno dirigindo um conversível com a capota abaixada no meio da chuva. Charlotte havia dito que parecia estar acontecendo uma festa na casa deles.

— Um pouco. — Ele deu de ombros. — Eu estava em uma festa.

— E vocês estavam comemorando o quê?

Ele ficou em silêncio por um momento.

— Nada específico. — Ele escorregou para o banco e desligou o carro, tirando as chaves da ignição. — Talvez você devesse dirigir. — Ele jogou as chaves para mim. Nem mesmo tentei pegá-las. O chaveiro aterrissou nos meus pés.

— Não consigo dirigir — guinchei. — Estou tendo um ataque de pânico.

Olhamos um para o outro, mas logo em seguida ele desviou os olhos para o céu.

— Estamos mesmo sem sorte — declarou ele em voz alta por cima do estrépito da chuva e apertou os olhos na direção de nosso carro alugado. — E aquela garota? Ela sabe dirigir, não é?

— Não acho que as crianças ainda aprendam a dirigir carros com câmbio manual.

— O que é um câmbio manual?

Fiz uma mímica de alguém trocando marchas.

— Manual — repeti.

— Ah! Câmbio manual. — Ele fez um gesto para Charlotte pedindo que ela abrisse a janela.

— O que é? — ela berrou.

— Você sabe dirigir? — ele gritou de volta. — O câmbio é manual.

— Câmbio manual? — ela perguntou.

— Você sabe dirigir com câmbio manual? — eu berrei.

— Ah, câmbio manual, claro. Apreendi no estacionamento do shopping uma noite dessas.

Eu a imaginei no estacionamento de um shopping tarde da noite dirigindo no escuro com Adam Briskowitz. Talvez o desastre, como minha mãe o chamava, tivesse sido útil.

— Excelente — disse Julien e afastou o cabelo dos olhos da mesma forma que Abbot fazia quando saía da água. Parecia um gesto infantil. Será que ele havia mesmo se tornado um adulto?

— É normal para os americanos considerarem que toda arma é de verdade, não é? Você não deve se culpar. Os americanos têm armas da mesma forma que os britânicos têm buldogues.

— Você está me chamando de americana típica? — eu quis saber.

— Os americanos típicos são fãs de conversas longas debaixo de chuva?

— Eu prefiro o outro irmão. O do pula-pula.

— Sim — ele concordou. — Você não é a única.

O carro morreu a um pouco mais de um quilômetro da casa, o que significou para mim uma derrota derradeira, como as histórias de pessoas no deserto que perecem a centímetros de um oásis. A hidratação não era o nosso problema, entretanto. Estávamos ensopados. E a chuva ainda

caía. Devíamos ser um grupo estranho, nós quatro enfiados em um carro esportivo com a capota aberta no meio da tempestade. Charlotte estava se dando bem ao volante, com Julien lhe dando instruções gentis, com o cotovelo apoiado na janela, cujo vidro estava abaixado. Se a capota estava abaixada, para que manter as janelas abertas? Ele parecia estranhamente feliz por sair da casa apesar de todo o burburinho que estava acontecendo por lá, por ter uma desculpa para dirigir o velho carro esporte do pai, com sua capota quebrada. Havia alguma coisa a mais nele. Uma agitação profunda, uma energia nervosa, tinha alguma coisa nas entrelinhas

Os assentos estavam ensopados, porém a chuva que atingia os meus braços como agulhas e o frescor do ar me causavam uma sensação boa, como se me trouxessem de volta para o meu próprio corpo.

— Com cuidado — disse Julien quando Charlotte passou a marcha. Quando ela engatou a terceira, Julien se inclinou para fora da janela, do mesmo jeito que um cachorro faria em um dia de sol.

Nesse meio-tempo, Abbot começou a história sobre tudo que havíamos acabado de enfrentar: o assalto, a arma falsa, a chuva, a ligação para o 911. Julien ficou surpreso com o fato de o 911 ter funcionado. Às vezes Abbot fazia isso quando ficava nervoso, “a barreira da palavra”, como Henry chamava. Abbot esfregava as mãos loucamente, como alguém desesperado para se aquecer. Eu estava de olho nele. Estávamos sentados lado a lado no banco de trás com nossas compras no colo. O momento em que fizemos aquelas compras parecia ter acontecido em uma vida diferente, em outra era, nos velhos e bons tempos em que as pessoas podiam caminhar nas ruas em segurança, sem medo de ser roubadas e de ter de lidar com coisas como armas de brinquedo, por exemplo. Abbot terminou seu relato com a seguinte frase:

— Minha avó costuma dizer que, quando as coisas dão errado, isso é um presente de Buda.

Fiquei surpresa por minha mãe ter compartilhado essa ideia com Abbot. Seu conhecimento vasto era algo que ela normalmente guardava para si. Porém, é claro, ela sabia sobre as religiões do mundo e certa vez havia me confidenciado que gostava do budismo porque era o tipo de religião que não culpa a pessoa por ter uma BMW. Minha mãe é uma mulher complicada.

— Você é budista? — Julien perguntou a

Abbot. Ele deu de ombros.

— Mais ou menos. Mas sinto falta das minhas coisas. Tínhamos coisas boas.

— Eu costumava ter coisas boas. — Ele puxou a gravata fina. — Siga em frente. Está vendo a placa?

E lá estava ela: uma placa branca com letras pretas pequenas enfiada no mato de um dos lados da estrada.

— Foi por isso que não vimos antes — Abbot comentou.

— Ninguém ficou na casa desde o incêndio — Julien explicou. — A não ser um casal de parisienses quando todos os outros quartos estavam ocupados. Mas eles brigaram durante uma partida de croqué e logo foram embora.

— Alguém ficou na casa? — perguntei. — Então o lugar deve estar no mínimo habitável.

— Está — Julien confirmou. — Os quartos não foram tocados pelo fogo. Mas a casa precisa de muito esforço. Acho que o casal parisiense viu a destruição como um sinal. Os franceses são assim.

— Românticos — comentei.

— É como se estivéssemos presos em um velho filme francês — ele completou. — Um filme americano seria, bem, diferente. Nele às vezes dá para ter um final feliz. Mas num filme francês? Isso nunca acontece, porém estamos aqui. — Ele ergueu as mãos como uma prova de sua existência. Julien era magro e musculoso, aquele tipo físico de europeu ágil que havia criado gerações de jogadores de futebol.

— Nunca havia me dado conta das responsabilidades intrínsecas ao fato de alguém ser francês — eu disse.

— É um fardo — ele concordou.

Seguimos pela longa entrada de carros com vinhedos de ambos os lados e os pneus atravessando algumas poças recém-formadas. À esquerda havia a grande casa de pedra e à direita havia outra menor, a nossa. Parecia desmazelada, em estado de sítio. As persianas estavam retorcidas, como se a construção houvesse sido abatida por vários mistrais, os ventos gélidos e violentos que chicoteavam a região com mais intensidade no inverno que na primavera. A grama do jardim tinha sido recentemente cortada, mas nenhum outro cuidado fora tomado. As ervas daninhas haviam tomado conta dos canteiros de flores, chegando a ficar mais altas que a borda do velho chafariz, que mal dava para ver a distância.

— A casa ainda está de pé — eu disse em voz baixa.

— A questão não é só o incêndio — explicou Julien. — Minha mãe está exausta. Ela largou mão das coisas. Ela quer conversar com você. — Ele olhou para mim por um momento. Seus cílios escuros ainda estavam molhados. — Sim — falou como se respondesse a uma pergunta que eu não fizera. — Eu estudei nos Estados Unidos por um verão durante a universidade. Tinha uma esperança de esbarrar com você.

— Oh — suspirei. — Você ficou na Flórida?

— Não. Fui para Boston. Eu não sabia o quanto aquele país era grande. Nunca consegui encontrar você.

— Você devia ter pedido para a sua mãe entrar em contato com a minha. Ela podia ter me ligado.

— Não. Eu queria esbarrar com você. É diferente. Mas então eis você aqui. — Ele sorriu para mim. Será que Julien estava confessando que durante todos esses anos tivera uma queda por mim? Ele mudou de assunto. — As chuvas aqui são raras e breves. — E ele estava certo. A chuva já começava a dar uma trégua. No cume distante das montanhas, o sol do fim de tarde brilhava no céu claro.

Julien pediu para Charlotte estacionar na garagem localizada entre as duas casas, ambas à sombra do Monte Sainte-Victoire.

Sáímos do carro. As gotas de chuva pingavam das árvores altas sobre nós. Víamos a encosta

longa e íngreme da montanha. Ela seguia por quilômetros, terminando na extrema esquerda em um penhasco escarpado que mergulhava rumo às vilas perto de Aix-en-Provence. Sólido e imenso, o Monte Sainte-Victoire era um dos monumentos mais antigos da Terra. Lembro-me de caminhar pela montanha quando era criança. O terreno era difícil – poeirento, com rochas grandes que serviam de apoio para os pés e as mãos e também pedras menores que faziam com que nossos tênis escorregassem. Era fácil cair e ralar o joelho, mesmo assim valia o esforço: a ideia de que você era capaz de impulsionar seu corpo para cima, pelo menos em parte, e chegar alto o suficiente para admirar uma vista onde as casas pareciam ser de boneca. Isso fazia com que nos sentíssemos poderosos.

A propriedade Dumonteil se alongava até a base da montanha. O quintal amplo era delineado por árvores altas e ostentava uma grande mesa, coberta por uma toalha encharcada. Sobre ela havia algumas velas ensopadas e copos abandonados cheios de chuva.

– Por favor, juntem-se a nós – convidou Julien. – Estão aqui conosco alguns velhos amigos da família e muitos arqueólogos, uns arqueólogos bem festeiros. – Ele suspirou como se estivesse farto de arqueólogos festeiros.

– Arqueólogos *festeiros*? – Charlotte repetiu, indicando que o adjetivo *festeiro* não combinava com sua noção de *arqueólogo*.

– Estamos enfrentando... uma infestação de arqueólogos por aqui. Eles se hospedaram nas duas casas. Na verdade, foi um deles que começou o incêndio. Eles trabalham aqui durante o dia e às vezes comem conosco, mas agora estão morando em Aix. É menos perigoso assim.

– Por que eles estão aqui? – perguntei.

– Um homem encontrou alguma coisa enquanto estava cavando um buraco para passar um novo encanamento. Era uma sepultura. E desde então os arqueólogos tem desenterrado coisas. – Ele fez um gesto vago em direção a algum lugar além das árvores.

– Ossos? – quis saber Abbot.

– Sim. É uma tumba galo-romana muito antiga – ele respondeu. – Minha mãe é muito... nostálgica em relação a essas sepulturas.

– Entendo. – Na verdade, eu não entendia. Nunca tive nenhuma opinião formada sobre tumbas antigas.

– Vamos entrar? – ele sugeriu. – A comida está excelente. A autêntica culinária provençal.

Tive a impressão de que o próprio Julien não queria entrar. Ele hesitava. Gargalhadas soaram de dentro da casa e a porta dos fundos se abriu.

Véronique surgiu lá de dentro. Ela usava um pequeno gesso em uma das pernas e descia os degraus um de cada vez.

– Nossos americanos! – disse ela.

Caminhei até Véronique com Charlotte e Abbot atrás de mim. Ela sorriu para nós, me abraçando e beijando minhas bochechas.

– Você se tornou uma mulher. E está linda! – Eu não conseguia ver nenhuma beleza em

mim, ainda mais naquele momento. — Sempre uma surpresa.

Eu era sempre uma surpresa? Ou todos os americanos eram sempre uma surpresa? Talvez aquela fosse uma referência vaga ao Dia D?

— Minha mãe não lhe disse que estávamos vindo? — perguntei. — Sinto muito por qualquer mal-entendido...

Ela ergueu uma das mãos e balançou a cabeça.

— Não. Sua mãe falou comigo. Ela é sempre uma surpresa. Foi com ela que você aprendeu.

Aprendi o quê?, pensei. *Como ser surpreendente?* Talvez ela soubesse que a fuga da minha mãe para a casa fosse uma surpresa: uma mulher fugindo de sua própria vida. Véronique então beijou as bochechas de Charlotte e Abbot. Ele tentou se proteger dos germes do beijo, apertando os olhos e esfregando o nariz, embora eu o houvesse advertido para que não fizesse isso.

Três homens saíram da casa naquele momento segurando taças de vinho e caminhando em direção ao jardim. Eu me sentia como a estrela de um estranho espetáculo. *Olhe, uns americanos aterrissaram no quintal! Corra antes que eles voem para longe!*

— Ladrões entraram no carro deles e roubaram as coisas — Julien informou à mãe.

— Todas as suas coisas foram levadas? — Véronique perguntou. — Precisamos contar para o prefeito.

— O prefeito? — repeti olhando para Julien.

Ele assentiu.

— Sim, o prefeito de Puylobier. Ele vai querer saber disso. Abbot nos interrompeu:

— A casa tem detector de fumaça, não é?

— É claro — Véronique respondeu, talvez um pouco insultada.

— Ele está um pouco nervoso — intervim. — Só isso.

Uma belíssima jovem surgiu na escada. Ela vestia uma camiseta apertada sem mangas e uma saia jeans desbotada. Estava descalça.

— Julien — ela o chamou com enfado. — *Viens. Je t'attends.*

— *J'arrive, Cami* — ele gritou de volta e em seguida sorriu. Fiquei chocada ao me dar conta de que Julien, o garoto que me jogava na piscina, o mal-humorado, o menino que havia me levado até a capela no alto da montanha assombrada por um eremita decapitado, tinha se tornado um playboy. — Vocês querem entrar? — ele me perguntou.

— Por favor — Véronique insistiu.

— Em outra ocasião — respondi. — Precisamos nos recuperar. Vocês sabem, o roubo, a arma...

— Amanhã. — Véronique fez um gesto como se enxotasse todos de volta para dentro.

— Café da manhã.

— Sim, obrigada — concordei. — Amanhã.

— Você está com os papéis do aluguel do carro? — perguntou Julien. — Posso cuidar disso para você. Ligar para a locadora, explicar tudo, ver o que pode ser feito...

Revirei minha bolsa e lhe entreguei o contrato de locação.

— Tenho que fazer um boletim de ocorrência na delegacia de Trets — informei.

— Já que o seu carro não está aqui, posso levá-la até lá. Com sorte, não vai estar chovendo.

— Obrigada — eu disse. — Por tudo. — Abbot e Charlotte já estavam falando sobre os quartos, sobre quem ficaria com o maior e qual ficaria vazio. Comecei a caminhar na direção deles, mas então me virei para acrescentar: — Talvez eu esbarre em você.

— Talvez. — Os olhos dele pairaram sobre meu corpo e minhas roupas molhadas. Eu me perguntei se elas estariam transparentes. Julien pareceu sem graça e logo acrescentou: — Na casa há... como vocês os chamam? Casacos para sair do banho? Eles estão nos armários. Vocês podem usá-los enquanto suas roupas secam. — E com isso ele se virou e desapareceu dentro da casa.

— Roupas — eu disse para mim mesma. Precisaríamos de roupas novas.

— Roupas — Charlotte repetiu. — Onde vou encontrar roupas que não sejam totalmente... francesas?

— Eles obrigam os meninos a usar roupas de banho muito pequenas aqui — comentou Abbot.

— Vi fotos nos meus livros de palavras. — Minha mãe sempre comprava livros de palavras em francês para Abbot. Ele parecia um pouco apavorado com a perspectiva de ter de usar um *maillot de bain* minúsculo.

— Vamos sobreviver a isso — eu disse e logo acrescentei: — Sempre elegante, certo?

— Certo — concordou Charlotte. — Sempre elegante.

A casa dos Dumonteils e a nossa eram separadas por cerca de sessenta metros, com um caminho de cascalho que se dividia em dois e se curvava atrás de cada uma das casas. Os vinhedos que ladeavam o caminho terminavam de forma abrupta no início dos gramados de ambos os jardins. No nosso, havia uma fonte de pedra, maior e duas vezes mais funda que uma piscina infantil de plástico. Atrás da casa dos Dumonteils uma garagem havia sido construída, e atrás da nossa casa, levemente posicionada mais para um dos cantos do terreno, havia uma piscina gradeada. Dali, os vinhedos se estendiam até a base da montanha, que ficava a quinze minutos de caminhada. Eu sabia que os Dumonteils eram donos do terreno atrás da casa deles, mas o alugavam para fazendeiros. O nosso havia sido dividido e vendido por nossos ancestrais, de forma que apenas uma pequena parte ainda era nossa. Quem poderia culpá-los? A terra valia um bom dinheiro. Ainda assim, continuávamos a ter uma vista.

Porém, ao cruzar o caminho até a nossa casa, pude ver uma área livre de vinhedos atrás da casa dos Dumonteils. E dentro dessa clareira havia algo parecido com um labirinto escavado na terra. Tinha uma profundidade de uns 45 centímetros. Uma escavação. Eu sabia que Abbot adoraria aquilo. Tinha a ver com morte e a relação de Abbot com a morte era, por uma boa razão, intensa.

Mas haveria muito tempo para explorar depois. Por enquanto, eu o levei para longe da escavação e segurei a mão dele para conduzi-lo até nossa casa.

— Não parece com as fotos — comentou Abbot. Ele soltou minha mão, correu até a piscina murada e em seguida se virou para nós. — Está vazia.

Fui até o chafariz de pedra no jardim, cercado por ervas daninhas altas. Vi a concha de um caracol que continha uma gota de chuva. O chafariz estava cheio de água daquela e de outras chuvas anteriores e nenhum peixe.

— Isso aqui está uma selva — atestou Charlotte.

Olhei para cima, para a casa de dois andares e vi uma andorinha voar de uma das janelas abertas do andar de cima.

— Não precisamos reformar essa casa. Temos que *recuperá-la* — eu disse.

A porta dos fundos estava aberta, seus degraus de pedra gastos levemente inclinados para baixo. Levamos nossas compras para dentro. Aquilo era tudo que tínhamos além do meu caderninho, onde, para nossa sorte, eu havia guardado nossos passaportes. Entramos na cozinha, que cheirava a fumaça velha. O forno era um casco enegrecido, uma boca escura e vazia, totalmente destruída. A porta havia se soltado das dobradiças e estava apoiada nele. A cozinha costumava ter uma lareira. A chaminé era feita de pedra, erguida, de acordo com a mitologia da família, pelo nosso jovem ancestral louco de amor. Mais tarde, ela foi reconstruída para dar vazão à fumaça de um forno moderno. As pedras estavam enegrecidas, mas a chaminé sobrevivera ao incêndio. Os armários de madeira que ficavam de ambos os lados do forno foram destruídos, porém, os ladrilhos da parede que cercava a lareira estavam intactos. As outras paredes e o teto também estavam escurecidos, ficando mais escuros e espessos à medida que se aproximavam do forno. A cozinha ficara chamuscada, mas a casa propriamente dita continuava firme e forte.

— Parece aquelas fotos dos pulmões de fumantes que mostram para a gente na escola — disse Abbot. — Só para o caso de algum de nós estar começando a pensar em fumar.

Havia uma pequena geladeira que ainda estava funcionando e uma máquina de lavar louça debaixo do balcão. A máquina, entretanto, tinha uma rachadura e eu não tinha certeza se ela seria capaz de conter a água. A pia, apesar de seu elegante mármore sarapintado, não era nada prática. Eu estava acostumada com a minha pia dupla, funda o suficiente para dar banho em um bebê. Aquela pia deveria transbordar em questão de segundos se o ralo fosse bloqueado por alguns pedaços de alface. Um circulador de ar estava sobre a longa mesa. Abbot o ligou e o aparelho começou a rodar ruidosamente, em um zumbido lento, indo de um lado para o outro, balançando ao fazer uma parada temporária de cada um dos lados, como se, assim como nós, estivesse inspecionando a casa para, no fim das contas, considerá-la uma decepção.

— Nunca senti vontade de esfregar um chão antes, mas esse aqui... — confessou Charlotte. Ela se abaixou e tocou os ladrilhos. Eles eram bonitos, embora a sujeira parecesse estar entranhada.

— Não sei se você vai ficar muito satisfeita com o resultado.

Havia um copo alto sobre a mesa com um maço de lilases cobertas por cinzas. Apontei para as

flores.

— Será que foram deixadas pelo casal preso em um filme francês? — Charlotte perguntou. Acho que sim.

Dei uma volta pela salinha. Corri uma das mãos pelas lombadas dos livros sem lê-las. Olhei para o banheiro, o box minúsculo. Subi os degraus de pedra estreitos e íngremes. Visitei os quatro quartos. As paredes estavam levemente encardidas. Pensei nos planos de minha mãe de torná-las claras e agradáveis como lençóis brancos. *Este para Abbot. Este para Charlotte. Este para mim.*

Acendi o abajur na mesa ao lado da cama, uma cama de casal com lençóis brancos e um edredom fino. Abri o armário e as gavetas da penteadeira. Não tinha nada para colocar ali dentro. Charlotte e Abbot encontraram um rádio e o ligaram, tocando uma velha música francesa com um acordeão que parecia ranger. Eles fingiam acompanhar a letra em francês. *Boshwacheee Savaasweee ponshadoo...*

As persianas estavam quebradas e a janela parcialmente levantada. Escancarei as persianas e girei a maçaneta para abrir a janela. Olhei para as montanhas, que assumiram um tom de dourado nebuloso sob os últimos raios do sol que se punha. O ar já se tornava seco novamente. Um vento surgia vez ou outra. Senti como se houvesse aterrissado num lugar ao mesmo tempo muito estranho — o gosto do ar, a inclinação e a forma como a luz refletia — e também familiar, como se eu sempre soubesse que essa era a forma como o ar e a luz deveriam ser. Senti como se já houvesse experimentado aquelas impressões antes — na cozinha com Henry Bartolozzi entre o pessoal do bufê, e depois a forma como me apaixonei profundamente por ele naquela noite do jantar na casa da minha amiga, quando perdi as chaves e nos beijamos — aquela sensação de sentir saudade de um lugar onde você nunca esteve e por fim chegar a um lugar novo, desconhecido, e se sentir em casa.

Senti uma falta imensa de Henry. Aqui, eu poderia ter conhecido novos ângulos do meu marido. Como seria um estrangeiro em uma terra estrangeira? Havia um sem fim de versões dele que me faziam falta. Ele era o meu amor, meu confidente, meu sócio, o pai do meu filho. Ele era o filho de um homem, o irmão de outro homem, o garotinho de sua mãe. Todos que eu conhecia tinham uma outra versão de Henry: minha mãe e meu pai, Elysius e Daniel, Jude, todos os nossos vizinhos, parentes, amigos, seus velhos colegas da faculdade, seus amigos de infância. Depois que Henry morreu, eles me ofereceram suas memórias, o Henry *deles*, e isso apenas tornava a perda ainda mais difícil. Eu queria perguntar: “Ele também se foi? Quantos Henrys somos capazes de perder?”.

Abbot entrou correndo e mergulhou na cama, espalhando-se.

— Do que estes travesseiros são feitos? — Abbot apertou um deles.

— Penas — respondi, virando-me para ele.

— Mãe... — Abbot me chamou apertando o travesseiro em seus braços.

— O que foi?

Seus olhos estavam repletos de lágrimas. Ele os apertou.

— Eu coloquei o dicionário na minha mala.

— Oh, Abbot. — Corri até ele, envolvendo-o nos braços. Ele começou a soluçar.

— Eu não ouvi o que você me disse. Eu o coloquei no fundo da mala debaixo de todas as outras coisas. Eu queria que o papai viesse com a gente.

— Está tudo bem. Calma. Está tudo certo.

— Não, não está nada bem. Os ladrões estão com o dicionário e nem sabem o que ele significa.

— Abbot. — Ergui seu queixo para que ele pudesse me encarar bem nos olhos. — Aquilo é só um dicionário. Não é o seu pai. Aquele dicionário não é Henry Bartolozzi. O papai está aqui. — Dei um tapinha em seu peito estreito. — Ele está conosco o tempo todo.

Abbot pôs os braços ao redor do meu quadril.

— Eu não queria que o dicionário fosse roubado.

— É claro que você não queria. Está tudo bem. Na verdade, é até melhor assim. Agora você sabe que o seu pai não está naquele dicionário. Você sabe que ele sempre estará ao seu lado.

Abbot olhou para mim e assentiu.

Foi então que Charlotte veio pelo corredor, deu uma olhada dentro do quarto e se apoiou no batente da porta, parecendo feliz.

— Por que você está sorrindo? — eu quis saber.

— Acabei de me dar conta de uma coisa.

— E o que seria essa coisa?

— Os ladrões levaram os meus livros do vestibular. Isso é quase como me sentir livre dos meus *grilhões!*

— Essa é uma palavra do vestibular?

— Ironicamente é, sim.

Quando acordei na manhã seguinte, estava em uma cama muito longe da minha própria. Por um momento, não reconheci a cama em que estava deitada. Eu havia dormido usando apenas um roupão de banho, as janelas estavam abertas e a brisa noturna soprava para dentro e para fora do quarto, que por sinal estava vazio. Totalmente vazio. Minhas coisas haviam desaparecido. Por alguns segundos, não me senti como alguém que havia sido roubada. O que eu sentia era uma espécie de liberdade.

Senti uma pontada de dor só quando me lembrei do dicionário, mas mesmo assim sabia que de alguma forma mágica ele já havia realizado seu trabalho. Aquele livro havia nos levado até ali. E era melhor para Abbot não pensar no pai como um espírito preso em um livro que poderia ser roubado.

Talvez Abbot estivesse mesmo certo quando citou aquela frase típica da minha mãe. Talvez aquele roubo houvesse mesmo sido um presente de Buda. Se estivéssemos com todas as nossas coisas — roupas, produtos de higiene e, principalmente, aparelhos tecnológicos —, sem mencionar a cozinha e nosso carro alugado em pleno funcionamento, poderíamos ficar cada um no seu respectivo canto, enfiados dentro daquela casa. Esse era um erro que eu e Abbot estávamos cometendo nos Estados Unidos. A partir daquele dia, teríamos que encarar o mundo.

Penduramos nossas roupas em um varal de madeira bambo no quarto de Charlotte. O ar era tão seco que deixou o tecido endurecido, causando uma sensação estranha contra a pele. Lembro de ter essa mesma sensação na minha infância: parecia que as toalhas secavam duras e ásperas como uma lixa, arranhando nossa pele.

Enquanto Abbot sacudia nossos sapatos — os tênis dele, os All Stars de Charlotte e as minhas sandálias desajeitadas — só para garantir que não havia nenhum escorpião escondido dentro deles, fiz uma lista de todas as coisas de que precisávamos. A lista era longa. Precisávamos de tudo, incluindo o mais importante: o carregador para o telefone de Charlotte.

Olhei para cima enquanto escrevia.

— Quarenta e uma mensagens perdidas? — perguntei para Charlotte. — Será que eu vi direito?

— Briskowitz. Acho que ele começou a ler *A ilíada* ou alguma coisa do tipo. Quem sabe?

— Você não ouviu as mensagens dele?

— Não. — Ela mudou de assunto, rodando os ombros dentro da camiseta. — Por acaso parece que a sua camiseta acabou de ser engomada, Abbotado?

— É como vestir um exoesqueleto — Abbot respondeu.

Quando cruzamos a porta para ir até a casa dos Dumonteils tomar café da manhã, vimos a montanha sob o sol forte do início do dia. A rocha assumia um tom de azul, com sombras cor de laranja, parecendo ter luz própria e ondular como um manto que vinha do céu até a terra. Aquele parecia ser a melhor maneira do mundo de sair de uma casa.

— Está maior hoje do que ontem — Abbot comentou.

— Parece mesmo, não é?

— É meio estonteante — disse Charlotte. À luz do dia, eu via como ela ficava diferente sem maquiagem e os produtos que deixavam seu cabelo espetado. Ficava mais suave, mais vulnerável, até mesmo mais bonita. Lembrei-me de todas as histórias de amor daquele lugar: o homem que construiu a casa, pedra por pedra; o casal que milagrosamente concebeu um bebê ali durante um mistral; minha avó e meu avô depois da Segunda Guerra Mundial; o enxame de borboletas brancas que envolveram minha irmã, minha mãe e eu em uma tarde de verão. E o que dizer sobre o verão perdido da minha mãe?

Elysium foi pedida em casamento ali. Não era de se admirar. Será que havia sido aquela montanha que executara a magia em Daniel? Talvez. Eu ainda sentia o impacto da morte de Henry, como tudo de repente se tornou frágil para todos nós. Henry me pediu em casamento em um Red Roof Inn, um hotel desses de rede, na rodovia I-95, quando decidimos impulsivamente transar no meio do dia. Em retrospecto, aquilo foi surpreendente para nós dois, já que éramos tão pobres, ainda estávamos na escola de culinária e não tínhamos um tostão. Assim, sexo no Red Roof Inn era um grande luxo. Foi lá, talvez inspirado pela grandeza, relaxando nu sob o edredom cor de laranja, que Henry me disse que queria confessar algo.

— Tudo bem. — Eu me apoiei num dos cotovelos. Henry

ficou um momento em silêncio e em seguida disse:

— Eu gosto muito de você.

Tanto tempo depois, aquilo não me soava mais como uma confissão. Havíamos nos tornado inseparáveis desde a noite de nosso primeiro beijo. Ele simplesmente me levou para uma reunião da família da mãe dele na Carolina do Norte. E eu o apresentei por telefone para os meus pais e Elysium. Já tínhamos passado pela fase de ter certeza de que gostávamos um do outro. Que nos gostávamos *de verdade*.

— Eu não acho que isso seja uma confissão — eu disse.

— E isto? — Ele fez uma pausa. — Estou apaixonado por você e quero passar minha vida inteira ao seu lado.

Agora aquilo, *aquilo* era uma confissão. Aquilo era totalmente corajoso e elegante, em especial em meio à decoração do Red Roof Inn, os quadros pendurados nas paredes. Considerei aquilo como um verdadeiro pedido de casamento.

— Sim — respondi, como se quisesse dizer *Eu aceito*. — Também amo você.

Era àquele momento que sempre voltávamos. O casamento que se seguiu, com todos os seus excessos, não foi nada diante daquele momento essencial que consideramos como o início da nossa união. Conversávamos sobre como, incrustado em cada casamento, havia um momento verdadeiro quando os dois corações se ligam para sempre. Ele não necessariamente acontece quando o cara escreve QUER CASAR COMIGO no gramado da sua casa ou quando treina um cachorrinho para lhe trazer uma caixa de veludo. Não precisa acontecer quando você está usando um vestido branco todo armado ou porque algum juiz de paz exausto declarou alguma coisa. Isso geralmente acontece em algum momento tranquilo, um daqueles que às vezes passam despercebidos. Pode acontecer quando vocês estão escovando os dentes juntos ou sentados dentro de um carro com defeito e o motor simplesmente não quer pegar. Um momento que não

foi planejado e não tem nenhum tipo de roteiro. E esse é o momento de vocês. O início foi marcado por nós dois, sem nenhuma cerimônia, roubando sabonetinhos e vidros de xampu do Red Roof Inn.

Eu não tinha inveja do pedido de casamento que Daniel fez para Elysium, apesar de ter de dar o braço a torcer que o pedido deles gerava uma história muito melhor que a do meu. Porém, sentia inveja do fato de eles terem ido juntos até aquela casa para criar uma história de amor. Henry e eu não havíamos tido aquela chance e eu estava um pouco irritada por nunca ter arranjado tempo e/ou dinheiro para isso. Deveríamos ter ido para lá, entretanto, achávamos que teríamos todo o tempo do mundo.

Abbot, Charlotte e eu cruzamos o pequeno caminho gasto em meio ao gramado que separava a nossa porta dos fundos da dos Dumonteils. Subimos os degraus da entrada e batemos na porta.

— *Entrez-vous* — uma voz de mulher gritou.

Entramos no vestíbulo fresco e escuro. Havia uma bela passadeira persa cor de rubi com tons de rosa e laranja que se estendia pelo caminho, atravessando o corredor e indo até a porta da frente, levando às grandes janelas na outra extremidade da casa.

Véronique surgiu de uma das portas à esquerda, que dava para a cozinha. Brandia uma bengala e mancava com seu gesso pela casa. Eu ainda não sabia o que acontecera com ela. Ela bateu as palmas das mãos sujas de farinha, levantando pequenas nuvens brancas. Mais uma vez, repetimos o ritual de beijar bochechas. Trocamos amabilidades.

— Olhe só para esse menino! — ela comentou a respeito de Abbot. — Ele até parece um pouco com você. Mas só um pouquinho.

Aquilo fez com que Abbot se sentisse orgulhoso, pois queria dizer que ele era muito parecido com o pai.

Julien desceu as escadas da despensa e se abaixou para passar pelo batente baixo da porta e entrar na cozinha. Eu não lembrava que Julien era tão alto, apesar de ele estar abatido, com uma leve ressaca devido à noite anterior. Seus olhos pareciam pesados, os cachos do cabelo estavam uma verdadeira bagunça, um pouco amassados de um dos lados. Ele estava descalço, com a barba por fazer, usava calças brancas e uma camiseta da mesma cor sem colarinho.

Era evidente que não esperava encontrar visitas.

— Vim roubar o café da manhã.

Percebi que seu nariz tinha um formato bem francês e os dentes eram bonitos, chegando a brilhar quando ele falava, e também tinha uma covinha que lhe dava um ar levemente feminino. Lembrei-me de seu rosto quando era criança, em um Dia da Bastilha, iluminado pelos globos de papel que pendiam na ponta de pedaços de pau. Ele deu de ombros de forma quase imperceptível e seguiu a boa educação: cruzou a cozinha e deu um beijo em cada uma das nossas bochechas.

— O que aconteceu com o seu pé? — Abbot perguntou para Véronique.

— Caí enquanto subia em uma escada. Como uma velha. Quebrei o pé. Aconteceu no mês passado. Pedi para uma menina da vila me ajudar, mas as pernas dela mais pareciam as de um potro: uns joelhos imensos e nenhum equilíbrio. Ela era muito jovem e cansada demais para dar

conta do trabalho. Então agora o Julien está me ajudando, apesar de eu não precisar.

— Julien, leve-os para a sala de jantar. Eu já vou.

Julien nos levou pelo corredor.

— Vocês dormiram bem? — ele quis saber.

— Você dormiu bem? — rebati.

Ele abriu aquele seu velho sorriso inocente de quando era criança.

— Tive um sono ótimo. — Ele esfregou a cabeça com os nós dos dedos.

— Nenhum escorpião entrou nos nossos sapatos esta manhã — informou Abbot.

— Os escorpiões são raros por aqui. Dificilmente você verá algum — disse Julien.

— Dificilmente? — Abbot murmurou.

— Onde está Cami esta manhã? — Eu sabia que estava sendo intrometida.

— Em casa — ele respondeu sem na verdade me dar nenhuma informação de fato.

Julien entrou na sala de jantar. Havia dois arqueólogos de ressaca em uma das extremidades da mesa e ambos ergueram a cabeça. Um deles gritou:

— *Bonne anniversaire!* — Feliz

aniversário. Julien sorriu.

— *Merci.* — Ele assentiu levemente.

— Você não nos disse que hoje era seu aniversário — reclamei.

— Não é meu aniversário. Houve uma confusão.

— Eu já menti sobre o meu aniversário uma vez para ganhar uma sobremesa grátis no Olive Garden — contou Charlotte.

— Eles acham que a festa de ontem foi para comemorar o meu aniversário.

— E foi então para comemorar o quê? — perguntei.

— Apenas o fato de estarmos vivos.

Apesar dos dois arqueólogos de ressaca, a sala de jantar era elegante. As paredes eram cobertas por retratos, pinturas a óleo dos ancestrais da família, deduzi. Um aparador estava coberto por bandejas que continham doces folhados, café, cubos de açúcar, creme, uma bisnaga de pão, uma tigela com frutas vermelhas, manteiga e geleia, assim como potes maravilhosos, esmaltados em tons de azul e vermelho. Sentamos em cadeiras majestosas, de espaldar alto na outra ponta da mesa, dando espaço para o sofrimento dos arqueólogos. Eles bebiam litros de café direto de tigelas, onde mergulhavam pedaços de pão com manteiga e geleia enquanto murmuravam um para o outro em francês.

Enquanto comíamos, perguntei a Abbot se ele se lembrava de quando era pequeno e eu tentei lhe ensinar francês.

— Não — ele respondeu. — O papai também estava lá me ajudando a aprender francês?

— Ele teve aulas de francês no ensino médio, por isso ele também ajudava um pouco. Você ficava louco da vida. Colocava as mãos nos ouvidos e gritava. Uma vez você me disse que odiava as aulas porque os franceses tinham uma palavra diferente para tudo.

— Uma criança sábia — comentou Charlotte.

Abbot soltou uma gargalhada, fez um buraco bem no meio de um pedaço de pão e o encheu de manteiga. Os arqueólogos se arrastaram para fora da mesa, parecendo sonolentos e já empoeirados.

Julien se inclinou sobre a mesa e disse:

— Minha mãe e eu temos um plano. Posso levá-la até a delegacia em Trets e de lá para o supermercado. Ficarei feliz em levá-la em meu carro. Enquanto isso, as crianças podem ajudar a minha mãe. E, à tarde, você vai dar um passeio pela montanha com a mamãe, Heidi. Você vai conversar com ela sem ninguém por perto.

— No supermercado eles vendem roupas? — perguntei. — Vocês têm esse tipo de loja que vende de tudo por aqui?

— Lá tem de tudo.

— Não acho que eles vão ter o tipo de roupa que eu uso — retrucou Charlotte. — Minhas roupas são meio que irônicas. Os franceses são irônicos?

— Você não vai ver ninguém conhecido por aqui, então pode muito bem usar roupas não irônicas por um tempo.

— Também posso levar toda a família até a catedral de Saint Maximin mais tarde — ofereceu Julien.

Abbot soltou um suspiro. Ele já havia tido sua cota de catedrais.

— Essa catedral tem uma cripta — continuou Julien, respondendo ao suspiro. — Eu também posso mostrar para vocês alguns... Como vocês os chamam? Porcos com dentes grandes?

— Porcos com dentes grandes? — repetiu Charlotte.

— Aquele tipo com dentes grandes. — Julien fez um gesto tentando mostrar presas.

— Javalis! — adivinhou Abbot.

— Sim, talvez sejam javalis — concordou Julien.

— Quantos javalis? — quis saber Abbot.

— Cerca de trinta, talvez mais. Você quer ir?

Abbot pensou por um momento e em seguida assentiu.

Julien e eu seguimos pela saída de carros e depois pegamos a estrada principal. Meu carro alugado não estava muito longe dali, parado no acostamento. Julien me informou que a locadora me enviaria um novo carro. Eles o entregariam na casa.

— Então — disse ele —, por enquanto eu sou o seu chofer!

Atravessamos Puylobier, passando a *pâtisserie*, a padaria e a pequena igreja com seu sino silencioso, até que a estrada se tornou mais larga, espalhando-se pelos vinhedos na encosta do Monte Sainte-Victoire. Julien abandonou a segunda e a terceira marchas que utilizou quando estávamos nos vilarejos e pisou fundo quando atingimos a rodovia D12, que ainda era uma estrada campestre, e em seguida passou para a quarta e a quinta de forma que as vinhas chegavam a envergar de ambos os lados. Ele era o tipo de motorista francês do qual eu já tinha medo.

Eu amava a organização dos vinhedos. Os troncos grossos das vinhas, as fileiras certinhas, a forma como as folhas e os frutos eram escorados pelas muretas. Entretanto, também havia uma parcela de caos naquelas plantações. Vez ou outra havia um espaço vazio. Uma vinha que não conseguira crescer, sofrera uma infestação de algum besouro exótico ou não recebera água suficiente do sistema de irrigação. As folhas, as vinhas retorcidas e as uvas verdes cresciam de forma selvagem pelas fileiras organizadas. O verde contra a terra avermelhada, *chartreuse* contra chocolate.

A viagem entre Puylobier e Trets se tornaria uma das minhas favoritas. Não que houvesse algo de extraordinário em Trets além do supermercado Monoprix, da lavanderia Laundromat e, fazendo jus ao propósito da viagem, da delegacia, mas o próprio trajeto pelos vinhedos no vale ressequido formado entre as duas montanhas era de tirar o fôlego.

— Esperamos muito tempo pelo seu retorno. — A camisa de Julien ondulava ao sabor da ventania gerada pelo conversível. Ele era sexy de um jeito que a maioria dos homens americanos não se permitia ser. Os americanos pareciam duros, como se a masculinidade dependesse da definição de seus músculos. Na verdade, os homens americanos não se permitem ser sexies. Esse é um domínio das mulheres nos Estados Unidos. Entretanto, espera-se que os homens europeus sejam sensuais. Eles se sentem confortáveis com essa ideia, de forma que, para nosso estranhamento, eles são sexies sem nem ao menos se darem conta disso — Julien, pelo menos, era assim. Ele usava uma colônia, uma fragrância terrosa e encorpada. Suas roupas certamente custaram um bom dinheiro, porém ele as usava de forma relaxada e confiante. A camisa de linho branco tinha um botão aberto a mais do que um homem americano teria deixado — talvez dois, dependendo do americano —, mas nele isso ficava elegante.

— O que você quis dizer com “esperamos muito tempo pelo seu retorno”?

— Você, sua irmã e sua mãe eram estrangeiras que preenchiam nossas vidas. Meu irmão e eu esperávamos por notícias de vocês quando não estavam aqui. Às vezes vocês mandavam umas fotos no Natal, mas não era muita coisa. E então chegava algum verão em que num passe de mágica vocês estavam aqui para logo em seguida desaparecerem novamente.

— Eu realmente nunca pensei a respeito na perspectiva de vocês.

— E então, quando vocês começaram a ficar interessantes, pararam de vir.

— Interessantes? Eu pensei que você me achasse corajosa e estranha.

— Você era.

— Hã... Eu penso em mim mesma como alguém apavorada, na verdade. Eu era corajosa?

- Muito.
- Por que você me jogava na piscina?
- Você me apavorava.
- Eu? Com o meu prendedor de cabelo de flor?
- Com toda a certeza. – Ele me encarou.

Eu me perguntei se ele estava flertando. Decidi mudar de assunto para um terreno mais seguro.

- Então você está aqui ajudando a sua mãe?
- Estou tentando. Ela é teimosa. Mas está fazendo bem para mim ajudá-la agora. É uma boa distração.

Olhei para Julien. Um de seus braços estava para fora da janela, como se quisesse sentir o vento, e o outro apoiado no volante. O cabelo se debatia contra o seu rosto. Ele tinha os mesmos olhos ágeis e escuros de quando era criança.

– Estou fugindo, voltando à minha infância – disse ele. – Voltando para a minha mãe, na verdade. – Ele olhou para a estrada à frente. – É isso que os garotinhos fazem. Eles fogem.

- Você é um garotinho?
- Foi isso que ouvi. – Ele se virou para mim. – E você? Você também está fugindo?
- Não tenho certeza.

Ficamos em silêncio por um instante. Tentei praticar como apreciar o momento naquele lugar, mas tudo ao meu redor gritava: *passado, passado, passado*. As casas de fazenda com suas paredes de pedra, as persianas desbotadas e os velhos equipamentos aposentados, fadados a apodrecerem sob o sol da Provence, esperando pelos mistrais do inverno para chicoteá-los, puni-los por esses maravilhosos dias de verão. A própria espessura das vinhas demonstrava sua idade, sua maturidade, sua habilidade de sustentar frutos que anos depois se tornariam vinho na mesa de alguém, acompanhando uma simples refeição composta por *pistou* e um pão com casca crocante.

- E então, quem o chamou de garotinho?
- Minha esposa.
- Você é casado?
- Eu me divorciei há tão pouco tempo que posso contar o número de vezes que usei essa palavra em uma das mãos. Esta é a quarta vez. Ela ficou com a casa, por isso fico aqui quando não estou viajando a negócios. Minha mãe precisa de ajuda, então este é um bom momento para ficar por aqui. Mas a verdade é que eu estou péssimo.
- Você tem um jeito estranho de demonstrar isso.
- Quanto pior você se sente, mais precisa se esforçar para demonstrar alegria.
- Então noite passada foi um desses esforços?
- É claro – ele respondeu. – Dizem que é mais difícil se recuperar de um divórcio do que

de uma morte.

— Bem, eles estão errados. — Declarei isso com uma raiva que surpreendeu a ambos.

— Sinto muito. — Ele pareceu dolorosamente envergonhado, porém mais do que isso. Ele de fato sentia muito. — Minha mãe me contou e não sei por que falei uma coisa dessas. Li em um livro. Fiquei com isso na cabeça. Mas é claro que é uma conclusão estúpida. Morte é morte. Sinto muito que você o tenha perdido.

— Está tudo bem. De qualquer forma, é besteira comparar as tragédias. Seja morte ou um divórcio. Todos têm o direito de sentir sua própria dor. É como um presente de despedida. Uma porcaria de presente, mas mesmo assim um presente.

— Exatamente — Julien declarou. Percebi que ele se sentia tão mal que concordaria com qualquer coisa que eu tivesse a dizer àquela altura.

— Vamos fazer uma coisa — sugeri, tentando tirá-lo daquela situação. — Vamos comparar nossas tristezas. Descobrir qual delas é a pior.

— Não, não.

— Você só está com medo de perder. Você está com medo que eu esteja me sentindo ainda pior e acabe reduzindo a sua tristeza, o que fará com que você se sinta terrível por se sentir terrível, quando na verdade existem pessoas por aí que estão ainda piores, incluindo eu e toda aquela gente que está morrendo de fome em países devastados pela guerra.

— Você está tentando me perdoar? — ele perguntou.

— Eu já o perdoei, aceite você ou não. Vamos jogar.

— Tudo bem. Mas preciso lhe dizer. Estou me sentindo *muito* mal.

— Sem problema. Eu começo.

— Ótimo, porque eu não sei como se joga isso.

Pensei por um momento.

— Tudo bem. Às vezes eu fico andando de um lado para o outro em vez de dormir e às vezes ainda choro tanto que mal consigo respirar.

— Para começar, não tenho nem conseguido dormir.

— Bem, eu praticamente não consigo comer. E quando consigo nem sinto o gosto das coisas.

— Eu como sem parar e nunca fico satisfeito.

— Acho que vejo o meu marido em todos os lugares em pequenos relances.

Ele olhou para mim, impressionado.

— Eu faço isso. Vejo as costas da cabeça dela, o cabelo, os ombros em um vestido, e então a pessoa se vira e não é ela. É outra mulher que pegou o corpo dela.

— Você não está cronometrando direito — sussurrei.

— Como assim?

— Nada — respondi. Henry por um momento surgiu, mesmo que em um relance, de uma forma extremamente visceral em minha mente: os braços, o peito, os lençóis da nossa cama. — Eu perco tudo o tempo todo.

— Eu perdi cinquenta por cento de tudo, o que inclui a minha filha.

Eu tinha Abbot por inteiro, cada pedacinho dele. Fechei os olhos bem devagar por um segundo e deixei simplesmente que o sol esquentasse meu rosto. A confissão de Julien ressoou em minha própria dor.

— Qual é o nome dela?

— Frieda. Ela tem quatro anos e ficou com a mãe este verão. Eu precisava salvar meu casamento, mas não consegui. Talvez se eu fosse uma versão melhor de mim mesmo, eu houvesse conseguido. Só que esse não sou eu.

Lembro-me da sensação de reconhecimento que experimentei quando o vi do banco de trás do conversível debaixo do temporal, logo depois de termos nos encontrado. Aquela inquietude tão profunda. E por fim eu descobria o que havia de tão familiar naquele sentimento: o reconhecimento da culpa.

— Meu marido morreu em um acidente. Eu estava há uns 25 quilômetros de distância. Mesmo assim acho que poderia tê-lo salvado.

Viramos em uma estrada mais movimentada e passamos por uma pista de motocross. Quatro motocicletas roncavam enquanto corriam ao redor de um pequeno circuito oval feito de terra. Um cavalo solitário observava tudo de um estábulo rústico.

— Com certeza não sou a primeira pessoa a falar que não foi sua culpa — disse Julien. — As pessoas me falam a mesma coisa, só que, no meu caso, elas estão erradas, pelo menos em parte. Mas isso importa? Porque não é possível aplicar a lógica para coisas ilógicas com a expectativa de que elas ganhem sentido.

Eu me recostei novamente em meu assento.

— Não quero superar o que aconteceu. Isso seria o verdadeiro fim. E eu não quero que termine.

Julien parou em uma rotatória, esperando por sua vez.

— Eu quero superar — ele disse —, mas tenho medo de jamais conseguir.

— Quem está pior então? — perguntei com uma das mãos sobre os olhos para cortar a luz intensa do sol. — Você ou eu?

Com o carro parado, ele sacudiu a marcha.

— As pessoas que estão morrendo de fome nos países devastados pela guerra — ele respondeu.

— Ah — retruquei. — Elas sempre ganham.

Chegamos à delegacia de Trets, que ficava em uma estranha interseção de três ruas. Nos

fundos, havia um estacionamento para todas as viaturas da polícia, mas apenas três vagas para os cidadãos em geral na frente da construção. Encarei isso como uma lição dada pela polícia francesa, uma tática de intimidação. *Nós estamos em maior número, ou, talvez, Nós somos tão bons que nem precisamos sair da delegacia.*

E talvez eles fossem mesmo, pois uma das vagas estava vazia.

— Meu francês está enferrujado — informei a Julien quando saímos do carro. — Com isso quero dizer que deve fazer mais de uma década que eu não falo francês.

— Eles falam inglês. Você vai ficar bem e eu estarei ao seu lado se precisar de alguma coisa.

Caminhamos até um portão de ferro que dava acesso à *gendarmerie*. Ao lado do botão havia instruções que não consegui entender. Olhei por cima do meu ombro para Julien. Ele fez um gesto para que eu apertasse o botão e foi o que fiz.

Alguém respondeu com aquela voz internacionalmente chiada de interfonos. Apesar de confusa, falei logo de imediato:

— *Je suis l'Américaine qui était...* — Sou a americana que foi... Eu não queria dizer *violada* novamente. E não conseguia lembrar como se falava a palavra “roubada”, então disse: — *qui était roubada hier.*

Por mais estranho que possa parecer, aquilo acabou funcionando. O portão apitou e dei um empurrão para abri-lo.

— Por que esse portão? — perguntei para Julien. — Por acaso Trets é alvo de terroristas ou de atos de violência contra a polícia?

— Eles são como os policiais dos filmes americanos. Estão sempre comendo doces. Os franceses levam os doces muito a sério. Nossos oficiais estão protegendo a comida.

— Rosquinhas. — Sorri. — Os policiais americanos são mundialmente famosos por suas rosquinhas. Que são ótimas, por sinal.

— Rosquinhas — ele repetiu. — Sim, aquelas coisas que têm um furinho.

O longo balcão estava deserto. À direita, havia uma fileira de cadeiras igualmente vazias.

— A gente precisa tocar alguma sineta? Pegar uma senha? Julien deu de ombros.

— Vamos esperar. É verão na Provence.

Ficamos lá ouvindo os homens bater papo e gargalhar em uma sala nos fundos da delegacia. Devo mencionar que Julien parecia ser um cara popular. Seu telefone não tocava nem vibrava, mas em vez disso fazia um barulhinho que lembrava o de uma passagem sendo destacada por um condutor de trem toda vez que alguém deixava uma mensagem. Eu me perguntei quem estaria querendo falar com Julien. Ele sempre olhava a tela para saber quem era, mas em nenhum momento saiu da delegacia para responder à ligação.

— O que você faz da vida? — eu quis saber.

— Sou designer gráfico, mas também cuido da parte administrativa do meu negócio. Meu

principal cliente está baseado em Londres, então não tem problema se eu trabalhar daqui por um tempo. Minha rotina é flexível. Mesmo assim terei que ir a Londres em algum momento deste verão e no outono.

— O pessoal do trabalho está tentado entrar em contato com você? — perguntei. — Tudo bem se você precisar responder à ligação.

— Não, não é ninguém do trabalho.

Seriam outras mulheres? Cami, por exemplo?

Por fim, um policial se arrastou até o balcão. Ele era exatamente o estereótipo do francês velho, o tipo de cara que Norman Rockwell pintaria se ele por acaso pintasse velhos franceses. Nariz longo e torto, boca escura com dentes manchados de cigarro, cabelo oleoso, barba de dois dias por fazer, postura péssima. Usava um colete da polícia surrado que parecia ter no mínimo uns vinte anos.

— *Bounjour* — disse ele antes de soltar alguma frase em alta velocidade que terminou com uma pergunta.

Julien olhou para mim à espera de uma resposta, mas eu não fazia a menor ideia do que o homem havia falado. A ausência de resposta deixou claro para o policial quem eu era.

— *Ah, l'Américaine. Venez ici. Por aqui.* — Ele fez um gesto para que eu passasse para o outro lado do balcão por uma entrada à direita.

Eu me levantei enquanto Julien continuou parado, sem saber se deveria me acompanhar.

— *Ton mari aussi* — disse o policial. “Seu marido também.”

Eu rapidamente expliquei que Julien não era meu marido.

O policial olhou para nós dois como se achasse que eu mentia.

— *Mais oui, c'est évident* — ele declarou, querendo dizer que era óbvio que Julien era mesmo meu marido.

Dessa vez Julien explicou que não.

O oficial pareceu ofendido por mentirmos na cara dura e aí fui eu quem se sentiu ofendida, como se houvesse sido acuada. Será que essa coisa de tratar as pessoas imediatamente como mentirosas era algum tipo de tática para deixá-las na defensiva?

Nós o seguimos até um escritório que tinha quatro mesas da época da Segunda Guerra. À esquerda havia mais dois escritórios particulares com pôsteres de ídolos do futebol francês.

Pensei que eu devia estar esperando por algo diferente da delegacia como um todo, algo mais francês —alguma coisa, como eu tinha vergonha de admitir, parecida com a Legião Estrangeira Francesa que eu via nos filmes em preto e branco —, porém, aquela era apenas uma delegacia do interior, o homem diante de mim era apenas um policial e as paredes eram pintadas de um verde pálido quase nauseante, industrial, perturbador e completamente familiar.

Enquanto caminhávamos pela pequena antessala, outro policial se juntou a nós. Esse tinha um bigode farto. Ele me passou um formulário e pediu que eu o preenchesse. Listei todas as coisas

que haviam sido roubadas, incluindo o dicionário. Era ele que eu realmente queria de volta. Apesar de ter dito para Abbot que aprendíamos coisas boas quando algo de que gostávamos era tirado de nós, eu ainda queria aquele dicionário de volta mais do que qualquer outra coisa. Coloquei um asterisco ao lado da palavra *dicionário*. Expliquei para os policiais o quanto aquele livro era importante para a nossa família. Não que eles se importassem de fato, mas mesmo assim eu precisava fazer aquilo.

Os policiais me pediram para descrever o que havia acontecido. contei tudo da melhor forma que pude com o meu francês. Expliquei que dois homens estavam *habillés comme les touristes d'Allemagne* – vestidos como turistas alemães. Eles me perguntaram se tranquei o carro. Eu não tinha certeza. Os policiais queriam que eu descrevesse o carro dos ladrões. Eu me lembrava que os pneus do carro não tinham calotas, mas não sabia como dizer isso em francês. Foi então que Julien interveio em meu auxílio. Eles perguntaram sobre danos, sobre o que havia sido roubado.

O policial de colete perguntou o que eu queria dizer com *habillés comme des touristes allemands*.

Falei sobre as camisetas apertadas e as sandálias com meias, e fiz mímica para indicar as calças capri. Logo em seguida me dei conta de que *capri* era provavelmente uma palavra francesa. Olhei para Julien em busca de ajuda, mas ele parecia estar se divertindo com aquela pantomima.

– Vá em frente – incentivou ele. – Você está indo bem.

O policial de bigode me perguntou por que eu achava que os turistas alemães usavam calças capri. Não consegui responder a pergunta. Eu não fazia a menor ideia. Turistas alemães do sexo masculino vestindo calças capri eram uma visão enraizada na minha cabeça. Dei de ombros.

Julien traduziu a pergunta.

– Entendi o que ele falou – retruquei. – Só não tenho uma explicação racional para compartilhar no momento.

Eles tinham uma transcrição da minha ligação e, referindo-se a ela, o de colete me perguntou se os ladrões estavam armados.

– *Les voleurs ont eu un pistolet?*

– *Non.* – E falei sobre os garotos de short florido, *les shorts avec les fleurs*, que tinham uma arma. Para evitar a confusão vexatória entre as palavras *arma* e *foguete*, me prendi ao termo *pistolet*. – *Les voleurs n'ont pas un pistolet.*

– *Le pistolet était um jouet* – o policial com o colete informou como quem estivesse se divertindo com aquela situação.

Julien olhou para mim com a cabeça inclinada e deu de ombros.

– Viu? As coisas aqui são assim.

– Eu sei. Já entendi. Armas de brinquedo.

Finalmente o policial de colete perguntou a respeito do asterisco ao lado da menção ao dicionário.

Expliquei em francês que aquele livro era muito importante para a minha família, que ele pertencia a alguém que nós amávamos, alguém que estava morto.

— *Qui?* — o policial bigodudo perguntou.

— *Mon mari* — eu disse. — Meu marido.

— *C'est une veuve?* — o policial de colete perguntou para Julien. “Ela é viúva?” Os olhos dele estavam cheios de lágrimas. Imaginei se havia perdido a esposa.

— *Oui* — Julien confirmou.

— *Si jeune* — comentou o policial com o colete, balançando a cabeça. “Tão jovem.”

Eles se recostaram em suas cadeiras e me garantiram que procurariam pelos bens roubados. Um dos policiais se inclinou na direção do outro e os dois começaram a cochichar rapidamente. Por fim, o policial de colete se dobrou para a frente e fez um gesto para que Julien se aproximasse. Ele perguntou algo em voz baixa.

Julien olhou para eles intrigado, em seguida deu de ombros e se virou para mim.

— Eles querem saber se você já viu americanos muito conhecidos.

— Gente famosa? — Estava quente demais para usar um colete. — Celebidades?

— Sim! — o policial de bigode concordou com um forte sotaque francês. — *Des* estrelas.

— Você conhece a Daryl Hannah? — acrescentou o policial de colete. Ele pronunciou *Daryl Hannah* com uns *erres* tão puxados e um *h* tão mudo que nem consegui reconhecer o nome.

— Quem? — perguntei.

— Você sabe! — O policial de colete ficou irritado. — *Darrrrrrrelle Anna!* Do filme *Splash*, com o Tum Anks.

— Daryl Hannah — informou Julien.

— Ah, Daryl Hannah — repeti.

O policial revirou os olhos como se Julien e eu estivéssemos zombando dele e nos odiou um pouco por isso.

— Sei *quem ela é*. Da mesma forma que eu sei *quem são* Sophie Marceau e Edith Piaf.

— Edith Piaf está morta — informou-me o policial de bigode.

— Isso é verdade — confirmou Julien, apesar de estar fazendo um esforço para se manter sério.

— É, eu imaginei.

— Mas a Sophie Marceau, ela é muito boa. Até mesmo nos filmes ruins ela é boa. Ela é francesa.

Julien olhou para mim como se estivesse prestes a ter um ataque de riso.

— Você não concorda? — perguntou o policial de bigode na defensiva.

— Ela é boa — elogiou Julien. — Ela é muito boa.

— Como a Julia Roberts! — declarou o policial de colete, que pronunciou *Roberts* como *Rrrrrro-bearr*.

— Eu sei — eu disse.

— Mais alguém? — o policial de colete perguntou. — Bem conhecido? — Os dois homens olharam para mim, ansiosos.

— Uma vez eu vi o Al Pacino. Ele estava indo para uma *première* em Nova York com um terno de linho preto. Henry e eu estávamos no mesmo hotel no casamento de um amigo. Foi uma feliz coincidência.

— Pacino — eles repetiram com reverência, apertando os olhos e assentindo.

— E certa vez ouvi um discurso do Bill Clinton — acrescentei.

Os policiais caíram na gargalhada e perguntaram alguma coisa para Julien em um francês acelerado. Ouvei a palavra *embrasse* com muita clareza.

Julien balançou a cabeça negativamente e ergueu as mãos como se estivesse se rendendo.

— Cavalheiros, *non*.

O policial de bigode olhou feio para Julien por ter sido tão desobediente.

— Queremos saber se... você o abraçou.

— Como aquela mulher... — o policial de colete completou.

— Monica Lewinsky? — Fiz que não com a cabeça. — Não, eu não abracei Bill Clinton como a Monica Lewinsky.

— Monica Lewinsky. — Eles riram. — Ela é bem conhecida...

— Ok, ok — interrompeu Julien. — Já chega.

— Podemos ir agora, não é? — perguntei.

Julien se levantou.

— Estamos indo.

— Claro — disse o policial de bigode. E, com isso, ambos voltaram para o francês, entregando-me o boletim de ocorrência e informando que só por precaução eu deveria anexá-lo ao relatório do meu seguro.

O policial de colete me acompanhou até a porta e disse, em francês, com um dar de ombros francês e um enfado tipicamente francês:

— Talvez encontremos as suas coisas. Talvez você pise na merda com o pé esquerdo.

— Ele está lhe desejando boa sorte — explicou Julien.

O policial colocou as mãos na cintura e sorriu, uma pose imponente de benevolência.

Quando acenei para ele e saí, sussurrei para Julien entre um sorriso:

— Posso dar adeus para as nossas coisas, não é? Elas se perderam para sempre, certo?

— Sim. Elas se perderam para sempre.

Momentos depois, Julien presenciou o que só poderia ser descrito como um frenesi de compras. Prometi a Charlotte fazer compras de verdade nas lojinhas de Aix e lhe garanti que por enquanto compraria só algumas coisas para quebrar o galho. Ela me passou os seus tamanhos e me deixou assumir a função.

— Quando estiver em dúvida, escolha o preto. — Ela me deu um tapinha no ombro.

No Monoprix comprei de tudo, desde cuecas para um garotinho, sutiãs, sapatos e alguns vestidos de tecido elástico que serviriam para diferentes manequins até escovas de dente, pentes e vitaminas. Comprei comidas que não precisavam ser cozidas, já que tínhamos apenas uma sucata enegrecida no lugar do que deveria ser o fogão, incluindo um gigantesco pote de Nutella, pois Abbot havia se apaixonado perdidamente pelo doce, e um patê bizarro só porque estava em promoção e os franceses parecem comprar tudo em quantidades homéricas. Comprei uma câmera, adaptadores e um carregador universal. Não tive estômago para comprar outro celular. A ideia de rever os planos e a lista de tarefas que eu havia planejado para nossa estadia na França era muito desanimadora. A gente poderia muito bem se virar apenas com o telefone de Charlotte.

— Estou me sentindo tão americana — comentei enquanto voltávamos para casa com o carro lotado de bolsas reutilizáveis de plástico rígido, pelas quais tivemos que pagar e agora tremulavam ao vento.

— Uma invasão — disse Julien.

— *Invadindo a costa da Normandia.*

— Foi bem o que você fez.

— Bem, foi necessário.

— Churchill está orgulhoso de você.

— Para minha defesa, não foi algo que eu tenha gostado de fazer. — Era a mais pura verdade. Com exceção do patê, aquelas compras foram uma obrigação. Em parte, eu me senti assim tão americana devido ao fato de o Monoprix ser praticamente igual a qualquer supermercado dos Estados Unidos, um imenso galpão fluorescente e surreal.

— Para fazer com que você se sinta mais francesa, vamos a uma *pâtisserie*, onde você poderá comprar pão francês e se sentir melhor.

Julien nos conduziu de volta pelas ruas estreitas e tortuosas de Puylobier. Ele virou em uma rua secundária, parando diante de uma pequena confeitaria.

Uma confeitaria.

Percebi naquele exato momento, bem de repente, que eu não queria nem mesmo pisar em uma confeitaria. Eu não estivera em nenhuma que não fosse a Loja de Bolos desde a morte de Henry e mesmo assim evitava minha própria loja o máximo possível. Eu não estava ali para fugir das coisas que me doíam? Não estava ali para procurar por um pouco de alívio?

Pensei em contar para Julien que eu era uma confeitadeira profissional, mas não consegui. Ele poderia me fazer perguntas — perguntas comuns, sem nada demais — que me forçariam a contar os detalhes. Não havia como separar minha vida profissional de minha vida amorosa. Queria apenas contar as histórias que me dessem vontade de relembrar e evitar perguntas que poderiam me pegar com a guarda baixa. Eu tinha medo da natureza caprichosa da memória.

Eu me sentia desconfortável. Minhas mãos tremiam. Eu as esfreguei uma na outra para tentar me livrar daquela sensação. Convenci a mim mesma de que era mais fácil simplesmente me fechar para me curar de tudo aquilo. Eu ligaria meu olhar crítico, como fizera com o bolo de casamento de Elysius e Daniel, o que me permitiria um pouco de objetividade e distância para conseguir chegar até o final daquela situação.

Saímos do carro e entramos na pequena *pâtisserie-boulangerie*, uma construção feita de pedra com um toldo e no final de uma fileira de casas com grandes venezianas de madeira. Um sino na porta alertou o padeiro, que era um homem magro em meados da casa dos sessenta anos. Ele estava de pé atrás de vários porta-bolos, vestindo uma camisa branca impecável e uma correntinha fina com uma delicada medalha de metal, simples e circular, com uma inscrição pequena demais para que pudéssemos ler. Ele espalmou as grandes mãos no balcão e se inclinou para a frente para começar a bater papo com Julien. A medalhinha cintilava uma vez ou outra.

Olhei para os pudins protegidos pelas redomas de vidro cobertos por frutas vermelhas, os croissants com gotas de chocolate, os bolinhos com cobertura de açúcar.

— A gente vinha aqui quando era crianças. — Lembrei-me de Véronique e minha mãe discutindo sobre quem pagaria pelo quê.

— Sim — concordou Julien. — Viemos aqui para comprar coisas para a sua festa de aniversário.

Em nossa última visita, quando eu tinha treze anos, chegamos à França cedo o suficiente, no mês de junho, para comemorar o meu aniversário e organizamos uma pequena festa. Foi ali que compramos os quitutes. Lembro de ter pensado que eu já estava velha demais para comemorar o meu aniversário com bolinhos.

Mesmo assim, lembrava-me muito bem daquela loja. E agora sabia do que todos eles eram feitos. Conhecia alguns deles com intimidade. De repente, quis ouvir as palavras em francês. Apontei para uma das belas sobremesas, repleta de detalhes requintados.

— *Qu'est-ce que c'est?* — perguntei. “O que é isso?”

— *Américaine?* — disse o padeiro.

— *Oui* — respondi.

Nesse momento, o padeiro ficou sério. Ele olhou para mim e em seguida para Julien. O homem parecia querer perguntar alguma coisa. Seria algo sobre Daryl Hannah? Mesmo assim, ele não o fez. Em vez disso, descreveu o musse de framboesa com pistaches e duas camadas de pão de ló *genoise* mergulhado em xarope de framboesa.

Apontei para o doce seguinte e repeti a pergunta.

Ele descreveu, paciente e com reverência, uma *tarte citron*, uma coalhada de limão envolta por

massa de torta.

Perguntei sobre um doce após o outro: o tiramisu, onde um biscoito *jacond*, feito de amêndoas, recebia uma dose generosa de xarope de café; um rocambole de pera escaldado em vinho branco; um merengue de avelã com creme de manteiga e ganache de chocolate; um bolo branco e circular com cobertura de manga que levava rum, manga salteada e coco tostado; trufas com o centro feito de uma textura esponjosa em camadas, ganache de chocolate amargo e tortas, uma de chocolate, nozes e marzipã.

Repeti as palavras em voz baixa, quase murmurando. Amava a sensação que aquelas palavras me causavam: *framboise, mousse, pistaches, citron, coco...*

Lembrei como era trabalhar na cozinha com minha mãe depois de seu verão perdido, quando ela voltou para casa, com as mãos cobertas de açúcar de confeiteiro enquanto amassava o nosso fondant, batia o chantilly e separava as gemas dos ovos com um delicado movimento que fazia com que o ovo fosse de uma casca quebrada para a outra. Minha mãe trabalhava de forma frenética e eu ficava ao seu lado. Elysium sempre desaparecia com seus amigos, mas eu ficava com minha mãe na cozinha fumacenta quase o tempo todo, inebriada pelas essências de coco, açúcar caramelizado e bolos, todos soprados em ondas pela cozinha.

Havia uma confeitaria não muito longe da casa onde cresci, com caixas de bolo de papelão branco amarradas por fitas, porta-bolos curvados e transparentes e pequenas figuras de vidro para serem colocadas no alto dos bolos de aniversário, as mulheres vestidas com uniformes brancos que anotavam os pedidos e escreviam seu nome nos bolos com letras repletas de voltas bem na nossa frente. E, um dia, a obsessão da minha mãe pela confeitaria chegou ao fim, de forma que só íamos até lá para comprar bolos para aniversários e formaturas. Porém, sempre tive o desejo — tão intenso e fixo em cada bolo bonito, com minhas mãos espalmadas na vitrine gelada — de voltar para a cozinha com minha mãe, de presenciar o que deveria fazer parte de algum tipo de processo de cura, de testemunhar uma mulher que, sim, havia voltado para casa, mas que aos poucos retornava para si mesma.

Eu não sabia o que havia tomado conta de mim ali naquela pequena confeitaria francesa. Sentime zozza e faminta, mas de um jeito que não me sentia fazia muito tempo; uma fome tão inquietante quanto a minha culpa. Assenti junto com o confeiteiro e me flagrei dizendo:

— *Une* desses. *Trois* daqueles. *Deux* destes aqui. *Non, non, quatre.*

O confeiteiro continuou a olhar para Julien como se perguntasse se eu realmente tinha permissão para fazer aquilo, se eu estava com a cabeça no lugar. Julien não parou de assentir, *Sim, sim, faça o que ela disse.*

Ao voltarmos para casa, me dei conta do absurdo de tudo aquilo. Com o banco de trás repleto de sacolas do Monoprix, tive que empilhar as caixas de doces no meu colo. A pilha era tão alta que bloqueava minha visão. Enfiei bisnagas de pão entre a porta e o banco do passageiro.

— Isso faz parte da nossa educação francesa — eu disse.

— Sei que não é hora de sermos lógicos — retrucou Julien —, mas isso foi...

— O quê? Esta é apenas a minha contribuição.

— Exatamente. Eu entendo. Mas isso foi...

— Prazeroso — completei a frase. — Isso foi muito prazeroso. Estou tentando trabalhar com essa coisa de prazer e alegria, sabe? Segundo você mesmo, é o que as pessoas devem fazer quando estão se sentindo devastadas.

— Isso foi...

— O quê? — insisti. — Isso foi o quê?

— Erótico.

Ergui as sobrancelhas.

— Não seja tão francês a respeito disso. — Abri um sorrisinho.

— Não estou sendo francês. Essa é uma linguagem internacional. Isso foi erótico. Suspirei.

— Fiquei arrebatada.

— Sim. Foi isso mesmo. Isso também foi um começo.

— Um começo de quê? De viver um pouco?

— Sim — ele concordou. — Só um pouquinho, mesmo assim é um começo.

Julien me ajudou a tirar do carro todas as sacolas do Monoprix e levá-las para minha casa, porém levamos as caixas de doces para a casa dos Dumonteils. Pelas janelas abertas, ouvi um estranho grunhido fora do tom, com uma nota triste após a outra. Seria música? Ou algum ganso deprimido e terrível?

Encontramos Abbot, Charlotte e Véronique na cozinha, todos trabalhando com uma intensidade absorta. Véronique estava sentada em um banco junto ao balcão, conferindo algo dentro de um caldeirão.

Charlotte ergueu o olhar de uma tábua de corte com os olhos cheios de lágrimas. Será que ela era quem estava grunhindo? Um alarme nervoso soou dentro de mim. Será que havia acontecido algo terrível? Será que alguém havia telefonado para dar más notícias?

Mas então ela declarou com um sorriso:

— Eu nunca tinha cortado cebola antes.

— Como isso é possível? — eu quis saber.

— Ninguém que eu conheça cozinha comida de verdade.

— É uma reação química — Abbot explicou. — As cebolas têm células minúsculas e você as quebrou. — Aquilo soou como algo que Henry havia lhe ensinado. Henry era o tipo de cozinheiro que falava sobre a química da comida. Como Abbot ainda conseguia manter essas coisas na memória?

Abbot estava sentado diante de uma fila de taças de vinho repletas de néveis variados de água. Ele mergulhou um dedo em um dos copos e esfregou a borda delicada. Aquele foi o som que

confundi com um grunhido. Aquilo *era* música.

— Já dissequei uma sardinha — disse ele. A intensidade naquela cozinha estava voltada para as experiências científicas e não para o pesar. Será que eu não conseguia mais fazer esse tipo de distinção?

— Veja — eu disse para Julien, desligando o meu alarme. — A educação francesa deles já começou.

— Eles são crianças brilhantes — elogiou Véronique. Apesar de ela parecer completamente relaxada e serena, estava claro que havia mexido seus pauzinhos para que as crianças entrassem naquele estado de fascinação e curiosidade.

Colocamos as caixas sobre a mesa. Véronique se virou e arfou.

— O que é isso?

— Tive uma espécie de ataque na pâtisserie — expliquei.

— Abre logo! — Abbot berrou.

E assim fizemos. Erguemos as abas para revelar confeitos, suspiros e glacês.

— Por que tantos? Vou guardar isto aqui para a sobremesa. — Véronique fechou as caixas, talvez se sentindo desconfortável com aquela abundância.

— O que a polícia disse? — perguntou Abbot. — Eles vão encontrar tudo para a gente?

— Provavelmente não — respondi.

Abbot olhou para a fileira de copos diante dele.

— Prometi que íamos ver a catedral e os javalis esta tarde — lembrou Julien.

— Mas, antes de qualquer outra coisa! — declarou Véronique e me lembrei por um momento do Hercule Poirot dos filmes adaptados a partir dos velhos romances de Agatha Christie que eu amava quando era criança. Esperava que ela dissesse: *Contarei a todos vocês por que pedi que se reunissem aqui hoje*, e em seguida fizesse um discurso sobre os vários elos que levaram a um assassinato. — Antes de irem, quero andar pelos arredores com Heidi. — Ela pronunciava o *h* como se fosse mudo, o que fazia com que meu nome soasse como *ID*, a abreviação em inglês para carteira de identidade, como se eu fosse necessitar de uma identificação apropriada para dar uma volta. Eu sentia um pouco de medo de Véronique, e também a achava impressionante. Ela parecia ser uma força poderosa, que administrava a pousada sozinha e já era divorciada há muito tempo. Ela mantinha os olhos fixos em mim, como se tentasse ver dentro do meu ser. Eu me perguntei o que estaria procurando. — Vou só precisar de um tempo para me arrumar — ela disse.

— Eu estava indo ajeitar umas coisas em casa — expliquei. — Por que você não dá uma passada lá quando estiver pronta?

— Tudo bem — ela concordou.

— E depois vamos ver a catedral e os javalis — acrescentei. — Não podemos perder isso por nada.

Charlotte e Abbot começaram a ajudar Julien a preparar um almoço leve para viagem que comeríamos em nosso passeio enquanto eu voltava para casa para guardar tudo que comprei no Monoprix e organizar um pouco as coisas.

Durante a curta caminhada entre as duas casas, a montanha me surpreendeu mais uma vez. Ela apareceu de repente, tão imensa que quase me fez perder o rumo. O fato de aquela montanha ser basicamente o nosso quintal ainda me parecia algo sobrenatural, sem mencionar as escavações, os arqueólogos a distância que discutiam perto do padrão que haviam perfurado na terra.

Entrei na casa. Era estranho estar ali sozinha, com o silêncio ao meu redor. Agi depressa, separando nossas roupas novas em pilhas, colocando a comida dentro dos armários da cozinha e na minigeladeira. Se a casa fosse soterrada e dali a centenas de anos resolvessem escavar nossas coisas, decidi que pelo menos tudo estaria no lugar. E como essas coisas nos definiriam? O que elas significariam? Nossas embalagens, nossos plásticos, as escovas de dentes emborrachadas, nossos adaptadores volumosos? Pensei nos arqueólogos, em como seria desenterrar o passado, tirar a poeira e tentar recriar alguma semelhança com as vidas que um dia foram vividas. Na verdade, aquilo não era possível. Se eles desenterrassem todas essas coisas, não achariam o menor sinal de Henry. Ainda assim, Henry continuava sendo a maior presença de todas.

Revirei o fundo de uma das bolsas e achei o carregador. O telefone de Charlotte estava em cima da mesa da cozinha, exatamente onde ela o deixara. Eu o pluguei no adaptador. O aparelho soltou um bipe estridente e deu um sinal de vida. Havia então 57 chamadas perdidas.

Adam Briskowitz, pensei comigo mesma. Pobre garoto. Será que ele estava finalmente jogando a toalha? Imaginei John Cusack em *Digam o que quiserem*, carregando aquele rádio imenso sobre a cabeça durante uma serenata que não deu muito certo.

Subi para o segundo andar e troquei de roupa, escolhendo uma saia e uma camiseta, algumas das roupas casuais que comprei no Monoprix, e chinelos.

Enquanto descia os degraus de pedra íngremes e estreitos, ouvi o telefone de Charlotte vibrar sobre a mesa da cozinha.

Peguei o telefone. No identificador de chamadas li o nome BRISKY.

Soltei um suspiro.

— Brisky — li para mim mesma e atendi o telefone. — Alô?

— Alô? — a pessoa do outro lado da linha respondeu, impressionada. — Alô? Charlotte? Alô?

— É a tia de Charlotte — informei. — Heidi.

— A Charlotte está por aí? Posso falar com ela? É urgente. Tenho tentado entrar em contato com ela, é urgente de verdade.

— Ela não está aqui agora.

— Onde ela está?

— Ela está aqui comigo, na França.

— Ela viajou para a França?

— Sim. Acho que ela não quer falar com você, mas posso repassar uma mensagem, já que pelo visto ela não está ouvindo as que você tem deixado.

— Foi muito irresponsável da parte dela ter ido para a França — Adam falou mais para si mesmo do que para mim.

— Irresponsável?

— Sim. Ela não deveria ter feito isso. Pelo menos eu não acho que ela deveria. Você acha?

— Essa é a mensagem que você quer deixar para Charlotte? Que ela foi irresponsável porque está viajando no verão?

— Não — ele disse e senti um reflexo mais suave em sua voz. — Não, por favor. Por favor, diga para ela que eu a amo. E que eu não queria que ela fosse Briskowitzada.

— Tudo bem. Não estou familiarizada com esse termo, mas vou passar o recado para ela.

— Sei que ela não quer me ver, mas será que posso mandar uma carta? Uma carta à moda antiga?

— Talvez seja melhor, já que não temos internet aqui.

— Qual é o endereço? — Pude ouvi-lo procurar por um lápis e um pedaço de papel. Fui até a geladeira e li o endereço que estava pregado ali.

Ele repetiu o endereço e eu o confirmei.

— Ótimo — disse ele. — Muito obrigado. Pode esquecer a minha mensagem. E até mesmo a minha ligação. Vou mandar uma carta para ela hoje explicando tudo. E então, temos um trato?

— Temos.

— Sim, sim, tudo bem. Muito obrigado. Excelente. Nunca vou me esquecer disso. Obrigado.

— De nada. Tchau.

— *Au revoir!* — disse ele com um sotaque carregado. — *Merci e au revoir!*

— Cézanne retratou o Monte Sainte-Victoire de frente. Nós vemos a montanha de lado. *La longueur*. Uma tela ainda maior — explicou Véronique.

Havíamos cruzado a porta de trás da casa dela, passamos pelo caminho de carros de cascalho, pelos vinhedos e pelo sítio arqueológico, que àquela hora estava abandonado no calor do dia. Ela trouxera a bengala, que tinha uma empunhadura de mármore. Ela a usava menos para andar do que para apontar as coisas. Aquele parecia ser um acessório tão natural que me perguntei como ela um dia já se virara sem ele. — A montanha muda de cor ao longo do dia, se você tiver paciência. Sua mãe observou a montanha por um longo tempo naquele último verão em que nos visitou.

Eu não sabia como deveria digerir aquela informação. Tinha a impressão de que Véronique queria me fazer uma pergunta, mas eu não sabia qual seria. Eu me lembrava de nossa vida sem a presença dela como a cena de meu pai na cozinha lutando com o abridor de latas. “*Acho que*

vocês precisam estar preparadas para escolher um de nós. Quem sabe o que poderá acontecer?" Deu tudo certo. Ela voltou para casa. Tentei não pensar demais no que aquele verão perdido significara para ela ou para mim. Estava perdido, afinal. Ela foi encontrada e voltou para nós. Mas agora eu estava lá e não conseguia evitar imaginar o que acontecera com ela. O que ela havia descoberto que a fizera voltar para casa?

— A montanha é bonita — declarei simplesmente.

Véronique parou, esperando por mais alguma coisa.

— Sim — ela por fim concordou. — É mesmo. — Apontou para uma árvore a distância, entre nossas duas casas. — É ali que as suas terras começam. A linha segue todo o caminho até aquela árvore, mais ou menos. — A árvore dividia nossas propriedades assim como o caminho de carros entre ambas, que considerávamos como a fronteira oficial. — Tudo isso é seu. Vamos caminhar pelo perímetro de sua propriedade.

— Mas e o seu pé? — perguntei.

— Tenho que me manter em movimento por causa da circulação. E se mover é bom para os ossos. — Caminhamos um pouco. — Sua mãe é uma mulher muito forte.

— Acho que havia muita coisa passando pela cabeça dela na última vez que estive aqui. Creio que ela teve que decidir se voltaria ou não para casa, se valíamos mesmo a pena ou se ela deveria trocar tudo aquilo por uma vida na Provence. — Eu disse isso em tom de piada, porém, não existe tradução para esse tipo de leveza.

— As filhas dela sempre *valeram a pena*. A questão era o marido. Ele era... um traidor? É assim que vocês chamam?

Assenti, desconfortável por meu pai ser chamado de traidor, apesar de ele ser exatamente isso. Ainda assim, era meu pai e, depois de todos os anos que dedicara a salvar seu casamento, eu o havia recolocado em um patamar mais alto.

— Meu ex-marido era um imperialista. E era também um traidor. Ele foi embora. Quando sua mãe esteve aqui naquele verão em que seu casamento estava indo pelo ralo, meu casamento também estava indo pelo mesmo caminho.

Eu não sabia disso. Havia algo mais que minha mãe e Véronique compartilhavam.

— Onde está o seu marido agora?

— Ele morreu. Ele nos deixou no inverno. Não disse uma palavra. Arranjou outra família e foi viver em Arles. — Véronique soltou um suspiro. — E eu prefiro assim. Sem homem nenhum.

— Entendo. É possível ser uma mulher que vive sozinha, da sua própria maneira, e mesmo assim ser feliz. Reconheço isso.

Ela parou e enterrou a ponta da bengala na terra.

— Não. Fechei as portas do meu coração e as tranquei. Sua mãe não pôde fazer isso. Ela tem um coração com as portas abertas. Ela deixou essas portas abertas. Uma mulher fecha as portas do seu coração e as tranca. Outra as deixa abertas. Quem é a forte? Quem é a fraca? Ou, quem sabe, talvez nós duas não passemos de duas teimosas?

— Eu não sei.

— Quando ela estava aqui, meu casamento acabou. Vivíamos juntos, mas eu sabia que a qualquer momento ele iria embora. Depois que ele partiu, tive amantes, mas nunca me apaixonei de verdade. Fechei as portas por causa do medo. Esta não é uma boa vida, mas criei minhas próprias regras e agora vivo contente.

— Acho que criar suas próprias regras, inventar sua própria felicidade é uma coisa boa — eu disse.

Ela olhou para mim e me senti transparente. Será que eu havia fechado as portas do meu coração por causa do medo e agora elas estavam trancadas? Véronique começou a andar novamente.

— Então, depois de tantos anos, o seu pai valeu mesmo a pena? Sua mãe está feliz? Fiz que sim com a cabeça.

— Acho que ela está feliz. Eles têm um casamento forte. — Essa foi a minha tentativa de dizer que meu pai não a enganou de novo, que aquilo acontecera apenas naquela ocasião.

— Entendo — ela declarou sem nenhum sinal de emoção.

Eu não queria falar sobre a vida da minha mãe. Aquele assunto passara a me apavorar, pois eu podia então ver o poder que aquele lugar deveria ter exercido sobre ela, aquela terra tão sólida com a gravidade da montanha, e nossa família deve ter parecido pequena e frágil diante daquele cenário tão distante. Será que ela tentou imaginar Elysium e eu em nossas aulas de natação, cantando no acampamento de verão, tentando dormir à noite? Será que imaginou que poderíamos estar atravessando campos repletos de ervas venenosas, que poderíamos ter sérias queimaduras de sol, que poderíamos ter ido fazer uma trilha sem nossos chapéus e um carrapato ir parar no nosso cabelo? Essas eram as coisas das quais ela teria que cuidar. Meu pai não sabia de nada disso. Elysium e eu tomamos conta uma da outra durante aquele verão. Fiquei menstruada pela primeira vez e foi Elysium quem me mostrou a caixa de absorventes escondida no armário de roupa de cama e me ensinou a usar água gelada e sal para tirar a mancha de sangue dos meus lençóis. Será que minha mãe tinha noção de que seguíamos o fluxo e esperávamos, enquanto prendíamos coletivamente a respiração, que ela voltasse para nós?

— Minha mãe disse que você tinha informações sobre a reforma da casa, sobre a... *bureaucracy*? Talvez você tenha algumas pessoas para me recomendar? Eu queria deixar as coisas encaminhadas, sabe, começar a obra antes de ir embora. E então poderei ligar de vez em quando para ver como tudo está indo.

— Você vai ficar aqui por quanto tempo?

— Seis semanas — respondi.

Ela caiu na gargalhada.

— O que isso tem de tão engraçado?

Ela então riu tanto que teve que parar para tentar recuperar o fôlego.

— Sério. — Eu estava um pouco ofendida. — O que isso tem de tão engraçado?

— A sua mãe. — Ela balançava a cabeça em uma tentativa de recuperar a compostura. — Ela é uma mulher muito engraçada.

— O que você quer dizer com isso?

— Aqui é a França! — Ela abriu um dos braços. — Você terá que esperar de um a dois meses para conseguir uma *permis de construire* e para obter o *devis* dos trabalhadores, *le cahier des charges*.

— Com *permis de construire* você quer dizer permissão de construção?

Ela assentiu.

— É. Do governo.

— Um *devis* é o mesmo que *cahier des charges*? A tarifa que deve ser paga?

— O *devis* é, como vocês dizem mesmo? Quando você pergunta para o trabalhador qual é o preço do serviço? *Le cahier des charges* é um documento muito longo com detalhes muito específicos. E você vai querer que esse documento tenha *les tiroirs*.

— Com gavetas?

— É claro — disse ela como se explicasse o que gavetas teriam a ver com uma oferta de pagamento. — É difícil fazer com que os trabalhadores venham até aqui para fazer esse documento. Você tem que ligar para eles, pedir várias vezes e dizer que ouviu maravilhas sobre o trabalho deles, *bouche-à-oreille*, “ao pé da orelha”. Se eles chegassem logo, você iria querê-los?

Ela falou mais um pouco, mas tudo que entendi foram alguns termos universais sobre construção. Tudo levaria muito mais tempo do que havíamos pensado. Tudo sairia muito mais caro que os nossos planos. E a única coisa previsível era que algo imprevisível acabaria acontecendo durante a execução de alguma coisa que à primeira vista pareceria sem importância e totalmente previsível. Véronique então assumiu uma expressão séria.

— Pode ser que ninguém toque em nada por meses.

— Eu não vou passar meses aqui!

— Isso é bom. Porque quando eles começarem a quebrar as paredes, você vai viver no meio da poeira. Você vai aspirar literalmente a casa para dentro dos seus pulmões e sentir o gosto dela em tudo que comer. É melhor mesmo que você não esteja aqui.

— E você acha que a minha mãe sabia de tudo isso?

— Ela queria que você estivesse aqui. Ela a empurrou para cá.

— O incêndio foi proposital?

Véronique fez que não com a cabeça e soltou um *tsc, tsc, tsc*, o som de desaprovação que os franceses também fazem.

— O incêndio foi real, mas ela o usou para trazê-la até aqui.

Olhei para as montanhas, para o chão e para a casa.

— Mas ela também me mostrou revistas unicamente sobre azulejos. Ela me deu amostras de

tintas. Fez longos discursos sobre dar um ar mais moderno para a propriedade. Ela me disse para sentir e me conectar com a casa e permitir que as decisões surgissem.

— Ah! — Véronique ergueu um dedo no ar, sorrindo. — *Et voilà!* Você *pode* fazer todas essas coisas!

A essa altura havíamos chegado à grade ao redor da piscina vazia, repleta de folhas mortas. *Eu perderia meses só com a burocracia francesa? Eu teria que beijar os trabalhadores para que eles me dessem o preço dos seus serviços?*

— A piscina está funcionando, mas tem uma rachadura — informou Véronique.

— Quantos meses *isso* vai levar? — Meu tom era claramente irritado.

— Posso providenciar isso. Sei de alguém que pode vir olhar a piscina.

— Eu queria enchê-la.

— Bem, isso é possível.

— Podemos colocar a fonte para funcionar novamente? Talvez colocar algumas carpas lá dentro?

— Carpas?

— Peixes.

— A bomba está quebrada — explicou ela. — Isso podemos consertar sem permissão. Podemos enchê-la, mas provavelmente você vai querer que alguém mexa nas pedras.

— Eu gostaria de colocar carpas. — Sabia que estava soando petulante. — Pelo menos. Ela olhou para a escavação e apontou para os montes de terra com sua bengala.

— Esses são os trabalhadores de verdade. Eles encontraram uma sepultura.

— Foi o que Julien nos contou. — Tentei afastar da cabeça a frustração com minha mãe, o que naquele momento parecia uma missão fadada ao fracasso.

— Ossos — disse Véronique. — No fim, todos nós seremos ossos.

— Isso é verdade — concordei. — Mas, bem, nem sempre *no fim*. Alguns morrem antes de chegar ao *fim*. O *fim* é uma dádiva.

— Sua mãe me contou sobre o seu marido. Sinto muito, mas prometo que não vou tentar usar uma simpatia forçada com você. Sempre odiei essa coisa de ser simpática. — Ela sorriu.

— Eu também.

— Tenho uma coisa da sua mãe. Algo que foi encontrada no incêndio.

— O que é? — Eu não conseguia imaginar o que poderia ser. Minha mãe ardilosa. Lembrei-me do maiô amarelo na foto dela na piscina. Jamais vi aquele maiô em casa. Será que ela o havia comprado ali e o deixara para trás? Aquilo não fazia o menor sentido. É claro que Véronique jamais poderia ter guardado aquele maiô por todos esses anos.

— Vou lhe dar o que achei antes de você ir embora. É pequeno, mas acho que será importante

para ela. Só uma caixinha repleta de coisas. — O vento fez com que sua camiseta ondulasse. E antes que eu pudesse lhe pedir que me contasse o que era, ela disse: — Você sabe que sua mãe é uma ladra — ela declarou sem nenhuma raiva, apenas como quem atesta um fato.

— Uma ladra? — repeti. Ninguém nunca havia dito nada ruim sobre a minha mãe, jamais. Por outro lado, ela também não era o tipo de pessoa que os outros ficavam elogiando. Não. As pessoas não me paravam no meio da cidade para me contar que minha mãe as havia ajudado em um momento de necessidade ou que ela havia feito um maravilhoso trabalho angariando fundos para a caridade. Porém, ninguém jamais havia dito esse tipo de coisa sobre ela. — Minha mãe? Por acaso ela pegou alguma coisa sua?

— Uma pequena ladra. Uma ladra de corações.

— Como assim, ladra de corações?

Véronique balançou a cabeça. Ela não ia falar sobre aquele assunto. Tive então a impressão de que deveria ter havido algum mal-entendido. Uma ladra de corações me soou como um bom eufemismo para uma mulher adúltera, uma destruidora de lares. Seria a minha mãe essa pessoa? Será que de alguma forma ela havia tido alguma culpa na partida do marido de Véronique? Pensei na história que minha mãe me contou uma vez a respeito de uma amiga que fora maltratada pela família em um país estrangeiro durante anos após a morte de uma tia. Um dos parentes por fim explicou que ela jamais lhes dera o anel que havia prometido. “Que anel?”, a amiga da minha mãe perguntou, e eles disseram: “Você nos falou que nos daria um anel, mas ele nunca chegou”. A amiga da minha mãe teve que explicar a expressão: na língua deles, “dar um anel” significava fazer uma ligação telefônica. Na verdade, não havia nenhum anel. Talvez fosse esse tipo de coisa que estava acontecendo ali. Decidi que aquilo deveria ser algum tipo de mal-entendido que esclareceríamos em breve e do qual riríamos muito.

Véronique pendurou a bengala em um dos ombros e cruzou os braços.

— Estou preocupada com a casa e o terreno. O que vai acontecer quando eu partir.

Aquela confissão me pegou tão de surpresa quanto o fato de ela ter me escolhido para fazê-la. Eu tinha um pouco de medo dela, mas ao mesmo tempo também me sentia atraída. Aquela conversa estava sendo pesada e me deixava também um tanto perplexa, embora, por outro lado, me estimulasse, ainda que de uma forma estranha. Eu não fazia a menor ideia do que viria a seguir.

— Estou velha — disse ela.

— Julien não quer a casa?

— Os garotos brigariam. Eles têm problemas, como você já sabe. — Eu não sabia nada sobre os problemas dos garotos. — As crianças querem dinheiro nos dias de hoje. Eles venderiam a casa.

— Você perguntou isso a eles?

— Não. Quando eles a colocarem à venda, também será uma boa época você vender a sua. Alguém pode querer ambas as casas e todo o terreno.

— A casa não é minha, não está à venda.

— Entendo.

— E Pascal? — perguntei.

Ela balançou a cabeça e estalou a língua.

— Olha — eu disse. — Acho que você deveria dizer aos meninos que está preocupada. Eles podem adorar a oportunidade de tomar uma atitude sozinhos. Eles podem surpreendê-la.

— *Voilà*. — Ela tocou o meu braço. — Eu ouvi bem. A sua voz. Você é como a sua mãe, não é mesmo?

— Na verdade, não. É Elysium quem...

— Não. A sua irmã tem o rosto da sua mãe, mas você tem sua mãe dentro de si. — Ela deu um tapinha no próprio peito. — A forma como você olha para a montanha. Sua irmã nunca olhou para a montanha dessa forma. Ela é... — Véronique estalou os dedos no ar ao redor da própria cabeça com os olhos dardejando de um estalo para o seguinte.

— Distraída?

— Distraída. Sim. Mas você... — Ela balançou a cabeça e olhou realmente para mim pelo que pareceu ser a primeira vez. Eu não sabia o que ela via. — Você já se perguntou por que sua mãe nunca mais voltou aqui?

Eu sabia que havia muitos motivos complicados. Minha mãe amava aquele lugar, sempre quis voltar, porém, havia uma lacuna dolorida entre meus pais. Até mesmo eu associava a casa com o período em que ela nos abandonou.

— É longe — eu disse. — É caro chegar até aqui...

— Não — retrucou ela. — Não é isso. Pergunte à sua mãe. Ela tem lições a ensinar. — Véronique encarou o vento e deixou que ele soprasse seu cabelo para trás. Imaginei-a quando era uma garotinha. Ela e minha mãe se conheciam desde os verões que passaram juntas durante a infância. Eu as imaginei fazendo algo idílico, correndo pelos vinhedos entre as fileiras de vinhas.

— Você sabe que os verões provençais são secos — disse ela. — O que torna a terra e o ar perfeitos para incêndios, como o que a sua mãe presenciou antes de ir embora. As chamas queimaram as árvores, limparam a terra e foi isso que tornou possível as escavações dos arqueólogos. — Ela apoiou a bengala no chão. — Interessante, não? Foi uma tragédia, o incêndio, porém ele tornou possível que se escavasse o passado.

— Sim — concordei. Aquilo era uma metáfora, é claro. Mas será que Véronique havia feito a metáfora para designar a tragédia de minha mãe, o fato de ela quase ter perdido seu casamento naquele verão, a dor que sentira? Ou talvez estivesse falando de seu próprio casamento fracassado? Ou será que o foco daquela comparação era a minha própria tragédia, a morte de Henry? Seria aquele o momento certo para escavar?

Não importando como eu deveria entender aquela metáfora, ela dera fim à nossa conversa. O passeio havia terminado. Véronique começou a caminhar de volta para sua casa. Sua marcha claudicante era tão rápida e intensa que parecia até que o fato de ela mancar a projetava para a frente em vez de atrasar seu passo. Ela gritou:

— No fim, pode ser que a sua mãe, aquela ladra, acabe surpreendendo você. Ela já tinha feito isso.

No vento tempestuoso do conversível, Julien explicou que não deveríamos confundir Saint-Maximin-la-Sainte-Baume com Saint Maximin, outra catedral não muito longe dali, em Arles.

— A principal diferença é que essa aqui tem o corpo de Maria Madalena e a outra não.

Ele estava cumprindo a promessa de nos mostrar a catedral e os javalis. Antes, a catedral. Os javalis eram uma recompensa por termos suportado a primeira visita.

— Por acaso Maria Madalena não andava com Jesus lá no Oriente Médio? — perguntou Charlotte.

— Ela andava, mas então! — Julien ergueu um dos dedos no ar. — Ela entrou em um barquinho frágil sem vela nem leme junto com Maximin antes de ele se tornar santo. Havia também outras pessoas. E por fim eles se viram em Marselha. Um milagre.

— Isso parece mesmo milagroso — comentou Charlotte. — De um jeito bem turístico.

— Acho que *peregrino* é a palavra antiga para “turista” — retrucou Julien.

— Bem, então isso é mesmo coisa de peregrino.

— Como ela morreu? — quis saber Abbot. Ele estava sentado no banco de trás com os braços cruzados e colado à porta, o ar erguendo seu cabelo. Sua testa estava franzida e os olhos apertados para evitar que lacrimejassem devido ao vento.

— Ela converteu o povo de Marselha e então, quando estava velha, foi morar em uma caverna nas montanhas de Sainte-Baume.

— Mas como ela morreu? — Abbot insistiu.

— Acho que ela era muito velha — eu disse. — Ela morreu em paz porque era velha. Do mesmo jeito que a maioria das pessoas morrem. — Eu sabia que Abbot tinha medo de morrer antes do tempo, como o pai. Ele devia encarar a morte como um legado. Eu não conseguia imaginar como aquele fardo deveria ser pesado. Tentava lhe explicar em todas as ocasiões que a morte geralmente era um processo muito natural no fim de uma longa existência. Ficava preocupada com o fato de não ter conversado o suficiente com ele sobre a morte e ao mesmo tempo preocupada por falar demais sobre o assunto.

Abbot ergueu as mãos esfoladas, deixando que o vento passasse por seus dedos. Será que ele achava que essa era uma maneira de se livrar dos germes como o calor de um secador de mãos do banheiro de algum restaurante?

— Onde está o corpo dela? — ele perguntou. — Na igreja?

— Em uma cripta dentro da igreja — informou Julien. — E lá eles têm o melhor grafite. Sério. É muito antigo.

— Grafites antigos — repetiu Charlotte. — Interessante.

Imaginei se deveria contar a Charlotte que Adam Briskowitz lhe escreveria uma carta explicando tudo.

Ela parecia muito mais dócil desde que havíamos chegado, mais livre, divertida, menos...

condenada. Não queria que uma carta surpresa estragasse aquele encanto. Entretanto, ela poderia escolher ignorá-la quando chegasse, como fez com as mensagens. Ela obviamente tinha esse tipo de força de vontade. Decidi esperar.

Havia uma praça em frente à catedral com um banco feito de pedra lisa e uma espécie de fonte alimentada por uma única torneira. Comemos nossos sanduíches de presunto com manteiga ali, sob o sol, acompanhados por garrafas de Orangina e de água. Observamos uma mulher deixar que seu cachorro tomasse água da torneira e um tempo depois um homem aliviou a sede na mesma bica. Abbot terminou de comer depressa e correu ao redor da praça. Como a maioria dos espaços abertos que encontramos pela França, aquela praça estava repleta de guimbas de cigarro e cocô de cachorro endurecido e ressecado pelo sol. Abbot apontava para cada cocô como se fizesse uma patrulha. Aquele era o tipo de coisa que tornava viajar com crianças uma experiência única. Elas tinham uma visão diferente do mundo. Às vezes graças à sua inocência, às vezes apenas porque viam o mundo mais de baixo.

A catedral era feita de pedras irregulares e cinzas com imensas portas de madeira escura. Lá dentro era apertado, a luz escassa e o teto muito alto. Havia um pequeno púlpito de um dos lados acompanhado de uma escada pequena e curva. Escondido ali perto, Abbot descobriu um sistema de som com luzes e botões, e ordenei que não o tocasse. Aquilo parecia não ser nada apropriado, já que a voz de um homem de Deus deveria reverberar de forma natural, ou pelo menos era o que me parecia.

Mais uma vez Charlotte se enfiou nos confins da catedral, como havia feito em Notre-Dame. A nave era ladeada de ambos os lados por dezesseis capelas. Ela seguiu diante delas, parando na frente de cada uma, absorta por sua arte e por fim decidindo parar em uma específica para rezar. O pai dela e Elysius eram ateus. Tentei me lembrar se a mãe era religiosa. Ela me passava a impressão de ser meio New Age, mas eu não podia dizer com exatidão. Mal a conhecia. Mas Charlotte, com seu cabelo azul de pontas pretas e sua argola no nariz, parecia estranhamente achar que havia encontrado o lugar onde deveria estar. Ela parecia confortável com a cabeça baixa e as mãos unidas. Invejei aquilo. Eu costumava ser o tipo de pessoa que rezava antes de dormir como uma espécie de meditação. Porém, depois que Henry morreu, eu me sentia impedida. Não conseguia lembrar pelo que eu rezava nem como. Era como se as preces fossem uma língua estrangeira que conheci um dia, mas da qual não era mais capaz de me lembrar, mesmo que da forma mais rudimentar. Lembrava-me da ideia de rezar, da sensação de calma que sentia até mesmo quando era criança, mas aquilo parecia estar muito distante.

Julien acelerou o passo.

— Abbot quer procurar pela cripta.

— Hein? — Eu me preocupei por um momento com aquela fascinação mórbida: a cripta, as escavações arqueológicas próximas à casa. Não era estranho que Abbot não ficasse com medo dos germes? Duvidei que ele se lembrasse do funeral do pai. Nunca havíamos falado de fato sobre sua morte. Eu sempre me concentrava em passar uma imagem viva de Henry. Talvez o interesse de Abbot pela morte se devesse à forma como eu evitava aquele assunto. Ou seria só uma fascinação normal de qualquer criança?

— Será que isso não é um sacrilégio? — Julien pronunciou a palavra *sacrilégio* com um sotaque francês. — Não é assim que vocês falam em inglês?

— É sim. — Decidi deixar que ele prosseguisse pelo menos daquela vez. — E está tudo bem. Deixe-o procurar pela cripta.

— Combinado. — Julien caminhou pelo corredor até Abbot e lhe deu um tapinha nas costas.
— Venha nos avisar quando encontrar.

Sentei em um dos bancos. Julien veio até mim e se sentou ao meu lado. O joelho dele roçou no meu quando se sentou e só então me dei conta do quanto suas pernas eram longas. Ou será que eram aqueles bancos que haviam sido feitos há tantas gerações para pessoas menores?

— Você se lembra da minha mãe quando ela esteve aqui no verão do grande incêndio? — sussurrei.

Ele assentiu.

— Eu era só uma criança, mergulhada em meu próprio mundo, mas, sim, eu me lembro dela.

— E como ela estava?

— Estava mais quieta. E tinha aulas. Também trabalhava no jardim. Eu a via na janela da sua casa, olhando para a montanha. Ela estava doente de amor. E você não estava aqui com a sua irmã. As coisas estavam erradas.

— Sua mãe a chamou de ladra de corações.

— O que é uma ladra de corações?

— Achei que você saberia.

— Não sei.

— Ela disse que as portas do coração da minha mãe estavam abertas e as do coração dela estavam trancadas.

— Essa é uma das expressões da minha mãe. Ela fala assim sobre o coração das pessoas, como se fossem os cômodos de uma casa. Às vezes, cômodos trancados.

— Acho que minha mãe teve um caso enquanto esteve aqui.

— As pessoas se apaixonam. — Ele olhou para os tubos altos do órgão revestido de madeira escura.

— Ela veio para cá porque meu pai teve um caso. Ela estava meio desesperada. Não sabíamos se ela voltaria. Talvez tenha pensado em não voltar mais.

— Meu pai foi embora e nunca mais voltou. Você teve sorte. Ela voltou para casa.

Assenti. Véronique estava me instigando, não estava? Ela queria que eu perguntasse pela minha mãe. Disse que minha mãe havia aprendido lições, que tinha algo para passar à frente. Porém, o verão perdido da minha mãe era apenas dela. Se ela quisesse me contar a respeito já o teria feito. Talvez o mais importante nos verões perdidos era o fato de que deveriam continuar assim: perdidos.

Foi então que Abbot correu na nossa direção, sem ar.

— Encontrei um lugar com degraus que descem para o subsolo. Acho que é lá. Acho que

encontrei a cripta.

— Mostre-nos — pediu Julien.

Charlotte estava vagando ali por perto, de forma que nós três seguimos Abbot por uma série de degraus de pedra que levavam até uma sala escura.

— Olhe só para isso. — Charlotte correu as mãos pelos grafites entalhados na pedra. — Este é de 1745. E esse outro de 1691. Quem ficava fazendo grafites engraçadinhos em 1691?

— Acho que os engraçadinhos existem desde que o mundo é mundo — comentei.

— Esses grafites aqui são mais antigos do que todo o nosso país — atestou Charlotte. — Se esse grafite fosse nosso, teríamos um museu só para ele em Washington. Somos carentes de antiguidades.

— Mas nós inventamos o chapéu de caubói — lembrei. — Ou pelo menos tenho quase certeza de que inventamos o chapéu de caubói.

Seguimos pelas escadas estreitas e mal iluminadas, com Abbot na frente. Ele parou no final da escada. Todos nós olhamos para a outra extremidade da pequena cripta vazia com seu teto baixo e abobadado. E então, graças a um halo de luz, vimos o que parecia ser um capacete dourado. Um sarcófago. Os restos mortais de Sainte Marie-Madeleine, a nossa Maria Madalena.

— Ali! — gritou Abbot e começou a correr na direção do sarcófago.

— Espere — disse Julien.

Mas já era tarde demais. Abbot não viu o reflexo da luz na redoma de acrílico que envolvia o sarcófago e deu de cara com ela, como um passarinho que atinge uma janela. Ele caiu de costas no chão com tanta intensidade que a parte de trás de sua cabeça bateu no chão com um estrondo oco, preocupante.

— Abbot! — berrei e me ajoelhei ao lado dele. — Você está bem, amorzinho? — Coloquei a mão atrás da cabeça dele, procurando por sangue. A cabeça estava seca, mas já havia um arranhão vermelho em sua testa. Pensei em concussões e hospitais. Imaginei que os médicos franceses deviam ser como os policiais, que ficavam coçando o saco em seus coletes querendo conversar comigo sobre Daryl Hannah. Uma pequena onda de raiva brotou em meu peito. Por que eu estava com raiva? Porque estava sozinha. Henry havia me deixado ali sozinha. Ele não estava na praia naquele dia, gritando para nós que estávamos na água, dizendo que tínhamos ido *muito longe, longe demais*.

Abbot ergueu a cabeça devagar. Seus olhos estavam repletos de lágrimas e quando piscou duas delas correram por suas bochechas. Ele olhou para as próprias palmas e as manteve abertas diante do rosto. Já esfoladas de tanto serem lavadas, elas estavam cobertas de sujeira, levemente arranhadas e um pouco sangrentas. Entretanto, ele não as esfregou uma na outra. Abbot olhou para mim sorrindo.

— Eu a encontrei. Ela está brilhando!

Antes de voltarmos para o carro, ao sairmos da catedral, lavei as mãos de Abbot com a água

que havia sobrado na minha garrafa. Esperei que ele dissesse que eu havia bebido direto do gargalo, de forma que meus germes poderiam entrar no seu corte. Porém, ele não o fez. Abbot estava calado, distraído. O arranhão vermelho havia crescido e se transformado em um pequeno monte azul em sua testa, com outro monte combinando na parte de trás da cabeça, onde havia batido na pedra. Fiz com que ele olhasse para mim para que pudesse testá-lo e ter certeza de que não sofrera nenhuma concussão. Ele olhou para o sol e me assegurei de que suas pupilas se dilataram ambas ao mesmo tempo. Fiquei aliviada quando isso aconteceu. Julien encontrou uma pequena loja de cerâmicas aberta na praça e nos fundos os proprietários tinham uma geladeirinha com gelo. Assim pude aplicar dois guardanapos com gelo respectivamente na frente e nas costas da cabeça de Abbot.

— Podemos ir para casa e descansar — sugeri. — Comer os bolinhos com açúcar cristalizado.

— Acho que Abbot acabou de receber um milagre — disse Julien. — Por acaso se come bolo depois de um milagre?

— Que tipo de milagre? — quis saber Abbot.

— Não sei — Julien respondeu. — Temos que esperar e ver o que acontece com você. Você por acaso era cego e agora pode ver?

— Nunca fui cego.

— Temos que ir para casa — insisti. — É sempre apropriado comer um bolinho com açúcar cristalizado.

— Abbotado? — Charlotte chamou. — O que você quer fazer? Javalis ou bolo?

— Javalis — decidiu Abbot. Estava determinado. Olhei para ele com seu pequeno ovo azul no meio da testa e pensei na palavra *blessure*, “machucado” em francês. O que também lembrava uma outra palavra em inglês: *blessed*, “abençoado”. Abbot tinha um *blessure*. E também era *blessed*.

Insisti para sentar no banco de trás junto com Abbot, apesar de ele se apertar junto à porta, retorcendo os guardanapos ensopados e olhando a paisagem, um vinhedo atrás do outro. Charlotte sentou na frente. Sem sua música após perder o iPod, começou a mexer no dial do rádio. Depois de passar pelo que parecia ser uma seleção infinita de techno-pop europeu, ela por fim achou uma canção do Abba e todos nós ficamos estranhamente aliviados quando deixou a música rolar.

Julien seguiu as placas da Legion Etrangere por uma estrada poeirenta.

— É por aqui que estão alguns dos legionários de verdade — Julien me disse. — Aqueles dos filmes em preto e branco. Há umas casinhas nesta região destinadas aos veteranos idosos e a alguns que precisam de cuidados especiais ou estão na reabilitação.

— Reabilitação com javalis? — quis saber Charlotte.

— Não sei por que alguém decidiu trazer os javalis para cá — declarou Julien. — Mas eles estão aqui.

— *C'est comme ça* — eu disse.

- O que isso quer dizer? – perguntou Abbot.
- Significa “é assim que acontece”. É uma expressão francesa – expliquei.
- Porque às vezes as coisas acontecem exatamente assim. Só isso. Elas simplesmente acontecem desse jeito – completou Julien.
- É verdade – concordou Charlotte. – É assim que acontece.

Estacionamos o carro e caminhamos até os cercados. Sentimos o cheiro dos javalis antes de vê-los, um odor úmido, bestial. Os javalis eram imensos, chegavam a bater na cintura de Abbot. Tinham troncos enormes, no formato de barris; quadris cobertos de lama com rabos finos; pelos esparsos e rígidos; presas que se curvavam para cima a partir dos focinhos borrachudos. Os cascos eram delicados em comparação ao resto do corpo, assim como as patas traseiras, que pareciam estar tortas, fazendo com que parecessem coxos quando vistos por trás. Eles se misturavam com o cercado enlameado, fuçando buracos na lama e troncos ocos. Alguns deles trotaram para longe quando nos aproximamos. Outros deram de cara contra a cerca de metal, irritados, soltando grunhidos do fundo da garganta. Alguns estavam hipnotizados pelos alimentadouros repletos de água e comida, sementes e grãos empilhados em um quadrado acimentado próximo a uma fileira de cabanas que mais pareciam cavernas, onde os javalis dormiam. Apenas um deles quis fuçar nossas mãos. Abbot o encarou face a face do outro lado do cercado.

- Ele está sujo – Abbot atestou.
- Está mesmo. – Pelo menos uma vez na vida me senti aliviada por meu filho ser fóbico e não querer esticar o braço pela cerca para tocar o bicho.
- Muito sujo – completou Julien, apoiando-se na cerca.
- Olha. Tem uns pequeninhos. – Charlotte apontou para o fundo do cercado onde, entre suas imensas mães, havia alguns javalis jovens cujas pernas pareciam mais longas e mais proporcionais em relação aos corpos, que em breve também se tornariam gigantes. – Esses filhotes são iguaizinhos aos grandes, só que menores.
- Mas sem as presas – completou Julien.
- Seria terrível dar à luz algo que tem presas – eu disse.
- Está quente – reclamou Charlotte. – Vamos voltar para o carro. Porcos imensos em um cercado. Já entendi.

Essa mudança súbita de humor me surpreendeu apenas porque eu não a vira antes. Foi o tipo de comportamento que Elysium me avisou que eu deveria esperar.

- Os javalis são nativos do oeste da África – informou Julien.
 - Para mim já deu. – E com isso ela começou a caminhar de volta para o carro.
- Mantive minha atenção fixa nos javalis. Fiquei impressionada como os javalis eram *da terra*. Essa foi a expressão que me ocorreu. Eles eram da terra. Jamais perdiam a cabeça, nunca viviam na imaginação. Até onde eu sabia, não eram obcecados pelo passado.
- Eles vivem na lama e no meio do próprio cocô – Abbot comentou.

— E estão completamente bem assim — disse Julien. — A não ser pelo fato de que estão no exílio em uma pequena prisão no estrangeiro.

Pensei no divórcio de Julien e em como ele deveria sentir saudade de sua filhinha de quatro anos, Frieda. Eu me perguntei se ela se parecia com o pai, os olhos escuros, o riso fácil.

— Mas pelo menos é uma prisão de verdade — retruquei — e não uma metáfora, como o casal parisiense que achou que a casa queimada era um símbolo de sua vida juntos.

Ele sorriu para mim.

— Isso é a mais pura verdade.

— Eles são realmente da terra — eu disse. — Olhe para eles. Esses javalis sabem se misturar com a lama e os troncos. Eles cavam e charfundam na terra.

— Na lama e no cocô — Abbot completou.

— Você pode tocá-los — incentivou Julien. — Eles vivem na lama e no cocô, mas são felizes assim.

Abbot olhou para mim. O ovo azul brilhante no meio da sua testa fez com que eu me lembrasse dos ovos de chocolate do tamanho de um passarinho que aparecem nas prateleiras dos supermercados um pouco antes da Páscoa. *Sou apenas um coelhinho, você sabe. Tem muitas coisas que não consigo entender.* Olhei para os javalis. Imaginei o que Henry acharia de estarmos ali, Abbot com a cabeça ao mesmo tempo machucada e abençoada cercado por javalis imundos. Imaginei que, se Henry estivesse ali, ficaria preocupado. Não muito, apenas uma pequena ruga de preocupação apareceria em sua testa, o resquício de culpa por seu irmão ter quase se afogado ainda o atingindo de uma forma que ele não conseguia controlar. Convenceríamos um ao outro de que Abbot estava bem. Diríamos um para o outro que obviamente não havia uma concussão, que ele ficaria bem. Abbot era nosso único filho, de forma que não havia mais ninguém para dividir nossa ansiedade paternal, mas também éramos uma boa equipe, equilibrando nossa preocupação sem motivo. “Faça carinho no javali”, um de nós teria dito. “Viva um pouco”, o outro teria completado.

Mas Henry não estava ali para equilibrar a balança. Eu tinha de cobrir sua ausência e me preocupar por dois. O que aconteceria se Abbot os tocasse e depois se arrependesse? Será que ele surtaria? Seria aquilo um avanço ou Abbot apenas ainda não estava agindo como ele mesmo, ainda confuso por ter batido a cabeça? Se eu tinha que me preocupar por dois, será que eu também não teria que encorajá-lo por dois? Eu me sentia paralisada. Por fim, falei sem pensar:

— Vá, Abbot! Você é uma criança. Faça o que as crianças fazem!

Abbot olhou para mim, perplexo, como se não tivesse a menor ideia do que as crianças fazem.

— Eles não mordem — disse Julien com gentileza. — A pele deles parece ser feita de borracha. — Ele esticou um dos braços e enfiou a mão pela cerca próxima ao focinho do javali. O animal esfregou o focinho na mão de Julien, as presas roçando a cerca. — Eles são feios, mas muito bonzinhos.

Abbot olhou para Julien e então tirou as mãos do bolso. Ele ergueu uma das mãos e a abriu, exatamente como Julien fizera, enfiando-a em um dos vãos da cerca. Outro javali veio

bamboleando em seus pequenos cascos, apertou-se contra a cerca e então começou a farejar a mão de Abbot, provavelmente procurando por comida.

Abbot se virou, mas manteve a mão junto da boca do javali, que não parava de grunhir. Pensei por um segundo: *Seria esse o milagre? Será que Abbot sofreu um encantamento?* Porque lá estava Abbot, mordiscando o lábio inferior com os dois dentes da frente grandes demais, e em seguida caiu na gargalhada.

— É um focinho de verdade! — ele berrou. — Um focinho vivinho da Silva!

Quando você se sente fechada e começa a se abrir, o que volta à vida primeiro? Você pensa em todos os suspeitos de sempre: as sensações, o coração, a mente, a alma. Mas então talvez todas essas coisas estejam tão conectadas que você não consiga diferenciar uma palpitação no peito de um aroma, um murmúrio da alma de uma brisa que atingiu sua pele, um pensamento de um sentimento, um sentimento de uma prece.

Se eu fosse pressionada a decidir qual foi o momento em que comecei a me abrir novamente, não sei se seria capaz de determinar algum. Talvez tenha sido o choque de me ver apavorada no meio da chuva no dia do assalto. Talvez tenha sido a gravidade e a imensidão da montanha. Talvez tenha sido a confeitaria com seu aroma intenso de pão no forno, açúcar caramelizado e cacau. Ou talvez tenha sido ver o meu filho com a testa abençoada e a mão erguida para tocar no focinho borrachudo de um javali.

Ou talvez isso simplesmente tenha acontecido enquanto eu comia.

Naquela noite, devoramos um banquete provençal na longa mesa da sala de jantar iluminada pela luz escassa do sol do fim do dia. As cadeiras eram desconfortáveis. Os assentos eram bambos. Quando distribuíamos nosso peso da forma errada eles nos jogavam para a frente. Mas eu estava tão cansada, tão faminta que deixei a cadeira me fazer sentar da forma que bem entendia.

Não havia convidados, nenhum arqueólogo perdido, éramos apenas nós com Véronique e Julien. Charlotte serviu o pão que eu trouxera da padaria com uma pasta granulosa e escura feita de azeitonas amassadas.

Julien conduziu Abbot pelos xaropes dispostos sobre o aparador num cesto de metal com alças, do tipo em que antigamente o leite era entregue. Entretanto, em vez de leite, suas garrafas continham xaropes consistentes de mirtilo, menta, framboesa... Ele ensinou Abbot e Charlotte como misturar os xaropes com água para fazer bebidas doces. Os xaropes eram misturados com uma colher, tonavam-se menos densos e logo assumiam o tom certo de azul, verde ou roxo.

Véronique então entrou mancando na sala de jantar e colocou uma panela elétrica sobre um descanso de pratos no centro da mesa. Quando ela tirou a tampa, o vapor escapou, a sala foi tomada pelo aroma e minha mente se esvaziou.

Pude ver a galinha ligeiramente dourada descansando sob uma grande quantidade de molho preparado com tomate, alho e pimenta. Senti o cheiro do alho, do vinho e da erva-doce. Véronique nos serviu e os sucos correram, resplandecentes, para os cantos do meu prato, carregando uma nota cítrica. E o aroma floresceu.

— Limão? — perguntei.

— Não, laranja — ela informou. — Isso é galinha. É bem comum. — Véronique colocou a colher com que servia os pratos de volta na panela elétrica e fez um gesto como se descartasse o conteúdo. — Tem mais, se você quiser. — Ela aparentemente desdenhava a refeição, que também incluía belas batatas coradas e salada em abundância. Pelo visto era o que ela preparava quando não estava com vontade de cozinhar.

Comecei a comer e tive a impressão de que comia pela primeira vez desde a morte de Henry.

Por que naquele momento? Seria porque eu estava em outro lugar? Seria porque meus sentidos voltavam a dar sinal de vida? Seria aquilo o que as pessoas chamavam de se sentir encantada?

A primeira mordida foi quase demais para mim, tanto sabor quando eu estava com tanta fome. Julien nos ofereceu uma garrafa de rosé de um vinhedo local.

— Sim, por favor — aceitei.

Ele encheu minha taça, tomei um longo gole e deixei que tudo fosse lavado. Eu em geral evitava vinho rosé por achar que era uma bebida de mulherzinha, doce demais. Mas na Provence os rosés eram intrincados, com um frescor que trazia à tona o sabor da fruta, mas sem permitir que este fosse encoberto por uma doçura açucarada.

Não conseguia me lembrar de mais nada que acontecera naquele dia ou naquela noite. Estava inteiramente concentrada no que estava diante de mim. Na mordida seguinte a doçura das cebolas e das pimentas se avolumou mais do que depressa sobre a galinha ligeiramente salgada, que derretia na boca. A laranja e a erva-doce vinham em seguida para terminar aquela garfada de forma doce.

Olhei para Abbot, que estava com a cabeça baixa e cavava a comida com o garfo. Aquela era sua maneira de elogiar a refeição. *Abbot está bem*, pensei. *Olhe só para ele. Abbot está bem*. Ele lavara as mãos antes de comer, como sempre, mas não as esfregara. *Ele está bem*.

— Esta refeição está genial — comentou Julien.

— Não — retrucou Véronique. — É comida bem simples.

— Está tão bom — disse Charlotte. — Nem consigo explicar! Eu mesma estava sem fala.

E então vieram os bolos. Véronique serviu um bolinho após o outro no que parecia ser uma fila sem fim que tomou todo o comprimento da mesa. O sabor lembrava o das tortas que minha mãe preparou naquele outono logo depois que voltou da Provence e eu a seguia pela cozinha.

— Minha mãe começou a preparar sobremesas francesas depois que voltou... e quase acertamos as receitas. Chegamos bem perto — declarei para o nada.

Véronique olhou para mim e depois para Julien. Ela ergueu o garfo no ar.

— Sua mãe começou a fazer doces quando voltou para casa?

— Sim — assenti. — Foi quando eu também comecei a fazer.

— Sim — ela concordou. — Sua mãe me contou que você tem uma confeitaria.

— Não cozinho mais, mas tenho formação de chef confeitaria.

Véronique balançou a cabeça afirmativamente.

— Então é isso o que fica. Como essas coisas são engraçadas.

— Que coisas?

— Nada, não. Coma. Aproveite.

Flagrei Charlotte me encarando do outro lado da mesa.

— Então você está mesmo sentindo o gosto disto aqui, não é? — disse ela. — Eu detestaria ter que descrever tudo para você depois.

— Estou — concordei. E pensei no verbo “ser”, être. Pensei em ser. Pensei: *Aqui estou eu. No presente. Eu sou.*

— Você está bem? — Julien perguntou.

Eu provavelmente parecia um pouco louca. Com os olhos vítreos, imaginei. Exausta e fascinada.

Sem pensar, declarei:

— Eu sou. Estou sendo.

Olhei para Charlotte em busca de uma tradução. Ela deu de ombros.

— Isso é alguma expressão? — quis saber Julien.

— Nenhuma que eu conheça — corrigiu Charlotte.

— Mas é exatamente assim que eu me sinto — respondi.

— Estou sendo! — tentou Julien.

— Estou sendo também! — completou Abbot.

— Eu estou definitivamente sendo. — Charlotte enfiou mais galinha na boca.

— Você está sendo? — Julien perguntou para a mãe.

— Sendo? — ela repetiu.

— Você está vivendo o presente? — desenvolveu Charlotte.

— O presente? O que é o presente? — disse Véronique. — Eu sou *le passé*. Eu sou o passado.

Naquela noite eu estava cruzando o jardim dos Dumonteils para voltar para nossa casa, satisfeita e com o peito quente devido ao vinho, quando Julien me chamou da porta dos fundos.

— Não comemos todos os bolos. Voltem para acabar com eles no café da manhã.

O ar estava límpido, a noite fresca. A montanha assumira um tom profundo de roxo aveludado. Abbot e Charlotte não estavam muito longe. Eles haviam aberto um espaço no mato para se sentarem na beirada de nossa fonte quebrada. Abbot estava com as mãos em forma de concha ao redor das orelhas, movimentando-as para modular o som das cigarras. Charlotte encarava o céu noturno.

— Vamos, sim. Obrigada — respondi para Julien. — Por tudo. Por hoje, de verdade. Foi ótimo. Abbot tocou um javali! Talvez isso tenha sido um milagre.

— Talvez — disse ele.

— Abbot é um pouco nervoso. Assim como a mãe.

— Nervoso? Acho que Abbot tem bons nervos. Assim como a mãe.

- Obrigada. Vou encarar isso como um elogio.
- Isso *foi* um elogio – corrigiu ele.
- Você é um menino muito bom – eu disse.
- Achei que eu fosse chato porque a jogava na piscina.
- Você superou essa mania.
- E você superou o prendedor de cabelo florido.
- Por acaso você está flertando comigo, *Monsieur Dumonteil*?
- Eu? – ele repetiu. – É claro que não. Estou muito deprimido. Ele então sorriu, virou-se em direção à porta e desapareceu.

Quando acordei na manhã seguinte, liguei para a minha mãe.

Ela atendeu e comecei a falar de imediato:

— Então, dois meses para conseguir as permissões e começar a pagar as diárias dos operários? Era a esse tipo de burocracia que você estava se referindo?

— Heidi, do que você está falando?

— Não vou chegar a lugar nenhum aqui. Terei sorte se conseguir liberar essa reforma em seis semanas.

— Ah — ela disse. — Sim, mas...

— Mas nada — eu a interrompi. — Você me fez vir aqui sob um falso pretexto. Para que eu sentisse, me conectasse e permitisse que as decisões surgissem! Ouvir a casa, lembra?

— E continuo achando a mesma coisa. Quero que você faça todas essas coisas.

A linha ficou em silêncio. É claro que a reforma era apenas um assunto superficial. Disse para mim mesma que não queria saber nada a respeito do verão perdido de minha mãe, mas não consegui me conter. Parecia simplesmente justo que eu soubesse o que estava acontecendo. Eu estava ali, afinal de contas. Sentindo-me assombrada por seu verão perdido. Eu a atingi com essa pergunta.

— E então, você se importa se eu lhe fizer uma pergunta?

— O que você quiser — concordou ela.

— O que você roubou?

— Roubei? Do que você está falando?

— Parece que você tem uma reputação de ladra aqui no sul da França.

— Não tenho não.

— Bem, talvez não na região inteira, mas com certeza aqui por perto a sua reputação é essa.

— Quem lhe disse que eu roubei alguma coisa?

— Véronique.

Houve mais um silêncio na linha.

— Não sei do que ela está falando.

— Até parece — eu disse.

— O que você quer dizer com esse *até parece*?

— Que você está ficando vermelha ou alguma outra coisa do gênero.

— Estou nos Estados Unidos. Como você pode saber se estou corando?

— Sei pelo som da sua voz.

— Ah, tudo bem então. — Ela limpou a garganta. — Não roubei nada de Véronique. Não que

eu saiba.

— Eu não disse que você tinha roubado nada dela.

— Disse, sim. — Ela estava perturbada.

— Não, não falei nada disso.

— Na verdade, ela disse que tem uma coisa para você. Algo que você deixou para trás. Foi encontrado depois do incêndio.

— Na cozinha?

— Ela não me contou. Mas o incêndio aconteceu basicamente apenas na cozinha. — Lembrei-me do quanto minha mãe estava nervosa no dia do casamento de Elysius. Ela começara a chorar. Naquela noite, ela disse que não sabia por que estava reagindo daquela forma, mas agora eu começava a ter uma noção do que estava acontecendo.

— Foi por isso que você ficou tão abalada com o incêndio?

— Não. Eu só não queria que alguém tivesse se machucado ou que a casa estivesse arruinada.

— Mas você sabia que ninguém havia se machucado e que o fogo tinha atingido apenas a cozinha. O que você deixou para trás na cozinha?

— Véronique contou o que ela encontrou?

— Você não respondeu a minha pergunta.

— Não respondi sua pergunta de propósito. Não sei o que ela encontrou na cozinha. Como eu poderia saber?

— Você deixou algo para trás na cozinha. Algo que foi encontrado por causa do incêndio. Então essa coisa devia estar escondida e, de alguma forma, o incêndio a revelou. — Pensei no que Véronique havia me contado sobre o ar na Provence durante o verão, que ficava tão seco que causava incêndios nas montanhas e que havia sido o fogo de 1989 que permitira aos arqueólogos cavar o solo. Talvez aquilo não fosse uma metáfora, como eu pensara. Talvez fosse simplesmente um fato. Talvez ela estivesse se referindo ao que foi desenterrado em nossa própria cozinha. — Você teve medo que o incêndio tivesse destruído essa coisa?

— Realmente não sei o que foi encontrado. Não faço a *menor* ideia do que seja.

Entretanto, eu sabia que ela fazia uma boa ideia do que era.

— Na verdade, Véronique disse que não era nada de mais, mas que seria importante para você. O que pode ser? Faça uma tentativa. Chute alguma coisa.

— Bem, estou certa de que não é nada importante. Caso contrário eu já teria pedido para que ela devolvesse há muito tempo, não é mesmo? E como está Abbot? Como Charlotte está se saindo longe de Adam Briskowitz? — Ela tentava mudar o foco da conversa. Deixei que fizesse isso. O que mais havia a dizer? Eu estava convencida de que ela era uma ladra e escondera algo na cozinha, alguma coisa que ela sabia que jamais veria de novo, mas da qual não conseguira abrir mão.

Julien havia ido para Londres fazer algum trabalho para seu principal cliente. Ele não tinha se despedido de mim. Naquela manhã, quando fui tomar café nos Dumonteils, ele simplesmente não estava lá.

— Foi uma emergência — informou a mãe dele. — Trabalho. Ele falou que voltará em cerca de uma semana.

— Cerca de uma semana?

Ela olhou para mim, impressionada. Será que eu havia dado a entender que estava decepcionada por Julien ficar tanto tempo fora?

Será que eu estava decepcionada? Afastei esse pensamento.

Eu me dei conta de que não seria capaz de navegar pelas complexidades de reformar a casa, tanto as culturais quanto as burocráticas. Pedi a Véronique um equivalente a um mestre de obras, alguém que coordenasse todo o projeto ou, como diziam em francês, um *entrepreneur*. Custaria um adicional de dez a quinze por cento, mas que outra opção eu tinha?

— Conheço um homem que é muito bom e honesto e tem uma reputação excelente — ela me disse. — E a nossa economia está longe de estar atravessando um momento perfeito, então talvez você não tenha que esperar.

— Obrigada. Agradeço muito.

Ela assentiu.

— Sem problema.

Nesse meio-tempo eu estava inclinada a fazer tudo que fosse possível sem ajuda de terceiros. Fiz uma lista de coisas que não precisavam de *permis de construire* e *devis*: arrancar ervas daninhas, plantar coisas, pintar paredes, remover cinzas dos azulejos e das pedras.

Nesses primeiros dias, aprendemos depressa a não dormir até tarde. As horas da manhã eram mais frescas, melhores para trabalhar ao ar livre, não mereciam ser desperdiçadas.

Todas as manhãs, Abbot sacudia nossos sapatos, ainda em busca de escorpiões, mas, agora, parecia estranhamente frustrado por não os ter encontrado.

— Onde estão os escorpiões? — ele perguntou certa manhã. — Quero dizer, o livro falou que havia escorpiões!

— Estive aqui várias vezes quando era criança — eu lhe informei. — E nunca vi nenhum escorpião.

Abbot, Charlotte e eu trabalhamos no jardim, arrancando as ervas daninhas pela raiz, prendendo as vinhas. Também plantamos algumas coisas. Charlotte perguntou a Véronique o que era melhor plantar naquela época do ano. Véronique nos deu uma lista de plantas anuais. Cravos, cosmos, petúnias e outras flores que floresceriam apenas no outono, quando já teríamos ido embora: crisântemo, áster, açafrão-do-prado.

Trabalhei na cozinha sem as crianças, usando um dos lenços de Véronique sobre o nariz e a boca.

Eu me livrei do tapete trançado, arranquei os armários queimados. Véronique permitiu que

utilizássemos todas as ferramentas disponíveis na garagem. Ela chamou alguns locais para tirar o fogão e colocá-lo na traseira de um caminhão. Esfreguei a pedra com uma palha de aço e uma mistura quente e borbulhante que Véronique conjurou para mim dentro de um imenso balde. Esfreguei as paredes e os pisos de azulejo. Foi bom despir a cozinha. Uma sensação pessoal e de purificadora. Uma transformação gratificante exatamente por ser tão visual.

Mesmo longe, eu me mantinha informada sobre a Loja de Bolos. Véronique nos deixava usar o computador que mantinha em um canto tranquilo da cozinha e esporadicamente eu checava os e-mails. Jude me atualizava sobre todas as coisas relacionadas à Loja de Bolos, inclusive as vendas de um popular café gelado que ela havia inventado, o Cooliocino. Abbot também checava seu e-mail uma vez ou outra, mas Charlotte não demonstrava o menor interesse. Ela se recusava até mesmo a dar uma olhada.

A locadora de carros nos trouxe um novo Renault e eu dirigia até Aix de vez em quando, de forma que comecei a *sentir* como era estar ali, comecei a me *conectar*, ao mesmo tempo que escolhi novos azulejos para o banheiro e a parede da cozinha, sem *tomar* decisões. Enquanto esperávamos pela instalação de um fogão de verdade, um processo que, graças a todos os danos, levaria tempo, comprei um aquecedor de marmita, um micro-ondas e uma panela elétrica para que pudéssemos sobreviver. Ainda assim, Véronique frequentemente insistia para que fizéssemos nossas refeições com ela.

Meu passeio preferido era ir à pâtisserie, que eu visitava a cada dois dias em busca de doces frescos. O confeiteiro sempre ficava contente em me ver porque, eu acreditava, sempre comprava horrores e sempre queria provar alguma coisa nova. Ele só falava comigo em francês e me disse certa vez que se lembrava de quando eu era pequena e ia à sua loja com a minha mãe. Ele se recordava de que naquela época era minha irmã quem se parecia com ela.

Entretanto, ele falou que agora era eu quem me parecia com a minha mãe. *Você também tem olhos ágeis e os mesmos gestos.*

Eu disse o mesmo que havia dito para Véronique, que na verdade era minha irmã quem se parecia com ela.

Ele, porém, ergueu um dos dedos e balançou a cabeça negativamente.

Tenho certeza, ele garantiu. Tenho certeza absoluta.

Não discordei. Talvez houvesse algo sobre uma mãe e uma filha em um determinado período da vida quando ambas estavam perdidas, algo que brilha a partir de nosso interior e é inegável.

Certa vez ele me perguntou como andava a minha mãe, o que me fez pensar em Julien, a maneira como ele esperava por notícias nossas quando éramos crianças. Imaginei todos os donos de lojas no vilarejo minúsculo se acostumando conosco durante um determinado verão, como pássaros migratórios que poderiam aparecer no verão seguinte ou talvez só no próximo.

Porém, apesar de minhas visitas à pâtisserie, ainda não sentia a menor vontade de cozinhar. Não sentia vontade de preparar os bolos que eu considerava tão lindos, tão perfeitos. Em condições normais, eu me sentiria inspirada, em especial graças ao fato de aquelas sobremesas terem tocado algo no fundo do meu ser, a lembrança da minha mãe na cozinha quando finalmente a recuperei. Mas, não. Eu só queria comê-los, me deliciar em cada mordida, ser

alimentada.

Às vezes Charlotte e Abbot iam comigo nesses passeios, mas em geral os dois preferiam ficar em casa. Abbot gostava de observar os arqueólogos agachados para cavar com suas pequenas ferramentas e pincéis delicados. Às vezes ficavam animados e berravam uns para os outros. O trabalho era minucioso. Eles cavavam um centímetro por vez e então documentavam o que haviam feito. No início, Charlotte e eu ficávamos ali de pé ao lado dele, mas logo fiquei à vontade para permitir que Abbot saísse sozinho e os arqueólogos começaram a se acostumar com sua sombra canina. Deixaram-no ficar por perto, debaixo de um guarda-sol que eles encontraram em um grande armário debaixo da escada.

Os estudiosos escavavam as impressões digitais de uma vila galo-romana e, não muito longe dali, estavam as sepulturas. A escavação ficava a uma caminhada de cerca de cinco minutos da nossa porta dos fundos, porém, o chão era plano, a montanha se erguia atrás deles e podíamos ver a pequena figura de Abbot entre as maiores.

Entendi por que Abbot estava fascinado. Eles desenterraram uma fonte antiga, um sistema de aquedutos, um padrão de cerâmica composto por pequenas cruces, uma lareira, um cômodo após o outro. E tudo aquilo estivera ali debaixo das moitas extirpadas pelo incêndio de 1989 e depois escondido por uns poucos centímetros de terra.

Por fim eles mostraram suas ferramentas para Abbot: espátulas, pincéis, palitos de dente, trenas, níveis, telas que serviam como peneiras. Conversavam com ele sobre o que haviam encontrado, como as coisas eram feitas, por que as pessoas haviam se fixado ali e por que talvez houvessem partido.

Os arqueólogos eram pessoas muito sérias. Um deles era um britânico magro, ágil, bronzeado e de cabelo claro que estava sempre alerta, aparentemente o responsável pelo trabalho. Quando se soltavam durante a noite, eram bem animadinhos, como Julien já havia mencionado. No dia a dia, entretanto, eram reservados, fazendo suas escavações e esperando ter algum motivo para celebrar. O tempo deles no campo era limitado. A maioria tinha de retornar para dar aulas em suas universidades no outono, por isso trabalhavam por horas a fio. À noite, Abbot descrevia como os arqueólogos achavam que as pessoas que viviam na vila cozinhavam e cuidavam de seus bebês.

— Elas eram pessoas de verdade — ele dizia.

Imaginei se isso lhe dava alguma perspectiva. Se havia algo na forma como aquelas pessoas haviam vivido, morrido e deixado suas coisas para trás por séculos que o ajudasse a lidar com a morte do pai e com a ideia da vida e da morte em geral. Ou será que aquela experiência fazia apenas com que a vida parecesse passageira? Eu não tinha certeza, mas aquilo parecia ser importante para Abbot, de forma que o deixei passar um tempo perto das escavações, talvez descobrindo alguma coisa, algo importante. De qualquer maneira, parecia que eu não lhe faria bem algum se o proibisse de ir até lá.

Toda vez que fazia uma pausa na pintura dos quartos, eu o observava de meu canto favorito em uma cadeira no gramado, absorvendo a visão da montanha.

E Charlotte também ficava de olho nele da imensa janela da cozinha de Véronique. Charlotte acabou se mostrando muito boa na cozinha, melhor do que a adolescente francesa com pernas

como as de um potro, como Véronique descrevera sua ex-ajudante. Charlotte era eficiente, paciente e organizada. Ela seguia as ordens rudes de Véronique, fazendo com que eu me lembrasse de minha mãe logo depois que ela retornou da França. Imaginei se, assim como eu, Charlotte se apegara tanto a Véronique e ao vapor úmido da cozinha graças a um profundo desejo de ter uma mãe atenciosa e dotada de vastas habilidades manuais. Na minha presença, Véronique elogiava Charlotte em voz baixa.

— Ela faz as perguntas certas — ela dizia. — E tem aquelas mãos espertas que sabem exatamente o que e quando fazer.

Não perguntei mais nada a Véronique sobre minha mãe, a ladra. Nem mencionei a caixa que ela encontrara após o incêndio, que eu deveria devolver para a minha mãe. Que importância aquilo realmente teria depois de todos aqueles anos? Que diferença poderia fazer?

Elysium e Daniel estavam em um iate e seria difícil entrar em contato com eles. Eu lhes enviava notícias curtas por e-mail, coisas pequenas sobre a reforma e os gastos. Charlotte trocava e-mails com a mãe de tempos em tempos. Ela não mencionava Adam Briskowitz, de forma que eu também não tocava no assunto.

No meio da tarde, Charlotte, Abbot e eu ficávamos cansados, por isso nos reuníamos novamente dentro da casa, aproveitando suas correntes de ar. Líamos os livros oferecidos pelas estantes espalhadas por ali, uma estranha coleção deixada para trás pelos visitantes anteriores que incluía coisas como um guia de viagem Hachette da Itália de 1956 publicado pelo Touring Club Italiano, com páginas frágeis e grudadas e mapas coloridos. Era uma versão atualizada do primeiro guia Hachette da Itália, publicado em 1855, que atraía novos leitores com a promessa: “um certo número de modificações torna este guia mais fácil de usar e adaptado aos meios de transporte que surgiram nos últimos anos”. Adorei aquele livro, por estranho que pareça: a linguagem antiquada, a forma como me fazia viajar pelo tempo e pelo espaço.

Abbot se interessou por um guia de campo para a observação de pássaros chamado simplesmente *Les Oiseaux*. Não havia data de publicação, mas era muito antigo. O volume trazia quatro desenhos de pássaros por página e ocasionalmente uma delas encontrava-se rasgada com destreza bem na metade, como se um dos leitores anteriores tivesse cortado um determinado pássaro para colar em um caderno onde anotasse as espécies que já houvesse avistado. Isso irritou Abbot.

— Como vou reconhecer os pássaros se não sei a aparência deles?

Comprei para ele um caderno sem pauta para que pudesse levar para o campo arqueológico e ficar de olho nos pássaros. Ele me disse que queria encontrar todos os que não estavam no livro, aqueles que haviam sido rasgados.

Ao entardecer, as andorinhas ficavam loucas e por uma hora ou mais voavam pelo alvorecer, comendo todos os insetos de que fossem capazes. Abbot e eu criamos o hábito de observar aqueles pássaros tontos e loucos voando em espirais e arremetendo. As andorinhas eram barulhentas e estridentes. Tentávamos contá-las. Abbot as desenhava em seu caderno. Às vezes ele também desenhava Henry em meio às andorinhas como se estivesse ali conosco. Aquilo me parecia mais real do que qualquer outra coisa, uma versão da verdade.

Mais tarde, comíamos as refeições suntuosas que Charlotte havia ajudado Véronique a

preparar, às vezes acompanhados por alguns arqueólogos antes que eles voltassem para Aix, ou algum outro hóspede. Em outras vezes, éramos apenas nós. Aquelas refeições eram tão selvagens, estonteantes e loucas quanto as andorinhas. Eu frequentemente fechava os olhos porque queria ter certeza de que não seria distraída, de que seria capaz de sentir todos aqueles sabores.

E eu os senti. Porém, o esforço físico do trabalho no jardim e a decisão ambiciosa de dar uma nova mão de tinta em todos os quartos fizeram com que eu entrasse em forma. Será que eu deveria seguir o desejo de minha mãe e manter as paredes em cores claras, com tons de creme e marfim? Não. O que eu poderia dizer? A casa falava comigo e eu a escutava. Eu estava apostando nos azuis profundos, um rubi, um verde vibrante. Seria aquilo uma espécie de vingança? Talvez um pouco. Decidi manter um dos quartos branco — só um.

À noite, eu às vezes contava mais uma vez para Charlotte e Abbot o resto das histórias sobre a casa. Falava sobre as borboletas brancas e o grande incêndio que varreu a montanha, causticando tudo, mas parando exatamente na nossa porta no verão em que minha mãe foi para lá sozinha.

— Por que ela veio sozinha? — quis saber Charlotte.

— É uma longa história. — Aquela história não era minha para que eu a contasse. — Mas ela acredita que a casa lhe concedeu um milagre.

— Assim como a tia Elysium — completou Abbot. — O milagre que fez com que o tio Daniel a pedisse em casamento.

— Essa história é meio que dramática demais — disse Charlotte. — Você não acha?

— Eu não sei — respondi. — As histórias são o que você faz com que elas sejam.

Mais tarde, quando Abbot já estava na cama e Charlotte ouvia o rádio que ela levava da sala para o quarto dela, eu me sentava na espreguiçadeira no jardim escuro iluminado apenas pela luz que escapava da janela da cozinha e observava a montanha mudando suas últimas cores do dia.

Às vezes eu pensava em Julien. Ele já havia partido há mais de uma semana. Perguntei-me se ele voltaria algum dia.

Eu sentia sua falta de uma forma que me surpreendia. Imaginei se eu estava a fim dele e, se estivesse, o que aquilo significaria. Essa simples possibilidade me apavorava. Eu dizia para mim mesma que era algo natural. Ele era bonito. Não era difícil que atraísse as mulheres. Eu era um ser humano, afinal de contas. O que significava estar a fim de alguém? Nada. Aquilo não deveria significar nada.

O que Henry acharia de mim estando a fim de alguém? Ele também pensaria que aquilo era algo normal. Imaginei o que pensaria ao me ver ali, em uma espreguiçadeira, bebendo vinho e contemplando a montanha. Será que ele tinha agora algum tipo de visão mais ampla, do tipo que é permitida apenas aos mortos?

No fim da noite eu me metia nos lençóis branquíssimos da cama dura. Uma das paredes do quarto estava azul, as outras ainda tinham um branco encardido. O grande lençol para cobrir os móveis durante a pintura e a escada que peguei emprestados de Véronique estavam em um dos cantos do quarto. Estirei meus membros como se fosse uma estrela, com os músculos duros e doloridos. Lembrei-me de quando era uma garotinha e como, depois de minha mãe nos contar as

histórias sobre a casa e todos os seus milagres, eu recontava as mesmas histórias para mim mesma, sussurrando com as mãos fechadas em forma de concha. Ergui as mãos até a boca, mas tudo que consegui sussurrar naquele momento foi:

— Estou aqui. Estou aqui, agora.

De repente, senti que aquilo era como uma prece. Lembrei-me de Charlotte nas catedrais, Notre-Dame e Saint-Maximin-la-Sainte-Baume. Talvez aquele fosse o único tipo de prece que eu poderia oferecer e aquilo me acalmou tanto que me encolhi na cama e comecei a cochilar.

Sonhei com Henry. Aquele foi diferente dos sonhos que eu costumava ter em casa, onde eu sempre acabava me dando conta de que sua morte era algum tipo de erro burocrático, um mal-entendido clerical. Ali, ele estava de pé junto a uma janela, as mãos levemente cobertas por terra do jardim. Henry vestia uma velha camisa de mangas compridas. Ele desabotoou os botões dos punhos com uma das mãos. E foi só o vislumbre desse gesto tão pequeno, delicado e íntimo que aquele sonho me permitiu.

Então o quarto se encheu de luz e era manhã novamente. Senti saudade, uma dor que carreguei pelo restante do dia.

Você viu o Abbot no sítio arqueológico?, eu me flagrava perguntando a ele em minha mente.

Dá para acreditar no frescor desse ar?

Eu queria poder deslizar isso para dentro da sua boca para que você pudesse sentir o sabor.

Os dias se seguiram em um ritmo tranquilo.

Na verdade, um coro cantava na minha cabeça: *C'est comme ça*, que queria dizer não apenas “é assim que as coisas são”, mas também, lá no fundo, eu acreditava que dizia: “é assim que as coisas são e é assim que elas serão para todo o sempre...”. Só que eu estava enganada.

Como eu estava enganada? Havia coisas das quais eu não sabia, e elas haviam de colidir.

1. Na verdade, eu não conhecia Adam Briskowitz, nem o significado da expressão “ser Briskowitzada”.
2. Véronique tinha a caixa que pertencia à minha mãe. Ela a guardava em sua mesa de cabeceira e esperava pelo momento certo para dá-la para mim. Eu não sabia o que ela continha nem como seu conteúdo poderia me afetar.
3. Abbot encontraria uma andorinha ferida e aquele pássaro — talvez mais do que qualquer outra coisa — mudaria nossas vidas.

Foi assim que tudo começou: Alguns dias depois, Julien reapareceu.

Certa noite, quando a luz dourada começava a tomar conta do ar fresco e seco, Abbot e eu estávamos próximos ao vinhedo ao lado das escavações arqueológicas, observando as andorinhas em seu frenesi de alimentação noturno. Abbot pegou seu caderno e começou a desenhar padrões de voo rodopiantes. Nesse desenho, o pai dele tentava abrir os braços como se fossem as asas de uma andorinha. Era um desenho engraçado e Abbot trabalhou duro nele, lembrando-se até mesmo da pequena cicatriz no joelho do pai, uma velha cicatriz de um jogo de beisebol quando Henry tomou um chute durante uma partida na universidade. Vi a andorinha machucada saltando próxima aos vinhedos, mas não queria chamar atenção para ela. Eu não estava esperando ter nenhuma lição de vida por meio de uma andorinha machucada. Abbot já experimentara muitas lições de vida para uma criança da sua idade. Por que não as trocar por lições sobre os padrões de voo dos pássaros ou, melhor ainda, impressões artísticas dos padrões de voo dos pássaros?

Mas é claro que Abbot viu o pássaro por si mesmo.

— Olha! — Ele apertou os olhos, se agachou e engatinhou na direção da andorinha. O passarinho estava claudicante, com uma das asas caída.

— Temos que cuidar dela — declarou Abbot.

— Não. É um pássaro. Seus instintos vão aflorar e ela vai saber cuidar muito bem de si mesma.

Abbot me ignorou.

— Precisamos de uma caixa. Tem uma no armário debaixo da escada. Vou pegá-la. Você toma conta do passarinho.

— Deixa que eu vou pegar. — E marchei em direção à casa.

Quando voltei carregando a caixa, Julien tinha estacionado o carro e estava abaixado, apoiado em um dos joelhos ao lado de Abbot, estudando o passarinho com intensidade. Ele vestia uma camisa azul sem gravata e calças de terno cinza. O paletó estava jogado no banco do carona do conversível.

— Como esse carro ainda não se transformou em uma piscina? — perguntei.

— Peguei o trem. — Julien se levantou. — E deixei o carro na garagem de um amigo em Aix. Você adora esse carro, não é mesmo?

— Pode ser — respondi.

Ele deu um jeito de contornar a caixa e beijou minhas duas bochechas.

— Olá. — Seus lábios eram suaves e rápidos. Ele tinha um cheiro doce e forte, algum tipo de loção pós-barba maravilhosa.

— Nunca vou me acostumar com isso — comentei.

— Com o quê?

— Os beijos na bochecha.

— Oh. — Ele estendeu uma das mãos. — Você prefere assim?

Apertei sua mão, que era forte e quente.

— Não. Tudo bem com os beijos na bochecha. A questão é que eles sempre me surpreendem.

— Temos um plano! — informou Abbot.

— Temos? — eu quis saber.

— Julien falou que não podemos abandonar esta andorinha. Elas não conseguem voar sozinhas. A gente vai ter que cuidar dela até que se recupere e depois soltá-la de algum lugar alto, tipo um telhado — Abbot explicou.

— Sério? — Aquilo parecia uma receita para um desastre. — A gente vai ter que jogar a andorinha machucada de algum tipo de precipício?

Julien assentiu.

— Se ela voar, voou.

— E se ela não voar?

— Se ela não voar, não voou.

— Ótimo! — eu disse e em seguida baixei meu tom de voz. — E então vamos colocar o garoto para observar o passarinho de quem ele cuidou despencar para a morte?

Julien por fim devia ter se dado conta de que aquilo poderia não ser a melhor das experiências para um garotinho que havia perdido o pai.

— Ah. É isso o que sempre fizemos com passarinhos machucados. Às vezes eles voam.

— Ótimo.

— A gente pode pelo menos tentar ajudar. Quero dizer, se a gente não ajudar, ele pode simplesmente morrer ou ser comido por um gato ou algum outro bicho. — Os olhos de Abbot iam de Julien para mim.

Soltei um suspiro.

— Tudo bem. — Coloquei a caixa no chão. — Quem vai pegar a andorinha e colocá-la na caixa?

— Eu faço isso. Costumava fazer esse tipo de coisa quando era criança. — Julien caminhou até o pássaro com muita calma, inclinou-se sobre ele e então, com um movimento rápido, pôs as mãos ao redor dele, pressionando as asas contra o corpo, e o colocou na caixa.

Nós três olhamos para o pássaro na caixa. Ele se debatia lá dentro, as patinhas arranhando o papelão.

— A gente vai ter que alimentá-la com moscas mortas — disse Abbot. — E deixar uma tigelinha com água.

— Não — retrucou Julien. — Temos que deixá-la descansar umas horas e depois soltá-la.

— Mas antes ela precisa de cuidados. Esta andorinha não está pronta ainda — Abbot insistiu. — Olhe só. Vamos ter que cuidar dela.

— Deixe-o cuidar dela — pedi para Julien.

— Tudo bem. — Julien deu um passo para trás.

A visão de nós três de pé sobre a caixa atraiu a atenção de Charlotte e Véronique, que devem ter nos visto da janela da cozinha. Elas emergiram da casa.

— O que é isso? — Véronique gritou mancando na nossa direção.

— Uma andorinha — Abbot berrou de volta. — Uma andorinha ferida.

— As andorinhas — disse Véronique. Ela e Charlotte se aproximaram e olharam para dentro da caixa. — De quantas andorinhas machucadas você cuidou quando era criança?

Julien deu de ombros.

— Eu queria ser médico.

— Todas elas sobreviveram? — quis saber Abbot.

— Algumas viveram e outras não.

— Assim é a vida — declarou Véronique. — Temos que aceitá-la.

Eu não tinha que tolerar aquele bate-papo sobre a aceitação da morte. Abbot estava de joelhos, com o rosto próximo demais do pássaro.

— Para trás, Abbot — ordenei. — Esse passarinho pode bicar a sua cara.

Todos nós estávamos congelados naquele momento. Ninguém falou nada.

O que quebrou nossa atenção foi um táxi, que descia com estrondo pela entrada de carros. Ele parou a uns quinze metros de onde estávamos. Vimos pelo para-brisa a comoção de alguém que pagava ao motorista por cima do banco dianteiro. O porta-mala se abriu.

— Um hóspede — atestou Véronique. — Essa pessoa não fez reserva.

O motorista saiu do carro e tirou uma mala do bagageiro. Era uma mala muito antiquada, com uma estampa quadriculada e um zíper, sem rodinhas. E então um jovem saiu por uma das portas traseiras. Ele era baixo, magro e bronzeado. Vestia jeans escuro, desbotado nos quadris, e uma camiseta preta de banda, embora estivesse muito distante para lermos o que estava escrito, e

parecia levemente caricato com um paletó. Ele tinha muito cabelo, crespo e frisado, o que lhe dava uma aparência de lobisomem, quebrada apenas pelo fato de todo aquele visual parecer ser meticulosamente premeditado, e todos os outros detalhes que ostentava, incluindo um par de óculos imensos de armação preta e grossa com lentes escuras presas por um clipe, do tipo que meu pai costumava usar, haviam sido pensados para lhe dar um ar de artista. E os lobisomens raramente são artísticos de forma proposital. Ele deve ter dado uma gorjeta mais do que generosa para o taxista, porque o homem olhou para o dinheiro e lhe deu um abraço que fez com que o garoto perdesse o equilíbrio por um momento.

— Não é hóspede nenhum — informou Charlotte com algum desprezo, mas também uma sombra de admiração. — Esse é o Adam Briskowitz.

— *B*risky? — eu disse. — Pensei que ele apenas mandaria uma carta.

— Você deu a ele o nosso endereço? — Charlotte perguntou de forma acusatória. — Você?

— Eu realmente pensei que ele fosse só escrever uma carta, um pedido de desculpas apaixonado e sem pretensões — expliquei. — Você sabe, parecia que ele estava querendo dar uma de romântico à moda antiga.

— Vir da América pessoalmente é um ato romântico à moda antiga — declarou Julien com uma compreensão muito clara da situação. — Só poderia ser melhor se ele tivesse vindo de navio.

— Ele vai passar a noite aqui? — quis saber Véronique.

Quando o táxi se afastou, Adam Briskowitz caminhou até onde nós estávamos e parou bem na nossa frente, segurando sua mala simples pela alça de plástico. Ele por fim estava próximo o suficiente para que eu lesse o que estava escrito em sua camiseta, era uma estampa *vintage* de Otis Redding. Mais essa. Ele usava Top-Siders de couro marrom com cadarços, um pouco empoeirados da estrada, sem meias. Ele sorriu para todos nós e então apontou para Abbot, que estava sentado no chão com as pernas cruzadas ao lado da caixa. O passarinho farfalhou. Adam ergueu as lentes escuras de plástico dos óculos e indagou: — O que você tem aí, escoteiro?

— Uma andorinha machucada — respondeu Abbot. — Vamos cuidar dela até ficar boa e depois vamos soltá-la de um telhado ou algum outro lugar alto.

— Plano interessante. — Adam se virou para Charlotte. — Você vai fazer a mesma coisa comigo?

— Por que você está aqui? — Charlotte enfatizou cada uma das sílabas como se falasse com alguém cuja capacidade de entendimento era reduzida.

Ele largou a mala no cascalho.

— Você sabe por que estou aqui. Todo mundo sabe por que eu estou aqui.

— Não — ela retrucou. — Não sabemos mesmo.

Ele se virou e encarou cada um de nós com um ar misterioso.

— Olha, eu não sou nenhum esnobe. Não sou elitista, se é isso que você está pensando. Eu larguei a Phillips Exeter no nono ano, por favor, porque eu queria abraçar o proletariado. Eu sou... sou... — Adam procurava as palavras. Ele tirou o paletó em uma espécie de protesto raivoso. — Eu sou um dos caras legais.

Charlotte fechou os olhos e soltou um suspiro.

— Por que você fala assim?

— Assim como?

— Como se estivesse fazendo um discurso e todos soubessem quem você é.

— Mas eles não sabem quem eu sou? — perguntou Adam.

— Na verdade, não. Você é só um cara que apareceu por aqui do nada falando que quer abraçar o proletariado.

— Ele vai passar a noite aqui? — repetiu Véronique.

— Vou — Adam respondeu.

— Não — disse Charlotte.

— Eu *vou* passar a noite aqui — ele insistiu para ela.

Charlotte marchou como um raio em direção à casa.

— Faça o que você quiser, Briskowitz! Ninguém aqui liga a mínima! — Ela subiu os degraus da porta dos fundos da nossa casa como um trator e bateu a porta.

Adam deu meia-volta e chutou a ponta da mala com um de seus Top-Siders.

— Você também vai querer fazer as refeições aqui? Servimos café da manhã e jantar — quis saber Véronique.

— Sim, por favor — concordou ele. — Isso seria muito bom. Obrigado.

— Eu sou Abbot Bartolozzi — Abbot se levantou.

— Eu sou Adam Briskowitz. — Ele estendeu uma das mãos.

Abbot a fitou por um momento, depois olhou para mim e em seguida para Julien, que assentiu, de forma que Abbot agarrou depressa a mão de Adam e a apertou.

— Vocês sabem por que estou aqui, não é? Com a Charlotte grávida e tal.

— O quê? — eu disse.

— Oh — Julien colocou as mãos no bolso e deu um pequeno passo à frente. — Abbot, vamos procurar moscas para o passarinho.

Abbot olhou para mim.

— A Charlotte está grávida?

— Vamos procurar moscas — repetiu Julien.

— Vá com o Julien — pedi. — Vou descobrir e lhe conto depois.

Julien pegou a caixa com o pássaro e os dois caminharam em direção aos vinhedos.

— Eu já sabia — confessou Véronique.

— Você sabia? — perguntei.

— Fico feliz que ela tenha contado para alguém! — declarou Adam. — Quero dizer, não é saudável guardar segredos. Não mesmo. Essas coisas aceleram a nossa respiração e a corrente sanguínea.

— Ela não me contou nada. Percebi que ela fica cansada de repente — explicou Véronique. — Às vezes ela apoia a cabeça na mesa e anda de forma pesada, como se seu ponto de apoio houvesse sido alterado. É evidente. — Ela então se virou e começou a caminhar de volta para a casa. — Traga a mala. Vou lhe mostrar o seu quarto.

Adam Briskowitz. *Briskowitzada*. Foi isso que ele quis dizer? *Não queria que ela ficasse Briskowitzada?*

— Adam, você tem certeza?

— É por isso que estou aqui. Vou arrumar um emprego ou alguma coisa do tipo. Acho que nesses casos as pessoas largam a escola e vão vender carros, não é? Eu ia cursar filosofia, mas que diferença vai fazer um filósofo a menos no mundo? Vou pedir Charlotte em casamento, mas ela não vai aceitar. É assim que vai ser, eu acho.

— Não creio que hoje em dia exista apenas uma única maneira de lidar com esse tipo de coisa. Não existe um roteiro.

Ele olhou para mim genuinamente surpreso.

— Venha! — Véronique chamou.

— Estou indo. — Ele baixou novamente as lentes dos óculos de sol, pegou a mala e seguiu Véronique pelo gramado rumo à porta dos fundos.

Olhei para a casa. Na janela mais alta, vi Charlotte. Ela olhou para mim. Seu rosto estava banhado pela luz do entardecer, a cabeça pendendo para um dos lados, a expressão estranhamente serena, resignada, e soube então que era verdade.

— **C**harlotte? — Bati de leve na porta do quarto dela. Podia ouvir o burburinho suave do rádio. — Charlotte? Posso entrar?

O rádio ficou em silêncio. A maçaneta foi virada e em seguida ouvi o trinco sendo aberto. Se Henry estivesse ali, conversaríamos sobre tudo aquilo e ele me aconselharia. Teria me dito quais eram as coisas que eu deveria dizer. E quais seriam elas? Henry saberia. Ele era bom com esse tipo de situação. Ele sabia por instinto como ser amável e disponível. Aquela era minha única oportunidade de falar a coisa certa. Era bem provável que eu jamais tivesse uma filha, muito menos uma filha que engravidasse ainda adolescente. Mas houve uma época, muito tempo atrás, em que também fui uma adolescente. O que eu gostaria que alguém me falasse? Talvez eu devesse começar por aí. Abri a porta devagar.

Charlotte estava de pé diante de mim com um short e uma camiseta do Monoprix e me lembrei de como ela ficou na loja com minha mãe e Elysius, usando aquele vestido com uma coleira e suas galochas. Ela parecia tão forte, tão incrivelmente durona.

— Ele contou a você — ela atestou.

— Charlotte, eu não sei o que dizer.

— Não contei para ninguém. Mais do que qualquer outra coisa, é um grande alívio.

— Desde quando você sabe?

— Desde antes do casamento.

— É um longo tempo para guardar um segredo como esse. Charlotte, você podia ter me contado.

Fui até ela e lhe dei um abraço. Levou um momento, mas Charlotte me abraçou de volta. Ela escondeu o rosto na curva do meu pescoço e começou a chorar, e tudo em que consegui pensar não foi sua gravidez e tudo que viria pela frente, mas sim como ela fora capaz de guardar aquele segredo tão pesado apenas para si mesma durante todo aquele tempo. Jamais contei para ninguém que eu achava que podia estar grávida quando Henry morreu, era uma esperança pequena, mas mesmo assim decidi guardar segredo só porque eu não queria dividir aquela esperança com mais ninguém. Porém, isso era pedir demais para alguém tão jovem. Ela já sabia durante o casamento, naquela butique, quando provou aquele vestido horrível, em Paris e durante o assalto. Eu sentia muito por ela e comecei a chorar também. Ficamos ali assim até que escureceu do lado de fora, ouvindo as andorinhas gorjear entre o ruído das cigarras.

A respiração de Charlotte por fim se estabilizou. Sentamos na cama.

— Vim para cá para não ter que contar para os meus pais. — Ela tirou um lenço da caixa sobre a mesinha de cabeceira e assoou o nariz. — Eles iriam querer que eu pensasse em todas as opções. Eu só queria entrar no segundo trimestre.

— Por quê?

Ela não respondeu.

— Para poder ficar com o
bebê? Ela assentiu.

— Eles aprovariam qualquer decisão que você tomasse — eu disse. Ela fez que não com a cabeça.

— Nada disso. Eles surtariam. Todos eles. Mas está longe de ser só isso. Não são eles. Eu sabia que decidiria fazer um aborto se ficasse. As aulas começariam e na minha escola, bem, isso seria pior que a morte. Sou *privilegiada*. — Ela pareceu ter nojo daquela palavra. — Ficar grávida é tipo cagar em cima do privilégio.

— Charlotte, isso acontece. Sempre aconteceu e sempre acontecerá. Você acha que ter ficado grávida a transformou em algum tipo de ingrata?

Ela soltou uma gargalhada.

— Ficar grávida faz de mim uma *babaca*. Como os amigos com quem eu costumava andar antes de eles decidirem ir para Harvard.

— De quanto tempo você está?

— Oito semanas, clinicamente falando.

— E como você está se sentindo?

— Um pouco cansada, mas de um jeito estranho, parece que tomei um calmante ou alguma coisa do gênero. Não sinto enjoo matinal e não estou irritada. É totalmente irônico, mas acho que a gravidez combinou comigo. Quer dizer, nunca fui maternal. Eu fazia uns cortes de cabelo horríveis nas minhas bonecas, mas quero ter esse bebê e vou fazer tudo certo.

— Você está tão... *segura*.

— É estranho. Mas desde que cheguei aqui, isso ficou muito claro na minha cabeça.

— Sério?

— Sério.

— E o Briskowitz? Você acha que ele dará um bom pai?

— O Briskowitz dá um bom *Briskowitz*. Ele vai ser um péssimo aluno de filosofia. Ele até manda bem com as palavras, mas é muito disperso. E quanto à ideia de ser pai? — Ela pensou um pouco a respeito. — Ele pelo menos tem um bom exemplo para seguir. Bert Briskowitz. Ele é um ortopedista cheio de boas maneiras que não obriga o Brisky a jogar golfe. O que mais podemos pedir na nossa sociedade fraturada?

— Você pode pedir muito mais que isso.

Ela olhou para mim, incrédula, e então baixou os olhos para as próprias mãos.

Pensei em Henry depois do aborto que sofri. Quando ele procurava por aquele vazamento nos canos, arrancou a caixa de luz e tirou as torneiras da banheira, deixando três buracos na parede. Certa noite, deixei a luz acesa no cômodo que seria o quarto do bebê. E, então, quando entrei no banheiro, os buracos na parede de ladrilhos estavam iluminados. Eu me enfiei na banheira, completamente vestida, me sentei e olhei para os buracos que davam para o quarto do bebê. Olhei para o que a minha vida poderia ter sido. Ela parecia perfeita e inatingível dali. Como a vida de outra pessoa. O velho berço de Abbot havia retornado com uma nova roupa de cama de cores vivas. Eu comprara um tapete felpudo de lã branca. Agora eu sabia o que teria dito se Henry estivesse ali. Teria dito que Henry e eu a ajudaríamos a criar o bebê. Teria dito que ela poderia se mudar para a nossa casa. Poderíamos criar um novo tipo de família. Faríamos a coisa funcionar. Só que eu não podia fazer esse convite. Que tipo de mãe eu seria para um bebê e uma garota de dezesseis anos, além de Abbot? Eu mal conseguia dar conta das coisas como elas estavam. Em vez disso, falei algo muito racional.

— Você precisa contar para os seus pais.

— Olha, eu só preciso de um tempo. Minha mãe vive fora da casinha. Ela não é estável. Ela acredita no poder de cura das pedras e nesse tipo de coisa, mas logo em seguida pode ficar histérica como uma Alanis Morissette depois de tomar um ácido. Isso não é nada bonito. E o

meu pai é ótimo, mas ele e Elysus não são do tipo que adora criança. Quero dizer, eles gostam da abstração da ideia, adoram o Abbot, é claro, mas não são pais por natureza. Sério, foi triste ver como me criaram. Pareciam jogar frescobol com a mão esquerda e de salto alto. Não foi uma coisa natural para eles.

— Você não vai conseguir fazer isso sem eles. — Eu me perguntei se eles surtariam mesmo. Era difícil saber.

— Acho que consigo.

— Você não sabe o quanto é difícil. E nem imagina os sacrifícios que terá que fazer. Já foi difícil o suficiente para mim com Henry ao meu lado e nós estávamos preparados para essa responsabilidade. Você simplesmente não é capaz de imaginar o quanto será difícil para você e para o Adam.

— Não quero falar sobre esse assunto. — Ela se jogou na cama. — Foi por isso que não contei para ninguém.

— Desculpe. — Eu não queria exigir demais dela. — Não temos que ter todas essas respostas agora.

Eu me levantei e fui até a janela. Julien e Abbot estavam sentados nos degraus da porta dos fundos da casa dos Dumonteils com a caixa a seus pés. Talvez estivessem alimentando o pássaro, ajudando-o a construir um ninho para passar a noite ou traçando um plano para mantê-lo longe de animais que pudessem caçá-lo. E, ao olhar para Abbot, senti algo que não podia negar. Charlotte estava grávida e fui tomada por uma onda de alegria. Não conseguia evitar.

— Um bebê — sussurrei.

— Eu sei. Essa é a parte intensa. Estou grávida de *um bebê!*

— Era por isso que você estava rezando em Notre-Dame e Saint Maximin? Ela deu de ombros.

— Não sei nada sobre esse lance de rezar. Todos os meus três pais são agnósticos. Eu só me abaixei e repeti a mesma coisa sem parar.

— E o que você repetiu?

— Eu meio que fingi que era um das Wallendas Voadoras.

— As trapezistas de circo?

— Não sei por que me lembrei delas, só sei que li sobre as Wallendas Voadoras quando era criança e fiquei bem impressionada. Elas faziam pirâmides em cima da corda-bamba lá no alto.

— E pelo que você rezou enquanto fingia que era uma Wallenda Voadora?

— Eu sou o tipo de Wallenda Voadora que reza por uma boa rede de proteção. É isso. Tudo que eu quero é uma boa rede de proteção.

Naquela noite, todos nós jantamos juntos, dividindo a sala de jantar com uma família inglesa com duas crianças que queriam batata frita e três mulheres australianas mais velhas que insistiram para que Véronique lhes dissesse quais eram as melhores praias mediterrâneas.

Julien também estava lá. Ele ajudou a mãe a servir os pratos e levou as duas crianças inglesas para o quintal para verem os vagalumes e os pais poderem comer em paz. Quando olhamos para as imensas janelas, vimos as crianças correndo pela grama descalças, mas Julien estava me observando. E quem eu era então? Uma mulher cercada por uma grávida de dezesseis anos e seu namorado estranho e jovem com cabelo selvagem e meu filho de oito anos que teve de ser persuadido a não levar o pássaro dentro da caixa para a sala de jantar junto com ele? Tudo parecia ter mudado. O fato era que Charlotte já estava grávida um dia antes, quando eu achava que as coisas continuariam as mesmas para sempre. Mas, naquele momento, tudo aquilo havia desaparecido. Aquele era um novo terreno. Estávamos todos interconectados, ligados por aquele segredo. Aquilo não duraria muito tempo, é claro. Charlotte teria que contar para os pais, assim como Briskowitz. Mas, por enquanto, me perguntei se Julien estava pensando o mesmo que eu: *Que família estranha*.

Charlotte descreveu a refeição: berinjela recheada com uma mistura de prosciutto, anchovas, porco salgado e cogumelos, temperada com alho, cebola, sal e pimenta, coberta por casca de pão, manteiga e limão.

— Você ajudou a preparar isso? — Adam perguntou a Charlotte. — Pensei que para você cozinhar se resumisse a misturar umas frutas picadas dentro do iogurte.

— Isso foi antes. Estamos falando de agora! Sei muito bem a diferença entre alho prensado e picado. Eu prefiro prensado.

— Hum — fez Adam.

— Ela sabe cozinhar umas maravilhas — elogiou Abbot.

Ficamos em silêncio por um momento.

— Este lugar é bom — comentou Adam. Ele vestia uma camiseta do Velvet Underground com o paletó por cima.

— Heidi costumava vir aqui quando era criança — informou Charlotte.

— Eu era um garotinho mau — disse Adam. — Meus pais não acreditavam em disciplina. Uma vez eu bati no meu irmão quando estávamos assistindo a *Gandhi*.

— Hum — eu fiz.

— Aprendi que a não violência é difícil e essa é uma das lições do filme. Mas, em geral, isso acontecia porque os meus pais eram muito moles e eu tinha que aprender as coisas do jeito mais difícil.

— E que jeito é esse? — perguntei.

— Tomei uns socos algumas vezes por ser arrogante. E frequentei uma escola liberal toda boazinha que nos fazia interagir e servir os pobres. A coisa era bem artificial, mas ficou na minha cabeça.

Charlotte nem conseguia olhar para ele. O garoto tinha se dado ao trabalho de ir dos Estados Unidos até ali. Senti muito por ele, mas não sabia se deveria. Charlotte devia ter uma boa razão para ser tão fria.

Foi Abbot quem puxou o assunto da gravidez. Eu já havia lhe contado antes de irmos jantar que Charlotte estava de fato grávida, que ela era realmente muito jovem, o que tornaria as coisas bem difíceis, mas nós deveríamos ficar felizes por ela. Isso foi tudo que tive tempo de explicar.

E então Abbot disse:

— Sei que só porque você está grávida não significa que precise ser casada. Como Jill e Marcy. — Jill e Marcy eram um casal de lésbicas, amigas nossas que haviam tido gêmeos graças a uma inseminação artificial.

— Na verdade, Jill e Marcy são muito bem casadas — corrigi. — Elas estão juntas há dez anos ou mais.

— Oh. Você é lésbica? — Abbot perguntou para Charlotte.

— Não — ela disse. — Infelizmente essa não é a minha praia.

— Ah, então quer dizer que agora você quer ser lésbica? — retrucou Adam. — Muito bom.

— Só estou falando que se eu fosse lésbica não estaria nesta situação.

Adam olhou para Abbot.

— Vou pedir Charlotte em casamento.

— E Charlotte vai responder que não — disse Charlotte.

— Viu? — Adam se virou para mim. — Eu falei que ela ia dizer não.

— Vou responder que não porque essa é uma péssima ideia. O que deu em você para aparecer do nada, direto dos anos cinquenta?

— Estou tentando fazer a coisa certa — explicou Adam. — E até onde eu sei, casar é a coisa certa.

— Até onde eu sei, você achava que o casamento era a institucionalização da dominação patriarcal. Você achava que o casamento era ser condescendente com o que acham que é o certo.

— Era bem provável que eu estivesse chapado. — Adam olhou para Abbot e depois para mim.

— Sem ofensas. Não fumo mais maconha.

— Não foi nada.

— É sério. Já faz tipo uns dois meses.

— Tudo bem. — Eu não sabia se aquilo era exatamente algo a ser comemorado.

— Por que você não vai se casar com Adam? — Abbot quis saber.

— Não vou me casar porque essas coisas não se aplicam a pessoas de dezesseis anos, Abbotado. Sejam eles unidades parentais ou não.

— Entendi. Então isso não tem nada a ver com o fato de que você não *me ama* o suficiente?

— Adam pronunciou aquilo um pouco alto demais, atraindo as atenções tanto dos ingleses quanto dos australianos.

— Os seus pais sabem? — perguntei para Adam em voz baixa.

— Não exatamente.

— O que isso significa? — indagou Charlotte.

— Eles sabem que eu estou aqui. Mas acham que estou fazendo um tour para conferir o trabalho dos pintores franceses famosos. — Adam olhou para mim. — Minha mãe é a responsável por pagar minhas despesas educacionais e ela é um pouco desligada.

— Tudo bem — eu disse. — Escutem, vocês dois precisam contar para os seus pais. Vou lhes dar uns dias, três no máximo, para traçar algum tipo de plano ou pelo menos determinar como vão abordar o assunto, e então vocês vão telefonar para eles.

Os dois olharam um para o outro.

— Minha mãe ou vai querer me matar ou ir para um ashram. É difícil saber. — Charlotte se voltou para Adam. — Elysium e Daniel vão ficar loucos da vida. Não vai ser nada bonito.

— O que é um ashram? — quis saber Abbot.

— É outra palavra para “comunidade”. É o tipo de lugar para gente hippie bizarra — Adam explicou depressa e então se empertigou todo. — Bem, creio que Bert e Peg vão encarar isso bem. Sou o caçula. Eles já passaram por todo tipo de coisa. Podem fazer com que eu vá a um psicólogo e certamente terão que aumentar a dosagem dos remédios da Peg, mas não acho que terão um colapso nervoso nem nada do tipo.

— Se vocês não contarem, eu terei que fazer isso — eu disse.

— Bem, acho que não tenho escolha — declarou Charlotte.

Adam sorriu.

— Podemos pensar juntos numa forma de abordar o assunto. Vamos dar conta do recado. Charlotte assentiu.

— Tudo bem.

— Você está tomando as vitaminas? — perguntou Adam. Aquela era uma questão na qual eu deveria ter pensado.

— É claro — declarou Charlotte. — Umas pílulas para cavalos. Comprei na loja de uma cooperativa de produtores de coisas naturais.

— Elas são indicadas para gestantes? — insistiu Adam.

— Sim, elas são indicadas para gestantes. Você quer que eu lhe mostre a embalagem?

— Na verdade, até quero — disse ele. — Tem um monte de pesquisas por aí a respeito do ácido fólico. Essas pílulas têm bastante ácido fólico?

E nesse momento eu meio que passei a gostar de Adam Briskowitz. Ele estava fazendo pesquisa. Trouxe consigo livros sobre bebê. Continuou perguntando para Charlotte sobre enjoos

matinais, espinhas, dores de cabeça leves. No tocante à saúde de Charlotte e do bebê, Adam não tinha nada de disperso ou filosófico.

Mais tarde, pus Abbot na cama. A caixa com a andorinha machucada havia sido colocada no chão do quarto. Ele e Julien construíram um pequeno ninho dentro dela com alguns gravetos, grama e um pano de prato enfiado em um dos cantos. Eu tinha a impressão de que aquela missão em conjunto — salvar a andorinha — era muito importante para ambos. O que aconteceria se o pássaro morresse? Eu me sentia presa entre duas opções. Não podia sugerir que eles desistissem do passarinho, ainda que todos os momentos que Abbot e Julien investissem nele me parecessem uma aposta impossível de ser ganha.

O caderno de desenho de Abbot estava ao lado da cama e ele segurava uma lanterna, com a qual gostava de iluminar a janela em algumas noites “só para conferir se não havia ninguém lá fora”, ele dizia, mas também descobri que usava a lanterna para desenhar debaixo do cobertor depois que eu apagava a luz. Ele movia o feixe luminoso de um lado para o outro.

— Conte uma história de Henry — ele sussurrou.

Eu não lhe contava histórias de Henry todas as noites quando estávamos em casa. Muito longe disso, mas, ainda assim, eu não havia contado nenhuma desde que chegamos à França. Não havia tido nenhuma história de Henry desde que Abbot me pedira uma *nova* história, na noite em que acabei sentada na escadaria da frente de nossa casa, encontrei o ovo de plástico roxo e decidi ir para a França. Antes, eu não havia pensado no assunto, mas naquele momento me dei conta. Abbot certamente havia intuído que eu tinha ido para a Europa em parte para nos libertar de uma parcela da dor que sentíamos pela partida de Henry. Porém, eu não estava ali para me desfazer das lembranças dele. De certa forma, buscava uma nova relação com ele. Nossa casa nos Estados Unidos estava repleta de recordações. Eu tinha memórias de Henry construídas em cada esquina, cada parque e playground, na casa de Elysius e Daniel, nos quintais dos vizinhos, na Loja de Bolos, no centro da cidade, na escola de Abbot. Ali, Henry não era o tempo todo jogado sobre mim, de forma que eu podia simplesmente carregá-lo junto comigo. Pela primeira vez desde que chegara ali, me dei conta de que minha relação com Henry havia mudado. Ela era mais tranquila. Mais pacífica.

— Uma história de Henry — repeti. Pensei em Adam Briskowitz. Henry teria adorado aquele garoto. Lembrei-me então de uma história que eu nunca havia contado para Abbot. — Quando o seu pai tinha dezesseis anos, ele jogava beisebol. O time dele havia ganhado o torneio estadual naquela temporada. Ele tinha marcado o ponto da vitória, mas depois me confessou que havia comprado um cachimbo e um roupão de fumar. O seu pai tinha esse senso de humor.

— Como assim um roupão de fumar?

— É uma coisa metida a besta que as pessoas na Inglaterra usam quando fumam cachimbo. Perguntei se ele havia comprado mesmo um roupão de fumar e ele me confessou que na verdade tinha comprado só um roupão qualquer.

— Por que ele queria vestir um roupão de fumar e fumar cachimbo?

— Acho que ele queria ser sofisticado. Ele não queria ser apenas um jogador de beisebol. Só

que não sabia o que fazer para se tornar sofisticado.

- Ele fumou o cachimbo?
- Eu não sei.
- Mas ele era só um garoto. Ele tinha o quê? A idade da Charlotte?
- Sim, ele era só um garoto querendo parecer velho.
- Mas ele nunca vai ser velho.
- Não.
- Então é bom que ele tenha tentado isso quando tinha dezesseis anos.
- Acho que sim.
- Conte outra história da casa. Talvez uma sobre você.
- Tem a história das borboletas brancas. Eu já contei essa.
- Conte outra.

Pensei por um momento.

- Essa história aconteceu um pouquinho longe da casa, lá no alto das montanhas.
- Tudo bem – concordou Abbot.
- Julien e eu nos conhecíamos quando éramos crianças. E, uma vez, ele me instigou a subir a montanha até uma capelinha que foi construída na própria pedra. É a capela de São Ser, a casa de um eremita que, segundo Julien me contou, teve primeiro as orelhas cortadas e depois a cabeça.
- Um eremita sem cabeça e sem orelhas?
- Sim. E Julien me contou que ele era um fantasma, mas que era um fantasma bom, porque protegia a alma das pessoas que morrem nas montanhas.
- Ele segurava a própria cabeça como aquela pintura que a gente viu em Notre-Dame?
- Eu nunca o vi, mas certa vez achei que o ouvi sussurrar o meu nome.
- Um fantasma bom – Abbot repetiu. – Que protege as almas.
- Sim, nessa capelinha no alto da montanha, que ainda está lá. Talvez possamos visitar a capela um dia desses.

Abbot pensou por um momento.

- Julien disse que a gente tem que soltar a andorinha amanhã. Não deveríamos demorar. Mas acho que temos que esperar até que a asa melhore. – Ele se virou debaixo dos cobertores. – Você acha que a andorinha vai voar?

– Eu não sei, mas você está fazendo o melhor que pode por ela. Isso é mais do que a maioria das crianças faria. A maioria das pessoas, na verdade. Uma pessoa comum provavelmente passaria direto pelo passarinho e seguiria com a vida, mas você parou e o ajudou. Isso é notável.

Abbot sorriu.

- Hoje foi estranho.
- Foi mesmo.
- Charlotte está mesmo grávida?
- Está, sim.
- Ela vai se encrencar por causa disso?
- É difícil saber. Os pais podem surtar com esse tipo de coisa.
- Você surtaria se ela fosse sua filha?
- Acho que não.
- Eu gosto de bebê. Todo mundo gosta de bebê.
- Você era um bebê ótimo.
- *Notável* — ele corrigiu. — Eu era um bebê *notável*.

Eu o beijei na testa.

- Vá dormir, bebê notável. — Eu me levantei.
- Dá uma olhada na andorinha. Ela está dormindo?

Olhei dentro da caixa. O passarinho estava de pé lá dentro, a asa ainda amassada. Ele olhou para mim.

- Não — respondi. — Mas vamos apagar a luz. Isso vai ajudar.
- Tudo bem — concordou Abbot. — Boa noite.
- Boa noite.

Charlotte já estava no quarto ouvindo rádio. Ela e Adam saíram para dar uma pequena caminhada depois do jantar, mas voltaram para casa por caminhos diferentes. Ele voltou a passos largos pelo jardim e ela desceu por uma das fileiras do vinhedo, ambos roxos de raiva. Eu me perguntei se três dias seriam suficientes para estabelecer uma frente unida, ou, talvez, decidir que não haveria uma.

Fui até a cozinha e me servi uma taça de vinho tinto. Olhei para o local onde antes estavam o fogão e os armários. *Esta cozinha jamais será reformada. A obra jamais será terminada*, pensei. Eu me sentei, coloquei o copo na mesa diante de mim e descansei a cabeça sobre as mãos. Pensei em minha mãe e nessa mesma cozinha no verão em que ela desaparecera. Será que ela aprendera a ouvir a casa? E o que a casa havia lhe dito?

Fechei os olhos e, por mais imbecil que me sentisse, tentei ouvir. O que mais poderia fazer em um momento como aquele?

A casa não disse nem uma única palavra, é claro, mas pareceu se dilatar ao meu redor. Ela parecia mais cheia agora, pois eu sabia que Charlotte estava grávida. Pensei por um minuto no feto se movendo dentro dela e, então, por estranho que pareça, na andorinha se debatendo dentro

da caixa de papelão. Eu me perguntei o que aconteceria em seguida. Como estariam nossas vidas dali a um ano? Onde Charlotte e seu bebê estariam? Com Elysus e Daniel em sua casa gigante? Com a mãe dela, consultando suas pedras? Será que ela estaria visitando universidades, fazendo entrevistas para entrar numa? Será que Adam Briskowitz passaria as férias de verão em casa? Será que no fim das contas ele se tornaria mesmo um estudante de filosofia? Nesse caso, quem tomaria conta do bebê?

A casa estava em silêncio. Eu havia feito perguntas demais. Começara a metralhar minha cabeça com um monte de dúvidas e parara de escutar.

Ouvi uma batida na porta, que se abriu apenas alguns centímetros.

Nesse milésimo de segundo me dei conta de que eu queria que fosse Julien.

— Entre.

— *C'est moi* — informou Julien. Ele entrou e olhou a cozinha ao redor. — Este lugar está com uma aparência muito boa. Você fez um excelente trabalho.

— Obrigada. Aos poucos está saindo.

— Quero lhe contar uma coisa.

— Você não está grávido, está?

Ele soltou uma gargalhada.

— Acho que não.

— Foi um longo dia.

— Eu sei — disse ele. — Acho que Charlotte está indo bem. Ela é saudável e está feliz aqui, não é?

Pensei em como ela estava deprimida em casa, Julien tinha razão. Ela estava gostando de ficar na cozinha e de desenhar pássaros com Abbot.

— Ela está feliz. Eu não a vejo tão feliz há muito tempo.

— Talvez tudo vá ficar bem no fim das contas. O garoto, Adam, é...

interessante. Assenti.

— Na verdade, gosto dele.

— Ele é excêntrico. — Julien parecia inquieto. Parecia estar enrolando para contar o que queria. — Quer sentar lá fora? — Ele pegou a garrafa que estava em cima da mesa. — A noite está quente.

Ele levou taças de vinho e a garrafa e se sentou em uma das cadeiras do gramado próximo à fonte com a bomba quebrada.

— O que você quer me dizer? — perguntei.

— É o pássaro.

— A andorinha?

— Sim. — Ele balançou a cabeça. — Provavelmente aquele passarinho vai morrer.

— Eles em geral morrem?

— Às vezes eles vivem, mas assim que você me falou sobre alimentar o passarinho e só depois soltá-lo, pensei no seu marido, no pai de Abbot. Agora, depois de hoje, esse garoto, Adam, chegou e Charlotte está grávida e me dei conta de que talvez essa tenha sido uma má ideia. Abbot vai soltar o pássaro, mas e se ele não conseguir voar, der de cara no chão e morrer? Sinto muito por ter tido essa ideia. Veio de quando eu era menino. Mas a sua família está passando... por um momento delicado.

Ele tomou um longo gole de vinho. Ergui a garrafa e lhe servi mais uma taça. Soltei um suspiro.

— Sei como é perder um pai. Éramos uma família delicada. Um tipo diferente de família delicada. Mas, de certa forma, sei como é. Uma hora o seu pai está lá e no momento seguinte ele não está mais.

Aquilo me surpreendeu. Eram casos diferentes. Um era uma morte, o outro, um abandono, mas percebi que Julien entendia Abbot de uma forma que eu não era capaz de compreender. Minha mãe também desaparecera, é verdade, mas apenas durante um verão. Depois, ela voltou para casa. Mas, para Abbot e Julien, os pais foram embora e nunca mais voltaram.

Julien apoiou os cotovelos nos joelhos.

— Acho que talvez eu possa pegar a caixa e dizer que certa manhã eu estava alimentando o pássaro e por milagre ele saiu voando.

— Não — retruquei.

— O que devemos fazer?

— Acho que devemos deixar Abbot soltar a andorinha.

— Devemos? Mas e se...

— Precisamos viver um pouco. Temos que nos permitir as coisas. Foi isso que você me disse uma vez, não é? Para aceitar correr os riscos.

— Sim. — Ele aninhou a taça de vinho na palma da mão. — Você está certa.

— Só que é tão difícil. Henry saberia o que fazer. Ele diria a coisa certa. Sinto falta dele.

Meu rosto ficou vermelho e senti um nó na garganta. Eu sabia que ia começar a chorar. Aquele choro havia se acumulado o dia todo. As lágrimas escorreram rapidamente pelo meu rosto.

— Desculpe. — Sequei as lágrimas com a palma da mão. — Tudo isso ainda me atinge quando estou com a guarda baixa.

— Como ele era? — perguntou Julien.

— Você quer mesmo saber?

— Quero.

Comecei a falar, hesitante, no início, mas então encontrei o que parecia ser uma estranha liberdade ao descrever Henry para alguém que nunca o conhecera. Falei não apenas sobre Henry e a Loja de Bolos, mas sobre seu pai durão, sua mãe tão amorosa, e seu irmão mais novo que quase se afogou na piscina durante um churrasco quando era pequeno, a quem todos chamavam de Jimbo. Quando contei a história sobre como eu e Henry nos conhecemos, Julien pediu que eu cantasse “Brandy”.

— Não — eu disse. — Não sei cantar. Sou terrível.

— Mas você também era terrível naquela época.

— Eu estava bêbada.

— Beba e depois cante!

Àquela altura eu já estava um pouco alta, mas fiz que não com a cabeça. Contei a história de como Abbot foi concebido, uma espécie de acidente, e Julien confessou que sua filha, Frieda, fora planejada, que eles haviam comprado kits de ovulação e que depois o médico receitou comprimidos para sua esposa, e ele adorou a ideia do acidente, mesmo que na verdade não tenha sido acidente.

Contei a história do meu aborto, de Henry arrancando os ladrilhos da casa. Contei a história da banheira vazia, até a parte que eu jamais contara para ninguém antes: como Henry me encontrou ali, olhando pelos buracos para o quarto do bebê.

— Tive febre. Não teve nenhuma relação com o aborto, mesmo assim Henry ficou preocupado. Ele me pegou e me carregou de volta para a cama.

Julien ficou em silêncio por um momento e depois me disse:

— Ele a amava.

— Ele me amava mesmo — concordei.

— Não. — Ele balançou a cabeça. — Nem todo mundo ama como Henry. Ele *amava* você. Todos acham que é um presente divino ter alguém que o ame, mas eles estão errados. O maior presente é poder amar alguém como ele a amava, conhecer esse tipo de amor.

— Talvez você esteja certo. Eu o amava assim também.

Ficamos em silêncio por um momento e me lembrei de como foi quando me apaixonei por Henry, quando soube que ele era exatamente a alma por quem eu estivera procurando, como conhecê-lo cada vez mais foi como abrir um presente atrás do outro. Porém, naquele momento, eu tinha consciência de que era eu quem dava os presentes, cada história era um pacote que eu dava para Julien desembulhar. Era uma vez um tempo em que pensei estar procurando por Henry, mesmo sem saber que esperava por alguma coisa, mas agora parecia que eu também esperava por mim mesma de alguma maneira, mesmo sem saber que esperava. Ao contar a Julien algumas das histórias da minha vida, eu tomava consciência de que talvez também sentisse falta de mim mesma. E lá estava eu, ressurgindo, desembulhando uma história de cada vez.

Perguntei a Julien sobre sua ex-esposa, Patricia. Ele respirou fundo e me dei conta de que ele era bonito não por causa do rosto ou pelo conjunto formado pelos ombros, mas pela maneira como escutava, por sua expressão perplexa quando eu recorria a alguma imitação para explicar

algo sobre o qual ele jamais ouvira, a forma como balançava a cabeça quando gargalhava, como se não quisesse fazer isso, mas não conseguisse evitar. E agora era bonito por causa das coisas que me contou sobre o casamento malsucedido e a esposa. A mãe dela era cantora de ópera, muito rude e exigente. O pai era um velho sentimental que chorava até com comerciais de televisão. E ele sentia saudade de todos os detalhes da ex-esposa. Ela espirrava quando caminhavam no sol. Quatro vezes, sempre quatro vezes. Era supersticiosa, apesar de negar isso, e usava o mesmo bracelete da sorte desde que tinha dezessete anos, substituindo várias vezes a corrente ao longo dos anos. Falava sozinha enquanto cozinhava. E, quando os dois terminaram, ele tentou desaparecer. Foi morar com seu amigo Gerard, um solteirão que vivia em Marselha.

— Gerard é um paquerador. Ele adora mulher e detesta casamento. Pensei que fosse ser divertido estar solteiro novamente, mas, na verdade, na maioria das noites eu ia para a Notre-Dame de la Garde, uma catedral que fica no alto de um morro, próxima ao mar. Eu não entrava. Havia um muro do lado de fora. E eu só olhava para o oceano, como se esperasse por um navio que fosse me levar de volta para casa. Esse navio não apareceu. E, aos poucos, eu parei de esperar por ele.

Talvez fosse isso o que havia de errado comigo. Eu não havia parado de esperar totalmente pelo retorno de Henry.

— Por que não deu certo com vocês? — eu perguntei.

— Eu poderia dizer que foram muitas coisas. Eu não era o que ela queria. Não era o homem que ela queria que seus amigos adorassem. Eu era engraçado quando ela queria que eu fosse sério. Eu não era bom o suficiente. E estava cansado de tentar ser bom o suficiente. — Ele abriu um sorriso triste. — Ela se casou com o cara errado. No fim, foi simples assim. — Ele colocou um ponto final na conversa. — Por que você está aqui? Não me diga que é por causa da casa. Por que você está aqui agora?

Contei sobre a noite em que encontrei o ovo de plástico roxo e em seguida procurei pela palavra *Henry* no dicionário e encontrei o verbete *hent*, “pegar, agarrar”.

— Então é por isso que você está aqui? — ele quis saber. — Por causa dessa palavra? Assenti.

Ele se reclinou na cadeira e encarou as pedras próximas à fonte, deixadas para trás pelo pedreiro, um homem grandalhão com uma papada e as mais belas mãos cheias de cicatrizes.

— Acho que tem mais — declarou Julien.

— O que você quer dizer?

— Minha esposa, ela usava aquele bracelete da sorte desde que tinha dezessete anos, mas ela não entendia de verdade.

— Entendia o quê?

— Não é o bracelete. É porque ela *acreditava* no bracelete.

— Você está me perguntando em que eu acredito?

— É.

— contei para Abbot a história de São Ser esta noite, o protetor das almas. Acreditei nele de alguma forma, sabe, quando eu era pequena e você me fez subir até o topo daquela montanha.

Julien se levantou.

— O que foi? — perguntei.

— Esse foi um bom exemplo. Não havia fantasma nenhum. Invenção o fantasma porque queria que você ficasse com medo. Mas aí eu mesmo senti medo, por isso falei que ele era um bom fantasma, um protetor. Quando tocamos o sino para chamar o fantasma e ficamos esperando no altar, você o ouviu chamar o seu nome.

— Eu era uma criança.

— Uma criança que acreditava em fantasmas.

Eu me empertiguei.

— Você está chamando Henry de fantasma?

— Não. Henry é real. Patricia é real. Neste momento, o problema é que você e eu somos os fantasmas.

Lembrei-me do meu reflexo fantasmagórico no espelho escurecido do armário do estúdio de Daniel. Julien, entretanto, me parecia muito real naquele momento, belo e real.

— Preciso entrar — eu disse. — Está tarde.

— Você não cantou.

Eu me levantei e deslizei os pés para dentro dos meus chinelos.

— A música é sobre Brandy. Ela era uma garota legal, mas o marinheiro não podia assumir nenhum compromisso com ela porque ele já era casado com o mar.

— Isso não é cantar — ele retrucou.

— A gente se vê amanhã.

— E amanhã você vai cantar?

Caminhei em direção à porta.

— Acho que não!

— Mas talvez sim?

— Mas talvez não.

Ao longo dos três dias seguintes, Abbot conseguiu adiar a soltura do pássaro. Ele abria as janelas da cozinha e deixava que as moscas zumbissem por ali. Em seguida, ele as caçava com uma intensidade silenciosa e uma pontaria excelente com o mata-moscas e alimentava o pássaro. Abbot parecia estar o tempo todo com seu inseparável caderno enfiado debaixo do braço.

Aquilo era ruim, é claro.

— Ele está se apegando ao pássaro — Julien sussurrou para mim. — Vai ser mais difícil se...

— Eu sei — cochichei de volta. — Entendi.

— Um milagre? — ele sugeriu. — No meio da noite? O bicho voou?

Fiz que não com a cabeça.

— Ele vai saber que é mentira.

Adam Briskowitz e Charlotte tinham brigas acaloradas e barulhentas. Às vezes eu via Charlotte caminhando com toda a calma enquanto Adam pairava ao redor dela como uma libélula. Toda vez que eu entreouvia uma das brigas dos dois via que elas nunca eram sobre maternidade, paternidade, a possibilidade de os pais deles surtarem ou o bebê. As discussões eram sempre a respeito de alguma coisa abstrata: a política do Oriente Médio, talento *versus* intensa ética de trabalho, ganância corporativa, a criação religiosa de Michael Moore e certa vez poderia jurar que ouvi a expressão “política econômica do governo Reagan”. Não consegui evitar o pensamento: *O que são essas crianças de hoje?*

Nesse meio-tempo, será que eu estava ouvindo a casa? Será que estava me sentindo conectada e permitindo que as decisões surgissem? Eu estava tentando.

O mestre de obras de Véronique se chamava Maurice. Ele era grande e bronzeado. Ambos tinham a mesma idade, mas ele era mais envelhecido, embora, de acordo com todos os padrões, pudesse ser considerado um cara sarado. Na verdade, quando ele chegou para falar comigo e Véronique, que estava teoricamente ali para resolver qualquer possível problema de tradução, pude jurar que os dois estavam flertando. Além disso, não precisávamos de qualquer ajuda de tradução. O inglês dele era impecável. Ele morara na Califórnia por um tempo e sabia surfar. Ficou impressionado com o fato de eu nunca ter surfado.

— Sério? Mas vocês têm umas ondas tão boas!

Pedi desculpas por minha óbvia falta de apreço por meu país natal.

Caminhamos pelo terreno ao redor da casa. Conversamos sobre as ideias da minha mãe e Maurice fez anotações. Sentamos à mesa da cozinha e discutimos sobre as mudanças estruturais, consertos, iluminação, encanamento, ladrilhos, cores e dinheiro. Ele me ofereceu mais catálogos.

— E os prazos? — eu quis saber. — Vai levar mesmo três meses antes que possamos começar?

Ele sorriu.

— O gado anda devagar, mas a terra é paciente.

— Esse é um ditado francês? Todos vocês têm um monte de cabeças de gado?

Ele e Véronique soltaram uma risadinha.

— Não. Não tem muito gado na França.

Liguei para minha mãe, disse que tinha decidido contratar Maurice como mestre de obras e contei sobre nossa conversa.

— Não estou conseguindo dormir à noite — ela me informou.

— Por causa da reforma? — Tentei fazer alguma conexão.

— Não, não é isso.

— O que há de errado? — Eu estava pendurando um monte de roupas molhadas em um varal bambo no quarto de Charlotte.

— Eu não sei. Estou inquieta. Sinto como se as coisas estivessem saindo dos trilhos.

Queria dizer que ela estava certa, que estava tendo uma premonição, que tudo estava prestes a se piorar, mas é claro que eu não podia fazer isso. E se contasse, mesmo faltando apenas um dia para que a própria Charlotte contasse para os pais, aquilo poderia ferir para sempre a confiança entre Elysium e minha mãe.

— O que a preocupa quando você não consegue dormir?

— Não consigo deixar de imaginar você aí com Abbot e Charlotte, e assim que tenho esse pensamento lembro-me da última vez em que estive aí. Foram tempos difíceis para mim. Você sabe disso.

— Eu sei. É claro que sei.

— O que mais Véronique contou para você?

— Eu já lhe falei tudo que ela me contou. Ela a chamou de ladra, apesar de não ter feito isso com nenhuma malícia.

— Eu sei, mas ela mencionou alguma outra coisa?

— Ela falou que você tinha uma lição para mim.

— Ah, por favor! Eu não tenho lição nenhuma!

— Diga-me o que aconteceu naquele verão.

A linha ficou em silêncio.

— Conte-me — insisti.

— Eu estava perdida — ela sussurrou.

— E alguém encontrou você?

Minha mãe ficou calada. Por fim, disse:

— É uma história antiga.

— Uma história antiga que mantém você acordada tarde da noite.

— Seu pai não sabe nada sobre isso. Desejo que continue assim.

— Se você está me pedindo para não contar nada para o meu pai, está superestimando o que eu sei. O que eu poderia contar a ele? Não faço a menor ideia do que aconteceu. Você teve um caso?

— Foi pior do que um caso. Eu me apaixonei.

Não consegui processar completamente aquela informação. A respiração ficou presa na minha garganta.

— Por que você se apaixonou?

— Eu não tinha a intenção de fazer isso! — declarou ela de forma quase infantil.

— Mas você acabou voltando, então, como tudo terminou?

— Talvez na verdade não tenha acabado. Foi você quem me perguntou por que eu não estava conseguindo dormir à noite!

— Você ainda pensa nele hoje em dia?

— Não é que eu pense nele... — Ela ficou em silêncio por um momento. — É que eu penso na outra vida que não vivi...

Aquilo me fez pensar em Henry, é claro. Eu sempre teria uma vida sem ele, uma vida que não seria vivida. Aquele era um vazio que eu carregaria para sempre dentro de mim. Seria essa uma das lições que minha mãe tinha a me ensinar?

— Mas você não ficou aqui. Como tudo terminou? — eu quis saber.

— Houve os incêndios. Grandes incêndios. Você nem é capaz de imaginar. Toda a montanha ficou em chamas. Aquilo só poderia ser um sinal, não é mesmo? Eu não precisei de um sinal maior que aquele.

— Um sinal que lhe disse o quê?

— Para voltar para casa.

No dia seguinte, o dia em que Charlotte e Adam deveriam ligar para os respectivos pais, por coincidência também era Dia da Bastilha. Eu tinha memórias vagas das celebrações da minha mãe no quintal, que mais pareciam um replay do Quatro de Julho, com as lojas repletas de promoções de faixas vermelhas, brancas e azuis após o feriado. A diferença é que não havia bandeiras dos Estados Unidos. Lembrava-me de caminhar com Elysium, Julien, seu irmão mais velho e outras crianças do vilarejo pelas ruas ao anoitecer com lanternas de papel suspensas por gravetos finos. Naquela manhã, vi Julien no jardim e perguntei: — As pessoas ainda desfilam pelas ruas com aquelas lanternas de papel?

Eu vestia meus jeans de pintura. Já havia terminado meu quarto azul e o quarto cor de rubi de Abbot e passara a trabalhar no quarto de Charlotte. Então, havia uma nova camada de salpicos verdes sobre o jeans.

— Eu não sei — ele disse. — Mas vou descobrir. Você quer ir à celebração no vilarejo?

— Posso fingir que a gente se encaixa bem por aqui. — De repente, quis saber se o lugar ainda

batia com as memórias que eu guardava dali, a imagem dos globos que balançavam na minha mente após todos aqueles anos. Pensei na minha mãe, como devia ter sido estranho ter todas aquelas memórias voltando à sua mente e como ela devia imaginar um retorno àquele lugar. Será que aconteceria o mesmo com as minhas memórias de Henry? Será que elas se distanciariam e deslizariam para longe do meu alcance, perdendo os detalhes, tornando-se cada vez mais imagéticas? Essa ideia fez com que meu peito doesse.

Charlotte e Adam me encontraram na fonte conversando com o encanador, alguém que Véronique havia chamado para consertar a bomba. Era um homem jovem que usava botas pesadas, de aparência industrial, e, como todos os outros, usava uma camiseta muito larga sem mangas. Ele estava de folga e tinha ido até lá apenas para pegar o pagamento. A fonte agora estava repleta de água limpa. A bomba funcionava a todo vapor. A água jorrava de forma perfeita. Eu planejava comprar as carpas naquela mesma semana.

Julien e Abbot estavam na piscina recém-reparada, dando uma nadada inaugural para celebrar a ocasião. Era feriado, então todos deveríamos tentar relaxar. Eu podia ouvir Julien ensinar a Abbot o hino nacional francês. A andorinha estava em sua caixa posicionada à sombra de uma árvore. Abbot sempre se assegurava de que ela estivesse por perto. Seu caderno provavelmente estava ali do lado.

— *Merci* — agradeceu o encanador. Ele olhou para o cheque, dobrou-o com uma das mãos e o colocou no bolso. Ele sorriu para Charlotte quando passou por ela. Adam percebeu e se empertigou todo, erguendo um pouco os ombros, e deu um passo em direção à garota. Encarei aquilo como um bom sinal. Ainda não conseguia entender por que um garoto prestes a se tornar calouro na universidade ficaria tão irritado por causa de uma discussão sobre a política econômica do governo Reagan, porém aquele ato em especial ficou muito claro para mim: um pinga de ciúme.

— Estamos prontos para os peixes — comentei.

— Havia fontes nesta região durante a era galo-romana — informou Adam.

— Sim — concordei. — Na verdade, as escavações que têm sido feitas por aqui revelaram um bom pedaço de uma vila. Incluindo uma fonte.

— Sério? — ele quis saber. — Isso é muito interessante.

— É o dia três. — Charlotte foi direto ao ponto.

— E aí? — perguntei. — Como estão as coisas?

— Decidimos algumas maneiras de abordar o assunto — disse Adam.

— Já entraram num acordo sobre a política global?

— Não — respondeu Charlotte.

— Mais ou menos. — explicou Adam. — Vamos chegar o mais próximo disso que formos capazes.

— Vocês são uma frente unida? — Tentei esfregar as mãos para tirar aquela tinta verde.

Eles olharam um para o outro de forma cautelosa, mas ambos assentiram.

— Ainda somos países diferentes — informou Adam —, mas fazemos parte das Nações Unidas e planejamos convidar outros países para se sentar conosco e conversar.

— Vocês sabem como gostariam que o dia a dia fosse em um mundo perfeito?

Adam ia falar alguma coisa, mas Charlotte ergueu um dos braços e colocou a mão no peito dele.

— Não — ela respondeu. — Não sabemos. Temos que ouvir o que todo mundo vai dizer, como eles vão se posicionar.

— Bert e Peg vão reagir de uma forma muito tranquila — garantiu Adam. — Eles são quase hippies. Eu já vi os dois chapados.

— Você fala primeiro, então — disse Charlotte.

— Vocês querem que eu ligue para eles aqui, na frente de todo mundo?

— Faça o que você achar melhor — falei.

— Vou só dar uma caminhada. — Adam tirou o telefone do bolso e o encarou por um momento como se houvesse esquecido como funcionava. Abriu o aparelho, olhou novamente para Charlotte, digitou o número, segurou o telefone junto à orelha e começou a andar. Pude ouvir Julien cantando um pedaço do hino da França: — *Aux armes, citoyens, formez vos bataillons.*

E a voz falha e aguda de Abbot vinha logo atrás, repetindo as palavras de Julien.

— Como as coisas estão de verdade? — perguntei a Charlotte.

— Terríveis. Eu o amo.

— Oh. — Aquilo não era o que eu esperava.

— Sei que você não acredita em mim. Eu mesma não acreditaria. Não acredito que pessoas de dezesseis anos se apaixonem, não de verdade. Mas não sei outro jeito de explicar o que estou sentindo.

— Acredito em você. Fomos feitos para nos apaixonar.

— Fomos feitos para nos apaixonar — ela repetiu. — Isso soa como se nós fôssemos animais, como se não tivéssemos escolha.

— Somos mamíferos. — Lembrei-me das baleias beluga e seus umbigos.

— Minha mãe é incapaz de amar de verdade. Ela simplesmente não consegue lidar com essas coisas. E com Elysium e Daniel é complicado. Eles têm alguma coisa parecida com amor, só que não é. Pelo menos não é o tipo de amor que eu quero. É alguma outra coisa, como um trato de que vão cuidar um do outro. Mas você e Henry... — A voz de Charlotte se tornou suave. — Era amor desde o início, não é?

— Só que você não pode desmerecer outros tipos de amor. Quero dizer que talvez sua mãe seja capaz de amar de verdade, mas não seja boa em demonstrar isso. E Daniel e Elysium têm algo que vai durar, eu acho. Já está durando há oito anos. Talvez...

— Eu sei, eu sei — Charlotte me interrompeu. — Mas o que eu quero saber, com toda a

honestidade, é se com Henry foi amor desde o início. Quero dizer, o que havia entre vocês tinha alguma coisa... a mais?

Eu não queria me concentrar na minha definição do amor. Ela era estreita e eu tinha noção disso. Entretanto, era tudo que eu era capaz de compreender, e eu deveria falar a verdade.

— Foi amor desde o início.

— E durou — ela completou.

— Está durando —

corrigi. Ela assentiu.

— É isso que eu quero. Seja com Adam ou não.

— Sim. É isso que quero para você. O problema é que estar apaixonada por Adam Briskowitz é quase uma questão à parte na atual conjuntura.

— Eu sei, eu sei. Será que ele vai ser um bom pai? Posso acreditar que ele estará ao meu lado?

— Sim — concordei. — O quanto você quer que ele se envolva?

— Essa decisão é minha, mesmo?

— Você precisa saber o que quer.

Ela suspirou e olhei para o alto da montanha, para o céu. Adam estava de pé a distância, encarando a terra no chão com uma das mãos na cintura.

— Fico pensando em todas as histórias que você me contou sobre este lugar. Todas as histórias de amor, toda a magia. Mas talvez a casa só tenha magia para vocês, as mulheres da sua família, a linha de descendência direta. O que você acha?

— Não sei se acredito nelas.

— Bem, eu também não acreditava no início — ela disse —, mas agora pode ser que eu acredite. Só que esses milagres não funcionam comigo.

— Você não tem como saber. Nunca se sabe...

Adam, ainda a distância, deu meia-volta. Ele berrava, mas não conseguíamos ouvir o que dizia.

— Pelo visto as coisas não estão indo tão bem quanto ele pensou — comentou Charlotte.

— Tenho a impressão de que ele é um tipo estranho de otimista.

— Adam acha que a mãe dele vai querer tomar conta do bebê. Na verdade, ele chegou a sugerir que fôssemos morar juntos na casa de hóspedes perto da piscina. Isso é loucura! Tenho dezesseis anos. Não posso morar na casa de hóspedes ao lado da piscina dos Briskowitz, dar meu bebê para Peg toda manhã e correr para assistir à primeira aula.

— Ele a ama?

Ela assentiu.

— Acho que ama, mas a verdade é que ele está se borrando de medo. Isso ele não diz. Está

cagando de medo.

Adam chutou a terra. Uma pequena nuvem se ergueu no ar. Ele berrou alguma coisa e em seguida ergueu o telefone sobre a cabeça e o fechou com um estampido, como se executasse o final de um número de dança flamenca.

— Ele é engraçado — comentei.

— Adam não tenta ser engraçado — ela completou —, mas é de rolar de rir. Adam veio marchando na nossa direção com a cabeça erguida.

— O plano A não vai funcionar! — ele gritou. — Peg e Bert realmente ultrapassaram todos os limites!

— O que aconteceu? — Charlotte berrou de volta.

— Eles exigem que eu vá para casa imediatamente. — Ele caminhou até onde nós estávamos e colocou as mãos nos joelhos, respirando com dificuldade. — Peg está obcecada pela ideia de que menti quanto a fazer um curso sobre os pintores franceses famosos.

— Você lhe falou que neste exato momento você está de pé à sombra do Monte Sainte-Victoire de Cézanne? — perguntou Charlotte.

— Deixei isso bem claro, mas ela não ficou impressionada.

— E sobre a gravidez? — eu quis saber.

— Ah, isso, sim, causou uma grande impressão! — Ele se empertigou.

— E qual foi a resposta dela? — insisti.

— Eles sugeriram que eu voltasse para casa e ficasse de castigo.

— Castigo? — Esfreguei minha testa. Bert e Peg Briskowitz. Eu os imaginei naquele exato momento como duas versões inanimadas de si mesmos sentadas no sofá, em choque, completamente em choque. Um deles diria para o outro: *A gente tentou colocá-lo de castigo? Foi isso o que dissemos?* E talvez o outro nem respondesse. Haveria apenas um silêncio entorpecido. — É um pouco tarde para colocar você de castigo. Eles só precisam de um tempo. Só isso. Você os pegou desprevenidos.

— Isso é ruim. Se é assim que os *hippies* que já passaram por todo tipo de coisa lidam com seu *quarto* filho, eu estou mesmo ferrada! — Charlotte jogou as mãos para o alto. — Totalmente ferrada!

— Não — retrucou Adam. — Eles que se ferrem. Estou feliz por ter visto o lado negro dos dois. Vamos simplesmente mudar para o plano B. Não vai rolar a casa de hóspedes na piscina. De qualquer forma, você não tinha gostado tanto assim dessa ideia. Vamos apenas mudar para o plano B.

— E qual é o plano B? — perguntei.

— Vamos nos mudar para um apartamento na cidade. Só nós dois. Eu vou para a Universidade da Flórida assistir às aulas noturnas enquanto Charlotte termina o ensino médio, talvez on-line. E nossos pais não vão ter que gastar mais do que geralmente já gastam com nossa existência atual,

porém, nós dois vamos conseguir algum bico para cobrir os custos adicionais com fraldas, lenços umedecidos e coisas do tipo...

Agora Adam estava falando sozinho, andando em pequenos círculos.

— Espere — pedi. — Vamos devagar.

Julien e Abbot começaram a cantar a plenos pulmões:

— *Marchons! Marchons! Qu'um sang impur abreuve nos sillons!*

— Escute, você pode ligar para eles? Está

pronta? Ela não olhou para mim.

— Quero resolver isso logo. Precisamos definir alguma coisa.

— Tudo bem — concordei. — Você quer eu fique aqui ou...

Ela já tinha aberto o telefone e digitado, e agora esperava por uma voz do outro lado da linha.

Adam e eu esperamos juntos, sentados lado a lado na beirada da fonte.

— O que eu deveria estar fazendo? — ele perguntou.

— Você precisa continuar sendo flexível.

— Flexível — ele repetiu. — Continuar sendo flexível.

— Essa coisa não tem a ver com você. Você está orbitando a questão. Ela e o bebê serão seu sol. Você simplesmente precisa continuar sendo flexível. Permanecer orbitando. Estar pronto quando for chamado.

— Sou só um planeta.

— Sim.

— Mas o bebê tem metade da minha carga genética.

— Isso é meio que só um detalhe agora.

— Oh.

— Acredite em mim. Você vai acabar tendo uma luz em meio a toda essa confusão.

— Eu sei. Com todo o respeito, nunca me senti tão aliviado por ter nascido homem. Mesmo com toda essa besteirada de privilégios socioeconômicos e sociais, estou simplesmente feliz por ser um garoto só pelos padrões anatômicos.

— É, você deveria mesmo se sentir feliz por isso.

— E eu estou!

Eu me virei para ele.

— Como vocês deixaram isso acontecer? Como? Posso perguntar isso?

— É claro que pode perguntar. É justo. Uma boa pergunta. — Adam tossiu e cobriu a boca com o punho. — Bem, foi naquela vez que, bem, depois... você sabe. Não somos maníacos nem nada do tipo, não é que a gente fique pirando o tempo todo...

— Entendi. Continue.

— Depois que aconteceu, a parada sumiu. Simplesmente fez *puf!* Não conseguimos mais encontrar.

— A camisinha?

— Bingo! Foi só...

— *Puf!*

— Como aqueles soldados que se perdem bem no meio da ação. Mais tarde, sabe, ela acabou encontrando. Mas, bem, o timing daquele evento deve ter sido, bem, é... como posso dizer... serendipitoso.

— Serendipitoso.

— Está certo — disse ele. — O que eu quero que as pessoas saibam, só para constar, é que estávamos tentando fazer de modo seguro. E talvez eu não tenha colocado direito, talvez tenha havido alguma negligência em minha execução daquele... ponto... questão... mas, bem, agora você sabe da história. Não foi uma coisa que Bert e Peg perguntaram, mas posso ver uma futura conversa em que esse assunto vá surgir.

— Posso dar uma sugestão?

— Claro.

— Eu não usaria a palavra *serendipitoso*. Tentaria contar essa história de uma forma simples e honesta.

— Tudo bem — ele concordou.

— E então, ainda no espírito da simplicidade e da honestidade, preciso perguntar: você ama Charlotte?

— Eu amo Charlotte — ele respondeu sem hesitar. — Não sei o que fazer a respeito disso, mas eu a amo.

Ficamos ali sentados em silêncio até que Charlotte retornou. Ela havia chorado.

Adam se levantou e foi até ela. Passou os braços ao redor de Charlotte, que apoiou a cabeça no ombro dele. Quando ela ergueu a cabeça, Adam perguntou: — Como foi? O que eles disseram?

Ela olhou para mim e sorriu.

— Elysium foi Elysium. No início, ela realmente não ficou tão surpresa quanto eu queria que ficasse. Ela sempre esperou algo desse tipo de mim, eu acho. E então o meu pai... — Charlotte soltou uma risadinha. — Ele disse que ficar grávida com essa idade cancelaria o meu crescimento. Eu o informei de que não havia crescido nem mesmo um milímetro desde o sétimo ano. Isso foi uma novidade para o meu pai. E então ele começou a ficar irritado, fulo da vida de verdade, mas foi aí que Elysium entrou em cena. Ela foi ótima. Ela acalmou tanto o meu pai que

no fim ele estava até falando as coisas certas.

— E quais foram essas coisas certas? — Adam perguntou.

— Ele falou que a minha saúde e a saúde do bebê eram as coisas mais importantes agora. — Ela se sentou ao meu lado na fonte. — Disse que seu instinto era o de pegar o primeiro avião para cá. — A voz dela ficou presa na garganta. — É claro que ele não pode fazer isso. Meu pai já esteve fora por dez dias para a lua de mel e precisa trabalhar.

Coloquei um dos braços ao redor de seus ombros.

— Sinto muito.

— Bem, a parte boa é que ele vai contar para a minha mãe, por mim. — Ela respirou fundo. — Ele está mandando Elysium para cá.

— Por quê? — perguntei.

— Para me levar para casa.

— Você quer ir para casa? — eu quis saber.

— Eu posso levá-la para casa — ofereceu-se Adam.

— Você não está de castigo? — lembrou Charlotte.

— Isso não foi nada engraçado — retrucou Adam.

— Você quer ir para casa? — repeti.

Charlotte olhou ao redor.

— Amo isto aqui. Amo as montanhas. Amo poder respirar um pouco sem ninguém para me obrigar a enfiar o nariz em um livro para que eu tire notas boas nas provas e me torne algum tipo de robô capaz de entrar em uma boa universidade. Estou aprendendo a cozinhar, Abbot precisa de mim e as pessoas parecem gostar de mim. Aqui eu tenho *certeza* de quem sou. Temos mais algumas semanas. Então, não. Não quero ir embora. Eles não podem me obrigar. — Ela olhou para mim. Eu não sabia o que dizer. Ela balançou a cabeça e secou as lágrimas dos olhos. — Se bem que eles *podem* me obrigar a voltar. Eu sei — ela sussurrou. — Eu sei.

*D*ecidi esperar que minha família ligasse. Sabia que fariam isso. Achei que Elysium seria a primeira. Talvez ela colocasse Daniel na linha para que também falasse comigo. Eles iriam querer saber se Charlotte estava mesmo segurando a onda e ouvir a história a partir da minha perspectiva. Tentariam saber há quanto tempo eu sabia sobre aquela história, se eu estava envolvida de alguma forma, e me encheriam de informações sobre Briskowitz, que tenho certeza que eles viam como um problema precisando de solução.

Pensei que minha mãe fosse ligar em seguida, já que Elysium devia ter ligado para ela imediatamente. A notícia sobre a gravidez de Charlotte tiraria minha mãe de seus devaneios. Ela lideraria a operação. Em um instante ela estaria preparada para estar ao lado de Charlotte e Elysium e começaria, sem demora, a mentalmente reorganizar nossas vidas.

O que eu não esperava era por uma ligação do meu pai. Eu estava em cima de uma escada no

quarto de Charlotte, fazendo os últimos arremates, quando o telefone dela tocou sobre a mesa de cabeceira. Meu pai não era do tipo que gostava de falar no telefone. Ele ainda tinha aquela noção do velho mundo de que o telefone era um tipo de ferramenta para ser usada apenas em emergências. “Telefone não é walkie-talkie”, minha mãe dizia a ele. “Você não precisa usá-lo apenas para informar suas coordenadas.” Eu considerava que essa repugnância por telefones e as conversas despretensiosas que acontecem através deles tinha algo a ver com sua definição de masculinidade. Ele tinha seu próprio celular, mas acho que apenas porque aquele tipo de aparelho se parecia mais com um walkie-talkie. Entretanto, o número que apareceu no identificador de chamadas do celular de Charlotte foi o da linha fixa dos meus pais, então atendi esperando que fosse minha mãe.

Desci da escada.

— Então você já sabe.

— Eu já sei. — A voz do meu pai me surpreendeu.

— Ah, papai. — Imediatamente fiquei alarmada. — Você está bem?

— Sua mãe também está indo para aí.

— Com Elysium? Aqui?

— Correto.

— Por quê? — perguntei, mas receava já saber. Aquilo devia ter a ver com a insônia dela, com o fato de ser uma ladra. Mas eu também tinha noção de que meu pai não sabia de nada daquilo, então perguntar o motivo da decisão de minha mãe era algo sem sentido. Ele não saberia me explicar por que ela estava indo para a França. Eu me equilibrei na escada com uma das mãos.

— Ela está muito mal, Heidi — informou ele. — Está um caco. Ela finge estar bem, mas não está. Nem um pouco. E... — A voz dele estava trêmula. Imaginei se seria capaz de prosseguir. — E ela precisa deixar essa coisa de lado.

— Que coisa?

— Eu deixei o meu passado de lado — disse ele. — Fiz isso há séculos e agora é ela quem precisa fazer o mesmo.

— Que passado?

— O caso que ela teve. Sua mãe teve um caso durante o verão em que nos deixou.

— Com quem ela teve um caso? — Tentei desesperadamente parecer chocada da maneira que era esperada, como se recebesse aquela notícia pela primeira vez.

— Ela voltou — ele desconversou. — Isso foi tudo que sempre importou para mim. Só que eu estava errado. Ela precisa descobrir se deveria mesmo ter voltado. Eu gostaria que ela descobrisse isso. Acho que seria melhor.

— Com quem ela teve um caso? — repeti.

— Você está fazendo a pergunta errada. Vamos lá.

— Acho que essa é uma pergunta perfeitamente boa.

— Esse é o tipo de pergunta que os jovens fazem.

— Por que você está me contando isso? O que quer que eu faça?

— Quero que você diga para a sua mãe que ela precisa resolver isso. Ela tem que dar um jeito de uma vez por todas nesse assunto. Precisa descobrir como a vida dela teria sido. — Houve um silêncio na linha. Eu não sabia o que dizer. — Você vai fazer isso por mim? — ele perguntou.

— Vou, sim.

— Combinado. Cuide bem da Charlotte. Ela vai precisar de você mais do que de qualquer outra pessoa.

— Sério? Mas Elysium e a minha mãe estão vindo, Adam já está aqui e...

— Ela já escolheu você, querida.

— Ah. — Eu não sabia se havia sido mais surpreendida por aquela ideia ou se pelo fato de ter partido do meu pai. Esse tipo de ideia não era o forte dele, porém, parecia ter uma noção melhor do que acontecera com a minha mãe do que eu jamais imaginara. Pensei no comentário que Charlotte fizera sobre o amor, que ela queria o amor desde o início, como havia acontecido comigo e Henry. Será que fora por essa razão que ela me escolhera?

— Tudo bem. Não quero ficar ocupando a linha. — Aquilo era a cara dele, que logo assumiu seu tom de voz de “vamos-acabar-logo-com-isso”. — Conversamos depois.

— Sem problema. — Eu sabia o quanto ele estava desesperado para desligar. — Amo você.

Ele parou de respirar por um momento e fiquei surpresa por ter feito uma pausa, suspirando na linha, como se fosse me responder, mas desistiu no meio do caminho. Ele levou um momento, mas, por fim, com a voz rouca e engasgada, disse: — Também amo você.

Antes da celebração do Dia da Bastilha, fizemos um piquenique no jardim em frente à casa dos Dumonteils. Foi uma refeição suntuosa. Primeiro houve *moules à la marinière* — mexilhões marinados no vinho branco com manteiga, cebola, pimenta e limão com um monte de salsinha — e em seguida um *bouillabaisse*, um prato que incluiu enguias e caranguejos verdes. Charlotte explicou que aquela era uma derivação do *bouillabaisse, bout et abaisse*, que significa “ferver e prensar”. Depois vieram uma salada com queijo de cabra quente e finalmente uma variedade de sobremesas que eu trouxera da pâtisserie.

Notei que Julien parecia ansioso. Não tirava os olhos da longa entrada de carros. Mais de uma vez ele se levantou e caminhou até a beirada do jardim, onde ficavam as amoras-silvestres, como se houvesse visto um carro virando na entrada.

— Quem está vindo? — perguntei a Véronique, que estava sentada ao meu lado em uma das pequenas mesas.

— A esposa dele — disse ela. — Mais papéis para assinar. A burocracia não tem fim. Não sei por que ele está andando desse jeito. Ela é sempre pontual. Jamais atrasa. Como uma suíça.

Patricia. Fiquei surpresa com minha reação. Sim, era uma espécie de curiosidade, mas também um pequeno eco de ciúme soou em meu peito. As perguntas em minha cabeça começaram primeiro de forma inocente: será que ela vai espirrar ao sol quatro vezes por dia? Será que verei o bracelete da sorte com meus próprios olhos? Porém, logo comecei a ficar irritada: será que ela se parece com a filha de uma cantora de ópera? E como ela será exatamente? Alguém com uma excelente postura, pronta para soltar um agudo? Alguém que usa um capacete viking com chifres?

Eu tinha que me preparar para o fato de que ela provavelmente fosse elegante, talvez até bonita, com aquela elegância bela que os franceses desenvolvem com tanta facilidade. As francesas não se embonecam. Nunca parece que elas passaram tanto laquê no cabelo a ponto de deixar as mechas duras, nem escurecem o rosto com base bronzadora, deixando o pescoço pálido. Elas parecem quase sempre usar cremes noturnos caros e realmente acreditam na hidratação. Sem pensar duas vezes, decidi que Patricia deveria ter uma beleza insuportavelmente natural.

E será que ela traria Frieda? Eu esperava que não. Aquela seria uma forma de torturar Julien. Eu podia afirmar que o fim de um casamento era uma coisa, mas a ruptura de uma família era outra coisa completamente diferente, um ferimento muito mais profundo. Mesmo assim, ambas as coisas deviam doer.

Todos estávamos falando, provavelmente ao mesmo tempo, sobre socialismo e a desintegração da jornada máxima de trabalho semanal de 35 horas imposta pelo governo francês quando um carro lentamente estacionou diante da casa. Véronique nos contou que a cidade era financiada por verbas do governo. De que outra maneira as lojas locais poderiam competir com a expansão massiva e os preços arrasadores do Monoprix? Aquilo explicava os horários de funcionamento estranhos, a sensação de que os donos dos estabelecimentos não precisavam de dinheiro — eles realmente não precisavam. Houve uma discussão acalorada sobre mercados livres, capitalismo e todas essas coisas sobre as quais os americanos devem discutir, sendo contra ou a favor, quando estão na Europa.

— Com licença — pediu Julien e silenciosamente escapuliu para longe de nós.

Eu o observei correr pelo vasto jardim. A porta traseira se abriu primeiro e uma garotinha pulou para fora do carro. Ela era linda e rápida. Ele a pegou no colo e a colocou sobre os ombros. Ela envolveu o pescoço dele com os bracinhos e os dois uniram as cabeças. Frieda. Tinha traços delicados, os lábios formavam um beicinho. Era mesmo uma menina deslumbrante, com o cabelo loiro balançando e formando um halo ao redor da cabeça.

A porta do passageiro se abriu em seguida e Patricia saiu do carro. Ela usava bermudas informais preguiçadas e abotoadas nos joelhos e elegantes sandálias de tiras com saltos altos. Sua camiseta preta sem mangas tinha um profundo decote em V. Os braços eram longos e bronzeados. Ela usava óculos escuros imensos e o cabelo tinha mechas de um loiro dourado.

Eles trocaram beijos educados no rosto. Ela segurava uma pasta. Os dois conversaram de forma solene na capota do carro, com Frieda ainda pendendo dos ombros de Julien.

E então, para minha grande surpresa, a porta do motorista se abriu e um homem saiu de dentro do carro. Era apenas um pouco mais alto que Julien e também mais forte. Tinha olhos e cabelos pretos, exatamente como Julien, e um sorriso rápido. Eu quase o reconheci, mas, antes que pudesse fazê-lo, Véronique se levantou e gritou:

— Pascal.

E esse foi um daqueles momentos na vida em que as coisas se tornam claras e outras coisas do seu passado — coisas que, de modo inconsciente, sua mente registrou por parecerem mal resolvidas — de repente começam a fazer todo o sentido, encaixando-se como as peças de um relógio.

Nesse momento, me lembrei de todas as pequenas coisas que poderiam ter me preparado para aquele choque. A própria Véronique não havia me dito que os garotos estavam passando por problemas de relacionamento nos últimos tempos? Ela havia me dito aquilo como se eu soubesse a história entre eles e eu pensara que ela se referia à típica rivalidade entre irmãos — não a algo como aquilo. O próprio Julien havia me dito que Patricia tinha escolhido o cara errado para se casar. Eu considerara aquilo uma falha na nossa comunicação e nada mais. E então pude ver a forma como Pascal se aproximou, passando uma das mãos ao redor da cintura dela, o que significava que Julien tinha sido bem literal. Ele fora a escolha errada — o irmão errado — e ela corrigira seu erro.

Pior de tudo, eu me lembrava de quando conversei com Julien no início daquela viagem, no conversível debaixo de chuva, quando eu lhe disse que preferia o outro irmão, aquele do pula-pula, e ele respondeu que eu não era a única.

Véronique acenou e mancou na direção deles. Pascal se afastou de Patricia e beijou a mãe nas bochechas. Patricia passou a pasta e uma caneta para Julien. Ele começou a assinar os formulários no capô do carro. Véronique brincava com a neta e ao mesmo tempo falava com Patricia, obviamente convidando-a para se juntar a nós, ficar conosco. Patricia olhou para nós à mesa. Peguei minha taça de vinho e tomei um gole. Fiz uma afirmação vazia sobre me sentir patriota ali na França.

— Nos Estados Unidos, quando alguém me pergunta a minha nacionalidade, não consigo

dizer que sou só americana. Tenho que voltar gerações, explicar de onde na Europa vieram os meus ancestrais, mas, aqui, eu posso simplesmente dizer: *Je suis Américaine*. A sensação é tão boa.

— Exceto quando ser americano não é uma coisa boa — comentou Adam.

— Isso é verdade — concordei. — Tivemos uns presidentes que nos deixaram com vergonha.

Observei Pascal sentar novamente no banco do motorista. Patricia pegou Frieda. A menina chorava com o rosto vermelho e brilhante graças às lágrimas. Ela esfregava um punhado de cabelo da mãe entre os dedos. Patricia colocou a menina no banco de trás e a ajudou a afivelar o cinto de segurança.

Julien ficou de pé no jardim. Enquanto a ex-mulher entrava pela porta do passageiro, ele espalmou uma das mãos na janela escura do banco de trás. Ele a manteve ali até que o carro lentamente se afastou.

Nós nos reunimos no centro da cidade ao anoitecer com os moradores locais. Flâmulas vermelhas, brancas e azuis pendiam da fachada do prédio do governo e das árvores. Julien explicava para Abbot a queda da Bastilha, a Revolução Francesa e a República da França. Ele fez uma excelente conexão com a história americana e o Dia da Independência, como as duas ideologias estavam ligadas de muitas formas.

Charlotte e Adam estavam em silêncio. Os dois pareciam um pouco chocados. Aquilo provavelmente passaria despercebido para um observador casual, mas eles apertavam a mão um do outro com força enquanto andavam, erguendo os braços quando alguma criança passava por ali correndo, em vez de simplesmente soltar as mãos. Charlotte havia dito que Adam estava se borrando de medo. Os dois estavam, mas era bom que tivessem um ao outro. Por mais que eu quisesse ajudar, nada se comparava a Adam segurando a mão de Charlotte, aquele tipo de conforto silencioso, infantil.

Véronique ficara em casa.

— Já vi muitas crianças com luzes — ela disse. — Vou proteger este passarinho.

E assim Abbot pegara a caixa com a andorinha e a entregara para Véronique com muito cuidado, dando instruções sobre como fazer o bicho dormir mais depressa. Ela ouvira tudo assentindo, paciente.

Uma mulher com cabelo escuro e brilhante chamou todas as crianças. Abbot deu um passo à frente e se juntou aos outros. Olhei ao redor e me dei conta de que já reconhecia as pessoas da cidade. Havia funcionários do Cocci, do Café Sainte-Victoire, a velha que esfregava o banco de mármore. Reconheci o pedreiro com a esposa, uma mulher roliça com bochechas rosadas, e o padeiro, com uma garotinha que parecia ser sua neta. Ela devia ter mais ou menos uns três anos e tinha cachos negros que pareciam flutuar. Olhei para a multidão: os velhos que jogavam bocha todas as tardes, os outros que construíram uma pista em miniatura e organizavam corridas de carrinhos motorizados no porão da prefeitura. Será que o homem com quem minha mãe tivera um caso ainda vivia na cidade? Seria algum daqueles homens? Mais uma vez me lembrei de Hercule Poirot, o corpulento detetive belga, desta vez fingindo estar dentro de um romance de

investigação cujo maior mistério era descobrir quem era o amante da minha mãe.

— O prefeito — informou Julien. — Ele está aqui. Você quer conhecê-lo? — Ele apontou para um homem muito bonito que parecia, de todas as formas, um ator de Hollywood. Era bronzeado e definido, no início da casa dos cinquenta. Seu cabelo era preto e usava jeans escuros com uma camiseta também preta com um logo que não consegui decifrar, que tinha a ver com o movimento de libertação das cigarras da Provence.

— Por que ele quer libertar as cigarras? — eu quis saber.

— Acho que ele está sendo engraçadinho — explicou Julien. — Vamos lá. Isso vai deixar minha mãe feliz. Ele vai querer conhecer você.

— Não — retruquei. — Quero contar uma coisa para você.

— Você está irritada comigo por eu ter ensinado o hino nacional francês para Abbot? — ele perguntou, de brincadeira. — Ele é meio francês, precisa aprender um pouco sobre seu país materno.

— Sim, ouvi vocês dois juntos berrando o hino na piscina.

— Berrando? Fomos profissionais. Mandamos muito bem. Não foi como você e aquela sua música “Brandy”. A gente cantou de verdade.

— Eu ouvi vocês dois. Acho que até as pessoas na Irlanda escutaram.

Ele sorriu para mim.

— Abbot é uma criança incrível. Ele me contou as histórias da casa. Os encantamentos, os milagres e as histórias de amor.

— Contou, é?

— Eu já tinha ouvido essas histórias antes. Minha mãe me contou quando eu era novo. Não todas elas, mas algumas me pareceram familiares. Ele acredita nessas histórias.

Eu tinha certeza de que Julien perguntava se eu também acreditava nelas.

— Abbot é um menino profundo. E sensível. Ele sente tudo.

— Ele faz com que eu me lembre da Frieda de certa forma. As portas do coração deles estão escancaradas, como minha mãe costuma dizer. — Ele se referia sem dúvida ao fato de Abbot estar correndo com as outras crianças, tentando se comunicar com uma estranha mistura de inglês e francês. Ele sempre levava seu caderno nessas ocasiões, mas estava muito distraído para desenhar o que quer que fosse.

— Sinto muito — eu disse. — Sinto muito por Patricia. Eu não sabia que era o seu irmão...

— Eu não contei para você.

— Mas poderia ter contado. Isso realmente aumenta o seu nível de tragédia.

— Então quer dizer que agora eu venci?

— Não. O prêmio ainda vai para os países devastados pela guerra.

— Eu ficaria feliz em abrir mão dela se pudesse continuar sendo pai. Não pai em meio-

período, mas pai de verdade.

— Mas você é um pai de verdade. Vi você e Frieda por cinco minutos e soube que estava observando um pai, um pai de verdade com sua filha. Você agora só tem metade do tempo, mas mesmo assim é um pai em tempo integral.

Ele olhou para Abbot, que estava recebendo uma lanterna de papel presa na ponta de uma vara das mãos da mulher com o cabelo escuro.

— Elysius e sua mãe estão vindo.

— Sim. E eu ainda não sei a verdade.

— Sua mãe não contou para você?

— Sei que ela teve um caso. Meu pai também sabe. Ela é uma ladra de corações. Mas o que ela fez realmente? Foi muito ruim?

— Somos franceses. Perdoamos as pessoas que se apaixonam até mesmo quando elas acham que não deveriam ter feito isso. — Ele olhou para mim por um momento e meu coração começou a bater acelerado no peito. E então, com toda a suavidade, ele ergueu uma das mãos e deixou os dedos correrem pelo meu braço até a minha mão. Imaginei por um momento se ele me beijaria e então foi exatamente isto o que ele fez: um beijo suave, os lábios dele nos meus, macios e doces. O beijo durou, fechei os olhos. O mundo se desfez ao meu redor. Por um momento senti que aquele beijo era a única coisa que me prendia ali, que me mantinha com os pés no chão. Como se, sem ele, eu fosse inchar e partir para o alto como uma lanterna de papel perdida. Eu me sentia bem por confiar em alguém daquela forma, por me sentir presa ao chão. Naquele momento, não éramos fantasmas. Éramos reais. E então abri os olhos e dei um pequeno passo para trás. Ele escorregou uma das mãos para dentro da minha. A mão dele era grande, quente e forte.

Ele fez um sinal com a cabeça para as lanternas de papel que as crianças seguravam.

— Você se lembra disso?

— Lembro — concordei, mal conseguindo respirar.

— É como se eles houvessem fiscado um peixe brilhante — Julien comentou.

— É mesmo. — Vi o rosto de Abbot ser iluminado pelo brilho dourado de sua lanterna. Ele sorriu para nós e acenou como um louco. Rapidamente soltei a mão de Julien e acenei de volta. Será que Abbot havia nos visto de mãos dadas? Julien também acenou para Abbot, mas ele parou de acenar, segurou a vara de sua lanterna com as duas mãos e pareceu nos encarar. Era difícil decifrar sua expressão.

Não consegui pronunciar mais nenhuma palavra e Julien também não esperava que eu o fizesse. Charlotte e Adam estavam sentados em um banco próximo à pista de bocha, com as cabeças inclinadas juntas sob a luz pálida. Havia uma brisa que rodopiava entre nós. Abbot formou uma fila junto com as outras crianças e começou a subir pela rua estreita, as lanternas ondulando no escuro.

Elysius e minha mãe telefonaram para nós juntas, alternando-se em um único celular. Elas

estavam ligadas no modo de emergência. Já tinham providenciado todos os detalhes da viagem e naquela noite iriam de Jacksonville para Marselha. Anotei o número dos voos e os horários.

- Quer que eu vá buscá-las no aeroporto?
- Não — respondeu minha mãe. — Não deixe Charlotte sozinha.
- Ela não vai ficar sozinha. Na verdade, ela pode ir comigo.
- Não precisa fazê-la encarar a estrada. Vamos pegar um táxi.
- O caminho é longo. Vai sair caro.

Foi então que minha irmã entrou na linha.

— São apenas euros — disse Elysius como se os euros não valessem nada mais do que as notas do Banco Imobiliário.

Na verdade, quanto mais dinheiro Elysius e Daniel pudessem gastar com Charlotte, mais poderiam provar que ainda eram bons pais. E eles *eram* bons pais. Tinham seus defeitos, é claro. Todos nós temos. Mas naquele momento os dois colocavam em dúvida até mesmo os níveis mais básicos da boa paternidade. Estavam abalados. Quando estávamos prestes a terminar nossa conversa, Elysius perguntou:

- Onde foi que nós erramos?
- Não veja isso como uma falha pessoal — eu disse. — Não tem nada a ver com isso.
- É fácil para você falar isso — ela declarou de forma condescendente. — Estaremos aí amanhã à noite. Toda essa história pelo menos fez com que eu e mamãe viajássemos para o sul da França!
- Certo. — Aquela não era a coisa errada a dizer. Apenas não era a certa.
- Estaremos aí amanhã à noite. Por volta das oito, eu imagino.
- Espere, tem só mais uma coisa. — Eu queria perguntar aquilo para Elysius enquanto minha mãe não estivesse por perto. Pelo menos eu tinha a atenção da minha irmã, ainda que brevemente. — Como você acha que a mamãe tem estado nesses últimos dias?
- Como será que está *todo mundo* nesses últimos dias? — Elysius estava exasperada. — Mamãe está bem, considerando as circunstâncias. Ela está sendo forte como uma rocha, como sempre, eu acho. — Ela se afastou do telefone. — Mãe — ela gritou. — Como você está lidando com tudo isso?
- Bem! — ela respondeu. — Todos nós estamos muito bem.

Eu não estava bem. Naquela noite me deitei na cama e tentei me acalmar, mas ainda assim meu coração continuava abalado. Eu via Julien em minha mente e ele se virava para mim outra vez. Eu sentia os lábios dele nos meus, seus dedos correndo pelo meu braço, o calor de sua mão ao redor da minha. Eu via as lanternas de papel ao fundo e então o estranho olhar de Abbot. Será que eu estava me apaixonando por Julien? Por que ele? Por que agora? Diferente de Jack Nixon, ele era complicado e, portanto, estava longe de ser perfeito. Juntos, nossa bagagem, nossos baús

emocionais, se multiplicavam exponencialmente. Ele era a escolha errada, não era?

Se eu estava me apaixonando por Julien — indo além da lógica, da razão e do pensamento racional —, será que Abbot percebera? contei para Charlotte como nós éramos ligados. Será que Julien estava certo quando bebemos vinho junto à fonte e conversamos naquela outra noite? Será que éramos fantasmas e no momento em que nos beijamos nos tornamos reais? Se Abbot havia nos visto, o que teria pensado? Julien significava muito para Abbot e eu tinha certeza de que Abbot também significava muito para ele. Julien estava ensinando Abbot a jogar futebol, a alimentar o pássaro, a cantar o hino nacional francês. Abbot olhou para ele para confirmar se era mesmo seguro apertar a mão de Adam. E, mais do que tudo, eles tinham em comum o fato de terem perdido os pais.

Entretanto, será que Julien estava verdadeiramente interessado em mim? Ele havia tido um dia ruim. Tinha visto a ex-mulher com o irmão. Tinha visto a filha por um breve momento e logo em seguida a levaram embora. Será que ele estava mesmo interessado em mim ou aquilo era apenas um mero desejo por distração?

Puxei o lençol branco e limpo sobre o meu peito e rolei para o outro lado, encarando a janela aberta. Eu sempre amaria Henry. Será que era justo demonstrar afeição por outra pessoa sabendo que eu jamais seria capaz de dar todo o meu amor para ela, que tudo que poderia oferecer seria uma fração?

E então eu via Julien com a filha sobre os ombros, uma das bochechas dela apoiada nas costas dele, a forma como ele a olhava por sobre os ombros. Eu via o rosto de Julien em minha mente, com todas aquelas lanternas ao redor, e ele dizia: "Somos franceses. Perdoamos as pessoas quando elas se apaixonam, mesmo quando sabem que não deveriam fazer isso".

No dia seguinte me ocupei com os preparativos para a chegada de minha mãe e Elysius. Elas compartilhariam o quarto número quatro, o único que ainda não havia sido pintado, onde havia duas camas de solteiro. Mudei os lençóis, limpei a cozinha o melhor que pude — e ainda assim o lugar passava a impressão de ser uma toca chamuscada — e coloquei flores frescas nos vasos. Dei um pulo no Cocci, na pâtisserie-boulangerie e na banquinha de vegetais na estrada. Fui até Trets, parei na pet shop e comprei três carpas gordas. Acomodei-as no banco de trás em grandes sacolas de plástico reluzentes, onde ficaram tremulando as nadadeiras.

Assim que voltei para casa, peguei as sacolas pesadas, coloquei-as perto da fonte e então vi Charlotte preparando crepes com Adam e Abbot sentados ao redor de uma chapa quente colocada em cima da mesa. Ela também preparara crême fraîche e o misturara com açúcar e pêssegos plantados nas redondezas, congelando tudo na forma de sorvete. Abbot estava no paraíso.

Quando todos terminaram os crepes e o sorvete, fomos para o jardim. Abbot trouxe a caixa com o passarinho e a deixou na sombra ao lado da casa. Ele também estava com seu caderno e se sentou na beirada de pedra da fonte. Adam me ajudou a erguer cada uma das sacolas pesadas com as carpas e então, uma por uma, as libertamos na fonte com uma golfada d'água. Abbot passou as mãos pela superfície, fazendo ondas. Os peixes vibraram as barbatanas e mais que depressa começaram a movimentar as caudas.

- Elas estão felizes aqui — comentou Abbot.
- Estão conformadas — corrigiu Charlotte.
- Não é um mau lugar para terminar a vida — declarou Adam.
- Eu viveria neste lago de peixes se tivesse essa opção — disse Charlotte.
- Eu também — concordei.

Abbot encontrou uma bola de futebol abandonada na casa dos Dumonteils e Julien disse que podia ficar com ela. Ele a chutou numa moita e foi até lá resgatá-la. Foi então que resolveu anunciar que queria soltar a andorinha.

— Por que agora? — quis saber Adam. — Se você não se importar com esse tipo de sondagem.

— Os peixes gostam da fonte. Eles ficam nadando sem parar. É melhor que a pet shop e ontem todo mundo estava falando sobre a Bastilha, que era uma prisão. E penso na caixa como um hospital, mas pode ser uma cadeia, se você olhar do ponto de vista do passarinho. — Abbot tirou a bola de dentro do arbusto e se ergueu com ela debaixo de um dos braços.

— Tipo, eu costumava ser claustrofóbica. Sabe, eu tinha medo de armários e lugares fechados — confessou Charlotte. — Mas agora eu sou o armário e é o bebê quem está preso em um lugar apertado. E eu nunca havia pensado como seria a claustrofobia a partir do ponto de vista do armário.

- Ou agorafobia da perspectiva de um campo aberto — eu disse.
- Ou hidrofobia da perspectiva da água — completou Adam.

— Ou paternidade-fobia da perspectiva dos pais — finalizou Charlotte.

— A pergunta é: Abbot, você está pronto? — perguntou Adam.

Abbot largou a bola, olhou para o caderno que deixara ao lado da fonte e em seguida para a caixa próxima à casa com o pássaro agitado.

— Acho que sim.

— Às vezes a pergunta não é essa — retrucou Charlotte. — Às vezes você simplesmente tem que estar pronto. E nada mais.

— Você tem sorte por terem lhe perguntado se está pronto — concordou Adam.

— Isso tem a ver com esse negócio de Charlotte estar grávida? — quis saber Abbot. Adam assentiu.

— Neste momento, tudo tem a ver com a gravidez. De onde você vai soltar o passarinho?

Após o almoço, Abbot e eu fizemos uma caminhada à procura do lugar mais alto que conseguimos alcançar na região, o local perfeito para soltar uma andorinha. Abbot decidiu que esse lugar seria o telhado da casa dos Dumonteils.

— Você não vai subir no telhado — avisei.

— Mas lá é perfeito. — Abbot passou o dedo pela espiral do caderno que, como sempre, estava ao seu lado. — A gente pode usar equipamentos de proteção.

— Como paraquedas? Não, essa não é uma possibilidade.

— E ali em cima? — Abbot apontou para a varanda de um dos quartos do segundo andar da casa dos Dumonteils.

Eu não queria pedir permissão para Véronique para subir até uma de suas varandas para soltar de lá uma andorinha doente. Eu não queria, de forma alguma, entrar na casa dos Dumonteils. Percebi que estava evitando Julien. O que eu esperava? Que minha mãe e Elysium chegassem e seu barulho e sua energia urgente me distraíssem por tempo suficiente para que eu assumisse a distância necessária? Eu queria distância de Julien, ansiava pela energia urgente e pelo barulho. Essas coisas minha mãe e minha irmã podiam me oferecer. Eu jamais vira aquilo como algo positivo antes.

— Bem — comecei. — Acho que aquele quarto pertence a um hóspede, então a gente não pode...

— É o quarto da Véronique — informou Abbot. — Charlotte e eu uma vez brincamos de esconde-esconde e eu fui para o andar de cima e me escondi embaixo da cama.

Fiquei surpresa com aquela confissão. Não que eu achasse que Abbot tivesse feito algo terrível. Era mais devido ao fato de eu não fazer a menor ideia de que ele fizera aquilo. Ele poderia ter ido para qualquer lugar. E se decidisse se esconder dentro da velha geladeira? E se ele se escondesse dentro da lavadora de roupas? E se tivesse entrado no quarto de algum pervertido? Onde eu estava durante aquela brincadeira de esconde-esconde?

— Abbot, você precisa prestar mais atenção nas regras. — Mas só então me dei conta de que eu não havia imposto nenhuma regra. Aquela bronca deveria ser para mim mesma. Eu é quem devia ter prestado mais atenção.

— Foi tudo bem — ele garantiu. — Charlotte me encontrou logo. Eu fico cantando quando estou sozinho porque não sei assobiar, por isso é sempre fácil me encontrar.

— Por que você canta quando está sozinho?

— Porque assim não sinto que estou sozinho. O papai me ensinou isso.

— Oh.

— Quero que todo mundo esteja lá quando eu soltar a andorinha.

Aquilo me alarmou. Imaginei um espetáculo público. Todos observando Abbot soltar o pássaro, que despencaria lá de cima, batendo as asas, desconfortável.

— Não — retruquei. — Vamos fazer isso em particular. Apenas eu e você.

— Mas não seria justo! Todo mundo ajudou!

— Mesmo assim. Acho que será melhor se só nós dois fizermos isso.

— Eu não quero que ninguém perca esse momento! — A expressão no rosto dele era séria. Ele havia se apegado àquele pássaro. Havia cuidado dele durante todo aquele tempo. Eu não queria diminuir a importância que aquele momento tinha para ele.

— Tudo bem — concordei. — Talvez quando todos estiverem reunidos para o jantar?

— Tudo bem. Vai ser bom porque ele vai ver os outros passarinhos voando e ao vê-los vai lembrar como é.

— Você sabe, Abbot, que por melhor que você tenha cuidado desse pássaro, pode ser que ele não consiga voar de novo.

— Sim.

— Mas você também sabe que o melhor para ele é voar. Viver numa caixa não é vida para um passarinho.

— Eu sei. Ele é um pássaro *migratório*. Ele tem que *migrar*.

— Certo. — Pela primeira vez me dei conta daquilo. — E quando você o soltar do telhado, ele pode não voar. Ele pode simplesmente cair no chão. Ele pode morrer.

— Sim. Sei disso. — Abbot olhou bem no meu rosto, apertando os olhos por causa do sol. — Não tenho outra escolha. É assim que as coisas são. É como os franceses dizem. *C'est comme ça!*

— E o sotaque dele era surpreendentemente bom. Impecável, na verdade.

— Tudo bem. *C'est comme ça*.

Eu esperava que o pássaro também servisse como uma distração. Aquilo era terrível, mas era a mais pura verdade. Eu sabia que teria que ver Julien, mas talvez entre a confusão da dúvida se o pássaro voaria ou morreria, ambos esquecêssemos que ele havia me beijado. De repente, me perguntei se eu não havia imaginado tudo aquilo. Será que aquele momento não havia

simplesmente evaporado? Torci para que sim, enquanto ao mesmo tempo torcia para que fosse verdade.

Entrei cautelosamente na casa dos Dumonteils.

— Véronique? — chamei em voz

baixa. A cozinha estava vazia.

Entrei no corredor, percorrendo a longa passadeira. A sala de jantar também estava vazia. Eu me virei e entrei na sala de visitas.

E lá estava Julien, de pé ao lado da imensa janela com uma das mãos sobre a vidraça banhada pelo sol, exatamente como havia pousado a mão no vidro do carro antes de o irmão ter arrancado junto com sua mulher e sua filha. Ele havia abandonado o laptop, que estava sobre a mesa de centro com a tela acesa e vazia. Eu estava hipnotizada pela parte de trás de seu pescoço, a curva da mandíbula, a mão iluminada pelo sol. Meu peito doeu. Fazia muito tempo que eu não sentia alguma dor se não a da perda. Só que eu não sabia como chamar essa dor. Eu me recusava a chamá-la de amor, porém, era algo belo e primorosamente marcado pelo arrependimento. Seria um anseio? Aquela sensação que minha mãe conhecia tão bem? Eu queria ouvir a voz de Henry me chamando da areia. *Você foi longe demais, longe demais*. Julien deve ter sentido que eu estava ali. Ele se virou.

— Abbot quer soltar a andorinha hoje. — Passei os dedos pela bainha da minha blusa. — Ele está pronto e quer jogá-la da varanda do quarto da sua mãe.

Ele inclinou a cabeça.

— Sim. — Julien parecia ter despertado de um sonho. — A andorinha. Abbot quer soltá-la da varanda do quarto da minha mãe?

Assenti.

— Olha. — Baixei meu tom de voz e dei um passo à frente na sala repleta de partículas de poeira dourada. Eu tinha a impressão de que elas estavam suspensas como pequenos planetas. Eu também me sentia como se houvesse saído de minha própria órbita. Aquele havia sido meu conselho para Briskowitz: “Mantenha-se em órbita”. — Ontem foi um dia difícil para você. Sei que foi.

— Sim? — ele sussurrou de volta, andando na minha direção.

— E então se, você sabe, se você não tinha a intenção de...

Ele se aproximou ainda mais.

— Estamos sussurrando? — Pude sentir o cheiro de sua loção pós-barba. — Alguém pode nos ouvir? *Chuchote*. Sussurro. — Ele se abaixou, quase encostando a testa na minha.

— Como eu estava dizendo...

— Você estava *sussurrando* — ele sussurrou com os lábios roçando na minha orelha.

— Sim — sussurrei. — Eu estava sussurrando que sei que você não devia estar se sentindo normal e eu também não, aqui eu não me sinto como se fosse eu mesma, sabe, já que estou longe

de todos os fardos da minha vida. — Pensei em todas as coisas que me seguravam no lugar, que criavam meu senso de gravidade, minha órbita. Onde eu estava? — E, bem, eu ainda tenho responsabilidades do mundo real e... — Eu de fato não fazia a menor ideia de aonde queria chegar com aquela conversa. Queria dizer que tudo aquilo era muito complicado e que, no fim das contas, eu era apenas um coelhinho.

Ele ergueu a cabeça e olhou para mim, surpreso. Em seguida, baixou-a novamente e sussurrou no meu ouvido: — Não quero voltar atrás.

— Voltar atrás?

— Você quer voltar atrás, voltar ao momento antes de eu tê-la beijado, antes de eu pegar a sua mão?

Aquelas palavras tornaram tudo real. Julien havia me beijado. Ele havia segurado a minha mão. Ele fizera aquilo de caso pensado e estava ali, garantindo que tudo aquilo era para valer. Fiz uma pausa por um momento, congelada. Não queria me mexer. Não conseguia me mexer. Fechei os olhos, devagar. Pensei que ele poderia desaparecer. *Isso é que é proximidade*, pensei. *Isso é que é estar quase colada a alguém*. Eu sabia que devia ter me inclinado para a frente. Poderia ter descansado a cabeça no ombro dele. Poderia ter ouvido o coração de Julien, e ele me deixaria fazer tudo isso. Ele teria me abraçado.

— Quero voltar atrás — sussurrei. Abri os olhos. Eu me senti sem ar, me afastei dele e mais que depressa me virei no corredor, de forma quase afoita. Parei na porta e olhei para Julien. — Você acha que teria problema se Abbot soltasse a andorinha da varanda da sua mãe?

Ele olhou para mim, magoado, e em seguida assentiu.

— Não. Acho que minha mãe não verá nenhum problema nisso.

— Mas você vai perguntar a ela?

— Farei isso.

— Certo. Isso é bom. O que você acha de fazermos isso na próxima vez que nos reunirmos? Você sabe, na hora do jantar. Abbot quer que todos estejam presentes.

Ele olhou pela janela novamente.

— É uma boa ideia? Que todos estejam lá?

— Abbot insiste, porque todo mundo ajudou.

— Estarei lá — ele garantiu.

— Bom. Também estarei lá.

Adam e Charlotte ficaram de pé lá fora, abaixo da varanda. Julien, Véronique e eu ficamos no quarto com Abbot. Aquele lugar me surpreendeu por ser mais moderno, com linhas simples e nenhuma bagunça, bem diferente do que se espera no interior da França. Abbot segurava a caixa, de onde saía um cheiro azedo e intenso, com algumas gotas de sujeira vertendo de um dos cantos. Tentei me concentrar naquelas coisas — a decoração do quarto e a sujeira na caixa — em

vez de notar a presença de Julien. Mesmo assim, era ele quem atraía a minha atenção, cada movimento, cada gesto, cada olhar e palavra.

— Você está pronto? — Ele perguntou para Abbot.

— Sim. — Abbot então olhou para a caixa e perguntou para a andorinha: — Você está pronta?

A andorinha tinha olhos escuros, úmidos e ágeis e nos encarava, nervosa, com a cabeça inclinada, imaginando o que faríamos, se a libertaríamos, colocaríamos em um guisado ou talvez — apenas talvez — a deixaríamos voar? Nós três esperamos.

— Ela está pronta — garantiu Abbot.

Véronique abriu a porta da varanda e, um por um, fomos até lá. As outras andorinhas se alimentavam a distância. Eram como manchas no sol da tarde. Caminhei até a balaustrada, segurando o batente com uma das mãos. Com a outra, eu carregava o caderno de Abbot. Olhei para Charlotte e Adam lá embaixo.

— Você está igual a Madonna naquele filme sobre Eva Peron — comentou Charlotte.

— Não chore por mim, Argentina — cantarolou Adam, entediado.

Abbot colocou a caixa junto a seus pés.

— A gente consegue ver daqui a capela do eremita no alto da montanha?

— Santo Ser? — quis saber Julien. — Não dá para ver a capela dele daqui, mas ela está lá.

— Fica ali. — Véronique apontou para o meio da montanha, levemente mais para um dos lados.

— Se a andorinha morrer, ela pode viver com o eremita na capela de Santo Ser e se tornar uma alma protegida — disse Abbot.

— Sim — concordei. — Você está certo.

— Quer que eu faça isso? — Julien se ofereceu. Ele estava sombrio, porém, sua voz era constante, profunda e calma. Todos sabíamos o que poderia acontecer em breve.

— Não — respondeu Abbot. — Eu consigo. — Ele pegou a andorinha e envolveu as costelas do pássaro com as mãos em concha.

— Você parece um veterinário — elogiou Véronique. — Você é mesmo muito bom nisso.

Abbot caminhou até a beirada da varanda. Apoiou os braços na balaustrada. Abbot sussurrou alguma coisa para a andorinha e depois falou: — Um, dois, três e... já! — Com um único movimento rápido, ele ergueu as mãos e largou o passarinho no ar.

A andorinha levou um susto. Com as asas ainda grudadas ao corpo, ela primeiro subiu, seguindo a trajetória desenhada pelo lançamento de Abbot com os olhos brilhantes e arregalados, e então começou a cair. Estendi umas das mãos instintivamente e agarrei a manga da camisa de Julien, apertando o tecido com toda a força. Julien se virou e olhou para mim. Por uma fração de segundo, seu rosto ficou resplandecente e dourado pela luz do sol poente. Eu o soltei.

Abbot agarrou o parapeito.

— Voa! — ele berrou. — Voa! Voa!

As asas da andorinha se abriram de repente, mas bateram, atrapalhadas, ao lado do corpo, como remos desgovernados.

E, então, enquanto caía, batendo as asas desesperadamente, o pássaro soltou um som retumbante. Por um momento, sua queda se tornou mais lenta. Ela soltou outro som, depois mais outro e, então, como se seu corpo se lembrasse do que deveria fazer, o passarinho começou a bater as asas de forma ritmada. A memória muscular ainda estava ali. A andorinha ainda caía, mas pelo menos estava batendo as asas.

Prendi a respiração.

— Isso! — Abbot estava chorando. —

Isso! O pássaro se contorcia no ar.

— Para cima — Julien implorou para o pássaro. — *Monte! Monte!*

Abbot repetia as palavras de Julien. Imaginei que ele tivesse colocado na cabeça que o pássaro falava francês.

— *Monte! Monte!*

Como se estivesse escutando, o passarinho começou a se contrair e impulsionou as asas para o alto. Seu padrão de voo era um tanto travado, mas, mesmo assim, ele havia conseguido. Estava voando na direção das outras andorinhas.

Lá embaixo, Adam e Charlotte bateram palmas e deram vivas. Charlotte assobiou por entre os dentes como um marinheiro.

— Ela está voando! — atestou Véronique, impressionada.

— Ela está voando! — repetiu Abbot.

— Ela está voando — Julien olhou para mim. — Um pássaro miraculoso! Um encantamento.

— É mais uma história da casa. — O rosto de Abbot estava iluminado pela alegria.

— Uma história verdadeira!

— Não acredito que ela voou — eu disse. — Mas foi o que aconteceu.

— Você conseguiu, Abbot — declarou Julien.

— É mesmo — Abbot concordou, embora ainda parecesse ansioso. Achei que estivesse apenas empolgado pelo milagre do pássaro, mas, olhando para trás, imagino que talvez estivesse um pouco chateado, com a impressão de que as coisas não tinham acabado por ali. Ele se virou novamente para o parapeito, dobrou os braços apoiados nele e repousou o queixo em cima das mãos.

— Jantar — declarou Véronique.

— E não vai ter nem galinha nem nenhum outro tipo de ave. Nada com asas — completou Charlotte.

— Vamos comer — convidei Abbot.

Ele fez que não com a cabeça, sem olhar para mim.

— Vou ficar um tempinho por aqui. Você pode me dar o meu caderno?

— Tudo bem. — Deixei o caderno em cima da caixa onde estivera a andorinha. Pus a mão na cabeça de Abbot. — Está feliz?

Ele balançou a cabeça, confirmando.

— Desça quando estiver pronto —

falei. Ele assentiu novamente.

Entramos no quarto. Véronique pediu para que Julien fosse ajudar Charlotte e Adam a colocar a mesa.

— Quero falar com Heidi — disse ela.

Ele olhou para a mãe e em seguida se virou para mim.

— Você acha que Abbot está bem?

— A andorinha voou! — respondi. — Praticamos a alegria, vivemos um pouco e funcionou.

— Eu ainda sentia o tecido da camisa de Julien nos meus dedos. Eu o agarrara para não perder o equilíbrio. Talvez estivesse mesmo precisando de um pouco de equilíbrio. Talvez não tivesse esquecido toda aquela história. E, além disso, eu me perguntava se aquele não seria um segundo milagre para Abbot.

Será que havia sido algum tipo de milagre desastrado Abbot ter corrido e batido com a cabeça no acrílico que envolvia os supostos restos mortais de Maria Madalena, depois ter tocado um javali e a partir daí ter parado de lavar as mãos compulsivamente? Para onde esse segundo milagre o levaria?

Julien assentiu, mas ainda parecia preocupado. Eu estava me acostumando com aquela expressão no rosto dele. Havia alguma coisa profundamente doce nela. Ele era pai, afinal de contas, e um dos bons, eu tinha certeza. Ele saiu do quarto, fechando a porta sem fazer barulho, deixando Véronique e eu a sós. Podíamos ver Abbot pela porta da varanda. Abbot, o passarinho voou! Eu ainda estava estática, inundada pelo alívio.

Véronique sentou na cama e apontou com a cabeça para a mesinha de cabeceira. Lá em cima, havia uma caixa de madeira.

— É para a sua mãe. Quando ela chegar, você pode entregar para ela.

— É aquela coisa que ela esqueceu?

Véronique fez que sim com a cabeça.

— Ela vai abrir a caixa e entender o que há aí dentro.

Peguei a caixa. Estava ligeiramente chamuscada em um dos cantos. Eu a segurei por um momento.

— E o que é?

A caixa era leve. Quando Véronique a passou para as minhas mãos, nada balançou lá dentro, como aconteceria se o conteúdo fosse uma joia.

— A prova — ela respondeu. — Do amor dela por você.

— Ele ainda mora aqui, o homem por quem ela se apaixonou? Ela balançou a cabeça negativamente.

— Ele se mudou para Paris depois que ela foi embora. Ele se dedicou ao trabalho. Tornou-se bem conhecido em sua área. Você gostaria dele. Era um homem bonito. Tinha uma grande presença e uma bela voz.

— Ele cantava?

— Lindamente.

— É que isso parece tão estranho. Consigo entender por que ela não me contou, mas ainda assim...

— Eu o vi não faz muitos anos. Eu estava em Paris e o encontrei. Ele me perguntou se eu tinha contato com ela. Ele queria saber tudo. Conte o máximo que pude.

— Você acha que ele é uma boa pessoa? — Eu não sabia por que isso importava, mas precisava perguntar.

— Sim. E ele a amava profundamente, tanto quanto ela o amava. O amor dos dois era desse tipo.

Assenti.

— Ela me contou os segredos dela. Eu lhe contei os meus.

— Esse tipo de amor.

— Você tem um coração como o da sua mãe.

— Não, as portas estão fechadas — eu disse.

— Sim, mas as portas não têm trancas.

Será que ela sabia sobre Julien? Concluí que sim. Ela parecia saber de tudo.

— Eu não sabia que Patricia agora estava com Pascal — comentei. — Julien não tinha me contado.

— Pascal — ela suspirou. — Ele não soube construir as coisas por si mesmo. Roubou a vida do irmão. Ele é o verdadeiro ladrão. Eu amo Pascal, mas isso não vai adiante.

— O relacionamento dele com Patricia?

Ela fez que sim.

— Eles vão terminar.

— E depois?

— E depois nada. Nós vivemos nas ruínas.

A caixa... estaria cheia de papéis?

— São cartas de amor? — perguntei.

Ela pensou no assunto por um momento e em seguida assentiu.

— Sim. De certa forma, são cartas de amor.

Eu me perguntei que forma seria aquela. Ou eram cartas de amor ou não eram.

— Ela mal consegue falar sobre aquele verão e o que aconteceu — eu disse. — Ela se recusa a me passar as tais lições.

— Mas ela está vindo para cá. As coisas vão mudar quando ela estiver aqui novamente. É preciso ter esperança.

— *J'espère* — falei. *Vou esperar*. E nessa palavra ouvi *despair*... Desespero.

Não consegui me juntar aos outros para jantar. Pedi desculpas rapidamente e caminhei até nossa casa. Fiquei de pé na cozinha com a caixa nas mãos.

Olhei para os ladrilhos chamuscados no lugar onde o novo fogão seria em breve instalado. O que ela tinha escondido naquela caixa? E por quê? O que havia ali dentro? Eu a coloquei sobre a mesa. Queria abri-la, é claro. Só que aquele objeto não me pertencia. *Era esse tipo de amor*, pensei comigo mesma. O tipo de amor que eu tivera com Henry. Será que havia sido isso o que ela sacrificara por mim e pela minha irmã? Se ela realmente fizera isso, bem, era algo grande demais para se pedir e algo muito grande de que abrir mão, decidi.

Não estava conseguindo ficar ali parada. Comecei a andar pela cozinha. Meu pai queria que eu ajudasse minha mãe a chegar à raiz da questão. Mas como? Eu não estava em condições de assumir esse tipo de papel. Estava tentando não me apaixonar por Julien. Isso consumia todas as minhas forças. Será que eu esconderia alguma lembrança daquele meu verão em algum canto da cozinha? Seria esse o meu futuro? Será que eu permitiria que Elysium e a minha mãe chegassem ali e tomassem conta da situação, pegando Charlotte à força e rebocando-a de volta para casa? E então Abbot e eu teríamos que ficar sem ela até o fim das seis semanas que deveríamos passar ali, e então nós também teríamos que ir embora? E eu iria para casa, fingindo que nada daquilo havia acontecido?

Cheguei à conclusão de que não conseguiria ficar ali encarando aquela caixa. Tinha que seguir com a minha vida. Abbot provavelmente já estava com fome e descera para jantar. Eu também devia comer alguma coisa, pensei, apesar de não estar com fome.

Deixei a caixa onde estava e caminhei de volta para a casa dos Dumonteils. Atravessei a cozinha, onde vi Julien de costas, a camisa apertada cobrindo os ombros. Ele estava lavando a louça. Véronique conversava com uma hóspede desacompanhada, uma francesa que usava um vestido esvoaçante e sandálias. Charlotte e Adam estavam no jardim no meio de alguma conversa séria, iluminados pela luz fraca da lua. Pareciam estar se preparando para encarar minha mãe e Elysium, que não demorariam a chegar.

Subi as escadas, cruzei o corredor e abri a porta do quarto de Véronique.

— Abbot? — chamei. — É hora de descer para jantar.

Imediatamente vi que ele não estava na varanda. Lá havia apenas a caixa de papelão vazia e o caderno, que estava aberto a esmo em um dos cantos como se tivesse sido jogado ali. Estava aberto na página onde Abbot havia desenhado o pai usando o boné dos Red Sox. Dessa vez, o pai não estava de maneira alguma conectado ao chão. Ele voava com os passarinhos. Tinha um rosto humano, mas asas gigantes e um rabo bifurcado de andorinha.

Fui até o parapeito e olhei para baixo, procurei do outro lado do jardim, pelos vinhedos e pela escavação dos arqueólogos mais ao longe. Era difícil enxergar alguma coisa. Estava ficando escuro.

— Abbot? — gritei. — Abbot?

Eu me virei e desci as escadas às pressas.

— Onde está Abbot? — berrei para Julien na cozinha.

— Ele não está lá em cima?

— Ele não está lá! — gritei.

Passei correndo por Véronique na sala de jantar. A hóspede francesa olhou para mim, assustada. Corri para o jardim.

— Abbot sumiu! — berrei para Charlotte e Adam.

— Tenho certeza de que ele está bem. — Charlotte já sabia que eu tinha um histórico de entrar em pânico por causa de Abbot sem nenhum motivo plausível.

— Comecem a procurar — ordenei.

Adam parecia atordoado.

— O quê? Onde ele está?

— Eu não sei! — berrei.

Charlotte começou a gritar por Abbot no jardim e Adam a seguiu, confuso.

Véronique procurou dentro da casa. Até mesmo a francesa, uma completa desconhecida, começou a procurar por lugares onde um garoto poderia se esconder.

— Tentem escutá-lo — ouvi Charlotte gritar para todo mundo. — O Abbot canta quando está sozinho.

Ela tinha razão. Eu estava tão dominada pelo pânico que não pensara nisso.

Saí correndo pela porta dos fundos até o jardim.

Julien já tinha me ultrapassado. Ele procurava à esquerda da escavação. Eu podia ouvi-lo gritar o nome de Abbot e via relances de sua camisa branca.

Resolvi cobrir os vinhedos. Corri pelas fileiras de plantas.

— Abbot! — eu gritava e podia ouvir o eco de outras vozes que também chamavam por ele.

— Onde você está? Droga, Abbot! — xinguei. — Não faça isso. Onde você está?

Será que aquela foi uma reação atrasada por ele ter visto Julien segurar minha mão na celebração do Dia da Bastilha? Será que aquilo o apavorou? Ou será que tinha algo a ver com o passarinho e o pai? Não conseguia tirar da cabeça o desenho de Henry entre as andorinhas. Corri até não conseguir mais. Desejei estar em melhor forma. Eu tinha que ser capaz de correr para sempre. Que tipo de mãe eu era? Caí de joelhos na terra macia, sem ar. Já havia escurecido quase completamente.

— Abbot — gritei de novo.

E se ele estivesse morto? E se já houvesse partido?

Não conseguia respirar. Eu me curvei no chão, apertando a cabeça contra os joelhos. Eu não podia surtar. Não havia tempo para isso. Ergui a cabeça e gritei o nome dele mais uma vez, um berro que saiu do fundo das minhas entranhas.

E então ouvi a voz de Julien.

— Heidi! — ele me chamou. — Heidi!

— Aqui! — gritei de volta. — Estou bem aqui. — Eu me levantei e corri na direção da voz enquanto ele, por sua vez, corria na minha direção. — Julien!

Ele segurava uma lanterna e apontou o facho de luz para mim.

E se Abbot tivesse resolvido nadar, batido a cabeça e se afogado?

— A piscina! — berrei. Corri para ele e agarrei o seu braço para me equilibrar.

— Já olhei. Ele não está lá. Minha mãe está ligando para a polícia. Eles chegarão logo, mas pensei em uma coisa.

— O que é? — perguntei, sem ar.

— Santo Ser. Na varanda, quando estava com o passarinho, ele queria saber onde ficava a capela. E minha mãe apontou para onde ela ficava. O eremita era um bom fantasma. O protetor das almas. Abbot acredita nas histórias da casa, nos milagres e encantamentos. Ele é um menino que acredita.

— Mas o passarinho voou! — eu disse. — Ele sobreviveu. Abbot falou que a alma da andorinha iria para a capela se ela morresse. Mas isso não aconteceu.

— Talvez não seja essa a alma que ele está procurando.

A subida do Monte Sainte-Victoire já era difícil à luz do dia. À noite, era um verdadeiro tormento. As sombras mudavam de forma na passagem estreita, transformando todas as pedras em um menino agachado. Eu arfava e a adrenalina me fazia tremer. A subida era íngreme. A maior parte do caminho era coberta por uma camada de cascalho, embora algumas partes fossem rochosas. Julien e eu gritávamos por Abbot. As moitas que ladeavam a trilha eram densas e escuras. E se Abbot tivesse caído? E se estivesse inconsciente? A luz de nossas lanternas mal penetrava na vegetação rasteira. Seria possível termos passado por ele sem nos dar conta? Cada segundo, cada grito vazio, cada vez que Abbot não respondia ao nosso chamado era uma tortura. Eu não podia perdê-lo. Já tinha perdido muito. Como geralmente acontece nesse tipo de situação, o terror havia se transformado em fúria e eu estava fora de mim. Henry tinha me abandonado. Como ele podia esperar que eu fizesse tudo aquilo sozinha? Isso não fazia o menor sentido, mas eu me culpava e sentia que Henry fazia o mesmo, então eu o culpava também e começava a revirar minhas memórias em busca de lembranças dos últimos dias, tentando achar o que havia dado errado e por quê. Tinha a sensação de que meu peito estava pesado e que eu poderia ceder aos soluços a qualquer momento. Tentei manter minha respiração calma. *Isso não é culpa de Henry*, dizia para mim mesma. Por fim, toda a raiva e a culpa voltaram para mim, mas eu não estava sozinha. Aquilo também era culpa de Julien.

— Abbot nos viu — contei a Julien enquanto me esforçava para seguir em frente. — Ele nos viu de mãos dadas na celebração do Dia da Bastilha. Ele pode até ter visto a gente se beijar. Eu deveria estar em casa. De qualquer forma, eu deveria estar simplificando a minha vida. Eu deveria estar em casa agora namorando com o Malandrão Nixon.

— Você quer namorar o Malandrão Nixon?

— Não! — gritei. — Você é tão complicado! Você estava tentando ser o pai de Abbot.

— O pai dele? — Julien apontou a lanterna para mim. — Não entendo o que você quer dizer. Continuei a subir a montanha com o corpo trêmulo.

— Você não pode ser o pai da sua própria filha, por isso está tentando ser o pai do meu. — Isso pareceu fazer todo o sentido do mundo para mim enquanto eu pronunciava aquelas palavras. Escorreguei, ralando o joelho em uma pedra. Parei por um momento, mas logo recuperei o ritmo. — Ele tem pai. Você é apenas uma distração. Se você não estivesse aqui, eu poderia detê-lo.

— Eu não estava tentando ser Henry. Nem para Abbot, nem para você.

— Não pronuncie o nome dele! — berrei. Minhas mãos agarraram uma pedra. Eu estava tomada pela fúria. Parecia que havia uma colmeia na minha cabeça. Meus olhos ardiavam de tanto tentar enxergar no escuro. Toda a raiva que não me permiti desde a morte de Henry irrompeu de uma vez, movida pelo desespero. — Nem mesmo diga o meu nome!

Eu podia ver os traços de seu rosto na luz pálida, um lampejo molhado em seus olhos. Era nisso que eu precisava acreditar, e a voz dele era calma, esperançosa e suave, mas não bastava. Baixei a cabeça e tentei estabilizar minha respiração. *Nós vamos encontrá-lo. Sim*, eu queria dizer. *E então voltarei para a minha vida, minha vida segura, e deixarei tudo isso para trás*. Pensei na minha mãe escondendo uma caixa na cozinha e voltando para a vida dela, fingindo que seu verão perdido jamais havia acontecido. Por que não? Eu era filha da minha mãe, afinal de contas. Era tudo que eu queria naquele momento: voltar para as coisas como eram antes, enfiada em casa com Abbot, sem me dar conta da passagem do tempo. Mas e Charlotte? Como eu poderia ajudá-la?

Assenti, mas esse gesto não foi para Julien. Eu assentia para uma nova promessa. Se eu encontrasse Abbot são e salvo, desistiria daquele verão perdido, daquela peregrinação pelo coração partido, daquela casa que supostamente era capaz de operar milagres. Abbot e eu voltaríamos para casa e retomaríamos a vida segura que levávamos antes de sermos arrastados para aquele lugar. Nós havíamos sido *engabelados*. Iríamos *para casa*, prometi para mim mesma. *Para casa*.

Foi essa promessa que me impulsionou a subir montanha acima. Não olhei para Julien. Nós dois gritávamos o nome de Abbot. Nossas vozes já soavam roucas. Minha garganta estava ferida, as mãos e os joelhos ralados.

Julien apontou a lanterna para a montanha, sacudindo-a de um lado para o outro, e então, finalmente ele parou.

— Acho que vi alguma coisa — informou.

— O quê? O que foi? — Meus olhos corriam de um lado para o outro. Ele apontou a lanterna para o chão.

— Tem uma luz ali.

E então consegui ver. Uma luzinha agitada se acendeu acima de onde estávamos, próxima do que parecia ser um muro branco, piscando devagar.

Julien começou a subir o mais depressa que podia. Ele era mais ágil e veloz na montanha.

— Abbot! — gritou. — Estamos chegando. Não se mova!

— Abbot, deixe a luz acesa! — completei. — Estamos aqui!

Eu queria ter chegado até Abbot primeiro, mas, quando cheguei, Julien já estava lá, ajoelhado ao lado dele. Julien jogou a luz da lanterna no rosto de Abbot. Pude ver de relance suas bochechas, os olhos apertados quando se desviou da claridade. Senti uma onda de alívio tão intensa que fez com que meus joelhos fraquejassem.

— Ele está bem! — Julien gritou para mim, iluminando as pernas finas de Abbot, que tinham hematomas e manchas de sangue. — Ele caiu, mas está bem.

Julien estava sussurrando algo para Abbot quando desabei ao lado do meu filho. Eu me ajoelhei nas pedras.

— Já estou aqui — eu disse para Julien, ainda com raiva. Ele se levantou para nos dar um pouco de privacidade. — Abbot, onde está doendo?

— Meu tornozelo. — A voz de Abbot parecia cansada.

Julien iluminou novamente os joelhos de Abbot, esfolados. Um filete de sangue escorria por suas canelas e por fim Julien jogou o facho da lanterna sobre o tornozelo, que estava visivelmente inchado, apesar de coberto pela meia esportiva.

— Pode estar quebrado — atestei.

— Talvez. Eu não sei — disse Julien.

Abbot ergueu as mãos, que estavam vermelhas e toda arranhadas.

— Abbot. — Minha voz estava embargada de emoção. — Por que você fugiu?

— Eu queria ver a capela — Abbot sussurrou. Seu queixo tremia e então ele fechou os olhos, aqueles olhos tão parecidos com os do pai, e virou a cabeça para o outro lado.

— Ele chegou bem perto — comprovou Julien. — Veja. — Apontou a lanterna para um ponto um pouco mais acima na montanha e lá estava a entrada humilde da capela. Vários degraus redondos, como um bolo em camadas, levavam até a porta escura. Na verdade, era mais um portal, pois a capela não tinha porta, apenas uma entrada no formato de uma. Dois pilares de pedra sustentavam o lado direito e parecia que a própria montanha formava o lado esquerdo e a parte de trás da capela.

— Vamos levar Abbot para dentro e deitá-lo em algum lugar — sugeriu Julien. Apertou um botão no celular, provavelmente checando se havia sinal. — Vou fazer algumas ligações. Os guardas ambientais são jovens e fortes, e conhecem muito bem a montanha. Eles têm lanternas potentes que iluminam toda a trilha. Os guardas poderão carregar Abbot em segurança lá para baixo, certo?

— Sim, sim.

Peguei a lanterna de Abbot e ele pegou a de Julien, que o pegou no colo, segurando-o junto ao peito enquanto Abbot tentava iluminar a trilha.

— Um pouco mais alto — Julien instruiu. — Assim está bom.

A montanha era íngreme, o cascalho se movia debaixo dos nossos pés. Julian carregou Abbot até a última curva da trilha e em seguida subiu os degraus até a entrada da capela. Eu o segui. Podia ver a mão de Abbot segurando com força as costas da camisa de Julien e, por alguma razão, essa cena me fez desmoronar. As lágrimas começaram a correr pelo meu rosto. Eu as sequei com as costas das mãos.

Larguei minha lanterna no chão, apontada para o ar seco e fresco. Mal conseguia iluminar aquele pequeno espaço. Julien deitou Abbot no chão de pedra. Sentei ao lado do meu filho com as pernas cruzadas. Coloquei minha mão ralada em sua testa. A capela era pequena e tranquila, mais parecia com uma caverna, muito diferente das imensas catedrais que visitei, mas talvez ainda mais sagrada em sua simplicidade.

Julien pegou sua lanterna.

— Vou tentar encontrar algum lugar com sinal de celular. Serei rápido.

— Obrigada — agradei baixinho. Agora, me sentia envergonhada por ter explodido com ele.

— Obrigada por tudo. Tome cuidado.

— Não foi nada. Qualquer um ajudaria.

Aquilo não era verdade. Não era qualquer um que me ajudaria naquela situação. Ele saiu da capela com a luz do celular brilhando. O barulho de seus passos no cascalho desapareceu e o silêncio assombrado da capela envolveu a Abbot e a mim.

— Abbot — comecei. Ele me encarou com os olhos cheios de lágrimas. — Por que você fugiu? Fiquei com tanto medo. Você não pode fazer esse tipo de coisa! Pensei que você tivesse ido embora. Você está me entendendo?

Ele cruzou os braços sobre o rosto.

Aquela não era hora de lhe dar uma lição. Tentei me acalmar. Respirei fundo.

— Você estava chateado por causa do passarinho? Ele não respondeu.

— Mas você o salvou. Ele conseguiu voar.

Abbot balançou a cabeça. Não, não era por causa do passarinho. Eu não sabia se seria capaz de lidar com uma tristeza mais profunda naquele momento — o desenho de Henry na forma de um pássaro. Será que tudo aquilo tinha a ver com o desenho? Ou também tinha a ver com Julien e comigo? Em ambos os casos, eu não sabia se seria capaz de lidar com a culpa. E colocá-la nos ombros de Julien não resolveria nada. Eu sabia muito bem disso.

— Por que você fez isso? Por favor, me fale.

Ele se virou para o outro lado e balançou a cabeça com ainda mais intensidade.

Olhei para os restos do altar na outra extremidade da capela e as paredes cobertas por pichações. Eu precisava saber. Não podia permitir que Abbot guardasse aquilo apenas para si. Era perigoso demais.

— Tudo bem — eu disse. — Que tal um teste de múltipla escolha, como os que Charlotte vai fazer no vestibular? Você escolhe uma das opções, *A*, *B*, *C* ou *D*.

Ele me olhou de relance, com apenas um dos olhos. Seu rosto estava coberto por uma camada de sujeira.

— Tudo bem?

Abbot assentiu.

— Vire-se para mim. Vou limpar o seu rosto.

Ele obedeceu. Esfreguei a sujeira com as mãos e joguei seu cabelo para trás.

— *A*. Teve a ver com a andorinha? *B*. De alguma forma teve a ver com o papai, porque você sente falta dele? *C*. Teve a ver com Julien e eu? Ou *D*. Todas as anteriores.
— Minha voz estava trêmula de emoção.

Ele olhava para o teto.

— *D*. Todas as anteriores.

Fiquei em silêncio por um momento. Olhei ao redor, a pequena capela, aquele lugar sagrado. Pousei a mão na testa de Abbot e sussurrei:

— Vi seu desenho do papai na forma de andorinha. Ficou lindo.

— O passarinho voou — disse Abbot. — Ele não morreu. Eu cuidei da andorinha, mas ela voou para longe. De qualquer jeito, ela me deixou e não vai voltar.

— Por que você subiu a montanha até a capela? Por que aqui? — perguntei baixinho.
— Você estava procurando pela alma do papai?

— A alma do papai não pode estar aqui. Ele não morreu na montanha. Ele morreu nos Estados Unidos.

— Então por que você subiu até aqui?

— Porque talvez eu visse o fantasma. Ele é o protetor das almas, por isso talvez pudesse saber de alguma coisa.

— Sobre onde a alma do papai poderia estar?

Abbot ficou sem graça. Ele assentiu rapidamente e olhou para o outro lado.

— A alma do papai está em todos os lugares — expliquei. — Ele está com a gente o tempo todo.

Abbot fechou uma das mãos em punho e socou o chão de pedra.

— Odeio aquele passarinho. Fiz com que ele melhorasse para que pudesse voar e ele simplesmente foi embora. Não se pode confiar nos passarinhos!

— Mas você pode confiar em mim. Nunca vou voar para longe.

— Você pode morrer.

— Mas a possibilidade disso acontecer é muito remota, Abbot. O papai morreu em um

acidente, um acidente bizarro, que não fez o menor sentido. — Lembrei-me de Henry falando: *Acho que temos que ser honestos quando o mundo não faz sentido*. Eu estava tentando ser honesta. — Provavelmente vou viver muito. Você ainda vai empurrar a minha cadeira de rodas quando eu estiver velhinha.

Abbot ficou quieto. Olhei para o altar, onde um dia, quando era criança, fiquei com Julien segurando a minha mão, imaginando se tinha ouvido o fantasma. O altar assumia um tom cinzento à luz pálida, parecendo mais uma cerca do que um altar propriamente dito.

— Você sabe que o papai me contava histórias sobre você. Acho que eram histórias da Heidi.

— Que histórias ele contou para você?

— Ele me disse que quando você era pequena a sua mãe veio para cá e deixou vocês sozinhos lá nos Estados Unidos e que o seu pai disse que você ia ter que escolher com qual deles queria ficar. Essa foi uma história triste.

— Como esse assunto surgiu?

— Um dia, você ficou muito irritada comigo durante o jantar. Achei que você não estava sendo justa. E então ele me falou que você já tinha sido criança um dia, como eu. Só que há maneiras diferentes de ser criança e a sua não foi sempre boa.

— Bem — eu disse —, isso é verdade. Foi o que eu pensei por um tempo durante aquele verão, achei que precisaria escolher entre o meu pai e a minha mãe, que teria de decidir com quem queria morar.

Abbot fechou os olhos e os apertou com as mãos em concha. Lágrimas escorriam por suas bochechas, que estavam vermelhas.

— O que foi? — perguntei com suavidade. — Me conte,

Abbot. Ele respirou fundo.

— Eu teria escolhido o papai.

Aquela confissão me surpreendeu, deixando-me desnorteada por um momento, mas lá estava Abbot. Por quanto tempo ele havia sofrido guardando aquilo que considerava ser um segredo sombrio?

— Abbot, não tem problema nenhum em me contar isso. Você se sente culpado? Pois não deveria. Está tudo bem.

— Mas então eu pensei que você também teria escolhido o papai. Foi isso que pensei essa noite. Se você pudesse escolher... você teria escolhido ele, não eu. — Ele se curvou, afastando-se de mim, e começou a soluçar.

— Não, Abbot, não. — Eu me deitei no chão ao lado dele, envolvendo seu corpo com um dos braços. — Antes de qualquer outra coisa, o mundo não nos faz escolher, e, em segundo lugar, Abbot, eu teria escolhido você. O papai teria escolhido você. Esse é o instinto dos pais. Quando um bebê nasce, ambos os pais sabem que seriam capazes de desistir da própria vida por ele. Essa é a verdade. E eu não vou a lugar nenhum. Não vou voar para longe de você. — Eu o envolvi em meus braços e o embalei, balançando para a frente e para trás sobre a pedra fria. — Não vou voar

para longe.

Os guardas florestais chegaram à caverna vestidos como mineiros, luzes cortando a escuridão vindas das lanternas presas em seus capacetes. Eram jovens, fortes e conheciam muito bem a montanha, exatamente como Julien havia falado. Vieram trazendo uma maca, examinaram o tornozelo de Abbot, desinfetaram seus joelhos e mãos. Atestaram que sofrera apenas uma torção das feias, mas não estava quebrado. Julien conversou com eles em francês, explicando a situação. Fiquei aliviada. Eu estava cansada demais para explicar qualquer coisa. Ainda estava tonta. Abbot quase havia se perdido. Eu precisava me concentrar nele e em nada mais. Meu foco não deveria estar em Julien, nem mesmo em Charlotte e Adam. Elysius e minha mãe cuidariam deles. Eu tinha prometido que voltaria para casa. Cumpriria a promessa. Falei mentalmente com Henry: *Abbot está vivo, seu coração ainda bate. Vou nos levar de volta para casa, Henry. Vamos voltar para casa.* Dois guardas ataram cintos de segurança sobre um cobertor fino, imobilizando a perna de Abbot, e enfiaram um cobertor enrolado debaixo de sua cabeça. Abbot contemplou o céu sem nuvens com uma expressão calma, pacífica. Dois maqueiros contaram *un, deux, trois* e ergueram Abbot até a altura de suas cinturas e começaram a andar, conversando em um francês animado que eu estava muito cansada para entender. Eu confiava neles. Eram especialistas em resgates, afinal de contas. O terceiro guarda segurou meu braço, ajudando-me a manter o equilíbrio. Eu pensava em andorinhas, na voz de um fantasma em uma capela e em meu filho, que não estava perdido nem morto, mas são e salvo. Eu repetia para mim mesma: *Casa, casa, casa.*

Quando chegamos ao sopé da montanha, sob a luz que escapava da casa, vi todos reunidos no jardim — Charlotte, Adam, Véronique e a hóspede que havia se prontificado a nos ajudar. Julien já havia telefonado para eles informando que estava tudo bem com Abbot. Ele tinha apenas alguns arranhões e um tornozelo torcido. Estranhamente, Adam Briskowitz parecia o mais preocupado entre todos os outros. Ele estava sentado no chão com os joelhos para cima e a cabeça entre as mãos.

Véronique abriu os braços e me abraçou.

— Está tudo bem — ela sussurrou. — Ele está em casa. Ele está bem. Eu queria dizer que ela estava errada. *Esta não é a nossa casa.*

Ela me soltou.

— Obrigada a todos — eu disse e em seguida me virei para os guardas. — *Merci. Merci pour tout.*

Os guardas soltaram um Abbot sonolento da maca.

— Quer que eu o carregue para a cama? — Julien se ofereceu. Fiz que não com a cabeça.

— Posso fazer isso.

Eu ainda culpava Julien, mesmo sabendo que isso não era justo. Coloquei Abbot no colo e ele se agarrou a mim com os braços e as pernas. Pensei que ele estava grande demais para ser carregado daquela forma, ou quase. Mas talvez eu tenha me tornado mais forte durante aquele verão, subindo e descendo escadas para pintar paredes e arrancando ervas daninhas do chão.

Abbot se segurava em mim com força e seguimos para casa. Ouvi Julien dizer algumas palavras finais para os guardas. Charlotte correu à minha frente e abriu a porta dos fundos.

Entrei na cozinha iluminada.

— Charlotte, será que você pode me arranjar uma bacia de água morna e um pano? — pedi.

— Claro. — E ela foi tratar disso.

Carreguei Abbot pela escada íngreme até o quarto dele. Meus joelhos machucados doíam, as palmas das minhas mãos queimavam. Coloquei Abbot na cama com todo o cuidado. A cama tinha dois travesseiros, de forma que usei um deles para apoiar o tornozelo torcido, e depois o cobri com o lençol.

— Estamos em casa — disse ele.

— Não. Aqui não é *nossa casa*. Na verdade, enquanto estava procurando por você, prometi para mim mesma que, se você estivesse são e salvo, pegaríamos nossas coisas e voltaríamos para casa, onde tudo seria como antes. Acho que podemos voltar em alguns dias.

Elysus e minha mãe chegariam a qualquer momento. Elas tomariam conta de Charlotte. Abbot e eu poderíamos bater em retirada. Achei que ele se sentiria aliviado.

Porém, em vez disso, ele olhou para mim com os olhos arregalados, como se de repente houvesse ficado com medo.

— Não. Você entendeu tudo errado. Quero que você fique feliz!

— Eu *estou* feliz. Encontramos você, Abbot! Você está em segurança!

Ele rolou a cabeça de um lado para o outro no travesseiro.

— A andorinha não estava feliz dentro da caixa. A caixa cheirava mal e ela não queria comer moscas mortas. A andorinha queria voar para longe.

— Abbot. — Eu me deitei ao seu lado e coloquei a cabeça no travesseiro. — Já disse que não vou voar para longe de você. Lembra? Prometi para você que não faria isso.

O nariz dele estava encostado no meu.

— Quero que você voe um pouco — ele declarou.

— Você quer que eu voe um pouco?

Ele assentiu.

— Você quer que eu voe um pouco e depois volte para você? Abbot assentiu novamente.

— Julien é legal — disse Abbot. — Ele é um cara legal.

Eu estava de queixo caído.

— Você quer que eu voe para Julien e depois volte para você?

Ele assentiu mais uma vez e então esfregou o nariz no meu.

— Bing bong.

Não sabia o que fazer. Abbot era apenas uma criança. Eu era a mãe. Era eu quem deveria mantê-lo em segurança. Não poderia fazer isso com Julien por perto. Eu já provara que não era capaz de lidar com esse tipo de distração. Nós iríamos para casa. Tínhamos que fazer isso. Na verdade, tudo que eu queria era começar a arrumar as malas. Em outra ocasião, eu esfregaria o nariz no dele também e repetiria: “Bing bong”, mas, naquele dia, não. Eu não podia fazer aquilo.

— Temos que ir para casa, Abbot. Sinto muito, mas é o que precisamos fazer. Ele fechou os olhos, fazendo com que eu me calasse.

Charlotte entrou no quarto com uma bacia de água misturada com um pouco de sabão e um pano. Ela me ajudou a limpar Abbot. Trabalhamos juntas no mais completo silêncio. Tiramos a roupa dele, o deixando só de cueca e passamos o pano por seu rosto, os braços e as pernas, tomando cuidado com os arranhões nas mãos e nos joelhos. Ele se contraiu, mas não reclamou muito. Estava muito cansado para se queixar. Quando terminamos, ele já estava roncando.

— Considerando toda a situação, ele está muito bem — comentou Charlotte segurando a bacia, cuja água estava agora salpicada por nuvens de sujeira. — Tentei fugir um dia e o mais longe que cheguei foi atrás do sofá. Ele é uma criança corajosa.

— Meu coração ainda está na garganta. Não consigo me livrar da sensação de que quase o perdi — eu disse.

— Não se esqueça de cuidar de você também. — Ela apontou para os meus joelhos machucados, um dos quais estava coberto por sangue e sujeira.

— Farei isso. — Joguei o pano dentro da bacia e estendi as mãos. — Vou levar isso lá para baixo.

Charlotte me passou a bacia e comecei a caminhar até as escadas.

— Espere — Charlotte me chamou.

Eu parei e me virei para ela:

— O que foi?

— Elas estão chegando. Elysium e a vovó. E eu menti quando disse que não tinha a menor ideia de como seria a vida em um mundo perfeito.

— E como seria?

— Quero ficar com você e Abbot.

— Eu sou um desastre, Charlotte. Minha cabeça está a maior confusão. — Aquele era o momento errado para me pedir qualquer coisa.

— Você precisa de mim, de certa forma. Pelo menos é o que eu acho. Não é verdade? — O rosto de Charlotte estava sereno e repleto de esperança. Ela já não tinha provado que eu precisava dela? Charlotte era estável. Mantinha a calma nas emergências. Era paciente, forte e, acima de tudo, segura de si. — E eu preciso de você. Tudo que quero é estar com alguém que enxergue as coisas de forma justa. É uma troca.

— Mas e Adam?

— Não estamos prontos para brincar de casinha. O que quero dizer é que o casamento é uma instituição e o que queremos é namorar, ter pelo menos algum tipo de coisa normal na nossa vida. — Ela fez uma pausa. — Ele está muito abalado. Não sei o que foi. Alguma coisa na fuga de Abbot fez com que ele surtasse.

Olhei para os olhos arregalados de Charlotte, para a covinha em seu queixo. Na verdade, ela era uma criança, tinha só dezesseis anos, mas para algumas coisas já era muito mais esperta que eu. Desde o início, Charlotte dissera que tinha certeza de como as coisas aconteceriam depois que chegamos ali. Eu queria ter essa mesma certeza. Minha própria visão de retornar para o passado já estava profundamente abalada — primeiro por Abbot e então por Charlotte. Meu pai havia me dito que ela já me escolhera. E ele estava certo. Se Henry estivesse ali para me ajudar, eu teria concordado. Eu a teria abraçado e sussurrado: “Estaremos aqui de corpo e alma para qualquer coisa que você precisar”. Mas eu estava sozinha, mal conseguia me pôr de pé. Olhei para a bacia, para a espuma, a água suja que balançava lá dentro.

— Não posso responder que sim, Charlotte. Tem muita coisa acontecendo ao mesmo tempo. Acho que vou arrumar as minhas malas e as de Abbot amanhã e procurar algum voo. Abbot precisa ir para casa. Não podemos prolongar esta... esta...

— Não me deixe aqui com elas. Você não pode fazer isso. Você precisa da minha ajuda e eu preciso da sua.

Foi ela quem me abraçou. A água na bacia transbordou dos lados. Por um momento me senti aquecida e em segurança. Ainda estava destruída, ainda me sentia perdida e abalada, mas, por um momento, me senti segura.

— Pense no assunto como um todo — ela sussurrou. — Você vai fazer isso? Assenti.

— Boa noite — ela se despediu e foi para a cama.

Fiquei ali congelada. Charlotte era tão segura de si. Por que eu não tinha essa mesma autoconfiança? Ouvi minha própria voz dizer: *Aqui estou eu, Henry, tentando fazer a coisa certa enquanto tenho certeza de que estou fazendo tudo errado.*

*D*esci as escadas e fui até a cozinha, onde encontrei Julien encostado na pia, esperando por mim. Seu rosto estava coberto de terra, a camisa tinha manchas de lama deixadas pelas mãos de Abbot, uma das pernas da calça estava rasgada no joelho. Ele cruzou os braços sobre o peito e suspirou.

— Sua mãe ligou para a minha. Ela e a sua irmã chegaram tarde em Marselha. Elas vão jantar e passar a noite em um hotel. Estão cansadas.

Julien estava bonito assim, todo sujo por ter desbravado a montanha selvagem em busca do meu filho. Estava tão bonito que eu nem sabia direito do que ele me falava. Eu amava seus lábios carnudos, seus dentes, a leve inclinação para cima no canto dos olhos. Queria ir até ele e descansar minha cabeça no peito dele, e se eu resolvesse fazer o que minha mãe havia me

aconselhado — sentir, me conectar, permitir que as decisões surgissem —, seria exatamente o que eu faria. Mas sabia que isso seria impossível. Eu tinha a permissão de Abbot, mas não era por isso que eu esperava. Não seria capaz de suportar a fraqueza necessária para me apaixonar. Estava cansada de perder e de me sentir perdida. Eu também devia estar com uma aparência imunda — e confusa também.

— Minha mãe e Elysium o quê?

— Elas vão passar a noite em um hotel em Marselha. Chegarão aqui amanhã de manhã.

— Entendi. — Fui até a pia, onde esvaziei a bacia, torci o pano e comecei a limpar meu joelho arranhado. Ardeu, mas gostei da sensação de me limpar, de sentir que estava conseguindo resolver alguma coisa.

— Você está bem? — Julien perguntou.

— Estou.

Ele ficou em silêncio.

— Sua mãe contou alguma coisa sobre Abbot para elas?

— Não. Ela não quis preocupá-las. Ele dormiu?

— Sim — respondi e me ajeitei, colocando o pano em cima da pia. — E me desculpe. De verdade. Eu não devia ter dito aquelas coisas. Estava apavorada. Não queria ter falado aquilo. — Eu me recusava a olhar para ele. Em vez disso, fixei os olhos na caixa sobre a mesa, que eu deveria entregar para a minha mãe. Naquele momento, a caixa me pareceu uma lembrança importante, mas de quê? Dos desejos da minha mãe — algo que de certa forma eu havia herdado — ou de sua habilidade de guardar o passado e voltar para casa?

— Eu compreendo — disse Julien. — Eu só queria contar para você sobre a sua mãe e ter certeza de que você está bem.

— Vou para casa — informei. — Fiz uma promessa para mim mesma. Abbot precisa de mim. Minha vida é muito complicada. Acho que é melhor voltar para casa. E o quanto antes.

— Mas você ainda tem tempo aqui. Ainda faltam o quê? Três semanas?

— Sim, mas já vimos o que precisávamos ver. Chegou a hora de ir embora. — Fiz uma pausa. — E quero lhe agradecer por tudo. — Sem graça, estendi uma das mãos para apertar a dele. Não sabia o que eu esperava. Que uma formalidade repentina me salvasse?

Julien ficou surpreso com o gesto. Ele pegou minha mão, tão ressecada e suja quanto a dele, mas não a apertou. Em vez disso, simplesmente a segurou.

— Eu não estava tentando ser o pai dele. Nem seu marido.

— Eu sei. — Retirei minha mão da de Julien e olhei para ele.

Julien abriu um sorriso cansado e balançou a cabeça.

— Acho que vou para casa também. Só estava aqui por sua causa.

— Pensei que você estivesse ajudando a sua mãe.

— Ela não precisa da minha ajuda. Posso chamar alguma menina da vila para ajudá-la com a limpeza, mas só. Minha mãe é a pessoa mais forte que eu conheço.

Assenti, nervosa.

— Está certo — concordei.

Ele estava ali só por minha causa? Estava tentando engolir aquela.

Julien ergueu uma das mãos e tocou meu cabelo suavemente, ajeitando uma mecha que havia caído sobre a minha bochecha.

— Sinto saudade do prendedor de cabelo florido. Vou continuar sentindo saudade dele.

Queria lhe falar sobre como eu sentiria saudade do garoto mal-humorado na espreguiçadeira, o que não tinha o pula-pula, o que dirigia o conversível na chuva. Mas eu mal conseguia respirar. Queria ir para casa, queria voltar, mas o que era uma casa? Como eu poderia levar Abbot de volta e começar uma nova vida quando ele chamava aquele lugar na Provence de casa? Nada voltaria a ser igual. Julien existia ali naquela cozinha. Aquele único momento significava que tudo havia mudado. Fiquei em silêncio.

Ele esfregou a clavícula como se sentisse uma velha dor, ou talvez fosse um sinal da inquietação que eu vira nele quando nos reencontramos pela primeira vez.

— Ouça — Julien disse. — Eu entendo. Tenha uma boa noite. Tenha bons sonhos. — E com essas palavras ele deu meia-volta e saiu da casa.

Eu fiquei ali de pé, estática na cozinha com suas paredes e ladrilhos queimados. Lembrei-me da cozinha da minha infância, quando eu rondava ao redor da minha mãe depois que ela voltou para casa, e da fragrância doce das nossas sobremesas que deram errado. Conheci Henry em meio ao vai e vem louco na cozinha de um bufê, repleta de cozinheiros. Henry usava um paletó emprestado, parecia tão jovem, tão bonito, tão vivo. E então eu estava ali de novo, naquela cozinha, na casa, na Provence, com meu filho que tinha fugido agora dormindo no andar de cima, naquela cozinha onde abandonei Julien.

Tive um sono agitado e acordei me perguntando se de fato havia pregado o olho. A noite anterior voltou à minha mente em flashes frios e cruéis: o milagre da andorinha ferida, a forma como corri pela casa, esbaforida, chamando por Abbot, a luz fraca que piscava na montanha, o abraço de Charlotte na porta do quarto de Abbot, a maneira como Julien tocou meu cabelo na cozinha. Abbot estava vivo. Eu não poderia ser mesmo a mãe de Charlotte. Deixei que Julien fosse embora. Será que tive uma visão do futuro? Na verdade, não. Sabia apenas que teria que ficar alerta. Eu teria que ser forte.

Assim que Elysium e minha mãe chegassem e se responsabilizassem por Charlotte, eu ligaria para a companhia aérea e começaria a arrumar nossas malas. Mas quando ouvi Abbot andando pelo quarto dele, decidi que seria melhor adiar um pouco a arrumação das malas. Pelo menos eu não deveria arrumá-las na frente dele.

— Abbot? — chamei enquanto saía da cama e me apressei até o corredor. Ele estava colocando os sapatos.

— Você sacudiu antes de calçar?

— Nenhum escorpião — ele respondeu. — Acho que não vamos ver escorpiões agora que estamos indo embora.

Eu não queria entrar naquela discussão sobre voltarmos para casa. Aquela era minha decisão final e conversar a respeito poderia passar a impressão de que era uma questão negociável. Eu queria me manter firme.

— Você está se sentindo melhor? — Ele vestia uma roupa limpa e seu cabelo estava molhado.

— Você tomou banho? — Suas mãos e seus joelhos ainda estavam feridos. — Como está o tornozelo?

Ele tinha amarrado um tênis e estava passando para o outro.

— Ainda está inchado. E doendo. Agora estou mancando igual a Véronique! — Abbot falou isso com o estranho orgulho que as crianças sentem quando descobrem que terão que usar óculos, aparelho nos dentes ou gesso.

— Tia Elysium e a vovó passaram a noite em Marselha. Elas chegarão aqui a qualquer momento — informei. — Você pode me ajudar com as flores? Será que vai forçar muito seu tornozelo? — Eu o queria perto de mim.

— Julien prometeu que ia me ensinar alguns truques de futebol, mas acho que não vou conseguir aprender por causa do meu tornozelo.

O nome de Julien surgiu mais depressa do que eu esperava. Senti uma pontada no estômago. Era ainda pior ouvir aquele nome quando saía dos lábios de Abbot.

— Julien deve estar indo embora — eu disse e senti vontade de acrescentar: É para o seu próprio bem. Para o nosso próprio bem.

— Para onde ele vai?

— Julien vai trabalhar. Você sabe que ele tem um emprego. Assim como eu. Não podemos

desistir de tudo para viver um sonho.

Abbot olhou para mim.

— Isto não é um sonho — declarou ele, na defensiva.

— Temos que ser práticos.

— Espere. A vovó e a tia Elysium vão levar Charlotte para casa?

— Eu não sei — respondi.

Ajudei Abbot a descer mancando as escadas e ir até a cozinha, onde lhe servi uma tigela de cereal e croissants com manteiga e geleia de damasco.

A caixa da minha mãe continuava em cima da mesa, com seu canto chamuscado. Eu a peguei e pensei em guardá-la no armário, mas logo me detive. A caixa não deveria ficar trancafiada. Ela havia sido revelada pelo fogo. Eu queria que a minha mãe recebesse a caixa chamuscada. Ela lhe pertencia. Não queria deixá-la na cozinha, onde minha mãe poderia passar direto por ela, ignorando-a, ignorando o passado. E se ela quisesse ignorá-lo, recusando-se a revisitá-lo de uma vez por todas?

— Volto já, ok? — avisei.

Ainda com a caixa nas mãos, subi correndo as escadas. Minha mãe e Elysium ficariam no quarto no fim do corredor. Abri a porta e entrei no quarto. Havia duas camas de solteiro. Minha mãe sempre lia à noite até pegar no sono e sempre colocava os óculos sobre o livro na mesa de cabeceira. Coloquei a caixa na mesinha, onde ela a veria, sendo obrigada a lidar com seu conteúdo. Ali, pelo menos, ela poderia fazê-lo com alguma privacidade. Imaginei que isso me daria a sensação de estar fazendo o que meu pai me pediu sem ter que me envolver muito. Era um pequeno alívio ter entregue a caixa, tirá-la das minhas mãos, e estava orgulhosa de mim mesma por não ter dado nem mesmo uma espiadinha.

Abbot e eu terminamos de tomar café e fomos até o canteiro de flores que tínhamos plantado. Eu o ensinei como passar o dedão por aquele universo de gerânios para sentir as pontinhas das sementes maduras. Cada um de nós reuniu quinze sementes, embora algumas delas ainda estivessem um pouco verdes. Escavamos fileiras uma ao lado da outra junto aos gerânios mais altos e plantamos as sementes, cobrindo-as com um pouco de terra e regando-as, assim como o resto do jardim. Abbot fez algumas pausas, apoiando o pé nas cadeiras de ferro batido.

Vimos Charlotte pela janela da cozinha dos Dumonteils. Ela já estava conversando com Véronique, provavelmente a respeito dos planos para as refeições daquele dia. Charlotte precisava mesmo se concentrar em alguma coisa e Véronique deveria saber disso. Elas haviam começado a trabalhar na cozinha mais cedo que o habitual.

Não havia nenhum sinal de Adam Briskowitz. Eu estava começando a ficar nervosa. Será que ele tinha realmente surtado com a fuga de Abbot como Charlotte havia dito? Será que ele estava apavorado — talvez com alguma razão — graças à chegada de Elysium e da minha mãe? Eu mesma estava com um pouco de medo delas.

E não havia o menor sinal de Julien. Imaginei que ele estivesse na casa da mãe, talvez arrumando as malas para ir embora. Foi impossível não me dar conta de que a porta da garagem

estava fechada. Não era possível ver se o velho conversível do pai de Julien ainda estava lá dentro. Queria vê-lo de novo, só mais uma vez, mas ao mesmo tempo sentia medo dessa possibilidade. O que mais poderíamos dizer que ainda não tivesse sido dito?

Apesar de tudo que estava prestes a acontecer, a manhã passou sem nenhum acontecimento extraordinário. Se eu não estivesse tão ansiosa, teria sido uma manhã adoravelmente ordinária. Deixei que o sol aquecesse minhas costas enquanto embrenhava as mãos entre as flores. Abbot estava quieto, embora eu o ouvisse cantarolar o hino da França de tempos em tempos. Pensei comigo mesma: *Não vou me esquecer disso. Jamais vou me esquecer disso*. Queria fingir que aquele meu anseio regrediria assim que chegássemos em casa e eu seria capaz de apreciar aqueles momentos. Eu não tinha aprendido uma lição ali? Minhas histórias de Henry — pensei em como me apegara desesperadamente a cada uma delas por acreditar que, se os detalhes fossem esquecidos, isso significaria que Henry estava escapando de mim. Entretanto, talvez isso significasse que os detalhes estavam sendo enterrados cada vez mais profundamente dentro de mim, tornando-se um tipo diferente de memória, talvez não tão clara, porém mais imagética e tão completa quanto as mais detalhadas — os quadros de Cézanne que retratavam as montanhas, as telas de Daniel sobre a perda, minhas lembranças de Henry...

É claro que eu sabia que a normalidade daquele dia não duraria para sempre, e foi o que aconteceu. Quando Abbot e eu entramos para almoçar, ouvi vozes vindas do jardim — minha mãe e Elysius falando com o motorista de táxi. O motor do carro roncava diante da casa. As portas do carro e do porta-malas bateram.

Fui até a porta dos fundos e vi o motorista, um homem corpulento, com as pernas arqueadas, carregando as malas cujas rodinhas não giravam no cascalho. Minha mãe e Elysius apareceram, segurando suas bolsas de mão. Minha mãe parou por um momento para olhar a montanha. Ela soltou um suspiro e desviou os olhos para a porta onde eu estava.

— Vocês conseguiram! — eu disse.

— Finalmente — ela concordou.

Elysius estava pagando o taxista e aproveitando para treinar um pouco o seu francês.

Abbot surgiu atrás de mim, cambaleou até a porta e desceu os degraus mancando. Eu o segui.

— O que há de errado com você, juvenzinho? — minha mãe perguntou.

Abbot olhou de relance para mim e em seguida se virou para minha mãe e Elysius.

— Soltei uma andorinha e ela voou. Depois, na montanha, escorreguei e torci o pé.

Elas pareceram aceitar essa resposta e fiquei aliviada por não ter que intervir na conversa. Felizmente, Abbot estava encarando o que acontecera de forma casual. Eu as acompanhei para dentro da casa.

— Vocês estão com fome? Cansadas?

— Estamos bem. — Minha mãe olhou para a cozinha ao redor. Será que estava desaprovando tudo que eu fizera? Não parecia. Em vez disso, parecia não estar vendo o que estava de fato ali, mas sim mergulhar em lembranças, como se a cada olhar sua mente se inundasse com coisas que haviam acontecido ali ao longo dos anos. Para ela, aquela casa estava repleta de lembranças

profundas.

— Estou derretendo de calor. — Elysius começou a sacudir a blusa. — Aqui é mais quente do que eu me lembrava. — Ela desabou em uma das cadeiras da cozinha.

Minha mãe, ao contrário de Elysius, estava cheia de energia. Ela me abraçou de novo sem nenhum motivo. Eu adorava o cheiro do seu perfume e de seu laquê de alto brilho. Ela então pegou a minha mão.

— Lembram-se das histórias que contei para vocês durante todos esses anos? E das borboletas? Lembram-se de quando saímos com binóculos para ver o casamento na montanha e havia borboletas por todos os lados?

— As borboletas brancas — acrescentei. — Claro que lembro.

— Conheço essa história! — disse Abbot.

— E você não acreditou em mim depois de todos esses anos e todas as histórias que contei para você. — Minha mãe olhou para mim. — Mas algo mudou. Alguma coisa aconteceu. Posso ver no seu rosto. O que foi?

— Muitas coisas aconteceram — respondi, entediada. Queria informar que decidira voltar para casa, que tudo aquilo havia acabado. Eu falhara. Fizera a peregrinação, talvez houvessem acontecido um ou dois milagres, mas nenhum deles havia me agraciado.

— Não, aconteceu alguma coisa específica. — Ela me encarou. — Elysius, olhe para a sua irmã. Ela está diferente, não está?

Elysius deu de ombros.

— Ela pegou um pouco de sol, graças a Deus. Você estava tão pálida no dia do casamento.

— Alguma coisa deu errado? — minha mãe quis saber. O que ela via no meu rosto? Melancolia? Saudade de casa? Ou, pior, será que ela via o meu anseio?

— Bem, ontem foi horrível. — Dei uns tapinhas nas minhas próprias bochechas. — Mas eu estou bem. Nós estamos bem.

— Eu fugi — Abbot confessou, culpado.

— Você fez o quê? — falou minha mãe.

— Por que você fugiu, Abbot? — Elysius perguntou.

— Há vários fatores. Mas, apesar do tornozelo, ele está bem. — Apertei um dos ombros de Abbot como quem queria dizer: *Não vamos entrar nesse assunto agora.*

— Onde está Charlotte? Ela está bem? — indagou Elysius.

— Sim — respondi. — Ela tem me dado uma ajuda imensa. Ela está na casa da Véronique. Elas cozinham juntas o tempo todo. — Onde estava Adam? Talvez Elysius também estivesse se perguntando a mesma coisa. Caminhei na direção das escadas.

— Você tem um plano para esta casa, não é? — Elysius olhou a cozinha ao redor.

— Tenho tentado ouvir a casa — eu disse. — Mas acho que ela precisa de um novo ouvinte.

— Ah, você não vai fazer isso — retrucou minha mãe. — Você não pode fugir do trabalho desse jeito.

Eu queria responder que estava fugindo de várias outras coisas além do trabalho. Estava fugindo de volta para casa.

— Eu ficaria louca se tivesse que viver aqui desse jeito! — exclamou Elysius.

— Dizem que o gado é lento — comentei —, mas a terra é paciente.

Elysius inclinou a cabeça e me encarou, depois mudou de assunto.

— Precisamos nos reunir. Você, Charlotte, a mamãe e eu. E depois temos que sentar com Adam. Conversaremos com ele depois...

Eu não tinha a menor dúvida de que Elysius tinha estabelecido uma programação. Exatamente como no brunch em que aquela viagem havia sido proposta, ela e minha mãe haviam tido uma conversa prévia em que arquitetaram sua estratégia. Mais uma vez, eu não sabia qual seria a agenda imposta por elas. Entretanto, tinha certeza de que seria compelida a segui-la e seria difícil me livrar das garras das duas. Charlotte e eu não conseguíamos nem mesmo ficar por muito tempo dentro de uma loja de vestidos com elas, imagine então encarar ao lado de Elysius e de minha mãe um momento que definiria para sempre os rumos da nossa família?

— Quero ver Véronique primeiro — informou minha mãe.

— Podemos nos reunir em uma hora? — perguntou Elysius.

— Sim, sim, é claro — concordou minha mãe. Será que ela veria Julien na casa de Véronique? Será que ela olharia para o rosto dele e perceberia alguma coisa? Ou será que Véronique já sabia de tudo e simplesmente contaria para a minha mãe sobre Julien e eu? Por alguma razão, não queria que ela soubesse. Nem ela, nem ninguém. Minha mãe pôs uma das mãos no coração. — Estamos aqui de novo, nós três. — Ela olhou para Abbot. — Qualquer coisa pode acontecer agora. Você sabia disso?

Abbot assentiu.

— As histórias da casa. Já ouvi todas elas.

— Nem todas — discordou minha mãe. Ela me lançou um olhar cortante. — Uma hora. E então vamos conversar. — Com essas palavras, ela saiu da casa, segurando a bolsa como se fosse um cantil e ela estivesse prestes a se lançar em algum tipo de missão.

Fui até a janela e a vi marchar até a casa dos Dumonteils.

— Ela é uma mulher cheia de segredos — falei para ninguém em particular.

Minha mãe bateu na porta dos fundos, uma formalidade que havíamos abandonado há algum tempo, e Véronique a abriu. Ela e minha mãe se abraçaram, balançando de um lado para o outro. Aquele era um encontro estranho, duas pessoas unidas por segredos compartilhados que eu jamais entenderia realmente. É assim que as irmãs são, falei para mim mesma. Elysius e eu éramos meninas que cresceram juntas e sabíamos o que ninguém nunca seria capaz de descobrir sobre nossa existência. Não importava o quanto eu contasse para Henry sobre a minha infância, ninguém jamais a conheceria como Elysius, que havia sido uma testemunha ocular. Minha mãe e

Véronique compartilhavam este tipo de vínculo: não uma infância fraturada, mas vários percalços acumulados.

Aproximadamente uma hora depois, minha mãe atravessou a porta da casa de Véronique para o sol do jardim bem no momento em que Elysus saía da nossa casa, recém-saída do banho. Eu observava Abbot alimentar as carpas no pequeno chafariz, pulando em um pé só enquanto tentava tocar nelas. Ele sentia falta da andorinha.

— Onde está Charlotte? — minha irmã perguntou.

— Ela está vindo — disse minha mãe.

— Alguma de vocês viu Adam? — perguntei.

— Ele também está vindo. — Minha mãe sentou em uma das cadeiras de ferro. — Véronique deve ter lhe dito que Julien sente muito por não ter se despedido de você. Foi como se eu tivesse levado um choque.

— O que você falou?

— Julien? — Minha mãe enfatizou o nome dele e então tive certeza de que Véronique havia lhe contado alguma coisa. — Acho que você sabe de quem estou falando.

— Julien esteve aqui? — Elysus quis saber, sentando-se na cadeira ao lado da minha mãe.

Julien tinha ido embora. Ele já havia partido. Mas para onde? Eu estava atordoada. Ele tinha ido embora tão depressa. E pronto.

— Quando ele partiu? — perguntei.

— Esta manhã. — Minha mãe me lançou um olhar rápido e em seguida chamou Abbot. Ele ergueu os olhos da fonte. — Véronique precisa de alguém para ajudá-la a enfeitar alguma coisa. Você poderia fazer isso?

Abbot olhou para mim em busca da minha permissão.

Assenti.

— Claro, pode ir. Só não saia da casa.

Abbot começou a mancar em direção à casa enquanto Charlotte saía lá de dentro. Ela vestia uma blusa preta e larga sem mangas e uma saia comprida. Vinha em nossa direção com a cabeça baixa, as mãos unidas sobre o peito, como um monge que faz suas orações enquanto caminha.

— Onde está Adam Briskowitz? — minha mãe perguntou.

E nesse exato momento a porta dos fundos da casa dos Dumonteils se abriu. A mala de idoso de Adam saiu com um empurrão, seguida pelo próprio. Ele tinha a mesma aparência de quando o vi pela primeira vez, vestindo sua camiseta do Otis Redding, os Top-Siders e os óculos grandes demais com as lentes escuras presas por um clipe erguidas. Só então me dei conta de que aquelas eram as roupas de viagem de Briskowitz.

Charlotte ficou de pé diante de nós. Ela estava nervosa, olhando rapidamente de um rosto para

o outro, tentando adivinhar o que viria a seguir. Ela fazia com que eu me lembrasse da andorinha dentro da caixa antes de Abbot soltá-la na varanda.

— Aonde Adam está indo? — eu quis saber.

— Para casa — informou Charlotte. — Ele está de castigo. Adam e Abbot se encontraram no jardim.

— A gente se vê, Abbot. — Adam fingiu lhe acertar uma flechada.

Abbot segurou o próprio ombro, ferido, e soltou um gemido, cambaleou e caiu no chão. Eu não gostava que nem de brincadeira ele fingisse estar morto e fiquei aliviada quando se ergueu, lançando um aceno animado para Adam, e entrou na casa.

Adam parecia estar prestes a cair no choro. Ele abaixou as lentes escuras e caminhou até onde estávamos.

— Desculpem por sair nesta hora, mas meu táxi está a caminho. Vou encontrar o motorista no início da entrada de carros para não correr o risco de ele passar direto. A placa que indica a propriedade é bem pequena.

— Seria bom se você pudesse ficar apenas um pouquinho aqui conosco — disse a minha mãe.

— Para todos nós podermos conversar — acrescentou Elysius.

— Desculpem, mas eu não posso mesmo. Vou ter que pegar o trem e depois um voo. Meus pais já arranjaram tudo.

— Mas Adam... — insisti.

— Eu sei, eu sei. Vocês acham que eu não sei? — indagou Adam. Eu não sabia o que ele queria dizer. — Preciso de tempo para colocar a cabeça no lugar. Não estou conseguindo nem formular frases inteiras. Quero ser um ótimo pai. Eu consigo, só não posso fazer isso aqui... — Ele começou a girar uma das mãos formando um círculo, indicando... aquela conversa, a nossa família, a França? — Não ainda.

— Você parece estar formando frases perfeitamente — declarou minha mãe com raiva.

— Por que você está partindo agora? — perguntou Elysius.

— Sério — encorajei. — Conte para nós o que está acontecendo.

Ele largou a mala.

— Abbot se perdeu e eu não consegui encontrá-lo. Merda. Isso é um pesadelo. Ouvi uma história sobre um casal que deixou o filho dormindo dentro de um bebê conforto debaixo da mesa de um restaurante. Era um casal muito bacana, os dois eram inteligentes e tinham se formado nas melhores universidades dos Estados Unidos. E eles simplesmente esqueceram o bebê e foram embora. Esse sou eu. E se eu não conseguir fazer isso? Vou para a faculdade daqui a algumas semanas estudar filosofia. Quem consegue sustentar uma criança com um diploma em filosofia? Preciso ir para casa. Preciso conversar com a minha família.

— Adam está perdido — observou Charlotte. — Ele está Briskowitzando a si mesmo completamente.

Eu estava furiosa. Da forma mais calma que consegui, me levantei, peguei Adam por um dos ombros e lhe dei um leve empurrão para que nos distanciássemos um pouco dos outros.

— Voltaremos em um minuto — prometi.

— O que é isso? — quis saber Adam.

— Olhe para mim.

Ele parou e ergueu as lentes escuras, embora ainda olhasse para o chão. Esperei. Adam levantou devagar o queixo e os olhos dele encontraram os meus.

— Você vai se recompor — eu disse. — Vai aprender a ser um homem melhor porque não terá outra opção.

Ele começou a chorar e ficou constrangido. Minha mãe e Elysium estavam sentadas atrás de mim. Imaginei a expressão no rosto delas — talvez estivessem cansadas, mais do que qualquer outra coisa. E lá estavam todas aquelas mulheres reunidas, esperando resolver a situação, tentando fazer a coisa certa. Adam olhou de relance para Charlotte e sussurrou o nome dela.

Ela fez que não com a cabeça. Não podia ajudá-lo.

Adam limpou a garganta.

— Preciso ir. — Ele se abaixou para pegar a mala. — O táxi pode acabar passando direto.

— Adam — Charlotte o chamou. — Brisky.

Ninguém se moveu.

Por fim, ele se virou e começou a caminhar em direção à entrada da propriedade.

Charlotte também se sentou em uma das cadeiras de ferro. Por instinto, puxamos as cadeiras para a frente e formamos um círculo menor.

— Sinto muito que ele tenha ido embora — comecei. — Adam precisa de tempo.

Charlotte ficou em silêncio, o rosto inexpressivo, parecendo estar além da tristeza. Ela deu de ombros.

— Talvez a gente possa ir atrás dele. — Na verdade, ela não estava sugerindo aquilo, mas sim pontuando que a vida simplesmente não funciona daquela forma.

— De fato, ele não passa de um menino — comentou minha mãe.

— E Charlotte também é jovem — completou Elysium. — Apesar da situação, não podemos nos esquecer disso. — Aquela parecia uma frase de Daniel. Charlotte era sua garotinha e eu suspeitava que ele havia implorado para Elysium garantir que ninguém se esquecesse disso.

— Essa coisa de idade é relativa — retrucou Charlotte.

— Nesse caso, sua idade nos cria muitos problemas sérios de ordem prática — disse Elysium.

— E esses problemas precisam ser resolvidos.

— E imagino que vocês vão me dizer como resolvê-los? — perguntou Charlotte, na defensiva.

— Não vamos conseguir fazer isso se você for hostil — declarou Elysius.

— Ela não está sendo hostil — eu me meti na conversa. — Ela tem dezesseis anos, está grávida, o pai da criança acabou de ir embora e ela o ama.

— Ah, por favor! — Elysius se indignou. — Amor! Que merda é essa?

— Quem está sendo hostil agora? — provocou Charlotte.

Minha mãe se levantou.

— Escutem o que eu tenho a dizer. Elysius sugeriu construir um apartamento sobre a estrutura da casa dela, um lugar onde Charlotte poderá se sentir independente. E Elysius e Daniel pagarão uma enfermeira para tomar conta do bebê e mais tarde contratarão uma babá. Charlotte vai poder continuar a estudar. Daniel continuará a produzir sua arte. E eu ajudarei com o bebê em tudo que for possível, assim como tenho certeza de que você também ajudará, Heidi. Faremos um esforço em grupo.

— E durante esse processo não vamos abandonar nossa rotina. Poderemos seguir em frente com as nossas vidas. Charlotte irá para a faculdade, poderá cursar a Universidade Estadual da Flórida, que fica perto da nossa casa, e quem sabe consiga até frequentar um curso de período integral. — Elysius sorriu, orgulhosa de seu plano.

— E nós faremos de tudo para que a mãe de Charlotte venha visitá-la em vez de ter que obrigar o bebê a fazer uma viagem longa.

— Isso soa caro — observou Charlotte.

— O dinheiro não cura tudo, mas ajuda bastante — disse Elysius.

— Bem, essa é uma oferta muito legal, mas eu vou passar — declarou Charlotte.

Elysius chegou a curvar as costas para se aproximar da menina.

— Como é que é?

— Eu passo a oferta. Mas agradeço de verdade. Foi uma ideia muito amável e generosa.

— Você tem um plano alternativo? — minha mãe quis saber.

Eu me recostei na cadeira e preendi a respiração.

— Quero morar com Heidi e Abbot.

Elysius olhou para mim e, antes que abrisse a boca para pronunciar qualquer palavra, eu soube que cairíamos na mesma discussão de sempre — como Charlotte era ingrata, e eu seria sua cúmplice. Minha mãe esticou uma das mãos para dar um tapinha de leve na perna de Elysius para acalmá-la, mas ela já estava de pé.

— Acabei de falar que vou construir um apartamento para você! Um lugar que será só seu! E você está recusando? Você sabe como essa história está sendo difícil para mim e o seu pai? Você faz alguma ideia?

— Eu já agradei. Foi um ato amável e generoso. — O rosto de Charlotte se tornou vazio. Ela parecia estar recitando definições de seu livro preparatório para o vestibular.

Elysius se virou para mim.

— Não acredito que você colocou essa ideia na cabeça dessa menina. Teremos um novo bebê e você quer bancar a salvadora da pátria. Essa é a sua intenção, não é mesmo? Isso não vai trazer os mortos de volta, você sabe muito bem disso!

Aquelas palavras me atingiram como um tapa. Na verdade, minhas bochechas queimaram. Senti um calor no fundo do peito. Não pronunciei nem uma única palavra.

— Heidi ainda nem concordou com isso — explicou Charlotte. — Ninguém colocou nada na minha cabeça. A ideia foi minha. Totalmente minha.

Minha irmã estava errada. Não tinha nada a ver com tentar trazer Henry de volta. Entretanto, talvez quase tudo o que havia em minha vida tivesse a ver com isso, sim. Era inegável. Eu poderia muito bem fazer as malas. Poderia voltar para casa. Só que não poderia voltar no tempo. Nada traria os mortos de volta. Ainda assim, o que se seguiu não foi uma tentativa de punir minha irmã. Talvez eu estivesse ouvindo. Talvez estivesse sentindo e me conectando, de forma que a decisão simplesmente surgiu em minha mente.

— Quero tentar — eu disse para Charlotte.

— É só o que eu peço — declarou ela.

Elysius caminhou até a fonte de pedra e sentou. Ela parecia arrasada. Olhou para os vinhedos com o rosto trêmulo, os olhos baços.

— Heidi, você tem certeza? — quis saber a minha mãe.

— Tenho. Quero ajudar Charlotte em tudo que ela precisar.

Minha mãe ergueu as mãos para o ar e disse para todas nós:

— Peguem as suas cadeiras. Peguem. Sigam-me.

— Do que você está falando? — perguntei.

— Venham comigo — ela insistiu. — Vamos, vamos!

— Vamos para onde? — minha irmã quis saber.

— Vamos observar a montanha. — Minha mãe começou a arrastar sua cadeira pelas sombras lançadas pela casa, passando pelo caminho de carros de cascalho e indo até o gramado, onde poderíamos ter uma vista total da montanha.

Charlotte e eu pegamos nossas cadeiras. Nós a carregamos pelo cascalho e as colocamos onde minha mãe já estava sentada.

— Vocês enlouqueceram? — retrucou Elysius.

— Não — disse minha mãe. — É assim que encontraremos nossas respostas e a determinação para agir de acordo.

Lembrei da explicação de Véronique sobre a montanha, a grande tela, como ela havia dito, e como contara que minha mãe costumava observar a montanha durante seu verão perdido na França.

— Vocês fazem isso olhando para uma montanha? — impressionou-se Elysius.

— Para o que mais você acha que as montanhas servem? — rebateu minha mãe.

— Ela muda de cor durante todo o dia — acrescentei.

— Tem gente que faz excursões e gasta um monte de dinheiro para pagar um guru que as leve pelas montanhas para receber as respostas que procuram ao observá-las enquanto mudam de cor — disse Charlotte.

Eu tinha quase certeza de que aquilo era mentira, mas convenceria Elysius a pegar sua cadeira e se juntar a nós. A forma como Charlotte inventou aquilo no calor do momento fez com que eu sentisse uma pontada de orgulho.

— Sério? — Elysius quis confirmar a informação. — Gurus?

— Vamos, Elysius — incentivou minha mãe. — Ande logo.

Elysius pegou sua cadeira e a colocou ao lado da minha.

— Não vamos conversar sobre nada. Pelo menos não até o sol se pôr. Depois poderemos conversar o quanto quisermos, mas, agora, vamos ficar quietas — instruiu minha mãe. — Vamos ficar aqui sentadas o dia todo e as respostas virão até nós.

E assim ficamos sentadas, em silêncio, e começamos a observar a montanha, esperando por respostas.

A montanha tinha força. Eu a sentia desde que chegara. Havia dado respostas para minha mãe antes. Ela contemplara aquela mesma montanha assim que chegara à França, no passado, e talvez ela tivesse lhe dito que estava tudo bem em se apaixonar, ser uma ladra de corações e, no fim, quando pegou fogo, lhe disse para voltar para casa.

Eu não esperava por nada assim tão dramático. Talvez olhar para a montanha nos desse apenas um pouco de tempo para pensar, pelo menos para que pudéssemos dosar nossas palavras. E lá estava eu, mais que disposta a ceder. Precisávamos de algo além de nós mesmas. E por que isso não poderia ser a montanha? Por que não tentar encontrar algumas respostas e alguma determinação?

O dia seguiu. Abbot deu as caras novamente. Ele deu uma de garçom e nos trouxe bebidas, sanduíches de presunto, azeitonas e mais do sorvete caseiro de pêssago feito por Charlotte. Também trouxe um cobertor e travesseiros, e eu me deitei com os tornozelos cruzados, as mãos atrás da cabeça. Charlotte se encolheu de um dos lados com as mãos enfiadas debaixo da cabeça.

Elysium estava achando tudo aquilo quase impossível, como era de se imaginar. Ela era uma pessoa extremamente ansiosa. De tempos em tempos ela se levantava para caminhar um pouco ou fazer algumas posições agitadas de ioga e em seguida alguns agachamentos. Entretanto, ela estava levando aquilo muito a sério. Mais cedo, havia até entregado seu celular para Abbot, um grande ato de sacrifício. Ela estava *tentando*, como havia me dito na loja de vestidos no início daquele verão. Bem lá no fundo, ela sabia que a observação silenciosa e a contemplação não eram o seu forte, porém, Elysium era extremamente esforçada, sempre inclinada a fazer as coisas do jeito certo.

Véronique apareceu em algum momento no meio da tarde e perguntou o que estávamos fazendo. Minha mãe lhe explicou.

— Oh — fez ela. — Posso me sentar aqui com vocês?

— É claro — respondeu minha mãe.

Elas se sentaram lado a lado. Eu as imaginei como duas crianças novamente, suas versões infantis contemplando as mulheres que tinham se tornado. Não havia hóspedes na casa. Estava vazia. Elas mantiveram os olhos na montanha. Às vezes, fechavam as pálpebras e cochilavam. Eu não podia adormecer. Eu estava comprometida. Não queria perder nenhuma resposta.

As andorinhas reapareceram. Juntas, nós as observamos se espalhar e arremeter contra o pano de fundo da montanha. Abbot desenhava em seu caderno. Dessa vez ele retratou cada um de nós e todos tínhamos asas e voávamos com as andorinhas — Henry era apenas mais um em meio àquele grupo. Aquilo parecia ser o certo. Ele não era um fantasma. Nós não éramos fantasmas. Todos estávamos juntos.

E quando a noite caiu sobre a montanha, ela assumiu um tom de azul que flertava com o roxo, e fiquei impressionada com sua inacreditável beleza. Pensei em Henry após o aborto, como finalmente confessei que sentia muito por ele. E Henry me disse para não me sentir assim. *Sou apenas um pedinte aqui*. Aquela montanha, o pedaço de terra arqueado que se erguia diante de nós, fazia com que eu me sentisse humilde, apenas uma pedinte, simplesmente uma pessoa de sorte por estar ali, mesmo que por um breve momento. E diante daquela montanha, o nosso

tempo era mesmo breve. Comecei a chorar, silenciosamente, devido à dor de ter perdido Henry. Uma dor simples, assim como as lágrimas que escorriam pelo meu rosto. Abbot percebeu na mesma hora que eu estava chorando. Ele mancou até onde eu estava e repousou a cabeça na minha barriga.

Véronique esquentou as sobras do almoço e Abbot a ajudou a servir nossos pratos. Após o jantar, eles desapareceram dentro da casa e voltaram com uma bandeja contendo velas, vinho tinto e taças. Distribuímos as velas ao nosso redor, enchemos os copos com o vinho e continuamos a observar a montanha enquanto as estrelas começavam a surgir no céu.

E lá estávamos nós: Charlotte, minha irmã, minha mãe, Véronique, eu e Abbot, que caiu no sono no meu colo. Todos cercados por um círculo de velas. Era estranho me dar conta de como o mundo era barulhento quando não o preenchíamos com nosso próprio ruído. Era estranho as cores da montanha serem tão vivas. Apesar de eu achar que estava prestando atenção, a verdade é que minha mente estava longe. Havia um perfume de lavanda no ar, já que ainda era a época dessas flores, uma fragrância pungente, profunda e doce espalhada pelo vento.

Pensei em Henry e, dessa vez, me concentrei não no quanto eu o amava, mas em como ele havia me amado. Era como Julien dissera. *Todos acham que é um presente divino ter alguém que os ame, mas eles estão errados. O maior presente é poder amar alguém, como ele a amava.* Como Henry havia me amado? Era como se ele fosse o maior especialista em todo o mundo em um assunto totalmente arcano chamado Heidi Buckley, o único especialista no assunto totalmente arcano chamado Heidi Buckley. Ele me conhecia nos menores detalhes, nas contradições, em todas as minhas pequenas vaidades, falsidades e defeitos. Eu costumava flagrá-lo me estudando na cozinha da Loja de Bolos enquanto eu trabalhava em alguma encomenda.

— Pare com isso — eu dizia.

— Parar com o quê? — ele devolvia, apesar de saber exatamente o que estava fazendo.

— Você está com uma cara de idiota. — Eu sorria.

— Será que um homem não pode demonstrar que está apaixonado? Isso é permitido na sociedade contemporânea?

— Sim, mas você está com cara de idiota.

E ele estava mesmo. Era uma expressão sonhadora, quase bêbada.

— É estranho — Henry costumava dizer. — É como se eu houvesse tido um infarte e todas as bordas das coisas tivessem desbotado até que só sobrasse você ali. E você se torna o éter, todos os elementos no ambiente viram pó, tudo são partículas, e eu estou na presença do amor e não consigo acreditar nisso, que é você quem está ali, eu não consigo acreditar que a encontrei, que você me encontrou também e que é mesmo verdade que você me ama, que você sente o mesmo que eu. É realmente incrível que eu não me estatele no chão e me machuque sempre que me dou conta de tudo isso. Sim, o amor fez com que eu infartasse. Sou uma vítima de infarto e estou com essa cara de idiota. Eu amo você.

Henry tinha essa tendência a ter esses pequenos rompantes verbais sobre o amor. No início do nosso namoro, os rompantes eram breves, tipo “eu amo você e quero passar o resto da minha vida ao seu lado”. Porém, com o tempo, Henry passou a necessitar de mais palavras para falar

sobre o amor e como me amava.

E esses eram os meus medos. Quanto maior era a quantidade de versões de Henry que eu perdia, mais versões de mim mesma eu perdia também. Eu amava aquela versão, a versão que Henry havia inventado quando me observava enquanto eu estava trabalhando, a versão que inventara quando nos vimos pela primeira vez em uma cozinha lotada, a versão que tinha perdido a carteira, ficado presa do lado de fora de casa louca para ser beijada, a versão que saía do carro no meio de um engarrafamento para lhe contar que estava grávida, a versão que tinha certeza de que morreria no parto, a versão que tivera um aborto, a versão que ele erguera de uma banheira vazia e colocara na cama.

Para onde essas versões de Heidi haviam ido? Será que haviam se perdido para sempre?

Mas ali, na presença daquela montanha, enquanto o sol se punha em tons de roxo-escuro que emergiam junto ao céu que se tornava negro no alto, me dei conta de que todas as vezes em que eu voltava para o presente — na maioria das vezes, por causa de Abbot — eu me tornava mais forte. E talvez o Henry da Heidi não houvesse ido embora, mas em vez disso ainda continuasse ali, só que mais resistente. E se Julien realmente me amasse e eu sentisse o mesmo? E se houvesse mais versões de mim e eu as estivesse calando?

Por fim, Charlotte se levantou, as velas queimando aos seus pés, e disse:

— Desculpem. Não fui atingida por nenhum tipo de propósito nem nada do gênero, mas sinto muito por ter colocado todas vocês nesta situação.

Todas começaram a falar ao mesmo tempo. As palavras foram extravasadas. Minha mãe disse que amava Charlotte e que era claro que ela não tinha a intenção de engravidar. Eu acrescentei que era isso que uma família oferecia para os seus membros. Estávamos lá para o que ela precisasse. Até mesmo Elysius começou a dizer alguma coisa, mas Charlotte ergueu as mãos e nos interrompeu.

— Vocês não precisam me falar tudo. Já entendi. E também me dei conta de que amo Adam Briskowitz, mas não estou *interessada* nele no momento. Adam está tirando o meu foco. Então é melhor deixá-lo ir embora.

Elysius olhou para Charlotte. Ela se levantou e disse:

— Eu já tenho um bebê. Pode ser uma coisa que ninguém mais entende de verdade, mas o seu pai é o meu bebê. Eu o protejo, cuido dele e faço de tudo para que se desenvolva como artista. É por isso que não fiz um bom trabalho ao criar você, Charlotte. Estou criando o seu pai.

Charlotte assentiu. Percebi que aquelas palavras faziam todo o sentido do mundo para a minha irmã, apesar de serem difíceis de ouvir. Aquela era a verdade. E finalmente ela estava conseguindo expressar algo que sentia havia anos.

— Heidi fará um trabalho melhor. A casa dela pode se tornar um lar. E sinto muito pelo que eu falei mais cedo, sobre você estar tentando ressuscitar os mortos.

— Está tudo bem — eu lhe disse.

Elysius olhou para a minha mãe.

— Era isso que deveria acontecer aqui?

Minha mãe, por sua vez, olhou para Véronique.

— *C'est clair?* — indagou

Véronique. Minha mãe traduziu:

— Isso não parece claro para você? Claro como o dia?

Elysius colocou as mãos na cintura e respirou fundo.

— É, parece.

— Então sim — respondeu minha mãe. — Era isso que deveria acontecer.

— Então você ainda quer isso, Charlotte? — perguntei. — Você quer mesmo morar comigo e com Abbot?

Ela sorriu.

— Sei que será difícil. É pedir muito de você e de Abbot. O que quero dizer é que morar com vocês é o que eu mais quero.

— Também quero isso.

— E eu também — disse Elysius e em seguida acrescentou sem mais delongas: — Posso ir para a cama agora? Estou morta.

— É mesmo — concordou Charlotte. — Posso ir para a cama?

Minha mãe olhava novamente para a montanha. Véronique assentiu. Minha mãe lhes deu permissão com um leve aceno. Mais uma vez, ela agia como a matriarca.

— Abbot também precisa ir para a cama. — Apontei para a cabeça dele sobre a minha barriga.

— Vou levá-lo comigo — Charlotte ofereceu.

Sacudi levemente um dos ombros de Abbot e sussurrei seu nome. Ele se sentou e esfregou os olhos. Charlotte lhe deu a mão e eu empurrei seu traseiro, de forma que ele logo ficou de pé e começou a mancar, sonolento, em direção à casa. No caminho, ouvi Charlotte dizer:

— Tio Abbot. Você gosta de ser chamado assim ou prefere o nome completo, Tio Abbobado?

*P*ensei em me levantar e seguir Charlotte e Abbot para dentro da casa. Eu já tinha recebido uma espécie de resposta. Eu não estava sentindo, me conectando, deixando que as decisões se formassem? Fiquei de barriga para cima, me apoiei sobre os cotovelos e olhei novamente para a casa dos Dumonteils, que estava às escuras. Então me virei e olhei para minha mãe e Véronique.

— A caixa — lembrei.

Minha mãe olhou para Véronique e em seguida se abaixou, pegando uma sacola de lona com duas alças largas que estava posicionada ao lado de sua cadeira. Ela colocou a mão lá dentro e tirou justamente a caixa.

— Esta aqui?

— Você a encontrou.

— Sim. Eu a encontrei na minha mesa de cabeceira. Era como se ela estivesse pacientemente esperando por mim durante todos esses anos. Ou talvez você tenha algum envolvimento nisso?

— É, pode ter a minha mão nessa história — concordei. — Você olhou o que tem aí dentro?

— Não. Sei o que há dentro desta caixa.

— A caixa é para você, Heidi — informou Véronique. — É um presente para você. Sua mãe a escondeu durante todos esses anos.

— Um presente para mim?

Minha mãe me passou a caixa.

— Abra.

Eu a peguei das mãos dela, soltei o pequeno trinco e abri a caixa. Lá dentro havia papéis, alguns dobrados em três metades, papéis cor-de-rosa e também pedaços de folhas de caderno. Peguei um dos cor-de-rosa, o desdobrei e encontrei meu monograma grafado em uma letra elegante no topo — o papel de carta da minha infância. Aquelas eram as cartas que eu escrevera para a minha mãe durante o verão perdido.

— Mas eu nunca coloquei estas cartas no correio — retruquei.

— O seu pai as encontrou e enviou para mim em um grande envelope.

— Isso era particular — reclamei.

— Seu pai estava desesperado — explicou minha mãe. — Ele teria tentado qualquer coisa. Eu me virei para Véronique:

— Achei que você tinha dito que esta caixa estava cheia de cartas de amor.

— Essas são cartas de amor — ela insistiu.

Dei uma olhada no conteúdo da caixa e peguei um dos papéis brancos. Era uma receita escrita em francês com um garrancho. O papel estava respingado de óleo na forma de manchas translúcidas. *Tarte Citron* estava escrito no alto da folha, sublinhado duas vezes. Aquela não era a letra da minha mãe.

— Quem escreveu isto aqui? — perguntei.

— Isso é o que eu estava deixando para trás. Foi difícil partir, e naquele outono tentei fazer todas as receitas dele, mas nenhuma deu certo. Nada tinha o mesmo gosto. Por fim, desisti.

— Ele era confeitoiro?

Ela assentiu.

— Você o amava?

— Eu o amava com todo o meu coração.

— Mas você voltou para casa.

— O seu pai teria sobrevivido. Talvez, depois de algum tempo, ele acabasse sendo feliz. E Elysium não precisava tanto de mim quanto você, ou não precisava das maneiras que eu

conseguia reconhecer naquela época. Quando fui embora, ela meio que aprendeu a cuidar de si mesma. Ela cresceu, aprendeu a se virar sozinha. Mas você ainda era muito jovem. Você precisava de mim.

— Mas você realmente o amava. Talvez pudéssemos ter feito a coisa funcionar. As crianças são resistentes. Pelo menos é o que dizem, não?

— As portas do seu coração estavam abertas — disse Véronique. — Leia as cartas.

— Heidi, se você estivesse no meu lugar, também voltaria para casa — declarou minha mãe.
— Seu amor era mais forte do que qualquer outra coisa neste mundo.

— Foi forte o suficiente para colocar fogo em uma montanha! — lembrou Véronique.

— Leia as cartas — minha mãe também insistiu. — Você sabia muito sobre o amor.

— É interessante como esse estranho, esse homem que sua mãe amou, transmitiu para você a arte da confeitaria — comentou Véronique. — Ele passou para sua mãe a ideia de que os doces são amor e o amor é doce, e ela, por sua vez, passou esse mesmo conceito para você. E é exatamente onde está esse amor que é a sua casa. Dentro de você.

— Por que você escondeu a caixa aqui? — perguntei para a minha mãe.

— Eu enchi esta caixa com o amor que deixei para trás e com a razão pela qual voltei para minha casa, ou seja, você. Você era o amor para o qual eu estava retornando. Essa era a minha história de amor, a história de amor que a casa me deu. Por isso achei que a caixa pertencia a este lugar.

— Oh — suspirei e fiquei em silêncio por um momento enquanto minha mente tentava digerir tudo aquilo. — Se você não tivesse se apaixonado por esse homem, se eu não tivesse escrito as cartas, se o papai não as tivesse enviado em um ato de desespero, então você não teria voltado para casa e começado a preparar doces, eu não teria seguido você pela cozinha naquele outono, eu não teria me apaixonado pela confeitaria, não teria ido para a escola de gastronomia e não teria conhecido Henry.

— Jamais pensei nisso exatamente dessa forma — refletiu minha mãe —, mas é verdade.

— Mas você poderia ter uma vida aqui, uma vida diferente — insisti.

— Eu não me arrependo, Heidi. Nem mesmo por um segundo.

Eu equilibrava a pequena caixa chamuscada sobre meus joelhos. Respirei fundo e olhei para a montanha.

— Observar a montanha lhe trouxe alguma resposta, Heidi? — Véronique me perguntou.

— Sim. Estou me apaixonando por um dos seus filhos, por aquele que não tinha um pula-pula.

Li as cartas que escrevi para a minha mãe durante aquele verão perdido. Tudo que escrevi com minha letra de menina de treze anos era simples, belo e honesto. *Volte para casa. Volte para casa. Volte para casa*, escrevi. *Se você não voltar, não vou deixar de amar você. O amor que sinto por você é eterno.*

Quando dobrei as cartas e as coloquei dentro da caixa chamuscada junto com as receitas e a fechei com o pequeno trinco, pensei: *E se as coisas que eu pensava sobre o amor tivessem mesmo algum fundo de verdade?*

O amor é infinito. A tristeza pode levar ao amor. O amor pode levar à tristeza. A tristeza é uma história de amor contada de trás para a frente, da mesma forma que o amor também é uma história triste contada do fim para o início. Toda boa história de amor tem *muitos* outros amores escondidos dentro dela.

Ou talvez eu devesse colocar a questão da seguinte forma: imagine um desses globos com neve falsa. Imagine a casinha minúscula coberta de neve dentro dele. Porém, desta vez, a mulher está diante da janela e não há nenhuma tela para protegê-la. Ela escancara essa janela.

E essa não é uma casa obstruída pela neve. Na verdade, a neve nem é de verdade. Nunca foi.

Na verdade, essa neve são borboletas brancas, com suas asas alvas pontilhadas por manchinhas pretas, uma bela tempestade delas.

E a casa não é um lugar silencioso. Ela está repleta de vozes, conversas, gargalhadas, pessoas que chamam umas às outras por cima do som do rádio. A voz de seu amado está ali. A voz do seu filho. Em algum lugar, em um dos quartos do segundo andar, um bebê acorda e começa a chorar. Os pés de uma jovem mãe tocam os degraus e mais que depressa ela sobe a escadaria.

Desta vez, a mulher não está sozinha. Muito pelo contrário.

A neve-que-não-é-neve-mas-na-verdade-são-borboletas-brancas faz com que ela se lembre de seu marido quando era apenas um garotinho, pedalando sua bicicleta por uma estrada do interior ladeada pelos imensos Pirineus brancos, uma avalanche de uma alegria tão simples e ao mesmo tempo tão profunda. E a lembrança de seu marido quando criança a fez pensar em seu filho, e o filho a faz pensar no marido, e ela deixa que as borboletas brancas flutuem para dentro da casa até que os cômodos fiquem repletos do borrão de suas asas.

Decidi me afastar, mas logo em seguida voltei. Liguei para o celular de Julien, mas não fiquei surpresa quando a minha ligação caiu direto na caixa postal. Jamais o vira atender o telefone na minha presença. Isso não fazia o gênero dele. Véronique me contou que ele havia ido para Marselha. Lembrei que Julien fizera a mesma coisa depois de se separar de Patricia, para passar um tempo com Gerard, o solteiro conquistador.

— Ele foi para a casa de Gerard? — perguntei para Véronique.

— Não tenho certeza — ela me disse, mas mesmo assim escreveu o endereço de Gerard em um pedaço de papel e me entregou.

Minha mãe me prometeu tomar conta de Abbot caso ele acordasse no meio da noite e perguntasse por mim.

— Ele vai ficar bem — garantiu ela. — Não se preocupe. Vá logo.

Marselha ficava a cerca de uma hora de nossa casa e logo eu estava dentro de nosso carro alugado, dirigindo pelas estradas estreitas e sinuosas, acompanhada pelo canto das cigarras até chegar à rodovia. Não liguei o rádio. Apenas dirigi em silêncio, torcendo para ainda estar sentindo a força da montanha, prendendo-me com todas as forças às respostas que ela me deu, rezando para que a determinação fosse mesmo duradoura.

Peguei a saída para Marselha e, usando um dos velhos mapas de Véronique, encontrei o prédio de Gerard. Estacionei em uma vaga mais para o final da rua. Era uma noite fria, um pouco nublada e parecia que ia chover. O trânsito ainda estava bem intenso. A cidade estava movimentada, apesar de já ser tarde. Afinal, Marselha era uma cidade portuária, estava sempre agitada. Fui até a entrada do prédio e, diante de uma série de campainhas, encontrei a única que trazia o nome de Gerard. Por sorte, ele era o único com esse nome em todo o edifício, já que eu jamais perguntara qual era o seu sobrenome. Apertei o botão e ele logo abriu a porta, sem nem mesmo querer saber quem era. Subi as escadas até o terceiro andar. Uma porta no final do corredor se abriu com um estalo.

Enquanto me aproximava, eu disse:

— *Allô? Bonjour?*

A porta foi escancarada e vi um homem — alto e desengonçado, sardento e totalmente nu exceto por uma toalha amarrada na cintura. Ele falava no celular e procurava alguma coisa dentro da carteira.

— *Excusez-moi* — comecei. — *Je cherche pour Julien Dumonteil?*

Ele olhou para cima, fechou a carteira e tirou o telefone da orelha.

— Heidi?

— Sim. Gerard?

— Pensei que você fosse o entregador de comida chinesa — ele me explicou em inglês. Sorriu para mim e desligou o telefone sem dizer nem uma única palavra para a pessoa do outro lado da linha. Seria algum amigo? A mãe dele? — Você quer ficar para jantar?

— Na verdade estou procurando Julien. Ele está por aqui?

— Você deixou esse homem muito triste — disse Gerard. — Ele estava aqui, mas agora não está mais.

— Aonde ele foi?

Gerard deu de ombros.

— Ele é um homem que não dá explicações.

— Você não sabe para onde ele foi?

— Fique para jantar. Vou me vestir. — Gerard abriu um sorriso sem graça. — A comida chinesa já vai chegar. Talvez Julien volte.

— Obrigada. É um convite muito gentil, mas terei que recusar. — Eu me virei e fui em direção às escadas.

— Heidi — Gerard gritou.

— Sim?

— Espero que você tenha vindo com bondade no seu coração. Ele precisa de um pouco de bondade.

Assenti e desci as escadas correndo. Abri a porta do prédio e parei na calçada, sem ar. Uma jovem caminhava depressa rebocando um cachorrinho pela coleira.

O cão olhou para mim e abanou o rabo. Olhei para o céu e, a distância, vi o brilho da torre de uma catedral. Seria a Notre-Dame de la Garde, a catedral sobre a qual Julien havia falado? Ela fica no topo de um monte e sua torre dos sinos, coroada pela estátua de ouro, parecia quase perdida no céu nublado.

Decidi dirigir até lá, mas, enquanto seguia pelas ruas tortuosas, perdi a torre de vista por um momento, pois minha visão foi bloqueada por uma multidão de edifícios. Por fim, virei em uma esquina e ela estava bem diante de mim. Parei em um estacionamento cercado por pedras, e lá estava o conversível do pai de Julien com a capota quebrada. Estacionei ao lado do conversível e desliguei o carro. Imaginei se Julien já tinha decidido me esquecer. Ele já sofrera o suficiente. Talvez já fosse tarde demais.

Ainda assim, saí do carro. Comecei a subir os degraus de pedra, um após o outro, dezenas deles. Lá em cima, encontrei uma plataforma. Olhei para a igreja e finalmente pude ver a estátua sobre a torre dos sinos — a Madona e o Menino Jesus retratados em um ouro quase iridescente.

Ouvi o meu nome. Eu me virei e lá estava ele. Julien, sozinho, de pé junto a um muro de pedra. Atrás dele estava a cidade lotada, que se espalhava a distância, o porto imenso e escuro com seus guindastes e navios de carga, e por fim o mar, esparramando-se até o infinito.

Fui até ele. O vento bagunçava nossos cabelos e inflava as blusas. Os olhos dele estavam molhados, brilhantes.

— Está um pouco nublado — comentei. — Acho que vai chover.

— Você veio até aqui para me falar sobre o tempo?

— Você está dirigindo um conversível com a capota quebrada. Achei que gostaria de saber.

Eu estava sem ar de subir as escadas e sendo chicoteada pelo vento. Ele chegou perto de mim, muito perto. Eu podia até mesmo sentir seu hálito quente. Ele passou os braços ao redor da minha cintura e me beijou. Aquele, entretanto, não foi o beijo suave e doce do dia das lanternas de papel. Em vez disso, senti o beijo correr pelo meu corpo, fazendo com que eu me inclinasse para trás. Ele me ergueu do chão, ainda me beijando. Segurei seu rosto entre as minhas mãos. Quanto tempo aquilo durou? O tempo não existia mais. Devagar, deslizei junto ao corpo dele e meus sapatos tocaram novamente o chão.

— Comprei uma coisa para você. — Ele pôs uma das mãos no bolso e escondeu algo entre os dedos fechados.

Peguei a mão de Julien, virei-a e abri os dedos um por um. E lá, bem na palma da mão dele, estava um pequeno prendedor de cabelo de plástico. Era vermelho e tinha uma flor.

— É para mim?

Ele ergueu uma das mãos, afastou uma mecha de cabelo do meu rosto e prendeu-a com o prendedor.

— Você quer tentar? — perguntei.

— Vai ser complicado.

— Tudo é complicado. Eu prefiro que a vida seja complicada com você do que complicada sem você — eu disse.

— Temos filhos. Moramos em continentes diferentes — insistiu ele.

— E essa nem é a parte mais difícil.

— E qual será a parte mais difícil? — Ele me envolveu em seus braços. Apoiei a cabeça em seu peito e ouvi o coração. Ele descansou o queixo sobre o meu cabelo.

— Não sei se isso é justo — eu falei.

— Do que está falando?

— Você precisa saber que sempre amarei Henry.

— Mas isso que é bom em você. Você sempre amará Henry. Ele é parte de você. E eu quero amá-la por inteiro.

— Vamos praticar a alegria — sussurrei. — Vamos tentar viver um pouco.

Há mais um pequeno milagre.

É verão de novo. Charlotte está levando a bebê — uma garotinha de três meses chamada Pearl — para tomar banho na banheira. A bebê é linda, tem os olhos de Charlotte. Julien está de pé na janela dos fundos, olhando Abbot, que está desenhando andorinhas no gramado próximo às escavações junto com Frieda, que ficará conosco durante o verão. Patricia e Pascal estão passando por maus bocados. Julien passou vários períodos conosco na Flórida ao longo do ano e, quando Frieda não estava com a mãe, ela acompanhou o pai em suas visitas. Tudo foi mais complicado — ou complexo, devo dizer? — do que jamais poderíamos imaginar. Por que nós iríamos querer que fosse simples?

E eu estou preparando doces na cozinha, que tem um fogão novo em folha, mas ainda não recebeu móveis novos. Não sei se essa reforma será mesmo concluída algum dia. Mantenho o antigo. Acrescento o novo. Não tomo decisões. Simplesmente escuto. É um processo lento — e o gado e a terra pacientes. Neste exato momento, toda a casa cheira a bolo e isso por si só já é uma reforma, uma renovação.

Logo, Elysium, Daniel, minha mãe e meu pai chegarão. Meu pai verá este lugar pela primeira vez. Meus pais ficarão com o quarto número quatro, que pintei de marfim para agradar minha mãe.

Charlotte, com a bebê no sling, passou a manhã na cozinha com Véronique preparando nossa refeição. E eu fiquei responsável pela sobremesa, como deve ser. Usei as receitas da caixa chamuscada tantas vezes na Loja de Bolos ao longo deste ano que nem preciso olhar mais para elas. As receitas estão dentro de mim, profundamente enraizadas, e mesmo enquanto preparo estas tortas faço pequenas mudanças, alguns ajustes e variações. Voltei a fazer bolos de casamento uma vez ou outra, mas Charlotte diz que jamais prepararei um para ela e Adam. Eles são pais — muito bons, por sinal — e os melhores amigos, mas não estão mais namorando. A pressão foi demais para eles.

— Talvez um dia? — certa vez perguntei para Charlotte, mas ela apenas deu de ombros.

Adam chegará na metade do verão e passará um mês conosco. Por ora, entretanto, somos esta estranha família de seis membros, que tenta fazer desta a nossa casa, mesmo que apenas durante o verão. E eu posso dizer que todos os dias me dou conta de que Charlotte é uma mãe inacreditável. De fato, ela é uma mãe paciente e graciosa, dotada de uma elegância atemporal. Chega a ser irônico pensar que, no fim das contas, ela se tornou *sempre elegante*.

Ouvimos uma batida na porta da frente, três pancadas bem escandalosas — uma batida de policial, como Henry costumava dizer. Ninguém usa a porta da frente.

— Eu atendo — informa Julien.

Fico tão curiosa que preciso segui-lo, apesar de estar com as mãos cobertas de açúcar de confeitiro.

Julien abre a porta e do lado de fora está o policial da delegacia de Trets com quem falamos no verão anterior. Ele ainda usa suéter e traz uma mala com rodinhas.

— *Allô!* — ele nos cumprimenta.

— *Bonjour* — responde Julien.

— Vocês dois estão juntos. — O policial nos lança uma piscadinha. — Eu disse que os dois ficariam juntos e vocês não acreditaram em mim. E olha só, agora estão juntos mesmo, não é?

Olho para Julien.

— É, agora estamos juntos.

Convidamos o policial para entrar. Ele puxa a mala para dentro. Está toda amassada, com a pintura desbotada, gasta. Mesmo assim, o homem parece triunfante.

— Isso é seu? — ele pergunta.

— Acho que sim — respondo.

Charlotte surge do banheiro com o rosto úmido, carregando a bebê muito bem envolvida em uma manta fina.

— Quem é esse?

— Você pode chamar Frieda e Abbot? Eles estão lá atrás, no gramado — peço.

Ela faz que sim com a cabeça e sai rapidamente da sala. Ouço sua voz chamando as crianças da porta dos fundos.

— Encontrei isso aqui e lembrei de você — informa o policial. — Você é amiga da Daryl Hannah, não é?

— Não. Na verdade, eu nunca falei isso.

O homem solta um suspiro.

— Bem... — Ele fez um gesto como se tentasse afastar essa informação de sua mente. — Isso foi roubado de você pelos ladrões, não é mesmo?

Abbot e Frieda entram correndo na sala, veem o policial e congelam.

— *Bonjour* — diz o policial em um tom muito formal.

— *Bonjour* — os dois respondem em uníssono.

Charlotte também entra na sala dando tapinhas nas costas da bebê.

— O que está acontecendo? Essa por acaso é a sua mala,

Abbotado? Abbot olha para mim.

— Essa é a minha mala?

— Acho que sim — respondo.

O policial me passa a mala. Como minhas mãos estão cobertas de açúcar, Julien a pega e a deita no chão para que Abbot possa ver seu conteúdo. Ele se abaixa e Frieda se senta no chão cruzando as pernas. Seus cachos frisados balançam ao redor da cabeça.

— A mala foi deixada no acostamento da estrada e ficou lá o ano todo. Mas foi encontrada e me lembrei de um detalhe! — explica o policial. — Você colocou uma estrela ao lado de um dos itens da sua lista. E eu não me esqueci dessa estrela!

Abbot puxa o zíper da mala imunda e a abre. As roupas cheiram mal. Estão secas, porém mofadas. Frieda tapa o nariz, sacode a cabeça e se afasta correndo. Abbot, entretanto, revira as roupas até achar o que está procurando.

— Mamãe, ainda está aqui! — Ele tira o dicionário de dentro da mala. A lombada está empenada e a capa toda ondulada. O papel secou, mas inchou um pouco. Abbot abre em uma das páginas que contêm inscrições feitas por Henry, borradas, mas ainda legíveis.

— *Le dictionaire!* — declara o policial, sorrindo de orelha a orelha. — Ele foi descoberto! Frieda olha para Abbot, confusa.

— O dicionário tinha desaparecido — ele explica a ela. — É um livro muito especial e tinha desaparecido, mas agora voltou para a nossa casa!

E esta é mesmo a nossa casa. *Casa*. O dicionário voltou para casa, da mesma forma como minha mãe havia voltado para nós naquele verão, assim como as cartas que eu escrevera para ela, assim como cada pequena tristeza — que de forma estranha e quando menos esperamos — podem voltar a se tornar alegria.

Julien passa um dos braços ao meu redor e eu agarro a parte da frente de sua camisa com um dos punhos.

— É um presente — ele diz. — Vocês devem aceitá-lo.

— Tudo isso é um presente — eu completo. — Tudo isso.

Le fin

Agradecimentos

Gostaria de agradecer aos moradores de Puyloubier por sua hospitalidade e paciência inacreditáveis, em especial aos lindos e generosos Laurent e Jerome, cuja benevolência está além de qualquer medida. Gostaria de agradecer a uma dupla glamourosa, o prefeito e sua esposa, Frederic e Beatrice Guinieri, e a J.F. por sua graciosidade. Elizabeth Dumon, obrigada por responder a todas as minhas perguntas sobre suas maravilhosas casas, terras, vinhedos e escavações galo-romanas, assim como sua fantástica cozinha. Obrigada por ser tão gentil com as várias gerações da minha família. Kevin Walsh, apreciei muito todas as informações sobre escavações arqueológicas e seu importante trabalho de campo. Obrigada, Melina, por organizar tudo, e Eric, por ser um homem de ação. E, após o roubo, contamos com a generosidade de Helene Mitchell e seu marido, o sábio Brit. Obrigada. (Queria aproveitar a oportunidade para agradecer seu convidado para o jantar, Neal, que me causou uma impressão profunda e duradoura, dando-me uma responsabilidade que passarei a vida inteira tentando cumprir.) Um “olá” muito agradecido para a polícia de Trets! E sim, Bastien, nosso filho extraocasional, obrigada pelas aulas! Jacob Newberry, obrigada pela ajuda nas traduções. Frankie Giampietro, obrigada por me fazer confiar em você e em sua mente brilhante. Obrigada à Universidade Estadual da Flórida. Magaret Kyle, obrigada por suas ideias a respeito de confeitaria artística — a combinação de comida e amor. Linda Richards, chef confeitadeira sênior, obrigada por permitir que eu entrasse no mundo da Loja de Bolos, um belo lugar para sonhar. E obrigada às crianças que me deram seu ponto de vista — Ph., F., T., O. e Lola. E, como sempre, obrigada a David. Deixe-me dizer de novo: sim.

Obrigada, Nat Sobel. *Il faut d’abord durer!*

E obrigada, mais do que qualquer outra pessoa, a Caitlin Alexander, minha editora de alto nível. Estou em débito com você. Obrigada por todo o amor e carinho que você adicionou à feitura deste livro.

O jantar de família de Provence, o lugar onde se curam corações partidos

RECEITAS INCLUSAS!

DE BRIDGET ASHER

“Um poema começa com um bolo na garganta, uma sensação de erro, uma saudade de casa, uma dor de amor”, escreveu certa vez Robert Frost. Eu queria explorar a dor de amor, do tipo que acalentamos com tanto apreço porque está relacionada com algo que perdemos. Entretanto, eu não queria escrever um romance que parecesse ter um final. Queria escrever um romance sobre criar um novo começo. É por isso que *Provence, o lugar onde se curam corações partidos* é na verdade composto por duas histórias de amor cujo pano de fundo é uma casa que, por sua vez, é famosa por suas histórias de amor — atos de devoção, milagres do coração e curas para os que estão despedaçados. E devido ao fato de o livro começar com uma sensação de saudade, era meu dever transmitir esse sentimento por meio da linguagem e da minha própria experiência com esse anseio.

Uma das formas que encontrei para fazer isso foi por meio dos sentidos — principalmente o paladar. Eu queria escrever sobre comida, porém, não apenas sobre isso, mas também sobre família, cultura, história, arte e, talvez, mais do que qualquer outra coisa, sobre uma dose de vitalidade. Neste romance, Heidi calou seus sentidos no intuito de sentir menos, de sofrer menos. Quando seus sentidos começam a retornar, um dos mais fortes é o paladar. Afinal, ela está na França, onde o paladar é exaltado.

Uma olhada rápida na página de agradecimentos revela o quanto deste romance foi inspirado em eventos da vida real. (Mas deixem-me acrescentar que meu marido está vivinho da silva e passa muito bem.) Passamos seis semanas na França enquanto eu fazia pesquisas para este romance — levamos também nossos filhos, um dos quais tinha por volta da idade de Abbot e a outra a de Charlotte. Vi Paris e o sul da França pelos olhos deles. Foi a minha filha quem cunhou a frase “grafite antigo”. Foi meu filho que acidentalmente correu em direção à redoma de acrílico na cripta de Maria Madalena, machucando a cabeça. Encontramos vários caracoizinhos brancos, javalis e lanternas feitas com globos de papel no Dia da Bastilha, presos em gravetos que as crianças carregavam pelo pequeno vilarejo de Puylobier. Também fomos furtados, evento seguido por uma tempestade torrencial, e, sim, também houve uma andorinha ferida.

Porém, o que é essencial para este romance é o papel central ocupado pela comida — sejam as sobremesas que Heidi preparava junto com a mãe depois daquele verão perdido, a arte da confeitaria à qual ela não conseguia retornar ou as refeições que Véronique lhe ofereceu.

A criação de uma refeição pode começar como um dos poemas de Frost e também como um romance — *como um bolo na garganta, uma sensação de erro, uma saudade de casa, uma dor de amor*. E, quando você se volta para uma receita, esse também é um desejo de recriar não só uma refeição, mas também, às vezes, um momento, uma sensação.

A casa da família na Provence, tão cheia de amor neste romance, foi construída na minha imaginação porque fiquei totalmente encantada pela casa de Elizabeth Dumon. Elizabeth gerencia uma pousada em Bastide Richeaume, que fica aos pés do Monte Sainte-Victoire. E foi

lá, na sala de jantar de Elizabeth, que foram servidas para Heidi as refeições cruciais deste romance.

Alguns tempos depois que voltamos da França, quis retornar para aquelas refeições. Mande um e-mail para Elizabeth, mas ela não conseguiu colocar suas receitas no papel. Os pratos existem na cabeça de Elizabeth, eu presumo, ou talvez sejam mais uma sensação, algo que ela aprendeu na prática, de cor.

Esqueci o assunto por um tempo, convencida de que não era mesmo possível retornar a um momento, um sentimento.

Mas acabei ficando inquieta novamente. Desta vez, fui atrás de Eric Favier, proprietário do Chez Pierre, um dos mais conceituados restaurantes franceses de Tallahassee, na Flórida. Eu tinha encontrado Eric algumas vezes antes de decidir me aproximar dele enquanto meu marido e eu comíamos no Cheese and Chocolate Bar localizado dentro do Chez Pierre. Essa experiência envolve um monte de queijo e chocolate que fui obrigada a consumir (de extrema boa-vontade) enquanto bajulava Eric para que compartilhasse comigo algumas receitas.

Um dia após meu pedido, as receitas chegaram: uma tapenade, um frango à provençal e batatas Asterix. Também tentei preparar algo que provei no Cheese and Chocolate Bar do Chez Pierre — uma redução balsâmica que acompanha queijo brie e pão.

Eric nasceu na França. Seu inglês é fortemente marcado por sua língua natal. Quando recebi as receitas, ainda havia algum trabalho de tradução a ser feito. Um *robot coupe*? Verso em uma tigela? Eric também é um chef francês com trinta anos de cozinha e deixou de fora suas explicações de detalhes importantes porque achava que nós já saberíamos essas coisas devido ao hábito. Ele mede o sal com a palma da mão. Ele nunca explica as quantidades nem os graus. Três colheres de sopa e mexer até a fervura? Isso é conversa de amador. Como sou amadora, tive que interrogar Eric em busca de um monte de esclarecimentos.

À medida que a data em que eu pretendia preparar a refeição se aproximava, mencionei o projeto para outras pessoas com uma antecipação nervosa. Conte sobre meus planos para Linda Richards, chef da minha confeitaria preferida, a Loja de Bolos, lugar no qual (com o consentimento de Linda) me baseei para criar a loja de Heidi, que tem o mesmo nome. Linda me enviou então algumas receitas de sobremesas para que eu tentasse preparar.

Enquanto buscava meus filhos na escola, conversei sobre o projeto com a diretora, Betsey Brown. Descobri que a mãe de Betsey tinha uma receita simples de família que herdara de sua avó: frango com molho cremoso. Pareceu apropriado para honrar a tradição familiar de *Provence*, o lugar onde se curam corações partidos tentar uma fácil receita provençal que é repassada há quatro gerações. Acrescentei essa receita de sua mãe, Sara Wilford, ao meu menu.

Eu também estava determinada a recapturar a atmosfera de nossas refeições provençais originais. Nossa casa não está equipada com nada parecido com a sala de jantar dos Dumons, onde minha família certo dia havia comido aquela mesma refeição, então decidi que deveríamos comer ao ar livre. Enquanto a comida estava no fogo, meus filhos me ajudaram a montar a mesa e as cadeiras, que não combinavam entre si exatamente como as da casa da família de Heidi no romance. Meu filho de três anos colocou flores em um vaso. Minha filha tirou fotos.

Assim que nos sentamos para comer, uma amiga apareceu com um dos filhos. No passado, ela

era banqueteira e quase serviu o presidente Richard Nixon (que no último minuto acabou não aparecendo no jantar porque sua filha entrou em trabalho de parto e ele e a esposa tiveram que correr para o hospital). Leona Helmsley também se juntou a nós (e insistiu para que minha amiga lhe contasse quantas vezes ela havia enrolado sua spanakopita, uma torta de espinafre, um prato típico grego que ela havia levado para nossa refeição). Assim, tivemos uma pequena festa, com meus filhos mais velhos, minha filha, meu bebê de três anos, uma boa amiga e seu filho, meu marido e nosso cachorro, um collie que adora filar uma boia.

A tapenade estava exatamente como eu me lembrava. O azeite trufado deu notas exóticas às batatas que eu jamais conseguira atingir antes. O frango estava totalmente diferente, mas delicioso à sua própria maneira. E o melhor de tudo foram os borrifos da redução de balsâmico, que fizeram com que o brie cremoso estalasse. O frango com molho cremoso ficou dos deuses. E as sobremesas estavam maravilhosas. As rosas, tão populares na Provence, estavam frescas, com uma fragrância levemente frutada. Até mesmo o tempo se assemelhava ao da Provence, pois aquele foi um dos raros dias secos na Flórida, com sol e uma brisa gostosa.

Se recriei a refeição que inspirou o momento crucial de Heidi no romance? Não exatamente. Em vez disso, aquela foi uma tarde estranha e maravilhosa que passamos no jardim da minha casa em cadeiras descombinadas, com meu bebê de três anos dando as migalhas de seu prato para o collie, com meus filhos mais velhos, minha amiga, Dave e eu falando todos ao mesmo tempo sob a sombra fresca de nosso pinheiro típico da Flórida.

Ainda assim, a tentativa de recriar aquele momento satisfez algo em mim. Em primeiro lugar, não é apenas a comida que cria uma refeição e também não foi ela o único elemento que fez com que aquela tarde permanecesse na minha cabeça. A comida não é só comida. Aquela ocasião teve a ver com desacelerar um momento na vida, associando-o a aromas e sabores e permitindo que ele se expandisse. Sei que aquela refeição realizada no meu gramado — criada a partir da saudade, da dor de amor, da saudade de casa, de um bolo na garganta — se tornou uma memória que vai perdurar.

Na verdade o que permanece em minha cabeça é a imagem de todos nós sob o sol brilhante, levando os pratos, a mesa e as cadeiras que não combinavam para o gramado, sentindo-nos completos e felizes. As luzes se acenderam em nossa casa e um novo tipo de comoção tomou conta de todos quando Dave e as crianças começaram a lavar a louça. Antes de trancarmos as portas para ir dormir, chamei o cachorro, que estava farejando lagartos nos canteiros de lírios, e ele veio até mim saltitando pelo jardim.



Receitas



POR ERIC GASTON FAVIER, PROPRIETÁRIO DO CHEZ PIERRE

TAPENADE DE AZEITONA

Coloque no seu *robot coupe* (processador de alimentos) um punhado de azeitonas de Nice (também conhecidas como Picholine) sem sementes. Adicione pimenta, alho e um pouco de pasta de anchovas. Misture até que se torne uma pasta fácil de espalhar.

FRANGO À PROVENÇAL

Corte um frango orgânico e fresco em oito pedaços (você também pode comprá-lo já cortado). Salteie os pedaços em azeite de oliva até que se tornem levemente dourados de ambos os lados.

Tempere com sal e pimenta a gosto. Adicione dois pimentões verdes e um funcho, ambos picados em cubos. Salteie até que os vegetais estejam quase macios.

Adicione seis dentes de alho inteiros, tomilho fresco e raspas de duas laranjas.

Pique dez tomates e acrescente à panela. Deixe cozinhar em fogo brando por uma hora até que o frango esteja cozido. Em seguida, adicione uma taça de vinho tinto. Deixe cozinhar também em fogo brando por mais alguns minutos. Mantenha a panela tampada até o momento de servir.

BATATAS ASTERIX COM AZEITE TRUFADO

Corte as batatas em cubos.

Ferva-as até que estejam quase macias. Seque-as e salteie em azeite de oliva até que estejam levemente douradas.

Adicione doses generosas de salsinha picada, sal, pimenta e uma colher de sopa de azeite trufado. Sirva em seguida.

REDUÇÃO DE BALSÂMICO

Essa é uma receita bastante simples. Primeiro aqueça o vinagre balsâmico até atingir a fervura. Abaixar o fogo e cozinhe até se torne um caldo grosso, o que deve acontecer em cerca de uma hora. No Cheese and Chocolate Bar do Chez Pierre, pedi a redução de balsâmico com uma dose dupla de brie cremoso e pão francês. Muito pouco é necessário para oferecer um contraponto requintado para o queijo.



UMA RECEITA PROVENÇAL REPASSADA HÁ QUATRO GERAÇÕES

POR SARA WILFORD

FRANGO À PROVENÇAL COM MOLHO CREMOSO *1 ½ COLHER DE SOPA DE MANTEIGA*

*1 ½ colher de sopa de azeite de oliva 1 frango pequeno cortado em oito pedaços
16 cebolas baby inteiras sem casca 1 xícara de creme de leite*

¼ de xícara de vinho branco

seco Farinha

Sal e pimenta

1 colher de sopa de tomilho

seco Salsinha fresca picada

Cubra os pedaços de frango com a farinha, o sal e a pimenta.

Esquente a manteiga em uma frigideira grande em fogo médio a alto e doure levemente as cebolas. Reserve. Acrescente o azeite de oliva à manteiga e aumente o fogo.

Acrescente o frango na frigideira e cozinhe em fogo médio até que a carne esteja levemente dourada de ambos os lados.

Acrescente o creme de leite, o vinho, o tomilho e as cebolas. Cubra a frigideira e cozinhe até que o frango se torne macio e cozido, o que deve levar cerca de trinta minutos. Vire os pedaços de frango pelo menos uma vez. (O molho deve engrossar levemente graças à farinha utilizada para cobrir o frango.) Transfira o conteúdo da frigideira para uma caçarola ou outro recipiente fundo, salpique com tomilho e pimenta moída na hora. Sirva com arroz.



Receitas de sobremesas



POR LINDA RICHARDS, PROPRIETÁRIA DA LOJA DE BOLOS

As receitas de bolos e sorvete da loja de Linda são um segredo de estado, de forma que não consegui reproduzi-las aqui. Mesmo assim, ela nos ofereceu estas duas receitas fantásticas, uma bem francesa e outra do fundo de seu coração.

TORTA FRANCESA DE MAÇÃ COM CREME INGLÊS **MASSA DA TORTA**

2 xícaras de farinha sem branqueadores

$\frac{2}{3}$ de xícara de gordura vegetal (fria)

2 colheres de sopa de manteiga sem sal (fria) 1 colher de sopa de açúcar

4 colheres de sopa de água gelada Misture os ingredientes secos, acrescente a manteiga e a gordura à mistura seca, em seguida acrescente a água gelada e sove até que a massa esteja homogênea.

Em uma superfície coberta por uma leve camada de farinha, abra a massa para criar um retângulo de 30 X 35 cm, transfira a massa para uma assadeira, arrume a mistura de maçãs cortadas no centro e dobre as pontas sobre elas, deixando o centro exposto. Asse no forno à temperatura de 190 °C de 45 a 90 minutos.

MISTURA DE MAÇÃS

2,5 kg de maçãs (eu uso diferentes variedades) 1 colher de sopa de dois limões mais as raspas de um limão $\frac{1}{4}$ de xícara de açúcar mascavo

$\frac{1}{2}$ xícara de açúcar cristal

1 colher de chá de canela

2 colheres de sopa de manteiga Descasque as maçãs e corte-as em fatias finas. Mergulhe-as nos açúcares, no suco de limão, nas raspas e na canela. Posicione a mistura na massa, pincele a torta com um pouco de manteiga e leve ao forno.

CRÉME ANGLAISE

2 xícaras de leite

5 gemas batidas

$\frac{2}{3}$ de xícara de açúcar

$\frac{1}{8}$ de colher de chá de sal Escalde o leite em banho-maria. Em seguida, acrescente as gemas, o açúcar e o sal. Mexa sem parar até que a mistura comece a engrossar. Enquanto esfria, dê algumas batidinhas na panela para liberar um pouco do vapor. Acrescente uma colher de chá de baunilha. Sirva quente junto com a torta de maçã.

SOBREMESA PARA OS ROMÂNTICOS (ESTA É UMA DAS RECEITAS FAVORITAS DE LINDA, QUE ELA DEDICA AOS ROMÂNTICOS. ELA A USOU PARA CORTEJAR SEU NOVO NAMORADO. EU AMO ESTA SOBREMESA PORQUE SOU FANÁTICA POR CHOCOLATE.) MASSA

1 ½ xícara de biscoito Maria picado

½ xícara de nozes pecã torradas

½ xícara de chocolate picado

6 colheres de sopa de manteiga derretida ¼ de xícara de açúcar

mascavo ¼ de xícara de açúcar

Combine todos os ingredientes em um processador de alimentos e vá pulsando até obter uma mistura homogênea. Pressione-a no fundo de uma assadeira de fundo removível e asse no forno a uma temperatura de 180 °C por 15 minutos.

RECHEIO

200g de cream cheese à temperatura ambiente ½ xícara de açúcar

1 colher de chá de baunilha

1 xícara de chocolate meio-amargo derretido ¼ de xícara de creme de leite Coloque todos os ingredientes no processador de alimentos e misture até obter uma massa homogênea. Coloque a mistura sobre a massa já fria e conserve na geladeira até servir.

Opcional: Coloque morangos e outras frutas vermelhas no alto da torta e/ou polvilhe com chocolate branco.

WEBSITES

Para aprofundar sua experiência com *Provence, o lugar onde se curam corações partidos*, explore os seguintes websites: Bastide Richeaume
www.bastidedericheume.com

Puylobier
www.puylobier.com

Pavillon Monceau Palais des Congrès
www.pavillon-monceau-etoile.com

The Cake Shop
(A Loja de Bolos)
www.tallycakeshop.com

Chez Pierre
www.chezpierre.com



Para mais receitas, postagens do blog da autora e outras coisinhas, visite
Bridget em www.bridgetasher.com

Conheça outras histórias que vão tocar seu
coração



A Última Camélia

SARAH JIO ÀS VÉSPERAS DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL, O ÚLTIMO ESPÉCIME DE UMA CAMÉLIA RARA ESCONDE MENTIRAS E SEGREDOS EM UMA AFASTADA PROPRIEDADE RURAL INGLESA.

Flora, uma jovem americana, é contratada por um misterioso homem para se infiltrar na Mansão Livingston e conseguir a flor cobiçada. Sua busca é iluminada por um amor e ameaçada pela descoberta de uma série de crimes.

Mais de meio século depois, a paisagista Addison passa a morar na mansão, que conta com um jardim de encantadoras camélias e um velho livro. No entanto, as páginas desse livro insinuam atos obscuros. Se o perigo com o qual uma vez Flora fora confrontada continua vivo, será que Addison vai compartilhar do mesmo destino?

Disponível em livro e e-book>



Sociedade J. M. Barrie

BARBARA J. ZITWER JOEY, UMA ARQUITETA NOVA-IOQUINA QUE SÓ PENSA EM TRABALHO, ESTÁ EM COTSWOLDS PARA SUPERVISIONAR A RESTAURAÇÃO DA MAJESTOSA MANSÃO QUE INSPIROU J. M. BARRIE A ESCREVER PETER PAN.

Os moradores da região não foram exatamente receptivos e também havia um problema com o zelador da mansão, um homem que parecia determinado a arruinar os planos dela. Com essa situação, Joey logo começa a pensar que não conseguirá fazer nada certo neste projeto e também em sua vida até descobrir a Sociedade de Natação de Senhoras J. M. Barrie e começar a nadar com elas em sua Terra do Nunca particular.

Para Joey, conhecer Aggie, Gala, Meg, Viv e Lilia vai ser uma grande experiência de vida o começo de um relacionamento que vai transformá-la de uma maneira mais que extraordinária...

Disponível em livro e e-book

Saiba mais sobre a Editora Novo Conceito acessando o site:

www.editoranovoconceito.com.br

Não quer perder nenhuma notícia da Editora Novo Conceito? Visite nossas redes sociais e fique por dentro dos lançamentos e novidades. Você ainda pode participar de sorteios e fóruns de discussão de livros.



www.grupoeditorialnovoconceito.com.br



www.grupoeditorialnovoconceito.com.br/blog/



Facebook.com/editoranc



Twitter.com/novo_conceito



Instagram.com/novo_conceito



Skoob.com.br/novo_conceito



Youtube.com/editoranc



Pinterest.com/editoranc



**GRUPO EDITORIAL
Novo Conceito** Editora Novo Conceito
Rua Dr. Hugo Fortes, 1885 – Pq. Industrial Lagoinha
Ribeirão Preto/SP • Brasil • 14095-260
+55 16 3512.5507
contato@nceditora.com.br